



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Ana Paula da Silva Conceição Oliveira

**Memes no Curso Normal: juventudes em formação entrelaçada por
políticas, poéticas e tecnologias**

Rio de Janeiro

2023

Ana Paula da Silva Conceição Oliveira

**Memes no Curso Normal: juventudes em formação entrelaçada por políticas,
poéticas e tecnologias**



Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Luiza Magalhães Bastos Oswald

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

| | |
|-----|---|
| O48 | <p>Oliveira, Ana Paula da Silva Conceição Memes no Curso Normal: juventude em formação entrelaçada por políticas, poéticas e tecnologias / Ana Paula da Silva Conceição Oliveira. – 2023. 227 f.</p> <p>Orientadora: Luiza Magalhães Bastos Oswald. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação.</p> <p>1. Educação – Teses. 2. Memes – Teses. 3. Tecnologia – Teses. I. Oswald, Luiza Magalhães Bastos. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.</p> |
| bs | CDU 37 |

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Ana Paula da Silva Conceição Oliveira

**Memes no Curso Normal: juventudes em formação entrelaçada por
políticas, poéticas e tecnologias**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Educação.

Aprovada em 10 de março de 2023

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Maria Luiza Magalhães Bastos Oswald (Orientadora)
Faculdade de Educação – UERJ

Prof.^a. Dr.^a. Mairce da Silva Araújo
Faculdade de Educação – UERJ

Prof.^o. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Prof.^o Dr. Dilton Ribeiro do Couto Junior
Faculdade de Educação - UERJ

Prof.^a. Dr.^a. Partícia Corsino
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Prof.^a. Dr.^a. Edméa Oliveira dos Santos
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ

Prof.^a. Dr.^a. Rosemary dos Santos
Faculdade de Educação - UERJ

Rio de Janeiro
2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às juventudes normalistas do Colégio Estadual Pandiá Calógeras, que transformaram este estudo em acontecimento. Sua entrega amorosa foi ato responsivo, repleto de sorrisos, conversas formativas, memes e afetos.

AGRADECIMENTOS

Agradecer com meu corpo e minha alma. Meu coração, preenchido de amorosidade, se direciona a cada um que participou desse acontecimento para dizer gratidão. Na certeza de meu inacabamento, agradeço aos que estiveram comigo compartilhando saberes, experiências e leituras mundo. Obrigada por alargarem o meu olhar, por torcerem, vibrarem, orientarem, ouvirem e participarem deste devir que é doutorado. Foram quatro anos de pesquisa com, com meus pares: orientadora, professoras, grupos de pesquisa, autores, jovens normalistas, amigas e amigos que a vida, dialógica por natureza, presenteou-me.

Aos amigos, **Marietta** e **Leonardo**, que me acompanharam, acolheram e abraçaram durante toda a jornada. Obrigada por existirem em minha vida, por cada gesto afetuoso. Entre escutas, falas, silêncios, barulhos e turbulências, vocês me ajudaram a transformar o sonho do doutorado em realidade. Foi uma inscrição emocionada, hoje materializada em agradecimento. Amo vocês!

À minha querida e admirável orientadora, Prof.^a **Maria Luiza Magalhães Bastos Oswald**, por abrir as portas do ProPEd, me acolher, ouvir e oportunizar a experiência do doutorado, através do grupo de pesquisa IJEC – Infância, Juventude Educação e Cultura, que coordena com vivacidade e entrega. Mulher emocionada e emocionante, professora que transborda saberes, astúcias, desejos, leituras, culturas, infâncias, juventudes, textos e vida. Obrigada por sua ética e responsabilidade, pela arte de tornar o doutorado prazeroso, leve e significativo. Aprendo muito com você que para mim é poesia.

Ao **IJEC** e seu modo acolhedor de ser, composto por tantas gentes que seguem o fluxo da vida, mas deixam suas marcas, registros que mantêm o grupo vivo e potente. Movido por professoras/es que são pesquisadoras/es, o IJEC amplia os diálogos entre universidade e a educação básica *dentrofora* das escolas, nos movimentos populares, nos museus e na cibercultura. Somos rede: Adriele, Alessandra, Patrícia, Dilton, Roberta, Leo, Luana, Polly, Arnaldo, André, Iacy, Aline e Luciana. Vocês me compõem.

Às **professoras da UERJ**, que promoveram importantes ambiências de leitura, reflexão e aprendizagem. Cada disciplina cursada transformou o meu modo de *pensar/fazer* pesquisa em diálogo com a educação básica. Feliz por ter vivido o processo

de doutoramento com docentes de excelência. Respeito e admiro as professoras e professores que fizeram e ainda fazem a história da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Ao **Colégio Estadual Pandiá Calógeras**, que me recebeu respeitosamente e permitiu a realização do estudo. Às **juventudes normalistas e professoras/es** que me acolheram no campo participando das conversas sobre o Curso Normal, antes mesmo dos memes tornarem-se tema de estudo. Obrigada!

Aos **jovens** que compuseram à pesquisa, coautores da tese. Ao concordar em viver essa experiência memética em diálogo com o Curso Normal e a vida, vocês me transformaram por inteiro. Ao jovem **João Pedro**, que apaixonado por memes, inspirou a construção da tese, alargando o meu olhar sobre ser/fazer pesquisa e docência. À jovem **Anna Júlia** e sua entrega ao compartilhar/viver politicamente os memes e o Curso Normal. Seus toques no *Instagram* e em todo o percurso deste estudo foi pura arte. À jovem **Isabella**, carinhosa e sensível aos não saberes meméticos da professora. Normalista dedicada, sempre disposta a conversar sobre memes e a compartilhar seus saberes com tanto afeto. À jovem **Pâmella**, pesquisadora memética, que trouxe muitas reflexões e descobertas me mostrando o que ainda não conhecia. À jovem **Kamily**, atenta e crítica às relações de desigualdade, preconceito e exclusão social. Ao mediar os chats nas *lives*, fazia com engajamento. À jovem **Gabi**, que nas conversas/tarefas com/sobre memes ouvia as colegas e acrescentava o seu olhar criativamente.

Às **normalistas**, Thayssa, Talita, Andréia, Priscila, Amanda, Lucas, William, Melissa, Thayana, Thainara, Nathalia, Mitsy, Maria Clara, Maria Eduarda, Gabrielle, Flávia, Evelyn, Daiane e Joana que passaram a compor o grupo “Memes Normalistas” no contexto pandêmico, enriquecendo ainda mais nossas conversas e experiências no *WhatsApp* e nas *lives*. Aprendi muito com vocês.

Às professoras, **Daniele, Marilene, Juliana, Louise e Alessandra**, que participaram das *lives* e conversas *online* com o grupo Memes Normalistas. Um agradecimento especial à professora Daniele que na pandemia disponibilizou momentos de suas aulas para *pensar/fazer* a pesquisa. Obrigada por participar do grupo Memes Normalistas.

Às professoras **Mairce da Silva Araújo, Patrícia Corsino** e aos professores **Guilherme do Val Toledo Prado e Dilton Couto Júnior**, por terem aceitado realizar a leitura de meu texto, provocando reflexões, ampliando olhares e sugerindo contribuições fundamentais para a conclusão da pesquisa sempre inacabada. Obrigada,

de coração, por participarem de minha qualificação e retornarem à banca de defesa. A sensibilidade de cada um me fez acreditar na potência deste estudo. Obrigada, **Edméa Oliveira dos Santos** e **Rosemary dos Santos** por comporem a banca final.

Ao **GEGe-UFSC**, pelas potentes leituras, contribuições e interlocuções bakhtinianas, que me formam e transformam em cada encontro. Agradeço ao Prof.º **Valdemir Miotello**, um poço de sabedoria, que de modo acolhedor e fraterno permitiu que eu participasse de seu grupo de estudos dos Gêneros do Discurso. Aprendo muito com a sua palavra e com o seu modo miotelliano/bakhtiniano de ser.

Às amigas, **Alessandra**, **Adrielle** e **Polly**, por me acolherem, abraçarem e ouvirem as angústias enfrentadas no processo de doutoramento. Adri, gratidão pelos papos, toques, caronas, aulas, reflexões e escritas compartilhadas durante todo o percurso. Polly, obrigada por me orientar nas burocracias acadêmicas, agendamentos e papeladas importantes para a concretização desta etapa. Ale, você é maravilhosa, sou grata por cada experiência vivida. Obrigada pela escuta amorosa, pelos incentivos, leituras e parcerias não apenas nas publicações, mas na vida. Gratidão! Aprendo muito com todas vocês, meninas.

Ao meu pai, **Nilton** (*in memoriam*), que foi um grande exemplo de vida, sempre acreditou em mim e demonstrava admiração por ser estudiosa. Amo-te para sempre! Você vive em mim, pai. À minha amada mãe, **Ciléia**, que sempre esteve ao meu lado, deu-me colo e me acompanhou durante toda a jornada. Obrigada mãe, a senhora me compõe. Entre congressos, estudos, viagens, escritas, formações, sempre foi meu apoio. Amo-te!

Aos meus familiares, à minha irmã, **Márcia** e aos meus irmãos **Gilberto** e **Alfredo**. Obrigada por compreenderem a minha decisão pela vida acadêmica. Amo vocês.

Ao meu marido, **Alexandre**, por compreender meu desejo e entrega ao doutorado. Agradeço pela parceria, confiança e presença em minha vida.

Às minhas filhas, **Ana Clara** e **Alice**, composições lindas, partes de mim. Obrigada por me abraçarem, amarem e compreenderem que ser mulher e mãe não pode tornar-se impedimento para ocuparmos outras funções sociais. Agora, mamãe está se tornando doutora em aprendizagens.

A Deus, compreendedor de meus sonhos, minha fortaleza.

À agência de fomento **CAPES**, pela bolsa concedida. Viva à Ciência! Viva à Pesquisa!



Respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento. É preciso que, ao respeitar a leitura do mundo do educando para ir mais além dela, o educador deixe claro que a curiosidade fundamental à inteligibilidade do mundo é histórica e se dá na história, se aperfeiçoa, muda qualitativamente, se faz metodicamente rigorosa.

Paulo Freire

RESUMO

OLIVEIRA, Ana Paula da Silva Conceição. *Memes no Curso Normal: juventudes em formação entrelaçada por políticas, poéticas e tecnologias*. 2023. 226f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

A sociedade contemporânea apresenta um cenário marcado pela cibercultura (LÉVY, 2010), em que é comum observar uma ubiquidade tecnológica, na qual as relações sociais são permeadas pelos artefatos digitais em rede, trazendo outros modos de convivência e comunicação. As relações entre as pessoas, presentificadas no universo digital, sinalizam formas outras de enunciar a palavra, de tocar e agir em direção ao outro responsivamente (BAKHTIN, 2011). Nessa tessitura, apresento a pesquisa de doutorado produzida na Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ, sob a orientação da Professora Dra. Maria Luiza Magalhães Bastos Oswald, coordenadora do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Educação e Cultura/IJEC. O presente estudo tem por objetivo conhecer as produções de sentidos das normalistas dadas aos memes na contemporaneidade que, permeada por tecnologias digitais em rede (SANTOS; CARVALHO, 2021), desencadeia outros modos de leitura, escrita e expressão. Entre conversas físicas, no *WhatsApp* e no *Meet*, abriu-se espaço para a partilha de pensamentos e sentimentos (SERPA, 2010), emergindo em memes as tormentas sociais e os murmúrios clandestinos (GERALDI, 2010) das estudantes. O que as normalistas têm enunciado em memes? Em busca de possíveis respostas, o caminho é em direção à palavra, compreendendo-a como significado, experiência psíquica, ideologia, ação e acontecimento que esbarra na tecnologia não apenas como instrumento, mas como prática cultural responsiva e revolucionária. O presente estudo compreende as tecnologias digitais em rede como ambientes de transição e corporificação da linguagem (SANTAELLA, 2003), tornando-se os memes modos contemporâneos de pensar, dizer e responder. Em sintonia com a teoria da enunciação de Bakhtin e de seu círculo, a linguagem é compreendida como um fenômeno com essência, lugar e destino na vida social (VOLOCHÍNOV, 2013), tornando-se os memes expressões carregadas de densidades ideológicas, ora promovendo o riso festivo popular, alegre e burlador, ora demonstrando uma autoria satírica, de humor negativo e mordaz, destinado à mortificação da vida. Enquanto prática cultural de estudantes, os memes caracterizam-se pela hibridação da linguagem que, ao apelar ao riso e à ironia, traduzem-se como enunciação crítica, revelando pistas sobre o vivido pelas normalistas em seu processo de formação *dentrofora* da escola. Assim como Bakhtin, acredita-se que é na ideologia do cotidiano que a classe popular reage às ideologias oficiais em busca de sua transformação.

Palavras-chave: Tecnologia. Memes. Juventudes Normalistas. Enunciação.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Ana Paula da Silva Conceição. Memes in the Normal Course: youth in formation intertwined by politics, poetics and technologies. 2023. 226f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Contemporary society presents a scenario marked by cyberculture (LÉVY, 2010), in which it is common to observe a technological ubiquity, in which social relations are permeated by networked digital artifacts, bringing other modes of coexistence and communication. The relationships between people, made present in the digital universe, signal other ways of enunciating the word, of touching and acting towards the other responsively (BAKHTIN, 2011). In this context, I present the doctorate research produced at the State University of Rio de Janeiro/UERJ, under the guidance of Professor Dr. Maria Luiza Magalhães Bastos Oswald, coordinator of the Childhood, Youth, Education and Culture Research Group/IJEC. The present study aims at knowing the production of meanings of normalists given to memes in contemporary times, which permeated by networked digital technologies (SANTOS; CARVALHO, 2021) triggers other modes of reading, writing and expression. Between physical conversations, on WhatsApp and on Meet, space was opened for sharing thoughts and feelings (SERPA, 2010), with the students' social storms and clandestine murmurs (GERALDI, 2010) emerging in memes. What have normalists been enunciating in memes? In search of possible answers, the path is towards the word, understanding it as meaning, psychic experience, ideology, action and event that collides with technology not only as an instrument, but as a responsive and revolutionary cultural practice. The present study understands networked digital technologies as environments circle, language is understood as a phenomenon with essence, place and destiny in social life (VOLOCHÍNOV, 2013), memes becoming expressions laden with ideological densities, sometimes promoting the popular festive laughter, cheerful and mocking, sometimes demonstrating a satirical authorship, with a negative and biting humor, destined to the mortification of life. As a cultural practice of students, memes are characterized by the hybridization of language that, by appealing to laughter and irony, are translated as critical enunciation, revealing clues about what normalists experience in their training process inside and outside the school. Like Bakhtin, it is believed that it is in the ideology of everyday life that the popular class reacts to official ideologies in search of its transformation.

Keywords: Technology. Memes. Normalist Youths. Enunciation.

LISTA DE IMAGENS

| | |
|--|-----|
| Figura 1 - Identificando estudantes do Curso Normal..... | 34 |
| Figura 2 - Colégio Pandiá Calógeras | 53 |
| Figura 3 - Grupo Memes Normalistas | 74 |
| Figura 4 - Museu de Memes – Universidade Federal Fluminense | 75 |
| Figura 5 - <i>Instagram</i> Vida de Normalista | 76 |
| Figura 6 - <i>Facebook</i> Vida de Normalista | 76 |
| Figura 7 - A “invasão” acontecendo | 85 |
| Figura 8 - Memes Convergindo Leituras – Área 51 | 86 |
| Figura 9 - Memes (uma questão política) | 88 |
| Figura10 - Memes Convergindo Leituras com a Educação – Área 51 | 91 |
| Figura11 - Bolhas | 102 |
| Figura12 - O vírus que precisa ser combatido..... | 104 |
| Figura13 - É só uma gripezinha?..... | 105 |
| Figura14 - Você acha que é só uma gripezinha?..... | 106 |
| Figura15 - Onde está o investimento em tecnologia?..... | 110 |
| Figura16 - Que tecnologia é essa professora, professor? | 111 |
| Figura17 - Sobre estudar na pandemia | 112 |
| Figura18 - Sobre o Ensino Remoto Emergencial | 113 |
| Figura19 - A questão | 116 |
| Figura 20 - Continuando o debate | 117 |
| Figura 21 - E o que são memes?..... | 119 |
| Figura 22 - Associações com o Regime Militar | 120 |
| Figura 23 - Desigualdade Social..... | 121 |
| Figura 24 - Ficção ou realidade? | 122 |
| Figura 25 - Liberdade dos negros? | 124 |
| Figura 26 - O meme de Paraisópolis | 125 |
| Figura 27 - Ter uma profissão | 128 |
| Figura 28 - Expectativa e realidade | 128 |
| Figura 29 - De repente, eu aprendo | 129 |
| Figura 30 - Vida de normalista | 131 |
| Figura 31 - Plano de aula e BNCC | 132 |
| Figura 32 - <i>Site</i> Gesta | 136 |

| | |
|---|-----|
| Figura 33 - Discursos dúbios | 137 |
| Figura 34 - Isso é sério?..... | 138 |
| Figura 35 - A força da contrapalavra..... | 140 |
| Figura 36 - A palavra neoliberal..... | 141 |
| Figura 37 - A tecnologia..... | 142 |
| Figura 38 - Tecnologia na escola?..... | 145 |
| Figura 39 - O currículo mercadológico | 146 |
| Figura 40 - Reforma curricular? | 148 |
| Figura 41 - Meme reflexos do neoliberalismo..... | 151 |
| Figura 42 - Normalistas na pandemia..... | 153 |
| Figura 43 - Uma conversa sobre memes com a professora Danielle..... | 154 |
| Figura 44 - É assim que nos sentimos com essa “EaD” | 156 |
| Figura 45 - Toneladas de PDF..... | 156 |
| Figura 46 - Educação remota pra que te quero? | 158 |
| Figura 47 - Vida de professor na pandemia..... | 160 |
| Figura 48 - Professores na quarentena..... | 161 |
| Figura 49 - Professores no ensino remoto | 163 |
| Figura 50 - Conversa <i>online</i> sobre memes | 165 |
| Figura 51 - Desvalorização docente | 165 |
| Figura 52 - Fôlder da <i>live</i> | 172 |
| Figura 53 - <i>Live</i> sobre memes..... | 173 |
| Figura 54 - O desafio do jovem..... | 175 |
| Figura 55 - Perdido no ensino remoto | 177 |
| Figura 56 - Vida de Normalista | 178 |
| Figura 57 - Como fico no ensino remoto?..... | 179 |
| Figura 58 - O meme enquanto fotografia enganosa | 181 |
| Figura 59 - A memificação da vida | 185 |
| Figura 60 - Normalistas na <i>live</i> | 186 |
| Figura 61 - Paulo Freire, memes e <i>fake news</i> | 188 |
| Figura 62 - <i>Instagram</i> Memes Normalistas | 190 |
| Figura 63 - A <i>live</i> acontecendo..... | 190 |
| Figura 64 - Linha do tempo sobre Paulo Freire..... | 191 |
| Figura 65 - O que é <i>Fake News</i> ?..... | 192 |
| Figura 66 - Os meios de comunicação | 193 |

| | |
|--|-----|
| Figura 67 - Criticando <i>post</i> | 194 |
| Figura 68 - O uso da internet..... | 195 |
| Figura 69 - Que sem noção..... | 196 |
| Figura 70 - Método Paulo Freire | 197 |
| Figura 71 - Escutem o laranja..... | 198 |
| Figura 72 - Oficina de memes | 199 |
| Figura 73 - Oficina de memes compartilhado no <i>Instagram</i> | 200 |
| Figura 74 - Resposta às <i>Fake news</i> | 200 |
| Figura 75 - Vamos conversar sobre memes?..... | 202 |
| Figura 76 - <i>Print</i> do zap 1..... | 207 |
| Figura 77 - <i>Print</i> do zap 2..... | 207 |
| Figura 78 - <i>Print</i> do zap 3..... | 208 |
| Figura 79 - <i>Print</i> do zap 4..... | 208 |
| Figura 80 - <i>Print</i> do zap 5..... | 208 |
| Figura 81 - Encontro irrepitível | 209 |
| Figura 82 – Ingressando na Universidade | 210 |
| Figura 83 – Meme é enunciação..... | 210 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INICIANDO A CONVERSA | 14 |
| 1 RECORDANDO MINHA TRAJETÓRIA | 24 |
| 1.1 Desenhando meu trajeto educacional com as tecnologias de meu tempo | 27 |
| 1.2 Encenando a docência e inventando minhas tecnologias | 29 |
| 1.3 Eu também fui normalista | 31 |
| 1.4 Entre redes e tessituras, as tecnologias permanecem em mim e eu nelas | 35 |
| 2 A HISTÓRIA DO CURSO NORMAL, ENTRE CHEGADAS. E PARTIDAS | 42 |
| 2.1 O Curso Normal e as políticas deste tempo | 45 |
| 2.2 Entre andanças, minha chegada ao campo e a descoberta da palavra outra..... | 52 |
| 2.3 As jovens, seus modos de ser, de pensar e interpretar as tecnologias digitais em rede | 62 |
| 3 O RECORTE DA PESQUISA E O ENCONTRO COM O OBJETO: QUE TAL “MONTAR UM GRUPO DE PESQUISA SOBRE MEMES NA ESCOLA?” | 71 |
| 3.1 Os memes no campo: “seria muito legal que a escola trouxesse essa invasão da Área 51 pra uma sala interativa mesmo” | 83 |
| 4 PROPOSIÇÕES METODOLÓGICAS: A PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS - CONVERSAS E PRÁTICAS NA CIBERCULTURA | 95 |
| 4.1 A cibercultura entre potências, ambivalências e o contexto pandêmico..... | 99 |
| 4.1.2 A cibercultura e o cenário da festa algorítmica na pandemia | 107 |
| 4.2 As primeiras conversas sobre memes no zap: o assassinato dos jovens de Paraisópolis entra em cena | 114 |
| 4.3 No zap, os memes em diálogo com o Curso Normal | 127 |
| 5 MEMES E O RISO NEGATIVO: ALGUMAS DISSONÂNCIAS | 135 |
| 5.1 Dialogando sobre a ideologia oficial e a ideologia do cotidiano | 143 |
| 5.2 A pesquisa em fluxo, de repente a COVID-19: Quais são as palavras ditas? | 151 |
| 5.2.1 O ensino remoto entre desafios metodológicos e resistências | 159 |
| 6 “TÔ SÓ IMAGINANDO A GENTE NUMA LIVE FALANDO SOBRE MEMES” | 169 |
| 6.1 Na <i>live</i> alguns lampejos: o que pensam professores sobre memes? | 180 |
| 6.2 “Professora, nossa <i>live</i> lacrou, vamos fazer outra” | 187 |
| 6.3 E na <i>live</i> vamos desconstruindo alguns discursos sem noção | 196 |
| ALGUMAS PALAVRAS FINAIS | 203 |
| REFERÊNCIAS | 211 |

INICIANDO A CONVERSA:

Sempre tentei olhar o lado bom de tudo, fazer graça das situações para tentar fugir um pouco de algumas realidades que nos estressam e abatem. Eu vejo meme como coisa séria porque as pessoas criam muitas narrativas e ali também posso expressar o meu pensamento. O meme é uma linguagem que uso para manifestar o meu olhar crítico nas redes sociais.

João Pedro

A epígrafe que trago para iniciar a escrita desta tese é enunciado pleno, repleto de sentido, de valor, de verdade e de beleza. Um fragmento da conversa que tive com o jovem João Pedro e que alargou o meu olhar sobre memes me fazendo perceber o quanto a palavra outra me forma e transforma. Foi no diálogo com normalistas¹ que pude confirmar que “eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro” (BAKHTIN, 2011, p. 379). Afinal, que sentidos as juventudes normalistas remetem aos memes divulgados na atualidade? Diante de um tempo atravessado por tecnologias digitais em rede, os textos circulam, proliferam e redimensionam discursos. Sim, textos são realidades do pensamento e das vivências, texto é enunciado, é diálogo e dialética.

Em pesquisa com jovens, estudantes do Curso Normal, foi possível compreender como os memes atuam pelas mídias digitais, no cotidiano da sociedade, inclusive na educação, lugar onde atuo como professora e pesquisadora, implicada e coimplicada no e com o campo que me acolheu (RIBEIRO; SANCHES SAMPAIO; SOUZA, 2016) e que abracei responsivamente. Ato esse responsável, por mim realizado neste tempo e lugar particular com minha consciência participativa nesse mundo, “ato de pensamento, de sentimento, de desejo, de fala, de ação, que é intencional e que caracteriza a singularidade, a peculiaridade, o monograma de cada um” (PONZIO, 2010, p. 10).

Ao conceber esta tese como ato responsivo, ciente da importância de “pensar a contemporaneidade e os modos possíveis para nos movimentarmos no mundo, diferindo

¹ 40 estudantes participaram da pesquisa, sendo 36 mulheres e 04 homens. Devido ao público majoritariamente feminino, a escrita da tese discorrerá referindo-se às normalistas. A mesma regra será adotada em relação aos termos “jovens” e “estudantes”, com exceção às situações textuais que comprometam a concordância na escrita.

e tecendo outras/novas possibilidades para a produção de conhecimentos” (FERRAÇO; SOARES; ALVES, 2018, p. 9), apresento o percurso de quatro anos de estudo (2019 a 2022) na tentativa de revelar a pesquisa como acontecimento (GERALDI, 2010), isso porque produzir um estudo sobre memes no/com o Curso Normal não foi algo previamente planejado, mas surpreendentemente experienciado quando me coloquei em posição legítima de escuta. Conforme Prado e Proença (2018, p. 177), se dispor à escuta sensível do outro é oportunizar que “as diferentes vozes provoquem, no diálogo interior, movimentos reflexivos”. Esse é o caminho metodológico de quem pesquisa *nosdoscom*² os cotidianos, é escolha política e poética, prática responsiva e responsável de fazer ciência. Ao escrever não posso negligenciar minha posição conscienciosa no acontecimento do existir, comigo Outros também existem e dão vida a esta obra tornando-se participantes deste acontecimento único e singular (BAKHTIN, 2011).

Entre tantos caminhos possíveis nas correntes dos ventos que arejam as escolas, fui guiada pelo frescor das juventudes que cotidianamente me renovam, ensinam e me enchem de esperança. Guiada pela liberdade dos movimentos de um giroscópio, o estudo proposto seguiu na direção da descoberta sobre os sentidos produzidos pelas jovens normalistas em seu processo de formação, atualmente também atravessado pelas tecnologias móveis e linguagens digitais que de forma consistente passaram a compor o cenário atual, tornando-se a internet um espaço de virtualidades e presencialidades, afinal, a ubiquidade das tecnologias transmite, cada vez mais, a ideia do virtual como presença e não como distância. Ou seja, a utilização de artefatos móveis conectados à internet tem institucionalizado novas práticas culturais na cibercultura, modificando nossa relação com os espaços, lugares e a própria aprendizagem (SANTOS, 2012). Estaríamos diante da possibilidade de reinvenção do cotidiano mediada pela relação que os seres humanos estabelecem com os objetos técnicos.

Santaella (2019) ressalta que a internet suscitou processos de interação nos ambientes *online* gerando acesso à informação de qualquer lugar, ambientes múltiplos pelos quais podemos navegar e nos relacionar com pessoas, conteúdos e leituras; percorremos as “infovias dos ambientes da web” (SANTAELLA, 2019, p. 21). Em harmonia com a autora, reconheço os ambientes virtuais como espaços potentes de comunicação, inventividade e cocriação, tornando-se as tecnologias digitais em rede,

² Nilda Alves tem adotado a aglutinação de palavras antagônicas, ressaltando-as em itálico, tomando como base as justificativas teóricas dos/das pesquisadores/as do campo dos estudos com os cotidianos. É um modo de transpor as dicotomias e os binarismos, fornecendo outro sentido às expressões (REZENDE; SOARES; OLIVEIRA, 2016). As junções, no discorrer do texto, possuem a mesma intencionalidade, visto a importância de romper com os modos hegemônicos de pensar, advindos da ciência moderna.

verdadeiros amplificadores das vozes e narrativas humanas. Nota-se a cultura das mídias como a cultura do disponível, onde a linguagem digital tem provocado o crescimento exorbitante das formas de informar, comunicar, ler, produzir textos e dizer a nossa palavra por meio de uma ciberrealidade. Conforme Abreu (2021), os ambientes virtuais são arena de luta onde circulam diversos conteúdos ideológicos, não cabendo à escola “ficar indiferente ao efeito das imagens técnicas, mas assumir uma postura política que exercite a educação do olhar” (ABREU, 2021, p. 181).

Ah, os memes e seu modo peculiar de enunciar a palavra outra, palavras que ditas por alguns têm a intenção de ferir, mas quando enunciadas pelos jovens que encontrei na pesquisa, ganham outra dimensão, a do riso ambivalente e carnavalesco, descortinado por Rabelais na Idade Média. Através da sátira, a escrita rabelaisiana realizava críticas importantes e incomodava vieses religiosos e figuras públicas de seu tempo (Século XVI). “Rabelais é a máscara formidável da comédia antiga, um rosto humano e vivo” (Trecho escrito por Victor Hugo no prefácio de Clássicos Rabelais: Gargântua). Enquanto alguns são luto, Rabelais é paródia. Penso os memes deste tempo inspirada nessa perspectiva. E esse “riso popular ambivalente expressa uma opinião sobre um mundo em plena evolução no qual estão incluídos os que riem” (BAKHTIN, 2010, p. 11).

Hoje (Século XXI), vivemos a era da comunicação virtual, da cibercultura que, para Lemos (2010 p.22), é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais, “criando novas formas de sociabilidade e de comunicação social”. Um tempo em que as tecnologias digitais em rede provocam meios de participação mais globais incorporando “adolescentes e jovens em uma nova experiência de socialização, distinta da familiar, da escolar e em geral, as mais comuns” (LEÓN, 2005). E os memes, enquanto um fenômeno da cibercultura ganham repercussão nas redes sociais e nas diferentes mídias, como grupos de *WhatsApp*, via áudios, vídeos, mensagens de texto, capazes de serem difundidos de modo expressivo. De “ambiência estética intencionalmente grotesca, a composição rústica e mal definida torna-se uma característica na gênese dos memes na cultura digital” (OLIVEIRA, 2021, p. 298). Conforme o autor, os memes reforçam debates ideológicos, disputas culturais e sociais.

Sigamos na direção do campo no qual mergulhei com todos os sentidos (ALVES, 2003) para materializar esta tese, fruto de encontros irrepetíveis, cujo texto não é uma transcrição do saber, mas resultado daquilo que foi construído teoricamente

com os sujeitos da pesquisa, praticantes pensantes (CERTEAU, 2014) que viveram e produziram comigo este estudo dialógico, aberto e inacabado (AMORIM, 2004).

O lugar que pesquiso não é aquele onde as vestimentas tradicionais como as dos institutos de educação se fazem presentes, normalmente existentes na memória social, trazendo toda uma simbologia sobre essa formação. O campo da pesquisa aqui apresentado não é ocupado por moças vestidas de uniforme impecável, cujas blusas são brancas, sem transparência e os botões de madrepérola. Ali não há jovens de gravata azul marinho presa com o distintivo do curso feito de metal prateado, em harmonia com a saia longa de cor azul-marinho escuro (LONZA, 2005). O cenário pesquisado expôs outra imagem: normalistas de jeans, camiseta escolar, tênis ou sandálias, acessórios coloridos, celulares e fones de ouvido, que apesar de não comporem oficialmente o uniforme, permaneciam nas mãos ou nos bolsos dos estudantes demarcando seus corpos e sinalizando outros vestígios para a pesquisa.

Ao perceber que o digital em rede está na pele da cultura e é fundante do nosso tempo (MACEDO; PRETTO; SANTOS, 2020), pesquisar as práticas comunicacionais das juventudes na cibercultura colocou-se como eixo substancial deste estudo, que destinado em conhecer a linguagem dos memes adotada por estudantes normalistas, entende tal prática como enunciação (BAKHTIN, 2011). O que os memes fornecem de pistas para compreender o que as jovens enunciam sobre fatos sociais cotidianos, a educação e o próprio Curso Normal? Quais são as produções de sentidos que estudantes do Curso de Formação de Professores do Ensino Médio atribuem aos memes? Nessa sintonia, busquei desvendar as tecnologias desenvolvidas por jovens normalistas em seu processo formativo na contemporaneidade, conceituando-as numa perspectiva epistemológica que difere da dimensão instrumental e implica na complexidade que envolve as tecnologias na sociedade global (FILÉ, 2015). Em uma escola de formação de professores, sujeitos estão sendo formados e vão elaborando suas táticas, astúcias e “artes de fazer” (CERTEAU, 2014), trazendo alguns vestígios sobre o universo pesquisado.

Envolvida pela concepção bakhtiniana, lendo as obras de Bakhtin (1981; 1992; 2010; 2011; 2018; 2020) e de alguns de seus interlocutores, Geraldi (2003; 2010), Amorim (2002; 2004; 2009; 2016), Brait (2009; 2018), Miotello (2005; 2012; 2020), Goulart (2007), Bezerra (2005; 2016) Brait (2005; 2009), Fiorin (2005; 2018), Ponzio (2010), tenho percebido o quanto as relações educacionais tornam-se significativas e fecundas quando outros modos de falar, além daqueles oficiais, são vivificados no

Curso Normal. E para resgatar a trajetória dessa modalidade de ensino, realizo interlocução com Saviani (2009), Tanuri (2000) e Tambara (1998). Alinhada às leituras de Serpa (2003; 2020), escolho a conversa como caminho metodológico; e no diálogo com Certeau (2014) e Alves (2003; 2012; 2019; 2020), estabeleço reflexões sobre os usos e as táticas dos estudantes, frente às tecnologias digitais e os memes disponíveis ao consumo. Para pensar a cibercultura e seus fenômenos, conto com os estudos de Lévy (2010a; 2010b), Lemos (2010; 2021), Santos (2012; 2014a; 2014b; 2020), Pretto (2018; 2020), Santaella (2003; 2004; 2005; 2013; 2020; 2021), Recuero (2009), Madalenna; Couto Júnior; Teixeira (2020) e Oliveira (2021).

Em interação com os teóricos aqui citados e com os sujeitos da pesquisa, apresento os objetivos do presente estudo seguidos das estratégias metodológicas construídas para a elaboração da tese. Caminhos possíveis através da relação eu-outro que se deu por meio de uma responsividade ativa.

Objetivos:

- ✓ Pesquisar os memes como enunciação, meios pelos quais as jovens normalistas expressam e comunicam o que pensam;
- ✓ Estabelecer diálogo com os pressupostos bakhtinianos e os gêneros do discurso, na tentativa de verificar os conflitos de uma ideologia oficial e da ideologia do cotidiano representada em memes pelas estudantes.
- ✓ Compreender as produções de sentidos que as juventudes participantes da pesquisa atribuem aos memes;
- ✓ Conhecer as enunciações presentes em memes e suas densidades ideológicas;
- ✓ *Pensar-fazer* a minha prática docente contemplando os memes em diálogo com o olhar das normalistas participantes da pesquisa.

Alguns procedimentos metodológicos:

- ✓ Efetuação de rodas de conversa no campo pesquisado;
- ✓ Realização de conversas *online* através do aplicativo *WhatsApp* e do *Google Meet* com estudantes do Curso Normal;
- ✓ Navegação no *Instagram* “Vida de Normalista” destinada à produção e ao compartilhamento de memes sobre o Curso Normal;
- ✓ Produção de memes com as estudantes em minhas práticas educacionais;

- ✓ Realização de *lives* com as normalistas e professoras contemplando temáticas de seu interesse em diálogo com a prática cultural dos memes.

Na pesquisa, olho em direção às usabilidades tecnológicas perspicazes, presentes no cotidiano da Escola Normal, ressaltando as tecnologias digitais em rede como possibilidade de dizer e fazer circular sentidos (GERALDI, 2010). Pude perceber que os memes também representam uma forma de anunciar a liberdade de expressão para as vozes silenciadas, sinalizadas por esses jovens como um possível caminho dialógico. Conforme Oliveira (2021, p. 296), os memes podem ser alterados para diferentes contextos e significados, “associados à visão de mundo de cada autor”. Desse modo, diversas intencionalidades podem reconfigurar um mesmo meme. Em Bakhtin, penso no signo, na importância de olhar para o material verbal, pois ninguém é neutro ao dizer a palavra, e quando essa palavra é enunciada em memes, ela tanto pode vivificar quanto mortificar o Outro, tudo dependerá da valoração dada pelo autor. Nesse rumo, ao refletir sobre a proliferação do texto memético na cibercultura, as/os estudantes sinalizaram a importância de refratar, de mudar a perspectiva da palavra (em memes), colocando a sua voz, seus sentidos e significados.

No curso da pesquisa, pensar sobre um cenário caracterizado pelas mídias digitais implicou não as ignorar como uma marca dos ideários neoliberais que também estão presentes nas políticas educacionais. Apesar de a nova estrutura social possuir uma configuração tecnológica e informacional, seus modos de produção ainda são de base capitalista (CASTELLS, 2007). Contudo, através dos próprios instrumentos oriundos desses ideários, outras forças revolucionárias vão se configurando nas práticas cotidianas, transformando e denunciando os discursos dominantes, reagindo com suas contrapalavras (GEGE, 2013), tornando-se os memes modos de responder aos acontecimentos sociais e aos enfrentamentos vividos pelas normalistas em sua vida cotidiana.

Chamo atenção para a capacidade dos praticantes escolares produzirem mecanismos que ludibriam as tentativas de manipulação ou alienação subentendidas nas propostas curriculares oficiais, nos planos de governo e na lógica de mercado. É preciso pensar nas reprogramações realizadas pelas normalistas em relação aos usos das mídias digitais, especialmente dos memes, o que significa que existem outras formas não visíveis ainda de “empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante” (CERTEAU, 2014, p. 39). Prova de que professoras/es e estudantes jogam

com as políticas oficiais e não se deixam dominar pelos interesses econômicos e seu viés de máquina de produção. Essa é a vertente da escola como um “espaço-tempo de escuta, atenção, partilha, de pensar e fazer coisas com o outro, de inscrever a própria voz [...] de indagação, de atenção a si e aos outros, de ampliação de repertórios particulares” (RIBEIRO; SKLIAR, 2020, p.26). E nessa direção, foi possível experimentar o Curso Normal e os memes como atividade criadora, criação que se deu e ainda se dá “como processo onde o ser humano imagina, combina, modifica e cria algo novo” (JOBIM E SOUZA, 2008, p. 147).

Em Serpa (2010), compreendi a importância de estar ao lado dos sujeitos em um movimento de pesquisa pautado na escuta e no respeito ao outro. Conforme explica a autora, é preciso “ouvir o outro como *legítimo outro*, que realiza uma leitura possível de sua realidade e que deste lugar me mostra outros lugares que não víamos antes” (SERPA, 2010, p. 10). Foi através do percurso metodológico das conversas que os memes surgiram como interesse de estudo, proporcionando-me percebê-los como uma prática cultural que evidencia as enunciações dos/das jovens e adultos/as normalistas. De algum modo, os memes colocam em destaque o que as/os estudantes vivenciam em seu cotidiano formativo *dentrofora* do Curso Normal. E foi através dessa linguagem que estabeleci aproximações com o que Bakhtin em seu tempo denominava de ideologia do cotidiano, uma atividade dos grupos populares constituída na heterogeneidade em resposta às ações dos grupos dominantes.

Diferente de Marx, que pensava a ideologia como uma ferramenta da burguesia para oprimir o proletariado, Bakhtin percebia que as classes populares também possuíam suas ideologias, normalmente revolucionárias e em oposição aos interesses daqueles que desejavam oprimi-las (ideologia oficial). Retomando Rabelais, estaríamos diante da arte e do riso como modos de reagir e libertar a humanidade de um mundo opressor, pois “o riso não coíbe o homem, liberta-o” (BAKHTIN, 2011, p. 372). Nessa perspectiva, a natureza ideológica também presente na classe popular, já transformava o discurso dominante em busca da emancipação social. Essa é a vida movimentada pela palavra, é a relação dialógica da linguagem, afinal, “o que é diálogo no discurso são posições de sujeitos sociais, são pontos de vista acerca da realidade” (FIORIN, 2005, p. 219). Discursos que operam sobre outros discursos, sobre o já dito que nos atravessa, falas que constitutivamente heterogêneas jogam com o outro e imprimem pontos de vista, tensões e divergências. Nessa tessitura, pensar bakhtinianamente a respeito da

palavra (em memes) é estudar o discurso carnavalesco como resposta ao discurso oficial.

Não posso me furtar de situar o leitor sobre o difícil contexto deste estudo, marcado pela pandemia da COVID-19. Quando acreditei que já estava inserida no processo de pesquisa em busca das palavras ditas no campo pesquisado, uma infecção respiratória grave, causada pelo coronavírus SARS-COV2 com poder de transmissão e distribuição em nível global modificou o percurso da pesquisa. Não conseguiria mensurar o seu impacto, tamanha tristeza acometida na vida dos indivíduos mundialmente. Foram muitas perdas, milhões delas, vidas interrompidas por um vírus que afetou significativamente o direito de existir da humanidade. Um tempo em que imperou “o flagelo e o genocídio como políticas de governos; e a vida como bem substituível ou descartável” (RIBEIRO; SKLIAR, 2021, p. 15). Contudo, foi através das tecnologias digitais em rede que este estudo se manteve vivo, em diálogo com os sujeitos participantes, confirmando que é possível reinventar o cotidiano com “novas experimentações de aprender-ensinar com o outro [...], de produzir-ressignificar conhecimentos, de criar-colaborar todos-todos e de promover-construir laços sociais e afetivos” (SANTOS; CARVALHO, 2021, p. 6). Diante do inesperado, os memes eclodiram a esse respeito como um porta-voz da contrapalavra de estudantes que sentiram as dores da desigualdade e da invisibilidade no período pandêmico.

A partir de agora, após essas palavras iniciais, em sintonia com os teóricos aqui citados e no diálogo com as jovens, apresento a organização da tese que estruturei em sete capítulos. O primeiro apresenta minha trajetória, onde rememoro e revivo meu contexto formativo, na tentativa de elucidar os sentidos por mim produzidos em relação às tecnologias de meu tempo, buscando situar o leitor sobre o campo que pesquiso e o quanto ele dialoga com minha história de vida. Nessa apresentação inicial, penso no processo identitário compreendido como uma mistura dinâmica que define o modo como cada um “se sente e se diz ser professor” (NOVOA, 1992, p. 16).

No segundo capítulo, situo o leitor sobre a historicidade do Curso Normal, uma modalidade de formação atravessada por chegadas e partidas, existências e subsistências. Voltar ao passado contribui para entender o presente, e não posso falar das novidades contemporâneas que mobilizaram o estudo proposto, sem antes reconhecer que o Curso Normal tem história. Discorro sobre minha chegada ao campo, tomada pela direção metodológica das rodas de conversa fundamentada em Serpa (2013), Bakhtin (1992) e alguns de seus interlocutores. Através da descoberta da palavra

e da possibilidade do encontro com os sujeitos da pesquisa, tenho a oportunidade de conhecer algumas produções de sentidos que as/os estudantes dão ao Curso Normal e às tecnologias.

No terceiro capítulo, narro os passos que me levaram a descobrir os memes como objeto de estudo e apresento o diálogo realizado com as jovens sobre essa prática cultural. Cabe ressaltar que os sujeitos participantes da pesquisa são coautores, porque no encontro com eles, na partilha de conhecimento construído, aprendemos juntos e alargamos o nosso olhar sobre o cotidiano escolar e a vida.

No quarto capítulo, abordo as proposições metodológicas, destacando os potenciais da cibercultura e a possibilidade das conversas e práticas *online*. Situo o leitor sobre o contexto pandêmico, realizando reflexões sobre as ambivalências do universo cibercultural, entre elas, o cenário da festa algorítmica na pandemia, que envolve os interesses mercadológicos e a busca por inserir a educação nessa perspectiva. Elenco algumas experiências iniciais, através da metodologia das conversas mediadas pelo digital no *WhatsApp* e apresento os memes em diálogo com o Curso Normal.

No quinto capítulo, discuto sobre os memes e o riso negativo, situando o leitor sobre algumas dissonâncias meméticas que caminham na contramão do que propõem as estudantes. Dialogo sobre a ideologia oficial e a ideologia do cotidiano alinhando reflexões afinadas à concepção bakhtiniana. Evidencio o uso de memes pelo empresariado, cuja proposta é anunciar discursos de enfraquecimento da escola pública e enaltecimento da lógica neoliberal. E apresento algumas palavras ditas pelas normalistas sobre a educação na pandemia, enfrentamentos, desafios, questões metodológicas no ensino remoto emergencial, sem com isso deixar de *pensarfazer* resistências, práticas de educação possíveis na cibercultura.

No sexto capítulo, escrevo sobre a descoberta da *live* como um movimento vivo na pesquisa, onde estudantes e professoras puderam conversar sobre memes em diálogo com a vida. Um encontro de vozes sobre um tema que interessava às alunas, agora superando o espaço físico da escola. Apresento o discorrer de duas *lives*, enfatizando a pesquisa como acontecimento. Exponho algumas narrativas, reflexões e experiências vivenciadas, compartilho a expansão da temática memes no Curso Normal, que nos conectou com estudos sobre Paulo Freire e a educação, a propagação de *Fake News* nas redes sociais e a importância do letramento digital. Escrevo sobre as tonalidades dialógicas do enunciado na cibercultura que “nasce e se forma no processo de interação

e luta com o pensamento dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento” (BEZERRA, 2016, p. 59).

Por fim, no sétimo capítulo, apresento as considerações finais, sempre inconclusivas, sugerindo ao leitor pensar com a pesquisadora sobre o discorrer da tese e a riqueza da experiência vivenciada com as jovens normalistas. Destaco a importância de a educação vivificar as práticas de linguagem cotidianas dos estudantes, sem que isso signifique modos hegemônicos de enxergar ou categorizar as juventudes e tudo o que elas realizam através das tecnologias digitais. Retomo o Curso Normal como formação inicial que, entre políticas, poéticas e tecnologias, registra suas artes de fazer, incentivando o acesso à universidade. Penso nos consumos críticos e reflexivos dos memes, sem necessariamente reduzi-los a instrumentos de ensino e ressalto o quanto foi significativo viver a experiência da pesquisa com as normalistas. Aqui entrego a tese!

1. RECORDANDO MINHA TRAJETÓRIA

O progresso científico e tecnológico que não responde fundamentalmente aos interesses humanos, às necessidades de nossa existência, perde para mim a sua significação.

Paulo Freire

Inspirada em Freire, penso na importância de o progresso científico caminhar em prol da humanidade e não de sua exploração, substituição ou descarte. Nessa perspectiva, tento assumir uma escrita comprometida, ética e responsável, buscando retribuir socialmente com os conhecimentos construídos ao longo de meu percurso formativo, especialmente no âmbito do doutorado, lugar por mim ocupado para uma transformação não só minha, mas também do meio em que vivo. Ressalto que as aprendizagens e tecnologias produzidas nesse percurso formativo sintonizam-se em favor da humanidade, opondo-se à desigualdade e malvadez ideológica daqueles que buscam fazer da educação uma tecnologia de controle e lucratividade. Se de um lado o mercado tem inclinado sua atenção para a escola, apenas interessado em formar “a futura mão-de-obra” (CARVALHO, 2010, p. 39), de outro, há uma visão questionadora, “que tenta assegurar à educação uma autonomia que lhe permita centrar-se nos valores humanos, na formação do cidadão, na visão crítica e criativa” (DOUWBOR, 1996, p. 17). Que minha balbúrdia científica seja aquela que contribui para iluminar os porões de uma escola inventiva, astuta e inalienada, dando visibilidade às resistências e dribles ali presentes.

Trazendo um pouco sobre minha existência, recorro ao tempo para recordar algumas experiências vividas no contexto da discência e da docência, fios tecidos ao longo da vida, que costuram minha história em retalhos que, ao se juntarem, formam uma estampa multicolorida de pinturas, bordados e impressões legítimas de mim. Afinal, “as histórias de vida estão hoje na encruzilhada da pesquisa, da formação e da intervenção [...] tentando refletir e exprimir o mundo vivido para dele extrair e construir um sentido” (PNEAU, 2006, p. 338). Conforme o autor, o relato de vida sinaliza a importância da expressão do vivido que se desdobra através das narrativas.

Filha de Cileia e Nilton, ela silenciosa e discreta, ele conversador extrovertido; ambos pobres de dinheiro e de maldade, mas ricos de caráter, humildade e solidariedade. Tiveram uma vida escolar muito curta, fizeram apenas as séries iniciais do 1º segmento do Ensino Fundamental, mas em humanidade chegaram à pós-graduação. Meu pai era pedreiro, plantador e vendedor ambulante; minha mãe lavava, passava, cozinhava e costurava; nos quesitos amar e trabalhar eles nunca foram reprovados. Na vida foram parceiros, sustentaram quatro filhos colhendo frutas, legumes e verduras do próprio plantio, vendendo guloseimas feitas por minha mãe que, além de cozinhar doçuras, também aquecia nosso corpo, nos vestindo com os retalhos de suas costuras. O que hoje é conhecido como “moda mãe e filha” ou “pai e filho”, cerca de 40 anos atrás era aproveitamento de tecido mesmo; os retalhos da camisa costurada para meu pai, normalmente transformavam-se em peças de roupa para mim, a caçula.

Ao pensar em meus pais, rememoro e contemplo a vida, suas dores e curas. Reflito sobre seu processo de envelhecimento nem sempre tão natural, mas marcado pelas adversidades do tempo que lhes foram provocadas. Lembro-me de Konder (2006) ao falar sobre o “*Curriculum Mortis*”, pois durante a vida também somos marcados por derrotas e frustrações. E, diante dos princípios mercadológicos, é preciso lucidez e coragem para enxergar quem realmente somos, é necessário nos despir da fantasia de heróis e heroínas e reconhecer que a vida é uma arena de disputas, movida por sucessos e fracassos. Entre sol, chuva, ventanias e temporais originados pelo sistema capitalista, que ignora o cotidiano dos trabalhadores e seus enfrentamentos, é preciso criar primaveras.

No trajeto de nossas vidas, somos submetidos às experiências de vida e de morte; enquanto vivemos, somos inacabados, preenchidos por aqueles que nos cercam e vão nos completando. Compreendi que invisibilizar o outro é o mesmo que inexisti-lo, afinal, só existe aos nossos olhos quem podemos enxergar com a alma, sentir, tocar e experienciar enquanto vida, movimento. Essa é a tessitura dos tecidos que pretendo continuar costurando para vestir e aquecer outros corpos, sujeitos que existem socialmente e que encontro cotidianamente em casa, na escola, na universidade, nas redes e em mim.

Essa é a tessitura do amor herdada de meu pai e de minha mãe, uma composição harmônica que me preenche e permite continuar a caminhada, mesmo reconhecendo que o processo de desumanização do outro não é de caráter apenas ontológico, mas histórico

(FREIRE, 1987). Não poder frequentar a escola, trabalhar desde a infância e não usufruir dos direitos presentes na Constituição³ é matar a vida e as inúmeras possibilidades de sua existência. Ocupar a escola que meus pais não puderam habitar por muito tempo é driblar os problemas da vida, os desafios que socialmente são plantados no cotidiano das classes populares, negligenciados como sujeitos do direito a ter direitos (ARROYO, 2015). Tomar posse da educação é prática manhosa de viver, é ato de resistência; é política de presença em meio às ausências anunciadas.

Com meu pai Nilton (presente⁴!) e com minha mãe Ciléia, aprendi a encontrar na simplicidade a possibilidade de riqueza, uma fortuna que ainda não está nas agências bancárias, mas na minha essência sonhadora, otimista, amorosa, estudiosa e teimosa de lutar para tornar fecunda a minha/nossa existência em todo lugar, especialmente em educação. Viver o doutoramento é uma conquista coletiva, meus pais estão em mim, e por isso estão aqui.

A educação é o lugar de encontros comigo, com o outro e com os outros. É onde finco o meu corpo inteiro com a proposição de continuar pesquisando, trabalhando, conhecendo e transformando os meus/nossos lugares e mundos. Reconheço que minha pequenez sempre esteve acompanhada do desejo de ser grande, não de um *status* social fundamentado na hostilidade e na opressão, mas grande no desejo de ser mais humana ao lidar com as gentes, com a vida e com as juventudes, que me alimentam de uma esperança concreta em favor dos oprimidos e da possibilidade de insurgência.

³ Refiro-me a Constituição Federal de 1988 – A Constituição Cidadã.

⁴ Utilizo essa expressão devido ao recente falecimento de meu pai. Anterior à minha qualificação, ele já estava no texto porque compõe minha história de vida. Na verdade, ele me compõe.

1.1 Desenhando meu trajeto educacional com as tecnologias de meu tempo



Fonte: Pinterest⁵

Apresento essa epígrafe porque aprendi com as normalistas que posso expressar meu pensamento em memes. E ao compreender que o enunciado “não existe fora das relações dialógicas” (FIORIN, 2018, p. 24), realço a minha história contemplando os ecos e lembranças da palavra Outra que agora também é minha palavra. O mimeógrafo, presente no meme, representa uma tecnologia acessada em meu tempo, desdobrando algumas memórias que hoje posso contar através da imagem, ou seja, de um signo linguístico que comunica e expressa algo (JOBIM E SOUZA, 2008).

Desde a primeira infância, já desenhava minha história no terreno educacional; os lápis, canetas e livros dos meus irmãos foram os primeiros artefatos técnicos por mim experimentados, através deles inventei muitas tecnologias. Segundo minha mãe, iniciei a escrita com dois anos de idade em sua carteira de trabalho, assinando, ali, meus rabiscos, até hoje guardados. Aos cinco anos, comecei a frequentar a escola e ainda recordo o seu cheiro, as histórias, os espaços, inclusive, as primeiras professoras que me marcaram significativamente. Eu gostava de estar lá, de brincar, de fazer os trabalhos, de arrumar os cadernos de capas vermelhas com bolinhas brancas e de ver aquelas folhas rodadas no mimeógrafo, que chegavam em minhas mãos, ainda úmidas e com cheirinho de álcool.

A tecnologia da época já me fascinava. Lembro que, ainda pequena, observava aquele artefato curioso na sala dos professores, que transformava os papéis ofícios através da impressão de letras, números e figuras. Anteriormente ao equipamento, percebia que as atividades eram preparadas pelas mãos das professoras, que usavam folhas pautadas e uma espécie de carbono azul escuro. Quando as tarefas apareciam

⁵ Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/459648705697675436/>. Acesso em: 05 de jun. de 2022.

coloridas, era uma sensação mágica diante dos olhos de uma menina curiosa, que observava a professora na sala de aula preparando mais novidades; de repente, carbonos verdes e rosas giravam naquele aparelho sensacional que estampava textos e imagens coloridas. Ao fazer um resgate dessas lembranças, consigo perceber que meu interesse em pesquisar as tecnologias na Educação, de algum modo, iniciou em minha infância.

Recordo que os carimbos também me fascinavam, um objeto tão pequeno que marcava cadernos, papéis, documentos, cartas e outras coisas mais. Aprendi que eles davam conceitos de variadas formas, uns tinham a assinatura da professora, outros estrelinhas e até recadinhos; o carimbo definia o aluno e sua vida escolar. Enquanto criança miúda na estatura, mas gigante na imaginação, o que eu curtia era a mágica que aquele objeto de madeira era capaz de fazer, colocá-lo na tinta e carimbar, carimbar e carimbar. Não há como negar que uma voz de autoridade apresentava-se nos carimbos, registrando sinais e marcas, destacando e dando destinos à vida dos alunos, era uma espécie de voz da “verdade” impregnada de juízos de valor sobre alguém. Um carimbo de “aprovado” ou “reprovado” nas cadernetas escolares da época sentenciava o futuro dos estudantes.

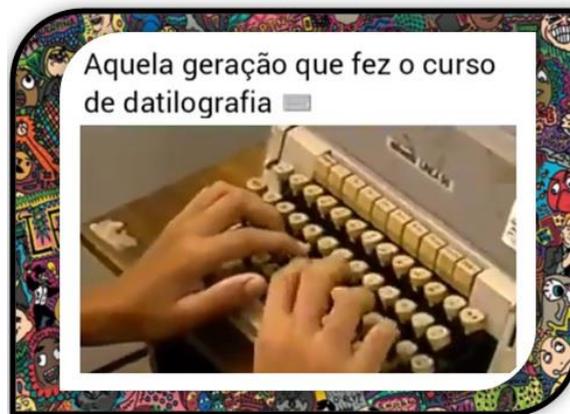
A linguagem obviamente marca a vida, com isso quero dizer que palavras soltas possivelmente nada dizem, mas quando elas são pronunciadas como enunciado concreto “podem abastecer qualquer falante e os juízos de valor mais diversos” (BAKHTIN, 2011, p. 290). De acordo com o autor, se uma palavra isolada é dita com entonação expressiva, ela sai do lugar de palavra e passa a adquirir o lugar de enunciado. Retornando aos carimbos, esse era seu papel, tornar tudo oficial. Assim os gêneros valorativos de discurso eram também presentificados, traduzindo-se em elogios, aprovações, reprovações, destaques, estímulos e tantas outras enunciações existentes nos carimbos: “Ótimo!”, “Precisa melhorar!”, “Bom!”, “Ruim!”, “Regular!”, “Muito bom!”.

Assim somos carimbados na e pela escola, lugar sobre o qual finquei os meus pés e desejei permanecer, enaltecendo preferencialmente os momentos felizes e utilizando aqueles não tão bons como exemplos do que não deve ser reproduzido. Afinal, aluno é gente e ensinar exige “rejeição a qualquer forma de discriminação” (FREIRE, 1996, p. 35), o que me leva a compreender que não posso rotular o outro como capaz ou incapaz, não posso “carimbá-lo” negativamente, porque assim mato as possibilidades de seu desenvolvimento, negligenciando a oportunidade de aprender com ela/ele e de crescer junto, inclusive experimentando outras linguagens, além das que já

conheço ou pratico. E na atualidade, compreender que as tecnologias expandiram e que hoje escrevo sobre um contexto mediado pelo digital em rede, confirma que os sentidos deste estudo foram redimensionados em diálogo com a minha história e com a história das juventudes deste tempo.

O mundo abarcado de e por tecnologias digitais é escorregadio e ambivalente, nele “recrudescem modelos de dominação midiática e ao mesmo tempo abrem-se novas perspectivas para formas alternativas de comunicação” (ENNE, 2014, p. 87). Diante da diversidade e velocidade de circulação dos textos, inclusive meméticos, entre discursos conservadores defendidos por setores políticos e econômicos, também há os discursos contra-hegemônicos, enunciados pelas normalistas, palavras que mobilizaram o meu pensar e fazer neste tempo. Foi com esses sujeitos, muitas vezes narrados pela fala dominante, que aprendi a ler os memes, a interpretá-los e a cocriá-los. Retomando Freire (1996), arrisquei-me à disponibilidade de aceitar o novo, convicta de que o velho, quando ressignificado no tempo, que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo, continua novo.

1.2 Encenando a docência e inventando minhas tecnologias



Fonte: Página do *Facebook*⁶

O tempo foi passando e, de todas as brincadeiras fora da escola, a minha preferida era a de ser professora. Eu conversava com meus alunos invisíveis, explicava os assuntos e distribuía os livros pelas mesas e cadeiras que montava na sala de minha casa ou mesmo no quintal repleto de árvores e flores; ali, já representava minha sala de aula. Lembro que perto dos livros, com uma folha de papel e uma caneta, construía

⁶ Disponível em Vídeo: <https://www.Facebook.com/Vivitudoisso/videos/curso-de-datilografia/453013719221807/> Acesso em: 08 ago.2022.

minha máquina de escrever e, enquanto meus alunos imaginários faziam suas leituras, eu datilografava novos textos que seriam trabalhados em aulas posteriores. Remeto-me às leituras de McLuhan (2007) que, ao estudar a máquina de escrever, compreendeu que esta une composição e publicação, permitindo ao poeta lançar-se ao público imediatamente com suas expressões, sejam elas de murmúrios, gritos, assobios ou risadas de uma menina curiosamente imaginativa e feliz. Assim, ia projetando minha história, inventando e reinventando tecnologias, construindo meus brinquedos e brincadeiras e ensaiando meu futuro.

Recordo dos brinquedos que inventava no sítio de minha tia em Araruama, dos carrinhos de lata e rodinhas de laranja, da amarelinha desenhada no chão de um terreno tão frutífero com meus riscos e rabiscos, das salas de aula também ao ar livre, embaixo das laranjeiras, das descobertas através das histórias lidas, contadas e encantadas. Foram vivências inesquecíveis que me compuseram e me permitiram fazer outras redes. Ao ler Williams (1992), entendi que a técnica é uma habilidade e todo invento técnico é consequência dessa habilidade, tornando-se a tecnologia o marco de conhecimentos necessários para o desenvolvimento de outras habilidades e aplicações inovadoras. Foi nessa sintonia que comecei a pensar nas condições sociais por mim vividas e nas transformações realizadas diariamente. Entre as máquinas de escrever e os brinquedos que inventei, os livros por mim datilografados, lidos e rabiscados, minha potência criativa era ampliada, o que procuro entender como tecnologias de reação e sobrevivência.

Lembro do meu primeiro contato com o telefone fixo, eu já tinha uns onze anos, confesso que aquilo me intrigava; como tal invento possibilitava que pessoas distantes fisicamente pudessem ouvir a voz do outro propiciando a comunicação? Na minha casa não havia telefone porque era algo muito caro, mas pude fazer minha primeira ligação na casa de uma das minhas tias. A emoção do primeiro contato com aquela tecnologia era tanta, que na primeira tentativa disquei os números sem tirar o telefone do gancho e vi que não deu muito certo. Confesso que meu coração acelerou, fiquei emocionada, tremia de alegria por poder conversar e ouvir a voz do outro lado; a felicidade era tanta, que passei a recorrer ao orelhão para continuar conversando com minha irmã Márcia, a primeira pessoa com quem me comuniquei através do telefone.

Relembrar meu passado me fez compreender que os artefatos técnicos de cada época foram marcados pelas usabilidades que eu dava a eles. O espelho era minha filmadora; a máquina de datilografia, o instrumento que proporcionou outras formas de

escrever meus textos, histórias e até poesias. O mimeógrafo, o microscópio da escola, o telefone, o carimbo, a máquina de fotografar, tudo isso era legitimado pelas minhas criações e inventividades, artimanhas que rompiam com os conceitos hegemônicos propagados a respeito das crianças de classe popular, comumente rotuladas de pobres, malvestidas, piolhentas, esfomeadas, bagunceiras e ignorantes. Na realidade, os conhecimentos e usos dados a essas fabricações tecnológicas encontravam-se no campo artístico, poético e subversivo, invisível à lógica do mercado que, movida pelo modo barulhento de incitar o consumismo, não vê os murmúrios incansáveis e clandestinos daqueles que apresentam a destreza de inversões discretas nos modos de consumir (CERTEAU, 2014).

As vivências desde a infância foram me compondo como sujeito de histórias e marcas tão onipresentes que me instigaram a imprimir outros movimentos, fazendo acreditar que as brincadeiras preferidas já sinalizavam uma realidade futura. Resgatando essas memórias, ressalto a concepção de Bragança (2014), ao compreender que o movimento da memória nos permite olhar o passado e perceber nele lampejos e fragmentos que se unem, compondo assim, o sentido de nossa trajetória de vida. Rememorar meu percurso me fez pensar o quanto as experiências de minha infância encenavam e elucidavam algumas de minhas realizações da vida adulta.

1.3 **Eu também fui normalista**

Lembrar não é reviver, mas refazer,
reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje,
as experiências do passado.

Ecléa Bosi

O desejo de me tornar professora começou a virar realidade quando ingressei no Curso Normal, em 1994, ano em que iniciei oficialmente minha formação pedagógica. Foram três anos vividos intensamente no Colégio Trasilbo Filgueiras, situado no município de São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro. Ali experienciei momentos formativos potentes. O Curso Normal trouxe brilho aos meus olhos e alegria ao coração: viver aquele processo formativo me preenchia. Penso nas contribuições de Nóvoa (1992), quando ressalta a indivisibilidade da pessoa que é professor, pois não há

como separar o eu pessoal do profissional, ambos compõem minha vida de professora, unindo minhas crenças, esperanças, práticas, alma e transcendência.

Rememorar fragmentos de minha vida de normalista significa “considerar o ser humano como um sujeito-ator singular-plural de sua vida, capaz de ser um interlocutor ativo, inclusive no processo de pesquisa” (JOSSO, 2010, p. 60). Conectar-me a minha história de vida significa ampliar conhecimentos sobre uma professora em formação, o que explica meus modos de ser, de fazer, de resistir e de pertencer, conforme defendia Josso. Pesquiso com jovens normalistas porque há uma relação de encontro, de pertencimento e de ativismo no Curso Normal. Assim, rememoro a vida, ciente de que ela “é apenas tecido de uma meditação que desfaz dia após dia suas dobras para descobrir o traçado de seus fios” (BOBIN, 2007, p. 25, *apud* JOSSO, 2010, p. 61).

Entre fios e desafios que compõem minha história, volta à lembrança uma normalista inquieta, atuante e participativa. Eu jogava futebol e tocava a bola com meus pares, lembro que as aulas práticas e metodologias de ensino eram as áreas do conhecimento que permitiam uma salada de pensamentos e criações. Também recorro de não gostar muito de montar enfeites para as aulas, sempre achei que decoração demais desviava a atenção dos alunos da mensagem que queria emitir como professora.

A primeira aula prática a que assisti parecia uma festa de aniversário, cheia de bolas, ursinhos, confetes e balas embaladas em papel crepom colorido. Percebi que o Curso Normal também exigia das normalistas as práticas de desenhar, recortar, dobrar, colar e decorar, para as quais eu não tinha tanta desenvoltura. Confesso que minha preferência sempre foi pensar a aula, os conteúdos, os planejamentos e sua apresentação. Nas minhas astúcias, as colegas ficavam com a “estética” e eu com a criação verbal. Na maioria das vezes, elas montavam os materiais, cartazes, recursos visuais e pedagógicos e eu, os textos em contextos. Compartilhávamos nossas aprendizagens, técnicas, saberes e não saberes, afinal, a escola serve para quê?

O mimeógrafo conhecido da infância permaneceu em minha juventude normalista, ele era amarelo e ainda fascinante. Ali experimentava esse artefato na posição de futura professora, “rodando” as atividades criadas, imprimindo minhas letras que juntas formavam palavras e enunciados, ainda distanciados da perspectiva bakhtiniana, mas próximos do que o autor denomina de dialogia, pois minha constituição é entrelaçada pelas relações estabelecidas com os outros e com o mundo que me cerca, pois dialogismo é a “condição de sentido do discurso, a ligação entre a linguagem e a vida social” (GOULART, 2007, p. 95).

Até hoje tenho algumas inquietações em relação à prática docente no Curso Normal, especialmente quando há uma preocupação com a realização de trabalhos voltados para uma perspectiva estética desencarnada e ideológica, com uma entonação acentuada para a “beleza” da sala, das imagens, das letras, dos enfeites que compõem o cenário da “festa”. Viver o século XXI e revisitar as efemérides como tema de aula ainda me causa angústias, trabalhar datas comemorativas desprendidas da realidade, vestir alunos de “índigenas”, “coelhos” e “soldados” nunca se estabeleceu como regra ou parte de minha docência. A esse respeito, ressalto os estudos de Maia (2017) que discute o currículo baseado em “tradições”, muitas vezes sobrepostas às demandas cotidianas dos estudantes. Ou seja, a prática naturalizada de datas comemorativas nas escolas estaria atrelada a uma tradição inventada, na qual determinados valores e normas de comportamento seriam inculcados nos sujeitos por meio da repetição. Nessa perspectiva, a autora entende que eleger algumas ideias, informações, sentimentos e histórias a não serem esquecidas dialoga com a produção de um currículo voltado para a “afirmação de uma perspectiva cultural sobre outras, de uma forma de estar no mundo que se sobrepõe a outras, para a formação das identidades dos sujeitos com ele implicados” (MAIA, 2017, p. 2). Viver o Curso Normal também é repensar criticamente a prática da tradição e possivelmente inventar outros currículos, especialmente a partir do que emerge *nosdoscum* os cotidianos dos estudantes, das professoras e da própria sala de aula.

Quando fazia a formação de professores, a Didática era uma área do conhecimento que já me chamava a atenção. Lembro da professora Edilza despertar um olhar crítico, desprendido das decorações, mas focado nos conteúdos e nas técnicas que nos ajudassem a “ensinar” e interagir com os alunos. Mesmo que naquela época a didática ainda tivesse uma abordagem instrumental, uma essência fundamental (CANDAU, 1999) já era presentificada. Fui entendendo que, como professora, não ensino apenas, mas também aprendo (FREIRE, 1996). Na verdade, estamos aprendendo o tempo inteiro.

Viver o Curso Normal em minha juventude significou aproximar-me do sonho de menina, o de ser professora. Eu aproveitei cada momento, ocupei os espaços e experienciei acontecimentos. Ensaiei docências, fiz amizades, explorei espaços, métodos, técnicas e tecnologias anteriores às digitais. Entre o quadro-negro, livros, mimeógrafo, microscópio, flanelógrafo, jornais, cartazes, folhetos, murais didáticos,

papeis de carta, envelopes, gibis, carimbos e varais de leitura, construíamos o texto de nossas vidas na sala de aula.

Lembro da emoção sentida nos seminários e nas aulas práticas, do nervoso não apenas para falar em público, mas também de ser avaliada. Os recursos didáticos e materiais concretos deveriam ser produzidos e não comprados, blocos lógicos na medida certa, material dourado apresentável, cartazes caprichados, letras legíveis e bem escritas, alfabeto móvel perfeito, ponteiros do relógio notáveis. Encenava as aulas em casa cronometrando o tempo, articulando e gesticulando na frente do espelho para dar tudo certo. Hoje certamente gravaria as aulas no celular, mas naquele tempo era improvável. Eu chamava primas, parentes e colegas para assistir, minhas coautoras mais próximas.

Naquele tempo, vida de normalista já era difícil, afinal, além de fazer o curso em tempo integral por conta dos estágios, íamos com vários materiais: cartazes, folhinhas, tintas, cartolinas e tantos apetrechos que identificavam qualquer estudante do Curso Normal que poderia ser reconhecida pelo que carregava e não pelo uniforme que, no meu caso, já era jeans e camiseta. Essas são lembranças de um tempo significativo, que me fazem olhar para o hoje, reconhecendo um pouco de mim nas/nos normalistas e muito delas e deles em mim. Nas palavras meméticas deste tempo, a identificação visual de uma normalista se dá quando lemos a imagem a seguir:

Figura 1: Identificando estudantes do Curso Normal



Fonte: https://www.Instagram.com/vida_de_normalista_/

De modo cômico, mas crítico, a ilustração refuta algumas narrativas que se espalham socialmente a respeito de estudantes do Curso Normal, especialmente as que transmitem um olhar depreciativo sobre a formação, julgando-a de superficial e de

pragmática. Normalistas habitualmente são identificadas pelo que carregam (materiais em mãos), contudo, juízos de valor direcionados ao Curso e aos que ali se encontram tornam a palavra carregada de conteúdo semântico, emergindo o enunciado pleno, ou seja, “a expressão da posição do falante individual em uma situação concreta de comunicação discursiva” (BEZERRA, 2016, p. 46). O meme é uma resposta à palavra outra e dialoga com os sentidos que enquanto estudante eu fornecia ao Curso Normal, aquela que entendia a importância de uma formação que não sobrepusesse os procedimentos práticos aos teóricos, conforme mencionado anteriormente e que hoje posso recordar e expressar de outro modo. Começo a “pensar os *memes* como discursos abertos e colaborativos, capazes de participar da narração da nossa história comum, sublinhando sua potência na criação do pensamento” (NOLASCO-SILVA; SOARES; LO BIANCO, 2019, p. 111).

Fazer o Curso Normal contribuiu com minha formação humana, saí dali diferente do que entrei. Formei-me e fui transformada, ciente de meu inacabamento e incompletude, apenas olhei para trás e agradei, assumindo o compromisso ético e responsável com a docência que sempre é discência. No retorno ao tempo, percebo que “no mundo dos acontecimentos da vida, campo próprio do ato ético, estamos sempre inacabados, porque definimos o presente como consequência de um passado que construiu o pré-dado” (GERALDI, 2007, p. 47). Conforme o autor, é por meio da memória de futuro que se definem as escolhas no horizonte das possibilidades. E repensar o Curso Normal e as experiências do passado com as imagens e ideias de hoje, é contar uma nova história, reconstruí-la com meus pares neste tempo, tornando essa formação cada vez mais viva e potente.

1.4 Entre redes e tessituras, as tecnologias permanecem em mim e eu nelas

O formador forma-se através das coisas,
(dos saberes, das técnicas, das culturas,
das artes, das tecnologias)
e da sua compreensão crítica.

António Nóvoa

Após a conclusão do Curso Normal, a esperança em lecionar na escola me fazia buscar esse lugar, esse espaço no âmbito educacional. Nesse caminho, em 1997, surgiu

uma escola que não estava em meus planos iniciais, mas que, de algum modo, possibilitou novas redes e tessituras em um contexto permeado por muitas tecnologias. Meu primeiro emprego foi em um curso de informática, onde construí novas aprendizagens, apropriei-me de estudos na área, ministrei aulas e me aproximei de uma realidade diferente daquela pensada inicialmente. Encontrava-me no campo do ensino e as tecnologias, mais uma vez, se faziam presentes compondo minha história.

Assim como grande parte da população brasileira, não desfrutei do privilégio de dedicação exclusiva aos estudos acadêmicos. Foi necessário conciliar estudo e trabalho, pois tinha que manter os custos de vida e na época não era possível compatibilizar os horários de meu emprego com a faculdade. Tanto a Universidade Federal Fluminense (UFF) quanto a Faculdade de Formação de Professores (FFP-UERJ), ambas localizadas nas proximidades de minha residência, ofereciam a graduação, mas em tempo integral, esbarrando em uma conjuntura que me impunha a necessidade de trabalhar e muito. Diante da realidade imposta, do amadurecimento profissional e da necessidade de formação continuada, ingressei no curso de Pedagogia da Universidade Estácio de Sá no ano de 1999, buscando conciliar as atividades profissional e acadêmica. Lugar que aprendi muito e comecei a vislumbrar novos horizontes. Em 2002, comecei a trabalhar com informática aplicada à educação em diferentes escolas, relacionando a Pedagogia com a tecnologia, pesquisando e reinventando minhas práticas docentes.

Desde o início da graduação, resolvi ampliar leituras sobre as práticas pedagógicas de professores mediadas pelo uso das tecnologias, buscando refletir sobre os impactos e tensões que envolviam as relações de aprendizagem na escola. Pensar na cultura do aluno entrelaçada por um universo tecnológico e na necessidade de formação dos professores para lidar com essa realidade de forma crítica, já me inquietava em busca de novos saberes. Desse modo, minha atuação profissional se solidificava no ambiente escolar perpassado pela presença das tecnologias, inicialmente pensadas como recursos potenciais de aprendizagem.

Vivi, desde então, a docência como professora de informática educacional, desenvolvendo atividades pedagógicas na Educação Infantil, Fundamental e no Ensino Médio. Buscava realizar práticas integradas com os professores regentes das diversas áreas do conhecimento, unindo conteúdos curriculares com as tecnologias, almejando uma educação menos tecnicista e mais humana, algo com que a Pedagogia me impregnava. O envolvimento com as tecnologias em educação gerou algumas inquietações, fazendo-me buscar novos saberes e realizar outras conexões no universo

acadêmico. Desse modo, fiz duas pós-graduações, uma em Tecnologia Educacional, oferecida pelo Instituto a Vez do Mestre – AVM (UCAM) e outra em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância na Universidade Federal Fluminense (UFF).

Vivenciei experiências ímpares, trabalhei em pares, realizei redes e conexões inesquecíveis. Muitos foram os matizes que me desenharam como pesquisadora reflexiva e comprometida com as práticas educacionais e seus desafios. No ambiente acadêmico, comecei a amadurecer e a compreender inúmeros aspectos que envolviam a educação, o que me fez criar um movimento de potencialização, de desejo de transformar, de ouvir quem sempre foi silenciado, de enxergar o ser humano como alguém possuidor de histórias e marcas, de experiências e desejos, de direitos e sonhos.

Através das especializações, foi possível ampliar minhas leituras e vivências sobre a cultura midiática e os desafios de educar com as tecnologias da informação e comunicação. As aprendizagens construídas potencializaram minha prática e possibilitaram novos olhares e conhecimentos sobre a educação *online* que, segundo Santos (2014^a, p. 18), não significa “uma mera evolução das práticas massivas da EaD”. Assim, pude refletir sobre a necessidade de formação de professores diante das tecnologias interativas que suscitam a comunicação bidirecional (SILVA, 2014), tão importante no cotidiano escolar.

À luz dos autores estudados e dos saberes construídos, iniciei a realização de novos projetos educacionais em instituições escolares, mediados por diversas tecnologias (TDIC). Nesse âmbito, incentivava professores e alunos a desenvolverem práticas pedagógicas construtivas, que viabilizassem experiências de ensino e aprendizagem engenhosas. Vivi o crescimento da internet, a era do disquete, do cd rom⁷, do *pendrive* e da memória *flash*⁸, trabalhei com o *icq*⁹, com as salas de bate papo *online* e com os *blogs* em favor da construção da leitura e escrita. Ousei na Robótica, desenvolvendo projetos educativos com crianças, experimentando circuitos eletrônicos,

⁷ Sigla para: *Compact Disc Read-Only Memory*. Pt: Disco Compacto - Memória Somente de Leitura, foi desenvolvido em 1985.

⁸ Memória *flash* é um *chip* de memória de computador que mantém informações armazenadas sem necessitar de uma fonte de energia.

⁹ ICQ é um dos primeiros programas de comunicação instantânea da internet, criado em 1996. Pertence a companhia *Mail.ru Group*. É um acrônimo baseado na pronúncia em inglês (*I seek you* – I (ai) C (si) Q (kiu)) e em português, “Eu procuro você”.

formando consciência ambiental, inventando robôs que carregassem uma essência mais humana. Através de um futuro recente, cheguei ao *Facebook*, ao *WhatsApp* e *Instagram*, inclusive no universo das *lives*¹⁰, onde encontros virtuais compuseram outras experiências formativas até na própria pesquisa que, de modo muito especial, trouxeram-me os memes como acontecimento.

Inspirada na visão freireana, respeitando e concordando que anterior à leitura da palavra já existem leituras do mundo, considero fundamental valorizar a bagagem cultural dos educandos e o que eles trazem como experiência, especialmente na contemporaneidade em que o acesso à informação se encontra na palma da mão, através dos aparatos digitais. Concebo o conhecimento como passaporte para a transformação social e é nessa sintonia que tenho caminhado, vivenciando um percurso de investigação, reflexão e formação contínua. Pensar nas mídias digitais transcende enxergá-las apenas como recursos técnicos ou artefatos de consumo, por isso compartilhar minhas experiências formativas com os outros docentes e discentes no âmbito educacional constituiu-se como experiência rica de sentidos e significados.

Em 2011, assumi a função de tutora nos cursos de pós-graduação lato-sensu na AVM - Faculdade Integrada, mediando as especializações na área de educação. Chegar ao ambiente acadêmico como professora foi motivo de muita alegria, pois poder participar de pesquisa, amadurecer como docente e ampliar conhecimentos me fez querer alçar novos voos rumo à formação acadêmica continuada. Percebi as possibilidades entrelaçadas na educação *online*, o que, de acordo com Santos (2005; 2006), amplia situações de aprendizagem a distância e presencial através de situações híbridas que aliam as tecnologias aos encontros face a face. Vivi um período rico em formação, dedicando-me durante cinco anos à experiência da tutoria, aliada à participação em congressos e desenvolvimento de pesquisas sobre educação *online*.

Desde 2011, atuo como servidora pública, trabalhando na rede Estadual de Ensino com o Curso Normal, revivendo essa realidade hoje como professora. Vida discente e docente inseparáveis, lugar que fundamenta não só a minha história, mas a de muitos outros jovens e adultos que buscam essa modalidade em prol de uma formação profissional inicial. Sobre esse lugar finco os meus pés, num misto que envolve o sonho da docência e o desejo de retribuir a concretização desse sonho à sociedade, oferecendo

¹⁰ O termo é oriundo do inglês, *live broadcasting*, o qual sinalizava as transmissões ao vivo ainda na era da televisão. Trata-se da transmissão pela internet, especialmente em redes sociais digitais que permite interação entre os participantes. Desde o início da pandemia do coronavírus, houve um impulso de democratização e de migração para a internet (transmissões e interatividade ao vivo na cibercultura).

a ela a possibilidade de transformação através do conhecimento. Assim, volto meu olhar para a minha trajetória, entendendo-a sempre como uma construção, o que me permite, talvez, exercitar o deslocamento que me revela um excedente de visão: regressar a mim mesma na certeza de minha incompletude (GERALDI, 2003).

É importante ressaltar que o excedente de visão se dá na relação eu-outro e na possibilidade de acabamento sempre provisório. É o outro “que pode me ajudar a ver o que sozinho não consigo enxergar” (ABREU, 2021, p. 41). Esse é o movimento da vida, cuja composição tem “uma necessidade estética absoluta do outro, do seu ativismo que vê, lembra-se, reúne e unifica” (BAKHTIN, 2011 , p. 33) e nos modifica. Compreender que o outro possui uma experiência de mim que me é inacessível, assim como também tenho uma experiência desse outro acessível apenas a mim, só confirma a certeza de nosso inacabamento e o desejo de completude. Durante nossa estadia nesta vida, vivenciamos encontros e desencontros, significamos ações e pessoas, construímos e desconstruímos barreiras, afetamos e somos afetados, pesquisamos e somos pesquisados, formamos e também somos formados, tudo isso se materializa em acontecimento.

Geraldi (2010) me convida a uma revisão da concepção de aula, fazendo pensar que a identidade docente, ao mesmo tempo em que é definida pela estrutura global da sociedade, também é uma força propulsora de transformações, prova disso é o papel assumido por professores reflexivos e pesquisadores que encontram na pesquisa modos outros de exercer sua profissão. Nesse caminho, ao realizar o Mestrado na Faculdade de Formação de Professores (FFP-UERJ) em 2015, desenvolvi minha pesquisa no Instituto de Educação Clélia Nanci, estudando especificamente a disciplina de Integração das Mídias e Novas Tecnologias, que compõe a grade curricular do Curso Normal. Nesse *espaçotempo*, encontrava-me como pesquisadora e professora da referida disciplina me formando e formando futuros professores, investigando com eles a cultura digital. Viver a era da cibercultura incitava uma pesquisa que pudesse analisar as possibilidades formativas em rede, emergindo outras formas de aprender e ensinar, em meio às tecnologias digitais.

Ao ingressar no doutorado, em 2019, intencionava aprofundar meus estudos, agora direcionados em conhecer as apropriações tecnológicas dos jovens no Curso Normal. O objetivo inicial era descobrir, em diálogo com os estudantes, quais eram suas práticas culturais na cibercultura. No grupo de pesquisa Infância, Juventude, Educação e Cultura (IJEC/UERJ) do qual faço parte, tem sido possível ir ao encontro de jovens, que

inseridos em classes economicamente menos privilegiadas, têm resistido às tormentas sociais nos apresentando conhecimentos, saberes e experiências construídas no ciberespaço e em suas múltiplas redes educativas. Nesse caminho, Oswald (2007) tem se dedicado aos estudos e à orientação de pesquisas que dialogam com jovens e às suas práticas de leitura e escrita em ambientes *online*. A autora tem ressaltado que “a relação dos alunos com os artefatos midiáticos é inseparável dos modos de produção de uma época” (OSWALD, 2007, p. 7), tornando fundamental o desenvolvimento de pesquisas a esse respeito no campo da educação, movida especialmente pela necessidade de superar a tensão entre a escola e as culturas juvenis, assim como desmistificar os conflitos entre a cultura letrada e a cultura da imagem.

Na universidade, tem sido possível construir diálogos e experiências importantes, inclusive colocando em pauta as temáticas das juventudes do Ensino Médio. É preciso refletir com e nas licenciaturas sobre as práticas culturais dos sujeitos sociais que se encontram nas escolas hoje, visibilizando e conhecendo suas realidades. Conforme Alves (2010), aprendemos e ensinamos em várias redes de conhecimentos e muitas são as significações *dentrofora* da escola que impregnam o nosso ser professor. De acordo com a autora, “a formação de professores se dá em múltiplos espaços tempos.” (ALVES, 2010, p. 1196); nesse sentido, no tempo atual, respirando o âmbito do doutorado, sinto-me feliz por poder continuar meu processo formativo, realizar novas leituras e amadurecer como pesquisadora. Ocupar esse espaço acadêmico significou a concretização de um sonho e, como pesquisadora, inspiro-me continuamente em Freire (1996, p. 103), permanecendo “a favor da esperança que me anima apesar de tudo”. Essa esperança me inquieta, fortalece e viabiliza um movimento de busca, de investigação e formação contínua.

Através destas páginas iniciais, apenas sinalizo algumas pegadas, tentando demonstrar ao leitor que fazer uma pesquisa sobre o terreno que sempre pisei com alegria, formei-me e me reinventei, significa dialogar e devolver à sociedade as construções realizadas no âmbito do doutorado, entendendo ser esse meu papel ético e cidadão. Aqui, busco registrar os conhecimentos e tecnologias desenvolvidas no percurso da pesquisa, como contribuição aos educadores epistemologicamente curiosos, conforme afirma Freire (1996, p. 29), quando diz que “faz parte da natureza da prática docente, a indagação, a busca, a pesquisa”.

Viver o doutorado é movimentar-se, inquietar-se, é sentir incômodos, é percorrer uma travessia difícil, repleta de incertezas e de perguntas. Caminho compondo-me de

muitos outros, compreendendo que minha escrita, apesar de autoral, carrega as contribuições de autores fundamentais, de uma orientação ímpar que nos permite ampliar o zoom e notar o que está invisível a olhos nus. Busco nesse trajeto, perceber a palavra divulgada em memes, observar as miudezas e os sentidos produzidos por jovens normalistas que veem as tecnologias digitais em rede como meios de comunicação fecundos, potentes e ambivalentes. Cerco-me de discentes, docentes, de leituras e de vivências em campo para descobrir o que ainda não sei.

2. A HISTÓRIA DO CURSO NORMAL: ENTRE CHEGADAS E PARTIDAS

Nossas memórias desempenham um papel social fundamental,
integrando presente e passado, sobrevivendo,
porque existe uma procura, uma necessidade, um desejo.
Não precisamos aceitar de forma acrítica as memórias aqui instituídas.

Clarice Nunes

Viver o Curso Normal e realizar uma pesquisa com as normalistas deste tempo só é possível porque, anterior a nossa chegada, muitos já caminharam por aqui. Nesse lugar emerge um espírito de resistência marcado por muitas vozes, palavras de um passado que corporificam o presente. Aprendi que resistir é nos colocar no jogo social, é escrever a nossa história com o outro (MIOTELLO, 2020). Por isso, rememoro o Curso Normal, reanimo seu percurso que, me constituindo, revive em mim e nos outros que ali se encontram.

A formação de professores no Curso Normal traz consigo experiências desde a época do império¹¹, quando as primeiras escolas foram fundadas. No Brasil, essa formação surge após a independência, quando se começa a pensar na organização da instrução popular (SAVIANI, 2009). De acordo com Lima (2017), mesmo diante da implantação da República e do advento do Estado laico, a Escola Normal continuou sendo necessária para fomentar as forças produtivas do país. Nas últimas décadas, as discussões se intensificaram devido às constantes iniciativas de reorganização curricular do Curso Normal, do curso de Pedagogia e da implantação do curso Normal Superior, atualmente escasso no Brasil. As políticas educacionais caminharam rumo à formação de professores em nível de graduação fazendo reverberar incertezas sobre sua descontinuidade ou continuidade no presente.

Na época do império, o caráter prescritivo e pragmático do Curso Normal desvinculava-se de uma formação teórica. O “saber fazer” não possuía nenhuma relação com os aspectos teórico-metodológicos que envolvem a formação docente, traduzindo-se como receitas e modelos do como ensinar. Existia uma baixa procura pela formação, também justificada pelos salários pouco atrativos. O contexto socioeconômico do país

¹¹ No Brasil, a lei responsável por institucionalizar a criação de escolas de primeiras letras nos lugares mais populosos do Império foi decretada em 15/10/1827 (TANURI, 2000). Somente após a reforma constitucional de 12/08/1834 é que as escolas normais em nosso país foram estabelecidas. Em 1835, surge na província do Rio de Janeiro, a primeira escola normal do país: o Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho (IEPIC) – Niterói, RJ.

era essencialmente agrário, o que tornava a população, naquele contexto, desprovida de interesse pela educação. Consta-se aqui “as causas e consequências do insucesso das primeiras escolas normais”, reflexo da falta de ânimo da instrução pública provincial (TANURI, 2000, p. 65).

As escolas normais foram inúmeras vezes fechadas, afetadas pelo caráter instrumental, pela ausência de alunos ou mesmo por descontinuidade administrativa, acarretando, a partir dos anos finais do império, um quadro de subsistência. Esse é o resultado de uma ideologia oficial que utiliza a escola e a formação de professores para difundir a visão de mundo de um grupo dominante (BRAGANÇA; MOREIRA, 2013). Conforme pontuam as autoras, a formação nasce em conexão com a propagação da ideologia do Estado e nesse caminho também corre o risco de morte.

No decorrer histórico, os anos 1870 marcam uma mudança ideológica e cultural, tornando-se a difusão do ensino essencial ao crescimento não apenas social, mas também econômico da nação (TANURI, 2000). Conforme explica a autora, a crença agora era na transformação do país através da educação, encontrando-se as escolas normais destacadas como caminho para a consolidação desse projeto. Seriam essas instituições importantes para o desenvolvimento não apenas quantitativo, mas também qualitativo do ensino primário. Antes o que era alvo de descarte, agora se torna a pedra angular na formação da humanidade.

Em paralelo ao enaltecimento das escolas normais, seu currículo passou por melhorias, aumentando inclusive os requisitos para ingresso e uma abertura para o público feminino¹². É importante destacar que práticas de exclusão ocorriam na escola primária, tornando o currículo destinado ao público feminino “mais reduzido e diferenciado, contemplando o domínio de trabalhos domésticos” (TANURI, 2000, p. 66).

Compreender o processo de feminização do magistério primário implica reconhecer que tal fato não se deu “pela assunção de características profissionais inerentes ao exercício da docência pela mulher” (Tambara, 1998, p. 49), mas por uma arrumação histórica e socialmente construída. Nesse caminho, estabeleceu-se “a reconstrução de um paradigma de professor primário identificado com o perfil de mulher que então povoava o imaginário hegemônico: assexuada, vestal, dependente, acrítica, não cidadã” (TAMBARA, 1998, p. 50).

¹² “As primeiras escolas normais – de Niterói, Bahia, São Paulo, Pernambuco, entre outras – foram destinadas exclusivamente aos elementos do sexo masculino”. As mulheres eram excluídas, “prevendo-se a futura criação de escolas normais femininas” (TANURI, 2000, p. 66).

Observar o cenário presente é visitar a história do passado e reconhecer que lá se encontram os vestígios e pegadas de um tempo que ainda perdura¹³. Após o período imperial, a maior parte das províncias não possuía mais do que uma ou duas escolas normais públicas, destinando-se uma à formação de docentes do sexo feminino e a outra ao ensino de professores do gênero masculino. Contudo, as aspirações e proposições teóricas na reta final do regime monárquico já aqueciam a necessidade de uma formação docente mais comprometida. Ficava a cargo da república a incumbência de efetivar as escolas normais, zelando por sua implantação e melhoria do magistério.

O movimento escolanovista, inspirado nas ideias de John Dewey, já em pauta nos Estados Unidos, sobre o papel da educação, e o conseqüente Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, assinado por intelectuais brasileiros de prestígio, entre eles Fernando Azevedo, Lourenço Filho e Anísio Teixeira, incide em críticas ao currículo da Escola Normal. Vislumbrava-se uma nova perspectiva para a formação docente, marcada pelo otimismo pedagógico. Surge, então, o advento dos institutos de educação com a criação, em 1932, do Instituto de Educação do Distrito Federal, inaugurado por Anísio Teixeira e, em 1933, o Instituto de Educação de São Paulo, por Fernando de Azevedo. O caminho era em direção “à consolidação do modelo pedagógico-didático de formação docente que permitiria corrigir as insuficiências e distorções das velhas Escolas Normais” (SAVIANI, 2009, p. 146). De acordo com o autor, os institutos de educação foram pensados e estruturados, afinados à proposta de uma pedagogia que começava a se constituir como um conhecimento de caráter científico.

Posterior à promulgação da Lei Orgânica de 1946, ficou mantido o caráter descentralizador da Constituição Federal, mantendo sob a competência dos Estados e do Distrito Federal a organização dos seus sistemas de ensino. Não houve alterações significativas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 4024/61) que, diante do modelo vigente, decretou períodos mínimos de duração, sendo conferida aos Conselhos Estaduais a ampliação do currículo dos Cursos Normais com a inserção de disciplinas de formação técnico-pedagógica.

¹³ Em pleno século XXI, é comum observarmos que a procura pelo Curso Normal restringe-se majoritariamente ao gênero feminino, tornando-se o público masculino uma minoria significativa. A pesquisa em andamento comprova tal evidência, quando nas rodas de conversas realizadas, computamos a participação de pelo menos 36 mulheres e 04 homens.

O Golpe Militar de 1964 ocasionou alterações no campo educacional efetivadas pelas mudanças na legislação do ensino. Através da Lei 5692/71¹⁴, os ensinos primário e médio mudam para a denominação de primeiro grau e segundo grau. De acordo com Saviani (2009), a partir dessa estrutura, as Escolas Normais começam a ser substituídas pela habilitação específica de 2º grau para o exercício do magistério do 1º grau. Eram duas as modalidades, uma com duração de três anos, que habilitaria para o ensino até a antiga 4ª série e a outra, com duração de quatro anos, que habilitaria para o magistério até o 6º ano do 1º grau. A formação de professores voltada ao ensino primário foi “reduzida a uma habilitação dispersa em meio a tantas outras, configurando um quadro de precariedade bastante preocupante” (SAVIANI, 2009, p. 147).

Com o passar do tempo, as discussões sobre a educação, aquecidas nas décadas de 1980 e 1990, sustentavam um debate que sublinhava a necessidade da oferta de um ensino de qualidade que correspondesse ao cenário das novas tecnologias e da “globalização que se anunciava” (LIMA; MOREIRA, 2014, p. 72). O período aqui citado também foi demarcado por movimentos de educadores que propunham mudanças na educação, entre elas, não só melhorias nas condições de trabalho e a necessidade de uma gestão democrática, como também a reformulação dos cursos de formação para a docência.

2.1 O Curso Normal e as políticas deste tempo

As explicações dadas pelo poder,
se assumidas sem critério,
produzem um campo de estreitamento mental,
atitude que se configura como defesa
contra a transformação de ideias.

Clarice Nunes

Falamos de um curso que atravessou diferentes tempos e espaços histórico-sociais, sofreu períodos de incertezas e ainda gera discussões sobre um possível risco de extinção. Discurso confirmado através de algumas reformas, entre elas, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96) que, em sua estrutura,

¹⁴ A Lei 5692, de 11 de Agosto de 1971, fixa as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dava outras providências.

apresentou o desafio não só de democratizar o acesso à educação, como também de promover sua qualidade. Ficava institucionalizada nessa Lei a elevação da formação dos professores das séries iniciais no ensino superior, tornando os cursos normais de nível médio aceitos como formação mínima (art. 62 da LDBEN 9394/96¹⁵) e com prazo determinado, conforme anunciava o art. 87 parágrafo 4 da referida Lei¹⁶. Posteriormente revogada através da Lei 12.796/2013.

Notamos reverberar as tensões de uma palavra oficial traduzida pela ideologia de quem legisla, reconhecendo que nem sempre o anúncio dessa palavra corresponde às realidades cotidianas. A essas, as “leis” apenas se destinam, mas respostas também surgem nesses e desses lugares provocando outras traduções, teimosias e rebeldias necessárias. Em meio a tantas ausências, ainda há a impossibilidade de os municípios se adequarem à qualificação exigida, tamanho o grau de pobreza que os afeta. Esse é um fator significativo que perpassa a formação docente; vivemos a impossibilidade real de arrecadação dos recursos próprios municipais, principalmente dos mais pobres (ARELARO, 2014). Entre as políticas em texto aqui mencionadas sobre o Curso Normal, nos deparamos com muitas contradições, desigualdades, silenciamentos e processos de invisibilidade. Povoam as disputas, os conflitos, as tensões e ideologias que envolvem a história da formação de professores e o papel do Curso Normal.

As políticas de governo, inclusive as educacionais, inauguravam com a nova LDB 9394/1996 um alinhamento às tendências internacionais do mercado¹⁷. O então presidente Fernando Henrique Cardoso chegou a assinar o Decreto nº 3.276 de 6 de dezembro de 1999 em defesa da formação de professores da educação infantil e das séries iniciais do ensino fundamental “exclusivamente em cursos normais superiores” (art. 2º). O Decreto suscitava o crescimento dos Institutos Superiores de Educação que desejassem formar professores e ampliava a possibilidade de crescimento das instituições privadas. Posteriormente, o Decreto 3.554, de 7 de agosto de 2000

¹⁵ Após a promulgação da LDB 9394/1996, ela sofreu inúmeras modificações repercutindo na possibilidade de descontinuidade da formação de professores de nível médio.

¹⁶ A referida Lei instituiu a década da educação (1997-2007), afirmando, em seu parágrafo 4º, que até o fim dessa década somente seriam admitidos professores habilitados em Nível Superior ou formados por treinamento em serviço.

¹⁷ Os representantes do governo justificavam a política em defesa da “finalização” do Curso Normal alinhados às tendências internacionais (FERNANDES, 2018). Nesse sentido, o Banco Mundial recomendava o crescimento de instituições não universitárias por entenderem essas como menos custosas e mais afinadas às necessidades do mercado de trabalho (BORGES, 2010). Assim, as camadas das classes populares teriam suposto acesso ao ensino superior, sem onerar o Estado, já que sua oferta se daria em instituições privadas. De acordo com o Banco, o Estado teria suas tarefas reformuladas, responsabilizando-se pela “acreditação, fiscalização, avaliação das instituições privadas e na supervisão do sistema público e privado” (BORGES, 2010, p. 370).

substituiu o termo “exclusivamente” pela expressão “preferencialmente” estabelecendo como formação de professores desses segmentos, os licenciados em Pedagogia, Curso Normal em nível médio e Curso Normal Superior.

Conforme Fernandes (2018) pontua, diversos estados do Brasil acabaram encerrando as atividades do Curso Normal, tamanha confusão nas políticas. A nova LDB 9394/1996 trazia o entendimento da extinção da formação de professores de nível médio. Em 1997, a Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC) chegou a iniciar “uma política de racionalização deste curso e mudança das escolas normais para Institutos Superiores de Educação (ISE)” (FERNANDES, 2018, p. 29). Nesse caminho, a formulação de uma proposta voltada ao Curso Normal Superior realizada pela SEEDUC continuou despertando dúvidas a respeito do lugar que o Curso Normal de Nível Médio ocuparia, sendo temido o encerramento de suas atividades. Posteriormente, por meio de modificações na administração da SEEDUC e descontinuidade do governo, o projeto foi interrompido.

No final da década de 1990, a aprovação do Parecer CNE/CEB nº 1/1999 reconhece o debate sobre a profissionalização do magistério em nível superior, mas reforça o valor legal da LDBEN a respeito da formação docente em nível médio. De acordo com o documento, a legislação contempla “a diversidade e a desigualdade de oportunidades que perpassam a realidade educacional no país” (BRASIL, 1999, p. 14), reiterando a oferta do Curso Normal sem que tal compreensão ignore a responsabilidade de o poder público prover ações de continuidade da formação de professores no ensino superior. O respectivo Parecer embasou a Resolução CEB/ nº 2, de 19 de abril de 1999, que institui as diretrizes curriculares nacionais para a formação de docentes da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, em nível médio, na modalidade normal reafirmando a natureza da formação profissional.

Temos ainda o Decreto nº 8.752, de 9 de maio de 2016, que dispõe sobre a Política de Formação de Profissionais da Educação Básica com a finalidade de fixar os princípios e objetivos, organizar programas e ações em consonância com o Plano Nacional de Educação (PNE), aprovado por meio da Lei de nº 13.005, de 24 de junho de 2014. Entre os propósitos estabelecidos pelo Decreto, em seu Art. 3º, inciso V, encontra-se como objetivo “apoiar a oferta e a expansão de cursos de formação inicial e continuada em exercício para profissionais da educação básica pelas instituições de

ensino superior em diferentes redes e sistemas de ensino” (BRASIL, 2016) conforme estabelece a meta 15¹⁸ do PNE.

É importante destacar que a Lei nº 13.415¹⁹, de 16 de fevereiro de 2017, reassegura que a formação de professores deva ocorrer preferencialmente em nível superior, sem com isso desconsiderar que o Curso Normal continue compreendido como formação mínima.

Art. 7º O art. 62 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com as seguintes alterações:

“Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal (BRASIL, 2017).

A formação de professores em nível médio, apesar de manter-se como direito adquirido por Lei, sugere uma reflexão necessária, pois a manutenção de cursos técnico-profissionalizantes pode indicar a precarização da mão de obra e a desvalorização da carreira docente, inclusive através da aplicação de baixos salários. Do mesmo modo, a reforma educacional atual, conforme preconizado pela Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio²⁰ defende a lógica das competências e habilidades sobrepondo o “saber fazer”, de cunho instrumental ao conhecimento científico, crítico e intelectual. Nesse caminho, a BNCC do Ensino Médio “aponta para a implantação de processos de centralização, padronização e controle incompatíveis à formação integral de estudantes e professores” (ANFOPE, 2018, p. 1), afetando o Curso Normal já que é uma modalidade de nível médio. Conforme sinaliza a Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação, o caráter curricular, pedagógico e educacional da BNCC tende à precarização do ensino nas escolas públicas prejudicando ainda mais os estudantes das camadas populares.

Reconheço que é no Curso Normal que olhares sobre a educação se expandem, é nessa formação de nível médio que ideais muito diversos do que pretendem os

¹⁸ A meta de nº 15 de PNE visa assegurar que todos os professores e as professoras da educação básica possuam formação específica de nível superior.

¹⁹ Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral.

²⁰ A Resolução nº 4, de 17 de dezembro de 2018, institui a Base Nacional Comum Curricular na etapa do Ensino Médio (BNCC-EM). A referida Resolução determina a adequação dos currículos à BNCC-EM até 2020 e sua completa implantação no ano de 2022 (BRASIL, 2018).

pressupostos neoliberais podem florescer se for garantida às/aos normalistas uma formação humana integral que não separe “o corpo, o intelecto e a formação moral, ética, estética e política”, como sugere Tamberlini (2015, p. 11) ao destacar que as atuais reformas educacionais se identificam com a mercantilização, com o imediatismo e a lógica da meritocracia, retirando da educação a valorização da formação intelectual que vem sendo substituída por uma função docente tarefa e programada. Qualquer semelhança com o passado não é coincidência, mas projeto pensado nos mesmos ideários conservadores daqueles que pretenderam perpetuar para as classes menos favorecidas uma educação fragmentada, dualista e desumana, como ocorre hoje relativamente à resolução da implementação de uma Base Nacional Comum Curricular para a educação básica (BNCC) e de uma Base Nacional Comum para a formação de professores (BNC-Formação de Professores²¹) no ensino superior.

Ainda assim, constato que na atualidade existem sujeitos, em sua maioria mulheres, a propósito já formados no Ensino Médio, buscando essa modalidade de ensino para realização do sonho da docência, inclusive pela falta de oportunidade de acesso à universidade pública, sinalizando uma ambiguidade no que concerne ao discurso das políticas e sua efetiva prática. Reconheço a legitimidade e relevância do Curso Normal (OLIVEIRA, 2017), um marco na história da formação de professores, mas não ignoro os insistentes processos de instabilidade nas políticas educacionais, marcados pelas forças de um sistema econômico que tem alimentado, através das últimas reformas do Ensino Médio, uma formação voltada para as dimensões do saber fazer que, esgotando-se nessa lógica, afina-se única e exclusivamente aos interesses do mercado (FERRETI, 2018).

Tenho percebido que os discursos do capitalismo são transferidos para a educação através das políticas, fetichizando os modos de pensar, produzir e consumir informações, de se comunicar, de trabalhar e de realizar as atividades da vida cotidiana, sem considerar o cenário da desigualdade social que afeta os estudantes da rede estadual de ensino. Uma formação de professores que começa no Curso Normal não precisaria se esgotar nele se os legisladores e supostos “especialistas” em educação, ao invés de

²¹ A Resolução CNE/ CP nº 1, de 27 de outubro de 2020, dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação continuada de professores da educação básica. Pesquisadores comprometidos com a qualidade da formação docente, com a autonomia universitária e a importância da valorização profissional de educadores criticam os pressupostos contidos na BNC-Formação de Professores, devido à defesa dos interesses mercadológicos que realiza em sobreposição ao real papel da universidade na formação de educadores. Encontram-se envolvidas nesse debate a Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação (ANPED) e a Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE).

gestarem políticas tendenciosamente excludentes, promovessem melhores condições de acesso e permanência na escola.

Fica perceptível que a formação de professores sempre esteve atrelada às transformações da sociedade e de seu modelo econômico, o que torna urgente pensar o lugar que o Curso Normal ocupa na contemporaneidade, especialmente quando associações problematizam sua existência (ANFOPE, 2016), na defesa do direito de professores formarem-se no ensino superior²², acompanhada da luta pela valorização profissional. Longe de mim sugerir a volta à velha discussão que atribuía aos filhos das camadas privilegiadas o direito ao ensino de caráter propedêutico e aos filhos das classes menos privilegiadas o ensino terminal, como ocorreu na Lei de Diretrizes e Bases sancionada na vigência da ditadura, em 1971. Ao contrário, considero o Curso Normal como etapa formativa inicial que poderá contribuir significativamente para a formação de seus egressos no ensino superior, desde que seja oferecida às/aos normalistas uma educação de qualidade.

Situar a história do Curso Normal, da qual também sou fruto, é dar visibilidade a uma formação que, apesar de tudo, vem resistindo no tempo. Através de um movimento exotópico, olho para o Curso Normal e reconheço minha própria história, o que me permite considerar esse curso como espaço de formação potente, lugar por mim traduzido como a esperança concreta de outros horizontes e, portanto, campo legítimo da pesquisa aqui apresentada. Não esgotei minha caminhada e não me concluí no Curso Normal, mas foi esse o meu ponto de partida, como pode ser o ponto de partida das/dos normalistas de hoje, a exemplo das/dos que participaram como sujeitos coautores/as do estudo por mim proposto nesta tese de doutorado.

Pude observar na relação com os sujeitos da pesquisa um vínculo afetivo com a docência, movida pela crença em sua aptidão para ser professora/professor, como ocorreu comigo. Por outro lado, percebi também a presença no Curso Normal de jovens, cuja escolha pelo curso não foi motivada pelo desejo de exercer o magistério, mas por outras razões, seja a crença de que a dimensão terminal da formação permitirá a

²² A ANFOPE, enquanto uma entidade de caráter político-acadêmico, desenvolve debates e análise das políticas públicas no campo da formação dos profissionais da educação. A partir de um movimento de educadores, iniciado desde 1978, através do I Seminário de Educação Brasileira, marcava ali suas lutas contra o Regime Militar e a defesa da democratização da sociedade. Sua pauta volta-se às políticas de formação e organização dos cursos de formação de professores. Tem realizado desde a década de 1990 Encontros Nacionais trazendo para o debate questões relativas à formação. A ANPED também insiste que a qualidade da formação e a valorização da carreira docente devem ser consideradas pelas políticas públicas, ressaltando que essa formação deve ocorrer nas universidades que concentram inúmeras pesquisas e experiência acumulada sobre o ensino.

inserção imediata no mercado de trabalho, seja para atender ao sonho familiar de que seus herdeiros sejam “alguém na vida”, seja a indecisão diante do futuro profissional, seja ainda a influência de alguém próximo.

Imagino o leitor se perguntando qual teria sido minha motivação para escolher o Curso Normal como campo da pesquisa, dada a instabilidade que marca sua história até hoje, haja vista a contradição entre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/1996) que reconhece que professores habilitados em nível médio possam atuar na Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental e as políticas educacionais (PNE 2014/2024) que defendem que tal atuação deveria supor a formação para esse magistério em nível superior, o que pressupõe inclusive a possibilidade de extinção do Curso Normal em nível médio, embora a rede estadual de ensino do Rio de Janeiro seja composta atualmente por 94 escolas normais²³.

Se isso me fosse de fato perguntado, eu responderia que minha experiência na Escola Normal me proporcionou vislumbrar, com base no encontro com jovens, que outra história sobre ela poderia ser contada. Resolvido isso, coloquei-me em campo, de peito aberto, para escutar as ruidosas vozes das juventudes que há muito tempo esperavam ser ouvidas.

Do tradicional Curso Normal, uma contemporânea forma de dizê-lo se instaura como insurgência, seduzindo-me a reescrever a história do CN²⁴, agora inédita porque me chega pela voz de quem tem autoridade para contá-la: jovens que lá estudam e que são sujeitos da pesquisa. Continuo, então, a escrita da tese, mobilizada pela arte do encontro com o outro que vem anunciando essa história que ninguém ainda contou.

Retomar a história da formação de professores em nosso país permite reconhecer que os processos de instabilidade sobre o Curso Normal marcam a sua trajetória, contribuindo para uma melhor compreensão das complexidades do tempo atual (BRAGANÇA; MOREIRA, 2013). Há registros de um passado circunscrito por idas, vindas, existências e subsistências me fazendo perceber que, entre as chegadas e partidas dessa modalidade de ensino, ausências e presenças ainda perduram. E a partir de agora, em diálogo com o Curso Normal, no tempo da cibercultura, conto com jovens normalistas na luta “contra o encolhimento da experiência numa sociedade da

²³ Fonte: <http://consultaqh.educacao.rj.gov.br/ConsultaQHIGestao.aspx> . Acesso em: 03/08/2021.

²⁴ Os estudantes costumam chamar o Curso Normal pela abreviatura CN, prática adotada por muitos professores e equipe pedagógica. “Eu sou do CN 1001”, “Vamos começar o conselho do CN 3001”.

informação” (NUNES, 2014, p. 30). Entre as tecnologias digitais em rede, outra história é escrita ascendendo uma memória de futuro possível.

2.2 Entre andanças, minha chegada ao campo e a descoberta da palavra outra

Já me fiz a guerra por não saber
 Que esta terra encerra meu bem-querer
 E jamais termina meu caminhar
 Só o amor me ensina onde vou chegar
 Por onde for quero ser seu par.
Paulinho Tapajós

Assim como na letra da canção, muito tenho caminhado e, nessas andanças, tenho conhecido outros territórios que oportunizaram a experiência de viver encontros em que as crenças e valores representados na profissão de professora (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2009) se encontram entrelaçados às minhas experiências de vida.

O trajeto percorrido até o campo da pesquisa tem muitas simbologias, sendo, talvez, a mais aparente o fetiche do mercado. Não há como acessar a escola sem enfrentar as provocações do capitalismo no percurso até a famosa “Rua da Feira”, movida pelo intenso comércio têxtil e por diversos estabelecimentos. Pandiá Calógeras é o nome da instituição em que realizei este estudo e, para chegar até ela, caminha-se obrigatoriamente por um espaço de sedução ao consumo, trajeto percorrido por todos que precisam nela entrar. Situada no município de São Gonçalo, região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, o Pandiá encontra-se no bairro de Alcântara.

Nesse trajeto repleto de calor humano, deparo-me com vitrines sedutoras, com feiras livres animadas pelo rumor das vozes dos feirantes, com salões de beleza, com bares frequentados por amantes de açaí, com camelôs com suas bancas em que roupas coloridas se misturam a artefatos os mais variados, entre os quais destacam-se vidrinhos coloridos por purpurina, lantejoulas e paetês. Nesse mercado a céu aberto, lotado de gente, é comum esbarrar-se fisicamente com os passantes, num lance que lembra “o amor à última vista” da “Passante” de Baudelaire (1985). Esse cenário, com tantas possibilidades de consumo, é tão persuasivo que, por vezes, desloca meu foco da pesquisa, à guisa de um atalho que leva a Certeau (2014) para pensar as artimanhas dos consumidores.

Certeau (2014) chama a atenção para o que o consumidor cultural “fabrica” quando está em contato direto com os produtos dispostos à utilização, o modo como explora o espaço urbano revela as poéticas escondidas, nem sempre em acordo com os sistemas de produção barulhentos e espetaculares. O autor nos convida a perceber a produção qualificada de consumo que é astuciosa e dispersa, pois “ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível” (CERTEAU, 2014, p. 39). Percorrer os centros urbanos é uma experiência particular, aonde cada um criativamente vai estabelecendo os seus significados. Assim caminham as normalistas no trajeto de ir e vir à escola.

Penso nas “Artes de fazer, astúcias”, as mesmas que os/as jovens, com quem nos encontramos nos estudos desenvolvidos no IJEC, lançam mão para superar os contratempos que a vida lhes tem imputado, especialmente quando estão incluídos nas classes menos privilegiadas. Pergunto-me se encontraria essas “táticas” junto às/aos normalistas. Vem a calhar aqui essas palavras de Foucault: “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2012, p. 10). Desvio-me, então, do atalho que me levou aos consumidores e vou ao encontro da palavra.

Figura 2: Colégio Pandiá Calógeras



Arquivo de Pesquisa

Ao entrar no Colégio Estadual Pandiá Calógeras, deparei-me com uma escola que atende alunos do 2º segmento do Ensino Fundamental, da EJA e do Ensino Médio, oferecendo Formação Geral e Formação de Professores. A escola não se configura como um Instituto de Educação, mas oferece a modalidade Normal computando o total de oito turmas. Existe uma área física destinada apenas à formação de professores, onde há um pátio para circulação e convivência das/dos normalistas assim como salas de aula reservadas para essa modalidade. A instituição atende cerca de 2.300 alunos no total de 03 turnos (manhã, tarde e noite).

Quando este estudo se tratava apenas de uma intenção de pesquisa, ao chegar ao campo, tomei como ponto de partida três questionamentos iniciais: o primeiro interessado em descobrir os motivos pelos quais elas/eles ingressam no Curso Normal; o segundo focado em conhecer a representatividade do Curso Normal para as/os estudantes e o terceiro em saber quais eram suas relações e interesses com as tecnologias digitais, já que essas povoam seu cotidiano. Esses questionamentos resultaram do percurso vivido com o Mestrado, influenciada pelos escritos de Certeau, desejei ampliar minhas leituras a respeito das práticas culturais dos estudantes, buscando conhecer os usos e “consumos” das tecnologias digitais em rede. Essa era uma temática de estudo que gostaria de aprofundar na tentativa de pensar com as/os estudantes as tecnologias, sem necessariamente reduzi-las a dimensão de técnica de ensino²⁵ (BARRETO, 2016).

Ao percorrer pela escola, observei a vida em movimento, jovens papeando, manuseando seus celulares, movimentando o corpo, fazendo *selfies*, sorrindo, lendo, teclando, criando, seguindo seu percurso e produzindo sentidos no curso de sua formação. Ao notar um cenário escolar vivo, busquei uma aproximação com as normalistas, através de conversas, entendendo serem essas propulsoras de muitas descobertas, inclusive relativas ao meu objeto de estudo. As conversas oportunizam a partilha de experiências e se colocam como um caminho metodológico passível de surpresas e imprevisibilidades, sem a segurança oferecida pela ciência moderna (SERPA, 2013). Conforme compreende a autora, realizar conversas permite à pesquisadora e aos sujeitos participantes aprender com o inesperado e com a palavra do outro. Assim, descobri

²⁵ Quando as tecnologias são pensadas apenas como recursos pedagógicos e ferramentas para transmissão de conteúdos. Utilização de programas nas escolas: Conexão Professor da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro (SEEDUC), Educopédia, da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, Programas de formação via EaD, apostilamentos, plataformas de ensino, etc.

a conversa como caminho e como metodologia de pesquisa, a conversa como lugar de produção de conhecimento, a conversa como potência pedagógica. [...] Conversas que irrompem as fronteiras do tempo e espaço, questões silenciadas em alguns momentos que se fazem ouvir em outros, rizomas (SERPA, 2010 p. 15).

Nessa sintonia, para iniciar as conversas segui em direção aos estudantes que encontrei no pátio da escola, apresentei-me como a professora recém-chegada ao Pandiá Calógeras e atuante do Curso Normal. Normalmente a presença de um novo professor cria entre os alunos expectativas e o interesse em saber quem ele é, especialmente quando há aulas vagas devido à falta de docentes. Notei as juventudes dispostas, alegres, falantes e envolvidas com a organização de um evento sobre o Curso Normal que se aproximava, a Jornada Pedagógica²⁶.

Ao papear com os estudantes, mencionei o interesse em realizar a pesquisa ali e comecei a agendar nossas rodas de conversa de acordo com os horários disponíveis das turmas, pois intuía perpassar as salas de aula na tentativa de conhecer os grupos do 1º ao 3º Ano e sentir a escola. Através dessas conversas iniciais, ouvi as motivações e aspirações das/dos normalistas e conheci fragmentos de suas histórias, tornando-se as narrativas possíveis pistas para o curso da pesquisa.

Essas rodas de conversa iniciais aconteceram presencialmente em 2019 com estudantes que compunham 04 turmas diferentes: uma do 1º Ano, a outra do 2º e mais duas do 3º Ano. Cerca de 40 normalistas se dispuseram a participar desse primeiro momento, cujas narrativas serão encontradas no discorrer da tese. No segundo momento do estudo, atravessado pela pandemia da Covid-19, as experiências com os sujeitos participantes se deram através das tecnologias digitais em rede, por meio dos aplicativos *WhatsApp* e *Google Meet*, recursos fundamentais para a continuidade da pesquisa.

Entre as conversas iniciadas com um grupo de alunos sobre a escolha do Curso Normal, um dos jovens relatou gostar muito de crianças e de atividades relacionadas à educação, então essa modalidade de ensino se colocava como uma boa possibilidade, já que seu objetivo era trabalhar com a primeira infância. Uma das colegas destacou seu comprometimento e dedicação em relação ao Curso, enunciando: “Professora, esse menino é brilhante, muito dedicado”. Observo em sua fala a convicção de que enunciar é argumentar, é agir intencionalmente na direção do outro (GOULART, 2007). Num

²⁶ É comum as escolas que oferecem o Curso Normal produzirem anualmente um evento sobre a formação de professores para compartilhar suas propostas de trabalho, divulgá-las e apresentá-las aos adolescentes e jovens em função de convidá-los a ingressarem no curso. Esses eventos costumam ser denominados de “Semana Pedagógica”, “Semana do Curso Normal”, “Jornada Pedagógica”, entre outros títulos afins.

gesto responsivo, o aluno que se chama Pedro sorriu e disse: “Eu gosto muito do Curso Normal”. Em continuidade, a relação de diálogo que ali era estabelecida, outro jovem espontaneamente chamou nossa atenção, dizendo:

Professora, eu entrei aqui só pra fazer companhia pra minha irmã. Ela sempre foi muito tímida, e não conseguia vir pro Curso sozinha. Acabando que ela saiu do Curso e eu fiquei (risos) (João Paulo, 17 anos – 2º Ano CN).

Tomados pela curiosa chegada de João Paulo ao Curso Normal, mesmo não sendo inicialmente sua área de interesse, foi-lhe perguntado: Por que você continuou? Através de um largo sorriso, João respondeu: “Porque acabei gostando do Curso Normal, me identifiquei com esse lugar”. Em continuidade ao bate papo, a jovem Lia tomou a palavra dizendo:

Professora, se a senhora souber da minha história, não vai acreditar. Vou te contar, eu já fiz o Ensino Médio, só que formação geral. Meu sonho é ser professora e eu tentei fazer faculdade, tentei por dois anos, mas não consegui passar. Eu queria muito ser professora, então vi que tinha o Curso Normal aqui, e que era uma forma de realizar meu sonho. Como eu não passei pra faculdade pública e não tinha dinheiro pra pagar a particular, aqui foi uma forma de conquistar meu sonho. Saindo daqui posso trabalhar e tentar fazer a faculdade, mas já vou ganhando experiência trabalhando no que eu gosto. (Lia, 21 anos – 2º Ano CN).

Em 2019, com 21 anos, a aluna que cursava o 2º Ano apresentou uma preocupação com a idade em relação aos outros colegas, considerada por alguns como “velha”, pois segundo ela, sua faixa-etária corresponderia aos alunos de uma faculdade. Ao mesmo tempo em que expunha a diferença de idade como um registro marcante no contexto da Escola Normal, Lia ressaltava sua presença nesse espaço justificada pela existência de um sonho, o de ser professora. Desse modo, mesmo diante da negativa de acesso à universidade, o Curso se colocava como porta de entrada para o ingresso na profissão docente, algo que desejava desde muito pequena.

Esse fragmento da história de Lia, carregada de ideologia e de signos, fez-me compreender o quanto o Curso Normal significava para ela e para tantos outros/as jovens. Sua fala, preenchida de sentidos sobre o seu lugar no mundo, carregada de desejos, mas também de decepções, contava-nos sobre a dificuldade de fazer o ensino superior, sem que isso significasse sua desistência. A estudante via no Curso Normal a possibilidade de se tornar professora, mesmo convicta de que ainda faria a faculdade. Percebo aqui que é na “ideologia do cotidiano” enunciada diariamente, “o caminho onde se formam as ideologias constituídas” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1981, p. 10). Ingressar no ensino superior mantinha-se como objetivo, apenas adiado, mas

permanente em seus planos e projeções de vida; seria o tempo aqui entendido como uma dimensão de movimento, transformações e acontecimentos (AMORIM, 2016). Ao lidar com o tempo e com o espaço, passo a compreender o modo pelo qual Lia se relaciona com a realidade, tornando-se a busca pela docência em algo que emerge na palavra.

De acordo com Volochínov (1981), a consciência só se transforma em consciência quando impregnada de conteúdo ideológico (semiótico) e isso se dá no processo de interação social; desse modo, “a realidade ideológica é uma superestrutura situada imediatamente acima da base econômica” (VOLOCHÍNOV, 1981, p. 24). Já existe uma superestrutura ideológica arquitetada na qual a consciência individual aloca-se no âmbito da infraestrutura dos signos sociais, seria então a palavra “o fenômeno ideológico por excelência, aquela que como signo representa as formas ideológicas gerais da comunicação semiótica”. “Fazer a faculdade” traz uma simbologia de extrema importância pessoal, mas também social, demonstrando que a formação no ensino superior, ao mesmo tempo que denota um desejo, representa uma exigência instituída pela lei, obviamente para atender às transformações do mercado de trabalho.

Entre as rodas de conversa realizadas em uma turma do 3º ano, outra aluna relatou um pouco de sua história acompanhada do desejo de fazer o Curso Normal. Também formada no Ensino Médio e com uma formação técnica em enfermagem, a normalista trouxe a seguinte narrativa:

Meu nome é Ana, tenho 51 anos, boa ideia (risos). Sou a mais velha da turma, eu aprendo muito com elas todos os dias. Eu estou aqui porque era um sonho de menina, então eu tinha esse sonho de ser professora. É... até fiz um curso de enfermagem também, mas vi que não era o que eu queria. Aí eu acabei me casando muito nova e fui adiando esse sonho, tive meus filhos, fiquei viúva e assumi o papel de pai e mãe, então fui adiando né. E quando eu consegui vir, vi que meus filhos já estavam crescidos, eu decidi pensar um pouco em mim, investir em mim, acreditar em mim novamente. Minha família achou que eu não devia estudar porque eu to muito velha, eu to com o pé na cova. Eu até ouvi essa expressão, “pé na cova”, mas eu falei, enquanto eu tiver saúde, vida eu vou estudar. Então eu vou viver dentro da escola, eu vou estudar a vida toda. (Ana, 51 anos – 3º Ano CN)

Ao ouvir o que Ana nos trouxe, notamos a palavra carregada de densidade ideológica, num misto de valores atribuídos por ela em função da continuidade de sua formação, como também dos outros a respeito de sua idade. Ouvi-la trouxe à pesquisa e aos sujeitos participantes ganhos em relação ao conceito de juventude, que não se restringe à idade cronológica, mas ao vigor que possuía em prol dos estudos; estaríamos diante do termo juventude entendido como estado de ânimo (LEÓN, 2005).

O valor social dado a uma palavra se expande na medida em que seu uso vai ganhando espaço nas relações humanas, quanto mais difundida uma entoação²⁷, mais força adquire. As entoações, conforme explica Stella (2005), são os valores atribuídos ao que foi dito pelo interlocutor, ou seja, a palavra dita constitui-se como produto ideológico, oriundo da interação com a realidade. O imaginário social que recai sobre a possibilidade de Ana voltar a estudar e se tornar professora aos 51 anos surge numa relação de desvalor e de tempo findado. Senti estar transitando no solo “das descobertas, das revelações, das tomadas de conhecimento, das comunicações, das produções de sentido entre o eu e o outro” (SOUZA; ALBUQUERQUE, 2012, p. 110).

A voz de Ana ecoou em mim provocando retornar à minha história, atravessada pelo sonho de me tornar professora, sem que isso findasse no Curso Normal. Diferente da estudante, concluí a formação aos 18 anos, mas ingressar no ensino superior foi um projeto que só concluí aos 29 anos. Na época, era atormentada pela “pressão” social da idade, sentia-me atrasada diante dos ponteiros do relógio social insistentes em padronizar o que é plural. Afinal, minha chegada à universidade em um fuso horário diferente do que marcava a norma traduzia-se como reflexo da desigualdade social. Precisei enfrentar muitos desafios, entre eles, o maior era a necessidade de uma empregabilidade para seguir o fluxo da vida, sobreviver.

Ao passo que ouvia o que o campo me trazia, senti um desassossego porque as palavras que ali emergiam esbarravam-se na minha história. Passaram-se mais de vinte anos e as problemáticas continuavam as mesmas ou até piores. Ainda me sinto “atrasada” diante dos horários oficiais, pois somente aos 39 anos terminei o mestrado e com 40 ingressei no doutorado. Ana, aos 51, está concluindo o Ensino Médio desejando continuar. Vai prosseguir enfrentando os obstáculos, rompendo padrões e resistindo.

Eu ouvi muitas pessoas falando que eu não ia conseguir, que eu ia trabalhar de bengala, que eu já tenho 51 anos né, mas eu falei não, eu vou nem que eu tenha trabalhar de bengala, me arrastando, mas eu vou trabalhar e vou realizar meu sonho. Se for da vontade de Deus eu vou conseguir chegar a ser

²⁷ Além do valor que Ana trazia ao Curso Normal, chamou-me a atenção duas expressões oriundas das mídias e meios de comunicação, sendo elas: “51 boa ideia”, termo cunhado por uma propaganda de cachaça, replicado socialmente quando alguém está embriagado ou mesmo quando menciona o número para informar a idade, entre outras situações cotidianas. E “pé na cova”, devido ao seriado brasileiro de televisão criado e escrito por Miguel Falabella, exibido pela Rede Globo de 2013 a 2016. Um programa de humor em que uma família “sobrevive” da morte através de serviços funerários. A relação do termo “51” enquanto idade da normalista é atrelada ao deboche ou mesmo à sátira que pessoas socialmente fazem para expressar uma valoração reincidentemente associada à “velhice” e ao tempo esgotado. A idade é vulgarmente enxergada como empecilho ou impedimento para continuar experienciando e movimentando a vida.

professora universitária. Se não, pelo menos já ta valendo a pena, pelo menos eu tentei, não fiquei de braços cruzados. (Ana, 51 anos – 3º Ano CN)

Nesse solo, fui atravessada por uma perturbação, inquietada pelos depoimentos de Lia e Ana que, através das frações de suas histórias, revelavam-nos reflexos da desigualdade social. O inaccessível ao ensino superior e o preconceito destinado à faixa de idade como categorização alheia de não pertencimento ao Curso Normal, são algumas entre tantas outras mazelas vividas por duas mulheres que desejavam formarem-se professoras.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin e Volochínov (1981, p. 148) definem a palavra como um fenômeno ideológico em constante evolução, esclarecendo que “o destino da palavra é o da sociedade que fala”. Enquanto material ideológico, vozes vão se constituindo como eternização de verdades, atribuindo signos ideológicos que se acumulam e presentificam nos discursos sociais historicamente construídos. Ao me deparar com as narrativas das/dos normalistas, senti que a pesquisa havia iniciado, convicta apenas da importância de uma escuta sensível pautada na possibilidade de muitas descobertas. Assim comecei a viver o campo no qual as/os participantes, ao refletirem sobre seus dilemas, desafios e conquistas, iam produzindo saberes que as/os colocavam “como “sujeitos” e não “objetos” da pesquisa” (SERPA, 2013, p. 1).

As conversas com as normalistas me conduziram a refletir sobre as saídas por elas/eles encontradas para realizar o desejo da docência que para umas/uns surgia como projeto de vida e, para outras/os, apenas como um rito de passagem. Aos que sonhavam tornarem-se professores, a densidade ideológica valorativa em relação ao Curso Normal emergia na palavra, onde situações de tensão e conflito também eram vivificadas especialmente quando confrontados pelos discursos que enfatizavam essa modalidade de ensino como espaço transitório em prol apenas de um certificado.

Eu entrei no Curso Normal porque basicamente foi uma decisão dos meus pais, porque eu não queria então fui obrigado. Na cabeça deles é que tipo assim, pelo menos vai sair com uma profissão (Vitor, 17 anos 3º Ano CN).

Primeiramente eu entrei porque eu queria fazer o Ensino Médio com um curso profissionalizante porque eu pretendia trabalhar e estudar na faculdade futuramente. Não sei se isso vai se tornar realidade. Eu quero seguir carreira em engenharia mecânica, pretendo e são áreas meio distintas (Luiza, 18 anos 1º Ano CN).

Eu vim pro Curso Normal porque eu queria sair de perto dos meus pais mesmo, ter minha própria independência e conseguir pagar minha faculdade sem depender deles dois. Eu quero começar a trabalhar e ao invés deles me

ajudarem eu ajudar eles [...] mesmo trabalhando e estudando porque na verdade eu quero ser veterinária, eu to aqui no Curso Normal pra conseguir trabalho. (Pâmella, 15 anos 1º Ano CN).

Obter o diploma de professor apresentava traduções distintas entre as normalistas, para uns significava realização pessoal e profissional, enquanto para outros apenas um atestado de profissão, mesmo não sendo a carreira sonhada. Ressaltamos a relevância “dos segredos, das mentiras, das indiscrições, das ofensas, dos confrontos de pontos de vistas que inevitavelmente acontecem nas relações entre humanos” (SOUZA; ALBUQUERQUE, 2012, p. 110). Conforme destacam as autoras, Bakhtin problematizava o antagonismo entre “certo” e “errado”, entendendo que tal critério está no âmbito das ciências exatas e não das ciências humanas em que o conhecimento implica a instabilidade de nossas certezas e não a sua imutabilidade.

Convém afirmar que onde há vida, há movimento; existe um ressoar de vozes conscientes que se organizam em função de suas necessidades e realidades sociais. Seja como rito de passagem ou realização de ideais, perceber as inventividades, produções e sagacidade das/dos normalistas, no cotidiano do Curso Normal, ecoou à pesquisa como uma grande tecnologia.

No discorrer da conversa, uma estudante compartilha a sua palavra dizendo:

Eu to aqui porque só tinha vaga no Curso Normal pra minha mãe fazer minha matrícula. Ai minha mãe falou: Não sei. Você vai querer ficar o dia todo estudando? Eu não queria ser professora naquele momento, ai eu comecei a ver o que era ser professora, o que era educação, o que era o magistério, aí eu comecei a gostar. E eu gosto bastante, eu digo que eu não escolhi o Curso Normal, o Curso Normal é que me escolheu porque eu entrei aqui sem perspectiva nenhuma (Érica, 19 anos 3º Ano CN).

Incerta sobre o que encontraria fazendo o Curso Normal e ciente de que a carga horária era intensa, a escolha pela matrícula foi movida pela falta de vaga no Curso de Formação Geral, tornando-se naquele momento sua única opção. Contudo, ao experienciar o cotidiano da formação de professores, Érica se sentiu apaixonada, envolvida por esse lugar, acrescentando que:

Ah vou fazer isso porque pelo menos depois que eu sair eu vou ter uma profissão, mas não é nada disso que a gente pensa. A gente vai ser professora e acabou? Não. A gente vai continuar estudando, se formando, vai continuar se especializando. E eu gostei, eu já sei que eu quero ser professora [...]. Minha paixão mesmo é o Fundamental II e o Fundamental I.

Perguntei em que momento a Érica descobriu essa paixão pela docência, especialmente pelo trabalho com os alunos maiores. Através de muita espontaneidade e brilho nos olhos, relatou:

Foi aqui com os estágios, foi o meu primeiro estágio com o Fundamental que eu percebi que a minha comunicação com elas era melhor. Eu tenho mais desenvoltura com os maiores, eu consigo é passar a informação sem ficar chato, eu acho que sim. Eu consigo conversar e fazer aquela troca, eu não pego e imponho as coisas, eu não pego e jogo a informação, a gente constrói conhecimento com a conversa.

Notei reverberar seus processos identitários através da experiência com os estágios, a relação prática com o Curso que percorria desde a Educação Infantil, as séries iniciais do Ensino Fundamental e a Educação de Jovens e Adultos. Foi vivenciando e percorrendo esses lugares que a normalista se sentiu afinada com as crianças maiores. Percebi reflexões que apontavam para as metodologias de ensino, seu processo dialógico com os discentes, ela entendia que na conversa, numa relação próxima com os alunos, conseguia experimentar uma educação que se produz no diálogo e não na transmissão. Ecos das aprendizagens tecidas sobre e com Paulo Freire nas aulas de EJA e, também, de seu desejo de construir uma escola mais democrática.

Fui afetada pelo que diz Freire a respeito de uma prática de educar apenas narradora. Érica trouxe esse movimento reflexivo ao dizer que não “impõe as coisas” e “não joga a informação”. Ao ouvir sua palavra e compreendê-la, percebo uma sonorização de quem experimentou uma escola “chata”, transmissiva, que ao abrir mão do diálogo com os estudantes, ausentou-se na construção de uma escola viva, mais interessante, centrada nos programas, na execução dos conteúdos formatados. Vejamos:

Narração de conteúdos que, por isto mesmo, tendem a petrificar-se ou a fazer-se algo quase morto, sejam valores ou dimensões concretas da realidade. Narração ou dissertação que implica num sujeito – o narrador – e em objetos pacientes, ouvintes – os educandos. Há uma quase enfermidade da narração. A tônica da educação é preponderantemente esta – narrar, sempre narrar (FREIRE, 1987 p. 37).

Ao trazer Paulo Freire, compartilho das aprendizagens que venho desenvolvendo quando escuto os jovens. Compreendo que a prática narradora tratada pelo autor se refere à concepção de educação bancária, na qual a narração é apenas do educador que, conduzindo os educandos à memorização, detém-se apenas ao conteúdo narrado. Contudo, compartilho de uma prática narradora distante dessa percepção quando me abro às narrativas dos estudantes, que enquanto vivas tornam o processo educacional potente. Trocar nossas experiências e não dizer ou impor apenas a minha palavra é

romper com a contação de apenas um lado da história, é rejeitar práticas de opressão e de autoritarismo.

As/os estudantes têm narrado porque se encontram no Curso Normal, mencionadas as produções de sentidos dadas a essa formação e marcada sua estadia nesse espaço formativo. Observava os mecanismos criados por cada um para ali permanecer, atravessados por sonhos, dúvidas, inquietações e lutas. Notava um cenário povoado de humanidades e tecnologias, e queria saber mais a esse respeito. Essas tecnologias estavam nas mãos, através dos celulares, mas também estavam nas ações criadas para se formarem professoras/es, obterem um diploma, seguirem seus percursos.

2.3 As jovens, seus modos de ser, de pensar e interpretar as tecnologias digitais em rede

Comunicar é partilhar sentido.

Pierre Lévy

Em diálogo com o Curso Normal, insisto em dizer que as juventudes são vivas e potentes, elas me atraem como um ímã e me impulsionam a uma relação cada vez mais dialógica. No percurso da pesquisa, compreendi que “o sujeito não é coisa, pois ele fala, ele tem consciência, ele se alarga continuamente para receber outra consciência que também se alarga” (MIOTELLO, 2012, p. 153). Em concordância com o autor, realço o diálogo como o lugar construtor. Ao quebrar o meu limite, o diálogo se instaura como possibilidade, vejo que “o objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante” (BAKHTIN, 2011, p. 395).

Ciente dessa concepção bakhtiniana e diante do interesse em discutir a tecnologia digital móvel que compõe o cotidiano das/dos estudantes, encontrei na descoberta da palavra um brilho que não se esgota nas telas dos *smartphones*, mas as transcende. Diferentes linguagens e modos de comunicar são mediados pelos artefatos culturais eletrônico-digitais e as juventudes têm se apropriado desses meios para produzir sentidos. McLuhan (2007) discute que o meio é a mensagem, os meios como extensões do homem dão a compreensão de que as tecnologias seriam uma espécie de extensão do corpo humano. Nesse sentido, “a mensagem de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas” (MCLUHAN, 2007, p. 22). Penso na invenção de outras

tecnologias desenvolvidas pelas juventudes, quando essas observam o meio e concebem mecanismos para driblar e criar outros modos de fazer mais interessantes. A importância dos artefatos técnicos não está propriamente neles, mas nas apropriações de seus usuários, naquilo que elas e eles criam, inventam e produzem.

As juventudes que se encontram na escola constroem sua trajetória pessoal e coletiva que se soma aos outros *espaçotempos*²⁸ por elas vividos. São praticantes de culturas, possuem historicidade *dentrofora* de seus colégios, são singulares, portadoras de desejos e se movimentam não apenas interpretando o mundo, mas especialmente lhe dando sentido (DAYRELL, 2003). Conhecer as jovens, suas singularidades, seus modos de ser e de enxergar o mundo é caminhar na contramão do que propõem os modelos de educação capitalísticos. Esses costumam produzir meios de pormenorizar as jovens através “do controle hegemônico das subjetividades” (CORDEIRO, 2009, p. 27).

De acordo com Cordeiro (2009), as práticas hegemônicas direcionadas às juventudes se dão quando ações reguladoras normatizam comportamentos, impõem a disciplina e a despolitização de seus corpos e mentes. Penso ainda nos currículos que comumente são impostos aos jovens, na formação voltada para um “saber fazer” que lhes é oferecida e na própria tecnologia de cunho instrumental que não corresponde aos seus reais interesses. Essa é a relação monológica que se dá quando a existência do outro é objetificada, cabendo-lhe apenas corresponder aos projetos de uma sociedade capitalista que nega a outra consciência.

A relação monológica estabelecida com as juventudes se dá quando elas são perspectivadas como “utilidades” sociais, quando são coisificadas pelo outro. Esse é o modo particular de o capitalismo criar as condições para um determinado tipo de consciência, círculo vicioso de não reconhecimento do homem na sociedade de classes (BAKHTIN, 2011) e de reificação das juventudes. Realizar uma representação conclusa sobre as jovens é assumir a posição de monólogo que “concluído e surdo à resposta do outro, não o espera nem reconhece nele força decisiva” (BAKHTIN, 2011, p. 348). Ações como essas são reproduzidas por vozes oficiais que dão a última palavra, seja a contida nas políticas educacionais de caráter verticalizado, seja a do professor que dá uma ordem, seja a de representantes governamentais que costumeiramente invisibilizam

²⁸ Termo cunhado por Nilda Alves para ressaltar a importância de superação dos limites do modo dicotomizado moderno de pensar. A autora não separa a escola dos outros espaços sociais, entendendo-a como um destes “*espaçotempos*”. Compreende ainda que a vida acontece “*dentrofora*” da escola e que todas e todos que ali se encontram aprendem e ensinam juntos preferindo utilizar o termo “*aprenderensinar*” (ALVES, 2004).

os modos de sentir, de pensar e de *aprenderensinar* das juventudes nos espaços possíveis da vida (CORDEIRO, 2009).

Desejosa por ouvir as normalistas, reconheço que “não posso passar sem o outro, não posso me tornar eu mesmo sem o outro; eu devo encontrar o outro em mim (no reflexo recíproco, na percepção recíproca)” (BAKHTIN, 2011, p.342). Foi no movimento de interação entre as consciências presentes no campo que a pesquisa começou a fazer sentido, ali pude descobrir o outro através de sua palavra.

Ao conversarmos sobre as relações que as normalistas estabeleciam com as tecnologias digitais em seu cotidiano, algumas reflexões começaram a ser enunciadas. Percebi que querer saber o que pensavam sobre o tema causou um estado de ânimo às/aos estudantes. Foi aqui que senti uma vibração diferente²⁹ entre as jovens, a palavra começou a circular com intensidade. Durante a conversa, euforias, discordâncias, concordâncias e diferentes interpretações iam surgindo. Entre as narrativas,

Eu particularmente não acho bom as tecnologias pra se usar, mas infelizmente (pausa) calma gente eu vou explicar. Eu não acho bom gente, porque a gente perde tempo nas tecnologias e tipo o livro, eu acho errado ler livro no celular, eu não consigo prefiro impresso. Uso muito rede social, mas não queria usar muito, mas eu uso [risos] (Anna Júlia, 15 anos 1º Ano CN).

Quando Anna Júlia começou a compartilhar a sua palavra, as normalistas que compunham a roda sorriram (interrompendo a sua fala). O sorriso foi motivado pela afirmativa inicial da colega, pois segundo o grupo, a maioria gostava de manusear o celular, inclusive a própria Anna. Ao concluir o pensamento, a jovem explicou que não tinha o hábito de estudar no celular, preferindo realizar suas leituras e produções escolares utilizando materiais impressos.

Ao ouvir a jovem, penso nas contribuições de Santaella (2013) que categoriza quatro tipos de leitores concebidos a partir das transformações da sociedade movida por tecnologias. Conforme explica, o primeiro leitor é denominado de contemplativo; o segundo, movente; o terceiro, imersivo e o quarto, ubíquo. Segundo a autora, o leitor contemplativo seria aquele da era do livro impresso com imagens fixas, historicamente marcado pela era pré-industrial; já o leitor movente, caracteriza-se como aquele surgido a partir da revolução industrial, do contato com a urbanização, com a metrópole, com os

²⁹ Foi um encontro animado, as jovens que compunham a turma 1001 CN se dispuseram à conversa com intensidade. Nesse dia, surgiu o tema memes como interesse de estudo. Detalho esse acontecimento a partir da página 70, onde discorro sobre o recorte da pesquisa e começo a pesquisar com.

leiteiros, com o jornal, a fotografia e a televisão. Enquanto o terceiro leitor, o imersivo, teria advindo das redes de informação e comunicação, mais precisamente do contexto das redes de computadores. O quarto leitor resultou do desenvolvimento das redes sociais e do crescimento exponencial dos aparatos móveis de comunicação, como os celulares que, conectados à internet, produzem acesso instantâneo às redes, acessando os ambientes *online* de qualquer lugar, sem a necessidade dos sujeitos fixarem-se diante de um computador.

A partir do exposto, é importante destacar que, apesar de existir uma continuidade histórica no surgimento desses tipos de leitores, “isso não significa que um exclui o outro, que o aparecimento de um tipo de leitor leva ao desaparecimento do tipo anterior” (SANTAELLA, 2005, p.10). Desse modo, as juventudes vão desenvolvendo sua maneira própria de ler, consumir e de produzir sentidos.

Ouvir a(s) juventude(s) é necessário para que possa ser compreendida como categoria social constitutiva de um determinado modo de ser jovem (DAYRELL, 2003, p. 40). Fora dessa compreensão, qualquer estereótipo ou acabamento que lhe seja dado caem por terra. Conforme expressou a estudante, o manuseio que fazia do celular era voltado para acessar as redes sociais, entreter-se e não ler livros ou cumprir tarefas escolares. Em continuidade ao assunto, outras/os colegas anunciam a sua palavra:

Eu acho que atrapalha muito, tem pessoas que ficam focadas demais nas redes sociais e esquecem da vida (Gabi, 15 anos 1º Ano CN).

Gosto do *Facebook* e do *Youtube*. Eu gosto dos memes tem coisas engraçadas. Tem uns que têm a ver com a vida real, outros que não têm nada a ver. A gente fica rindo, mas caraca tem muita coisa a ver (Vitor, 17 anos 3º Ano CN).

Gabi apresenta seu olhar sobre as redes sociais, ressaltando que estar conectada/o interfere na rotina das pessoas, fazendo com que elas “percam” muito tempo nas páginas *online*. Nesse sentido, Granado (2019) explica que navegar na internet pode ser uma das maiores distrações deste tempo, olhar os aplicativos de mensagens e as redes sociais se torna prática tão corriqueira, que muitos não sentimos o tempo passar. Acessar os artefatos móveis para fazer determinada atividade concorre com outros cardápios digitais, podendo desviar a atenção dos sujeitos sociais. Contudo, não ignoro as múltiplas possibilidades de ação e transformação via redes digitais, tornando-se a tecnologia aliada aos processos criativos, produtivos e reativos aos próprios riscos por ela originados, algo que se confirma através da enunciação do jovem Victor. Penso aqui na ambivalência do riso em Rabellais, riso franco, destemido, que

nega “a coincidência estúpida consigo mesmo” (BAKHTIN, 2010, p. 35), cabendo perguntar se os memes resgatariam o cômico da cultura popular enfraquecido com o individualismo da modernidade. É o que parece com a perspectiva apresentada por Victor, quando menciona que o cômico dos memes dialoga com a vida real.

Penso na potência presente na escola quando os estudantes são enxergados, quando, ao invés de criticados por conta dos artefatos tecnológicos em suas mãos, são abertas oportunidades de diálogo para expressarem suas leituras e enunciarem sua voz. A respeito das práticas culturais e da participação juvenil, Simões (2017) discute a imersão digital em função da ubiquidade das tecnologias, cada vez mais presentes na vida das pessoas, seja onde estiverem, inclusive na escola.

Sendo assim, penso no consumo dos praticantes escolares como “o conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos” (CANCLINI, 1997, p. 53). A teoria sociocultural de consumo envolve uma prática participativa dos sujeitos num cenário de disputas pelo que a sociedade produz e pelos modos de usar os seus produtos. Ou seja, consumir envolve uma ação participativa irrestrita apenas à racionalidade da economia e à reprodução social. As juventudes pensam a respeito das tecnologias, configuram seus usos sem que suas ações sejam necessariamente acríicas. O que se realiza através dos artefatos técnicos pode ser maior do que pensa ou planeja a ordem econômica.

No discorrer da conversa, perguntei que usos faziam dos artefatos digitais. Minha intenção foi provocar um debate movido pelo que muitas vezes ouvi de alguns colegas de profissão quando rotulavam os jovens, comentando como perdiam tempo com os celulares, com coisas superficiais, fúteis, apenas com o objetivo de se divertirem.

Olha só, a gente não pode ser hipócrita, e também não pode generalizar e dizer que só usa pra futilidade. Ah tem que saber que a tecnologia proporciona tudo. Ela vai proporcionar desde momentos pra gente descontrair e momentos para coisas úteis. Então a gente tem que saber dosar e usar da maneira correta (João Pedro, 15 anos, 1º Ano CN).

Eu uso pra ver a vida das pessoas, não só pra isso, mas pra coisas do meu interesse, coisas que vão me ajudar futuramente (Fernanda, 16 anos 1º Ano CN).

Depende do que a pessoa está usando, pra que ela vai ta utilizando. Tem malefícios e benefícios (Júlia, 15 anos, 1º Ano CN).

Tem casos de depressão por causa do celular, por postar uma foto ou coisas assim e pessoas criticando. Mas a tecnologia é uma ferramenta boa sim pra

gente usar, mas ao mesmo tempo prejudica muito (Duda, 16 anos, 1º Ano CN).

Insistindo na conversa, ouvi os seguintes depoimentos que colocam em xeque a opinião de muitos professores para os quais os celulares são responsáveis por dispersar o pensamento dos alunos, como se pensar, hoje, exigisse recolhimento e atenção.

Referindo-se, por exemplo, à leitura, que exigiria concentração dos leitores contemporâneos, Martín-Barbero e Lluich (2011) dizem:

Ao atribuir a crise da leitura de livros entre os jovens unicamente à maligna sedução que exercem as tecnologias da imagem, a escola evita ter que propor a profunda reorganização que atravessa o mundo das linguagens e da escrita; e a conseguinte transformação dos modos de ler que está deixando sem chão a obstinada identificação da leitura com o que diz respeito unicamente ao livro e não à pluralidade e heterogeneidade de textos, relatos e escritas (orais, visuais, musicais, audiovisuais, digitais) que hoje circulam (MARTÍN-BARBERO; LLUCH, 2011, p. 23).

É o que os sujeitos da pesquisa apontam nos relatos abaixo:

Eu uso pra aprender coisas sobre medicina também (Pâmella, 15 anos, 1º Ano CN).

Eu uso pra aprender a fazer slime (risos) brincadeira (João, 15 anos, 1º Ano CN).

Foi nas redes sociais que a gente fez a divulgação da nossa Jornada Pedagógica. Sobre a inclusão, tivemos um trabalho muito interessante pra divulgar nossas pesquisas e projetos que nós fazemos, pra mostrar que a gente tem sim aquela coisa de ter benefícios nas nossas pesquisas e como a gente tá usando a tecnologia. Às vezes até a escola dá ideia pra gente tá divulgando nosso trabalho (Anna, 15 anos, 1º Ano).

Eu queria falar um negócio sobre a escola estimular a criatividade, só que eu acho que se fosse pra depender da escola pra gente estimular a criatividade usando celular e a tecnologia, a gente ia ficar, a gente não ia ser criativo. Porque eles mandam a gente usar a tecnologia pra quê? A gente vai lá, lê, entende e copia o que a gente entendeu. Pra mim isso não é estimular a criatividade. Pra mim estimular a criatividade é vamos supor, você pega a sua bicicleta na sua casa que você achou e você pesquisa na internet como desmonta, pinta ela, como você pode transformar ela em outra coisa, entendeu? Um exemplo porque foi uma coisa que aconteceu comigo entendeu? Pra mim a escola nunca vai estimular a criatividade nesse ponto, porque até agora comigo não aconteceu. Então eu acho que estimular a criatividade é pra você abrir sua cabeça, eu acho que você tem que fazer dentro de casa porque dentro da escola você não tem um campo tão grande pra pensar, tem muita regra, tem muita norma pra você estimular a criatividade. E criatividade você tem que ir além da cachola, não da pra ficar preso entendeu? Acho que a escola não é muito boa nesse ponto. Seria inteligente, seria criativo e a escola trabalha com a gente a inteligência intelectual (Pedro, 16 anos, 1º Ano CN).

Cabe, então, problematizar os modos de pensar e fazer dos/das normalistas como tecnologias de reação, tanto em relação ao Curso Normal como espaço de formação, quanto às usabilidades referentes aos artefatos ciberculturais, conforme mostra Pedro quando, do alto de seu senso crítico, aos 16 anos, diz que na escola a tecnologia é usada para o aluno entender e copiar o que já entendeu. Vejo aqui que a “atitude humana é um texto em potencial” (BEZERRA, 2016, p. 78).

Entre entretenimento, aprendizagem, fofoca, diversão e ciência, as tecnologias integram o cotidiano dos estudantes, compondo um misto de saberes e fazeres que transcende a uma lógica meramente instrumental ou conteudista. Quando Geraldini (2010) argumenta sobre a importância de a educação valorizar o vivido pelo aluno, Pedro em sua narrativa retoma essa reflexão ao colocar em pauta a necessidade de espaços destinados à criatividade, que conduzam o estudante à experiência de sair da “cachola”, do previsível, onde regras, normas e práticas mais conteudistas acabam ofuscando esse acontecimento. Percebi que o pensamento de Pedro não era algo fortuito, mas um ato responsável, a entonação de sua palavra não se tratava de uma mera opinião, mas do pensamento manifesto do lugar de onde via e como via (BRAIT, 2009).

Outras potências também vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa no contexto que conjuga educação e tecnologias dizem respeito à possibilidade da pesquisa nos ambientes virtuais, do entretenimento, da leitura e escrita em outros contextos ciberculturais, onde vão estabelecendo suas relações com o conhecimento e com as próprias práticas de cunho pedagógico na escola. O ganho que essa experiência discursiva possibilitou à pesquisa foi o de pensar as tecnologias numa dimensão epistemológica em que as práticas culturais das/dos normalistas revelam-se como saídas cotidianas, alternativas de formação mediadas por artefatos técnicos que se constituem por um *sensorium* diverso daquele de gerações anteriores à dinâmica cibercultural.

Ressalto que a técnica, além de comportar uma totalidade de instrumentos, equipamentos e de atividades humanas, também comporta “um sistema de símbolos, através dos quais a natureza é vista como algo manipulável, segundo decisões humanas” (VARGAS, 1994, p. 182). Nesse sentido, aquilo que os estudantes traduzem como tecnologias de seu cotidiano, de algum modo representam suas sabedorias sobre o Curso que frequentam e sobre os próprios artefatos, digitais ou não, que manejam.

De acordo com Oliveira (2008), a tecnologia como uma espécie de conhecimento imprime na sociedade capitalista uma tonalidade de valorização,

normalmente inclinada à potencialização da indústria e do mercado, porém, é importante destacar que, enquanto qualidade de conhecimento, a tecnologia também responde aos ideários capitalísticos de forma crítica e sagaz. Essa evidência se torna clara quando as normalistas em seus processos formativos rompem com as formas presumidas de consumo, produzindo no dia a dia outros procedimentos para usufruir da escola e da própria cibercultura, inclusive quando educação e cibercultura também carregam tonalidades ideológicas neoliberais.

Recordo Althusser (1985) ao sinalizar a escola como aparelho ideológico do Estado, responsável por fabricar as forças produtivas em função dos interesses do capitalismo, sem com isso deixar de ressaltar Giroux (1997) ao pensar a escola como espaço potente para o desenvolvimento da consciência crítica, lugar onde os estudantes também aprendem com seus professores (intelectuais transformadores) a serem reflexivos e ativos.

Notei que as jovens significam as tecnologias de modo particular. Pensam a respeito das usabilidades, sem que haja concordância em todos os aspectos. Essa dessintonia ressalta a importância de olhar as juventudes sem estereotipá-las homogeneamente.

Muitas vezes ouvi professores relatarem insatisfação com seus alunos, reclamarem de seu desinteresse e até mesmo incapacidade de aprender, supostamente ocasionados pela presença dos celulares e acessos às redes sociais. Ao invés de denominá-los de “nativos digitais”, “geração copia e cola” ou “cretinos digitais”, espaços de diálogo deveriam ser abertos para ouvirmos as vozes dos estudantes. Reconhecer a existência da cultura digital sugere pensar a tecnologia em outra perspectiva. Ouvir as juventudes e dispor-se à conversa com elas poderia propiciar outra história, distante dos conceitos hegemônicos com que são insistentemente concebidos os jovens, apesar de muitos autores, como Dayrell (2003), Carrano (2013), Reguillo (2000), Martin-Barbero (2011), Sposito (2008) e muitos outros já virem desvinculando esses atores sociais da noção de ameaça social, violência, hedonismo, irresponsabilidade.

No diálogo compartilhado, nas rodas de conversa ainda presenciais, os celulares estavam ali, acessíveis e acessados. Tive a sensação de que os aparelhos móveis compunham suas vestimentas e pude sentir o quanto estavam gostando de falar sobre o que faziam nas redes sociais. Lembro de a jovem Isa ter demonstrado surpresa ao se deparar com meu interesse em pesquisar com os jovens. Ela me olhou e disse:

Professora, o que a gente fala interessa a alguém? Assim vou começar a acreditar que a gente é importante. (Isa, 15 anos, 1º Ano CN).

Antes de iniciar a minha fala, em resposta a Isa, as/os colegas sorriram e dois jovens complementaram,

A gente vai ficar famosa? Vou postar no *Facebook* (risos) (Thayssa, 15 anos, 1º Ano CN).

É claro que a gente é importante (risos). Vamos virar meme (João, 15 anos, 1º Ano CN).

Percebi uma euforia juvenil, o grupo muito animado e disposto em dizer a sua palavra. Foi uma experiência especial, um encontro marcado pela imprevisibilidade e pela grata surpresa de diálogos futuros. Expus à Isa e às/aos normalistas presentes que estar ali representava para mim a possibilidade de aprendizagem mútua, que seus pensares e fazeres eram importantes e acrescentavam à minha formação como pessoa e professora. Afirmei que pesquisar com elas e eles poderia ampliar nossas experiências de *aprenderensinar*, e como professora do Curso Normal, no tempo da cibercultura, desejava descobrir mais a esse respeito.

Enquanto docente convicta de meu inacabamento, sinto que estar com as jovens no Curso Normal me preenche cotidianamente. Com elas e eles renovo minhas forças, aprendo mais, desestabilizo-me, escuto, provooco o pensamento e me formo diariamente. Os dias não se repetem, sempre há uma experiência nova, uma descoberta, e também o reconhecimento de meus não saberes. Nesse sentido, a construção da tese me trouxe mais questionamentos do que propriamente respostas, especialmente por escrever sobre algo que não compunha meu cardápio cultural, os memes. Mas, afinal, como eles surgiram na pesquisa com o Curso Normal?

Nas próximas linhas, escrevo a esse respeito na tentativa de dizer a minha palavra emocionada, preenchida de sentidos por mim produzidos no encontro com jovens que expandiram o meu pensamento e modo de ver, sentir e experienciar o Curso Normal, a cibercultura e os memes.

3. O RECORTE DA PESQUISA E O ENCONTRO COM O OBJETO: QUE TAL “MONTAR UM GRUPO DE PESQUISA SOBRE MEMES NA ESCOLA?”

O escutar também se faz presente,
porque há sempre algo a aprender,
quando se dispõe a ouvir.

Denise Cordeiro

As vozes dos sujeitos que encontrei no campo desencadearam indícios e possíveis trilhas para a pesquisa. Sob a ótica de Serpa (2010), compreendi a essência rizomática e indirigível da conversa, pois nem sempre ela inicia pelo ponto que planejamos começar, culminando, muitas vezes, em lugares imprevisíveis ou mesmo inimagináveis. Conforme a autora, “mesmo quando partimos com um mapa, os ventos, os mares, e a própria viagem vai nos transformando e transformando nossos caminhos” (SERPA, 2010, p. 24). Deixar nos levar faz parte do processo, pois o inesperado apesar de muitas vezes nos desestabilizar também surpreende em forma de achados, os quais pretendo analisar como poéticas e micropolíticas nem sempre visíveis, mas que precisam ser levadas em conta.

Ir a campo, observá-lo, senti-lo e experienciá-lo suscitou entender que método realmente é desvio (BENJAMIN, 1984), é o movimento contínuo do pensamento que inicia, recomeça e se expande retomando determinado objeto da história. Conforme Gagnebin (1999), método para Benjamin é o mesmo que renunciar à discursividade linear, ressaltando que “o pensamento para, volta atrás, vem de novo, espera, hesita, toma fôlego. É o exato contrário de uma consciência segura de si mesmo, do seu alvo e do itinerário a seguir (GAGNEBIN, 1999, p.87).

Voltar ao pensamento possibilita perceber a existência de ecos, mesmo que aparentemente sutis, faz com que observemos o que não se revela aos olhos e ouvidos imediatamente. Ao entrar na escola ao encontro dos sujeitos da pesquisa, via as tecnologias ali presentes, como também as percebia na sala dos professores. Minha atenção começava a despertar numa direção um tanto ou quanto anuviada ainda, confusa, mas nada como escutar a palavra outra para encontrar a minha própria palavra (MIOTELLO, 2020). Essa escuta foi o procedimento escolhido para decifrar a pesquisa. Pelo encontro de palavras, começo a ouvir o que as jovens na formação de professores narram sobre o Curso Normal e suas tecnologias.

Nessa direção, após uma roda de conversa muito produtiva realizada com a turma 1001 CN, na sala de aula permaneceu um grupo de seis estudantes que continuou papeando, falando sobre seus acessos às redes sociais e trocando algumas experiências. Nesse momento, fui surpreendida pela narrativa de João Pedro que trouxe a ideia de iniciar estudos sobre os memes na escola, despertando o interesse das colegas e, obviamente, o meu.

Professora, a gente gosta muito de memes. Tem meme pra tudo. Eu uso meme pra falar de política, de vida de estudante do Curso Normal, das situações que a gente passa. O que vocês acham da gente montar um grupo de pesquisa sobre memes na escola? (João Pedro, 15 anos 1º Ano CN).

Gente, isso vai ser maneiro. Imagina estudar sobre memes na escola (Pamella, 15 anos, 1º Ano CN).

Eu acho que vai ser uma atividade diferenciada na escola e mais alunos podem ficar interessados. Todo mundo adora memes (Isabella, 15 anos 1º Ano).

Vamos fazer uma reunião e aí depois a gente chama mais alunos. Os memes vão atrair a galera (Gabi, 15 anos, 1º Ano CN).

Acho legal. A gente pode se reunir pra organizar as coisas e levar essa ideia pra frente. Tipo, falar de memes na escola vai ser divertido. Podemos chamar mais professores também (Anna Júlia, 15 anos, 1º Ano CN).

Já tô dentro. Caraca isso vai lacrar (Kamilly, 15 anos, 1º Ano).

Eu adorei essa ideia e quero saber mais sobre isso. Saber o que vocês pensam, fazem com memes. Quero conhecer esses memes. Essa ideia do grupo de pesquisa aqui na escola é muito interessante. Estou animada! E aí, vamos conversar sobre memes? (Ana Paula, a professora pesquisadora)

Deparei-me com uma novidade carregada de valores e sentidos e, ao mesmo tempo, atravessada de incômodos sobre o que tantas vezes ouvi em relação à escola pública e aos alunos, denominados de desinteressados, bagunceiros, dispersos e, mais recentemente, digitais demais. Senti que ali começava a despontar uma tese de doutorado. Num misto de ansiedade e apreensão, decidi mergulhar por mares ainda desconhecidos e capturar essa experiência como acontecimento, muito inspirada no que Geraldi (2010) ressaltava em seu livro “A Sala de Aula como Acontecimento”. Estávamos experienciando uma relação dialógica, conversando sobre uma prática cultural atual que compõe o cotidiano das/dos normalistas, interessados em levar à escola o que se encontrava na categoria do vivido.

Senti a necessidade de dar atenção aos sujeitos, olhá-los e ouvi-los, percebendo sua presença no mundo, reconhecendo e admirando suas vozes sem indiferença e mesquinhez, pois meu lugar de professora, especialmente naquele momento, era de quem aprendia e não de quem ensinava. Reflexo de uma escuta alteritária porque envolve sempre o outro, disponível a ouvir não o esperado, mas o inusitado (SOBRAL, 2014). Nasce na conversa uma professora que pesquisa, alguém que mais tem a descobrir do que transmitir. Defronto-me com o método das conversas, compreendendo que:

“Método”, por certo, perigoso, pois nunca se pode ter certeza de que ele leva realmente a algum lugar, mas, pela mesma razão, extremamente precioso, pois só à renúncia à segurança do previsível permite ao pensamento atingir a liberdade. Este caminho cheio de riscos também é o caminho da escrita (GAGNEBIN, 1999, p.88).

Nessa sintonia, se pudesse traduzir esse acontecimento em imagem, diria que é o *print* de uma tela retratando um ato responsivo entre seis jovens e uma pesquisadora numa sala de aula, que juntos inauguraram uma experiência discursiva baseada em encontros. Ali unimos ideias e agendamos outras conversas que se estenderam ao ambiente virtual, através do aplicativo *WhatsApp*, onde formamos um grupo denominado Memes Normalistas, em 18 de novembro de 2019. Nessa perspectiva, a conversa *online* passou a compor a proposta metodológica da pesquisa de campo, inserindo-se numa dimensão dialógica e de alteridade (RUANI; COUTO JÚNIOR; AMARO, 2020), tornando-se o ciberespaço fundamental para a continuidade do estudo.

Convencida da possibilidade de diálogo através das tecnologias digitais em rede, compreendo as mídias como suportes materiais nos quais as linguagens transitam e são corporificadas (SANTAELLA, 2003). Assim, entrevejo a potência comunicacional que pode ocorrer através do *WhatsApp* e com as/os estudantes vislumbro a expansão de nossas conversas sobre os memes, inclusive compartilhando e refletindo com e sobre eles nesse ambiente. De acordo com Santaella, a interatividade permite realizar ações colaborativas na rede e “experimentar a telepresença; visualizar espaços distantes; agir em espaços remotos; coexistir em espaços reais e virtuais; circular em ambientes inteligentes através de sistemas de agentes” (SANTAELLA, 2016, p.21).

Figura 3: Grupo Memes Normalistas



Arquivo de Pesquisa

Nas rodas de conversa, aprofundamos o conceito de memes, acessando textos e ouvindo as experiências que o jovem João Pedro havia vivenciado sobre o tema, acessando *sites*, redes sociais, realizando trabalhos escolares e visitando um projeto de pesquisa no laboratório do IFRJ de Niterói, onde um grupo de estudantes estuda contextos políticos através de memes.

O normalista João Pedro nos apresentou o Museu Virtual de Memes da Universidade Federal Fluminense (UFF), que possui um acervo de materiais sobre o tema. A proposta do museu é mostrar que, enquanto artefato midiático, os memes dialogam sobre contextos sociais, políticos, históricos, comunicacionais e econômicos (COSTA, 2021).

O #MUSEUdeMEMES nasceu de uma dupla provocação. De um lado, como todo museu, ele tem o objetivo de apresentar ao grande público um pouco da memória a respeito de um dado tema. De outro, ele é, em si, um meme, isto é, uma brincadeira, um artifício, cujo principal propósito é estimular a reflexão sobre o papel que ocupam os memes na cultura contemporânea (#MUSEU DE MEMES, 2021).

Figura 4: Museu de Memes – Universidade Federal Fluminense



Fonte: Captura de tela #MUSEUdeMEMES.³⁰ Data: 19 de Nov.2022.

Nessa mesma sintonia, as/os participantes do grupo compartilharam suas leituras sobre essa prática cultural em seu cotidiano, falando dos acessos às redes sociais e o quanto os memes versavam sobre contextos da realidade, sendo esses acontecimentos políticos, sociais e relativos à própria vida de estudante do Curso Normal. Ao escutar o que diziam, aproximava-me não apenas do tema memes, mas também do olhar e da apropriação que faziam a esse respeito.

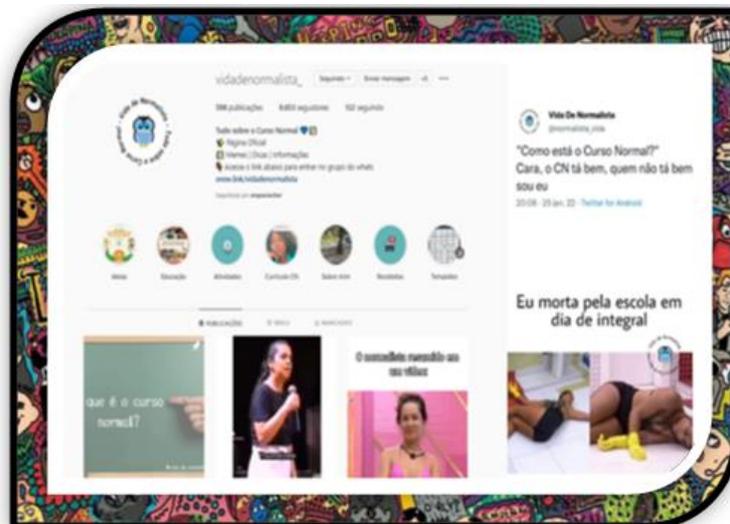
O Museu de Memes é uma página muito legal. Tem a história dos memes, vários artigos, textos e informações. Tem memes de todo tipo, memes que falam sobre situações do dia a dia, sobre política, memes que viralizaram. Eu gosto muito. É um modo da gente se colocar e até entender alguns assuntos (João Pedro, 15 anos, 1º Ano).

Na continuidade da conversa, as/os alunas/os mencionaram seguir uma página no *Facebook* e no *Instagram* denominada “vida de normalista” que aborda situações cotidianas relacionadas ao curso, com postagens de memes. Nas rodas de conversa realizadas na escola, os/as jovens demonstravam em seus celulares memes acessados e compartilhados sobre diversos acontecimentos sociais.

³⁰ Para visitar o museu de memes da Universidade Federal Fluminense acesse: <https://www.museudememes.com.br/>

Tem o *Instagram* que a gente segue que é muito legal também. É o retrato da vida de normalista. Sério, tem cada coisa que a gente enfrenta no Curso Normal que é pura verdade. Os memes mostram isso. Muita gente aqui da turma segue essa página (Anna Júlia, 15 anos, 1º Ano).

Figura 5: *Instagram* Vida de Normalista



Fonte: Captura de tela *Instagram* Vida de Normalista³¹. Data: 19 de Nov.2022.

Com esses memes a gente ri das situações que a gente passa. A gente sofre, mas faz piada. Tipo, o Curso Normal não é fácil, tem muito trabalho, a gente passa o dia todo aqui (Isabella, 15 anos, 1º Ano).

E tem gente que não entende o trabalho que é fazer o CN. Cara, só vivendo isso aqui pra saber. Aí a gente pega esses memes e posta (risos). É uma maneira de a gente falar nosso pensamento (Isabella, 15 anos, 1º Ano).

Figura 6: *Facebook* Vida de Normalista



Fonte: Captura de tela *Facebook* Vida de Normalista³². Data: 19 de Nov.2022.

³¹ A página encontra-se disponível em: https://www.Instagram.com/vida_de_normalista/

³² A página encontra-se disponível em: <https://m.Facebook.com/vidadenormalistasz/?ref=bookmarks>

As páginas virtuais “Vida de Normalista” foram criadas pela jovem Giovanna, que frequentou o Curso Normal no Instituto de Educação Rangel Pestana, localizada em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro. Pude realizar uma conversa *online* com a estudante, hoje graduanda do curso de Pedagogia da UERJ.

Eu criei a página do *Facebook* quando tinha 17 anos e a do *Instagram* quando tinha 18 com o intuito de deixar mais leve e mostrar para as pessoas como é o CN. Naquela época, os memes estavam bem em alta e não tinha nenhuma página ativa com o CN como tema principal e senti falta disso. Nem no Google havia muita informação sobre. Então resolvi criar pra levar informações e pra trazer esse olhar cômico sobre a vida de normalista. (Giovanna, fundadora do *Facebook* e *Instagram* Vida de Normalista).

Esse é o presente vivido pela jovem Geovana, que apresenta o seu modo de atuar nas redes sociais, desejosa pela divulgação de seu Curso e da realidade cotidiana ali experienciada. Suas questões existenciais expostas na internet, através da linguagem dos memes, coadunam com a possibilidade de diálogo com outras normalistas sobre o curso que frequenta. Vejo o seu presente como um espaço válido de formação (DAYRELL, 2003). E sobre os memes, a jovem explica,

eu acredito que são uma forma de deixar a vida mais “leve”, trazer um olhar cômico nas situações “ruins” nos faz sentir melhor. Rir nos faz bem. Sem contar que é bacana mostrar para as pessoas o que passamos sem aquele olhar melancólico, por isso, acredito eu, que sempre há muitos compartilhamentos por aqui. Eu criava os memes com base no que eu vivia no CN mesmo, fazia a partir disso, porém as coisas mudam, por isso me baseio no que eu vivi, nas situações da faculdade (que são parecidas com as do CN) e no que me mencionam ou relatam aqui (Giovanna, fundadora do *Facebook* e *Instagram* Vida de Normalista).

Esse é o modo particular de a jovem Giovanna interpretar a sua realidade e produzir os seus sentidos sobre memes, o Curso Normal e a vida de normalista³³. Em outras palavras, cada jovem é um ser singular “que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade” (DAYRELL, 2003, p. 43). O olhar criativo de Giovanna sobre as redes sociais e os memes entrou em consonância com o que os sujeitos participantes da pesquisa dialogavam.

³³ O *Instagram* “Vida de Normalista” possui 9.751 seguidores. Contagem atualizada em 30 de nov. 2022. A jovem cria os memes e realiza as postagens nas idas e vindas de trem ou de ônibus no percurso de casa para a faculdade e vice-versa. Como pontua, “faço os memes e posto no tempo que sobra, hahaha”. Essa é a vida de normalista que hoje faz graduação.

Desse modo, na continuidade da conversa no campo pesquisado, intencionando conhecer as experiências das/dos normalistas com a temática, quais as suas ideias e interesses, perguntei por que refletir sobre memes em educação. Através de atos responsivos, algumas enunciações:

Pelo fato da gente tá na formação de professores e a questão de que abrir o pensamento de que a aula não é só quadro, quadro, quadro. Mas que tem outras maneiras de abordar e desenvolver no aluno o interesse e até desenvolver várias coisas. E eu acho que o meme seria uma ferramenta bem eficaz (João, 15 anos, 1º Ano CN).

Os memes seriam um jeito de a gente expandir a educação [...]. Então se tivesse uma coisa que chamasse atenção na sala de aula seria importante para o aprendizado e também para os professores ensinarem porque seria uma coisa mais descontraída. Os alunos iriam se divertir, os professores também iam se divertir e seria uma aula pra “brincar” e eles iriam aprender a matéria. (Pâmella, 15 anos, 1º Ano CN).

Essas são prosas vivas presentes na escola. Através das falas, percebi a necessidade de pesquisar para saber mais, conhecer o que não conheço e divulgar o que um grupo de jovens normalistas enunciava, especialmente no curso de formação de professores. Não há como negar as poéticas e políticas ali existentes e, enquanto pesquisadora, dispunha-me a ouvir por concordar com o recado que Bakhtin nos deixou “sobre a importância da multiplicidade de vozes em nosso mundo – uma lição essencialmente de afirmação democrática e antiautoritária” (SCHNAIDERMAN, 2005, p. 15). Percebi, nesse encontro, a oportunidade de conhecer o que as normalistas estavam falando e com elas/eles trilhar uma pesquisa ética, consciente sobre a multiplicidade e riqueza da comunicação humana, analisando os memes como uma prática de linguagem cultural que poderia ser valorizada em educação. Sobre esse aspecto as/os alunos enunciam:

Seria pegar o meme e tentar aplicar isso na educação, sabe? A gente não precisa nem ir tão longe pra perceber isso, da pra gente perceber na nossa vivência mesmo, tem coisas que simplesmente o aluno olha e ele não vê, não faz sentido pra ele. Dá pra tipo abrir novos horizontes, abrir novas maneiras de tá aplicando aquilo, talvez ele se enquadre melhor sabe e assim possa enxergar aquilo ali como algo é... mais atrativo. Por exemplo, a Matemática, a História, nem todos gostam, Sociologia, Filosofia (João Pedro, 15 anos, 1º Ano CN).

Filosofia é chato, por exemplo, quando fica ali na sala de aula falando, falando, falando. Não deveria ser assim, deveria ser FILOSOFIA, sabe. E é muita mesmice mesmo (Gabriela, 15 anos, 1º Ano CN).

É tipo, tá evoluindo aos poucos né. São coisas que a gente não pode parar e pensar: nossa o professor tem que saber “coisar”. Acho que isso é na

pesquisa, eu acho que ai seria legal entrar porque nem todo professor conhece, tem contato com a tecnologia e não consegue se adaptar. Acho que seria uma coisa legal de pesquisar. Por isso acho importante a gente pesquisar como utilizar, entendeu? A maneira correta, o momento correto, entendeu? (João Pedro, 15 anos, 1º Ano CN).

A conversa em movimento, normalistas trocando suas ideias, buscando o melhor caminho para pensar os memes nas práticas educativas, sem que isso ocorresse abruptamente. Ao mesmo tempo em que enunciavam sobre o que fazia parte de seu cotidiano, demonstravam o cuidado sobre como incentivar professores a utilizarem os memes em suas aulas, respeitando o processo de aprendizagem de cada um, sua história e relação com a tecnologia. Vejo o quanto o dialogismo se faz presente na conversa, ver-se e se reconhecer através do outro, a iniciativa de uma convivência e interação baseada no respeito à existência de vozes e consciências independentes, movimento esse totalmente polifônico.

Sinto-me atraída pela palavra anunciada por seis jovens: João Pedro, Ana Júlia, Isabella, Pâmella, Kamilly e Gabriela, que estavam ali conversando sobre memes, assunto que para mim era novo e não se encontrava em meu repertório de conhecimentos. Sobre os memes pouco sabia, possuía uma compreensão superficial e até mesmo hegemônica: quando pensava os memes, os entendia como piadas sem sentido e até mesmo fúteis. Repentinamente, ao ouvi-los, minha consciência se abre para um processo de transformação, não poderia me subtrair diante do nascer de uma pesquisa que pretende “iluminar e validar o pensamento com aquilo que somente do meu lugar pode-se ver ou dizer” (AMORIM, 2009, p.25), captar o que começava a surgir num dado espaço-tempo com as jovens é me apropriar desse contexto assumindo-o em ato.

Era importante abrir-me à interação com a minha consciência e com as outras consciências, compreendendo que os sujeitos são isônomos, possuem autonomia, vida própria e suas marcas identitárias (BEZERRA, 2005). Nessa perspectiva, as normalistas ressaltavam não a definição do que professores devam fazer com memes, mas percebiam no diálogo entre eles a oportunidade de elaborar projetos coletivamente, sem predeterminar o outro ou ditar como deveria proceder. Esse foi o tom dos estudantes diante da experiência iniciada, tornando perceptível que “a entonação é a minha presença na palavra, é o modo de passar à palavra o meu ponto de vista, o valor que atribuo àquele pedaço do mundo significado; pela entonação ideologizo a palavra (GEGE, 2013, p. 35).

A partir das conversas, a sugestão inicial das/dos normalistas era pensar os memes como “ferramentas de ensino”, causando-me conflitos sobre a direção que o estudo poderia tomar. Essa é uma das discussões realizadas no IJEC, pois pensamos a pesquisa acadêmica como caminho de descobertas das produções culturais das juventudes, de professoras/es e infâncias, não sendo nosso objetivo que os estudos que desenvolvemos sejam usados na perspectiva da instrumentalização da educação. Não pesquisamos, pois, para que as “artes de fazer” (CERTEAU, 2014) dos sujeitos sejam inspiração para metodologias de ensino, mas para conhecer como por intermédio dessas astúcias eles subvertem a relação entre conhecimento e poder que, estruturada pelo capitalismo, os mantém na injusta posição de incompetentes, seja na escola, seja fora dela. Interessamos retirar esses sujeitos dessa posição, trazendo à tona sua potência ao mesmo tempo que aprendemos e nos transformamos com ela (OSWALD, 2020).

A dimensão instrumental pensada pelas/os estudantes pode ser justificada por sua inserção no curso de formação de professores, pressupondo a necessidade de experimentar e criar práticas de ensino mais dinâmicas e interativas, algo que se confirma nas narrativas transcritas. Se essa necessidade é compreensível, por outro lado suscita questionamentos: transformar a elaboração espontânea crítica e criativa dos memes em tarefas escolares dirigidas não seria uma prática educativa reducionista? De que forma contemplar a prática cultural dos memes sem uma conotação meramente instrumental?

A gente compartilha meme o tempo todo e também vira meme aqui na sala. Acho que os professores podem fazer uso disso pra trabalhar as suas matérias. Tem meme sobre política, sobre educação, sobre o Curso Normal. Tem muitos memes sobre a vida real, sabe? Por que não usar memes pra ensinar? (Anna Júlia, 15 anos, 1º Ano CN).

Eu acho que os professores poderiam saber o que a gente pensa sobre memes. A gente tá no Curso Normal se formando pra dar aula, então é importante entender como são os alunos de hoje. Imagina os professores colocando isso na prática, dando aula com memes (Isabella, 15 anos, 1º Ano CN).

Ter aulas diferentes é uma coisa legal. E se a gente levar essa ideia dos memes para alguns professores pode ser que eles concordem. Vai ser interessante esse projeto (Kamilly, 15 anos, 1º Ano CN).

Ao mesmo tempo que manifestavam interesse pelo uso didático dos memes, as normalistas destacavam a relevância de práticas de ensino-aprendizagem identificadas com suas experiências, com sua leitura de mundo (FREIRE, 1987), demonstrando que,

já ao final do primeiro ano de formação, apresentavam uma “consciência pedagógica” relativa à construção de sua identidade docente. Como diz Fontoura (2019),

é necessário considerar que o processo de formação de professores é resultado também do compromisso de cada professor com seu próprio desenvolvimento pessoal e profissional. São eles que atribuem ou não sentido ao que fazem e ao que externamente recebem. E isso os torna corresponsáveis pelos processos formativos e pelos desdobramentos dessa formação na prática dos que escolhem o nome professor, sua identidade profissional (p. 307).

A tensão que me atravessa tem a ver com a professora que me tornei, rejeitando consumos das tecnologias pelas tecnologias, por reconhecer que o impacto delas em educação “obriga a pensar novas estratégias pedagógicas” (CANDAU, 2015, p.331), que caminhem ao encontro da diversidade de culturas presente na escola, inclusive a digital. Se crianças e adolescentes apresentam constituições identitárias e subjetividades fluidas, conforme pontua a autora, por outro lado não é possível ignorar o cenário cibercultural como resultado do modelo econômico capitalista, marcado pela presença das grandes empresas e plataformas digitais nas instituições públicas e privadas (PRETTO, 2020). E de acordo com Santos e Santos (2012, p. 3), é necessário “ir além da ideia de produtos, equipamentos, serviços e técnicas inventados, fabricados e colocados no mercado especificamente para serem consumidos com finalidades educativas”. Nessa perspectiva, recorro à prática da resistência nas escolas, com as/os jovens e seu modo inventivo de pensar os memes, “produtores desconhecidos, poetas de seus negócios, inventores de trilhas nas selvas da racionalidade funcionalista” (CERTEAU, 2014, p. 91). Consumidores esses que traçam suas trajetórias distintas do que foi determinado pelos fabricantes.

Embora as tecnologias digitais estejam presentes no cotidiano dos estudantes, compondo suas práticas culturais, é fundamental pensar com as jovens como os meios de comunicação funcionam e são produzidos epistemicamente, considerando que tais aparatos “dão uma visão do mundo sem serem o mundo” (DUBET, 2011, p. 303). Esses são os dilemas de uma professora pesquisadora que, enquanto reflexiva de sua prática, tem o compromisso ético, político e responsável de manter a coerência entre o que faz e o que diz (FREIRE, 1996).

Discutir memes em educação, numa vertente instrumental, traz-me a sensação de uma violência simbólica, pela qual modismos chegam às escolas como “receitas” de transformação, categorizando as práticas das professoras/es como frágeis, tradicionais ou ultrapassadas. É na contramão desse movimento que meu posicionamento ético se

mantém, não poupando “a oportunidade para testemunhar aos alunos a segurança com que me comporto ao discutir um tema, ao analisar um fato, ao expor minha posição” (FREIRE, 1996, p. 135). Ressalto, entretanto, que não excluo a importância de professoras/es possuírem o conhecimento técnico em tecnologias para um manuseio seguro e fecundo de suas práticas com as/os estudantes.

Se os memes surgiram a partir de uma relação dialógica com as normalistas, por que instrumentalizar seu uso? Assim, com as jovens, no grupo de *WhatsApp*, buscamos explorar a linguagem memética, construindo algumas práticas discursivas, ora pedagogicamente pensadas, ora sequer planejadas, apenas vividas e reconhecidas como acontecimento. Assim, caminhei com as normalistas compreendendo que “o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada” (CERTEAU, 2014, p. 38).

Na pesquisa, enfrentamos um desafio, o de viver a experiência e voltar a ela inúmeras vezes, em busca da tonalidade “certa”, pois, enquanto professoras/es, esbarramos em nossas fragilidades humanas e nos “pecados pedagógicos”, vícios cotidianos que algumas vezes cometemos quando achamos que nos formamos para educar, mas não nos educar. Felizmente, a experiência nos forma ao longo da vida e com ela reconheci que sou incompleta, certamente inacabada, dependendo da relação com o outro (as/os estudantes) para me preencher com reciprocidade.

Nessa sintonia, em diálogo com Bakhtin, penso nos memes como enunciação, notando que através deles, vozes são emitidas, produzindo discursos vivos sobre alguma situação, pessoa ou acontecimento, inclusive pelo riso e ironia. Diante de um enunciado, reconheço a existência da palavra persuasiva interior que, acompanhada de uma produtividade criativa, permite a reorganização das palavras de nossos discursos em outros contextos. E nessa proposição, “um meme pode ser caracterizado pela ampla capacidade de gerar autoria e recombinação que um conteúdo, temática ou ideia pode possibilitar” (OLIVEIRA, 2021, p. 295). Nas redes sociais, os memes são compartilhados, replicados e reformulados pelos usuários, materializando diferentes ideias, opiniões e pensamentos.

Certamente, “toda tomada de consciência implica discurso interior, entoação interior e estilo interior” (BAKHTIN, 1992, p. 84), ficando para a expressão exterior a orientação capturada pelo discurso que vem de dentro de nós com nossas entoações. Entendo, pois, que ao se engajarem em discursos, os sujeitos (re) constroem suas identidades, pois é no contato com diversos interlocutores, concordando ou não com

seus discursos, que seus posicionamentos configuram suas identidades políticas, religiosas, docentes, entre outras (SANTANA, 2018).

3.1 Os memes no campo: “seria muito legal que a escola trouxesse essa invasão da Área 51 pra uma sala interativa mesmo”

Os memes na cultura digital
materializam a função pedagógica
da comicidade e do humor em nosso tempo.

Kaio Eduardo Oliveira

Na escola, em continuidade ao diálogo com as normalistas sobre os memes, busquei conhecer a dimensão dessa prática cultural em seu cotidiano. Conforme Oliveira (2021, p. 296), “esse tipo de linguagem digital integra o nosso arsenal diário de conexões com o mundo” e nessa tessitura os modos de dizer que se propagam na internet também são representados na cotidianidade, não apenas nas redes sociais, mas também nos espaços físicos. Foi o que descobri com as jovens quando o assunto “invasão da Área 51” surgiu na sala de aula. Entre relatos sobre os efeitos meméticos na vida, elas/eles enunciavam:

[...] seria muito legal que a escola trouxesse essa invasão da Área 51 pra uma sala interativa mesmo, onde as pessoas pudessem ter interação com Biologia, Matemática como se realmente tivesse invadido a Área 51, sabe. Foram memes que as pessoas fizeram de verdade sabe? As pessoas falando sobre invadir a Área 51, mas essa é uma área protegida pelo exército, ninguém entra. Só que as pessoas de verdade tentaram fazer isso e virou meme sobre algo real, tipo um meme que repercutiu no mundo (Pâmela, 15 anos, 1º Ano CN)

[...] todo mundo se comovendo pra entrar num lugar que sabe que não tem como entrar porque é um lugar protegido pelo exército dos Estados Unidos e quem tentar leva tiro de metralhadora. Isso repercutiu na Europa, nos Estados Unidos, no Brasil, Japão e em vários lugares. E foi um meme que as pessoas levaram a sério, pessoas foram um dia pra lá e fizeram isso de verdade. (Anna Júlia, 15 anos, 1º Ano CN)

As alunas referiam-se ao evento fictício³⁴ (NOVELLI, 2019) criado por um estudante universitário da Califórnia, em junho de 2019, que através de uma postagem no *Facebook*, convidou a sociedade para uma hipotética invasão da Área 51. Apesar de ser uma piada, a repercussão foi imensa, provocando a aglomeração de pessoas à base

³⁴ Reportagem sobre a “Invasão da Área 51” disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/area-51-fanaticos-por-ets-preparam-invasao-da-base-secreta-dos-eua/>. Acesso em: 10 dez. 2019.

secreta da Força Aérea dos Estados Unidos, associada à teoria da conspiração, de supostas experiências com extraterrestres. A postagem viralizou dando visibilidade à área comumente despercebida, devido aos poucos atrativos de uma paisagem árida e empoeirada que caracterizava o local. Divulgar nas redes sociais tal acontecimento trouxe enorme repercussão, suscitando um refletir sobre o quanto as enunciações presentes na internet mobilizam a vida social.

Postei o evento sobre a Área 51 no *Facebook* por volta das duas da madrugada de 27 de junho", contou Roberts à BBC. "Foi totalmente uma piada, desde o início. Então veio do nada uma avalanche de compartilhamentos, o evento ganhou atenção de todo lugar, e isso foi fantástico (MATTY ROBERTS, 2019, BBC News).

As normalistas utilizaram o exemplo para clarificar a importância de a escola valorizar a linguagem do cotidiano, expressando que as postagens na internet têm influenciado a vida das pessoas de forma significativa. Os *posts* engraçados (memes), também carregam tom de ironia e sarcasmo a respeito de diversos fatos sociais, representando modos de fazer pensar e agir. Nessa linha, o meme não se reduz “a um padrão estético ou simplesmente a uma piada. É capaz de construir pontes e ao mesmo tempo reforçar debates ideológicos, questões culturais e sociais” (OLIVEIRA, 2021, p. 298). Desse modo, enquanto experiência de aprendizagem, os estudantes consideraram pertinente a inserção dos memes em educação, mesmo ainda incertos sobre quais “proposições pedagógicas” poderiam substanciar as práticas docentes no campo escolar.

No diálogo, compreendi que na condição de “futuros professores”, ao mesmo tempo que eram praticantes de outras linguagens, possuíam a necessidade de serem ouvidos e correspondidos. Existia ali uma voz consciência aclarando que se formar professor implica o reconhecimento das culturas presentes na escola. Estaríamos diante da linguagem interior dos alunos como sociologização de suas manifestações orgânicas (VOLOCHÍNOV, 2013), expressando uma “fome” (necessidade) que vem do interior para o exterior, materializada ideologicamente através da palavra, que antes de dita é sentida.

A entonação das vozes discentes expressava uma atitude entusiasmada em relação ao tema memes, que era o objeto de enunciação. Juntamente vinha o questionamento sobre a visibilidade e valorização de uma prática cultural cotidiana das/dos normalistas: a linguagem memética no espaço educacional. Havia ali o desejo humano sentido e expresso, mas anteriormente passado “pelo estágio da refração ideológica e social” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 147).

Os memes gerados sobre “a invasão da Área 51” e os impactos desse evento nas redes sociais me fizeram pensar na relevância de discutir temas da atualidade em educação com nossos estudantes, especialmente quando eles inferem diretamente no comportamento humano. Os memes seriam um meio de se relacionar com a comunicação e a cibercultura, ultrapassando o sentido de uma mera brincadeira (CALIXTO, 2019). O autor ressalta a categoria do meme como “zoeira”, um modo de “a partir de alguma informação ou notícia que circula na internet, criar e compartilhar intervenções cômicas a respeito de um determinado tema” (CALIXTO, 2019, p. 134). A ilustração a seguir revela a repercussão da postagem que mobilizou pessoas ao local do suposto evento, assim como as reflexões desencadeadas, intencionalmente, em tom parodiado, mas crítico.

Figura 7: A “invasão” acontecendo



Fonte: Página do Correio Braziliense³⁵

Ao valorizar temas de interesse das juventudes, produzimos com elas currículos outros em diálogo com as suas realidades. Os memes, enquanto linguagem, retrata fatos reais e cotidianos fazendo ressoar diferentes vozes, eles “trazem com humor, elementos para a imaginação que recria e interpreta a realidade” (ALMEIDA; OLIVEIRA; SANTOS, 2019, p. 61). É a representação do mundo expressa por palavras entre humanos (MIOTELLO, 2005) como ação comunicativa de signos, valores, pontos de vista situados sócio-historicamente. Se de um lado existe uma ideologia que controla, proíbe, vigia; do outro há a ideologia dos que buscam arrebentar as amarras que os aprisionam.

³⁵ Disponível em: < encurtador.com. br/guK57 >. Acesso em: 29 set.2020.

Minhas leituras bakhtinianas permitem afirmar que os sujeitos são constituídos não apenas de práticas discursivas, mas de todas as ações humanas pelas quais “mesmo as mediadas pelo discurso, oferecem espaços de encontros de constituição da subjetividade, pela constituição de sentidos” (MIOTELLO, 2005, p. 171). Os memes reverberam vozes em ação. Proliferados nas redes, materializam-se como movimento de insurgência daqueles que marcam sua palavra. Diante da palavra exterior que coíbe, há também a palavra interior que responde para se libertar.

Percebi que a temática “invasão da Área 51” atraiu a atenção e participação de muitos sujeitos sociais, gerando inclusive resposta imediata do governo estadunidense, que reforçou sua vigilância militar, chegando a decretar a prisão de um *Youtuber* e de um colega, acusados de irrupção³⁶. Não estariam às ideologias cotidianas, através das redes sociais e dos memes, sinalizando suas resistências às vozes oficiais de domínio?

A partir do que mencionavam as/os estudantes, ia ficando clara a importância de aulas interativas e dinâmicas, atribuindo aos memes uma dimensão “didático-pedagógica”, insinuando a possibilidade de a formação de professores do Ensino Médio voltar-se à realidade de vida dos alunos. Não se tratava apenas de trazer novos “recursos” para os processos de ensino-aprendizagem, mas fundamentalmente alimentar experiências formativas que dialogassem com as normalistas e com suas práticas culturais. Nessa perspectiva, concordo que “as falas são sempre associações, liames, teceduras do aqui e agora com o já dito, com o já conhecido, que recebe das circunstâncias interlocutivas novas cores e novos sentidos” (GERALDI, 2010, p. 81).

Figura 8: Memes Convergindo Leituras – Área 51



Fonte: Memeguy³⁷

³⁶ Reportagem sobre o assunto disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49693523>. Acesso em: 10 dez. 2019.

³⁷ Disponível em: <<https://awwwmemes.com/>> . Acesso em: 29 set.2020.

Bakhtin (1992) nos ajuda a compreender que a comunicação verbal é indissociável das outras formas de comunicação, implicando conflitos, relações de dominação e de resistência. O meme acima faz pensar nas vozes sociais de autoridade, identificando quais são elas, explicitando que a linguagem também é contraditória devido a sua infinita capacidade de desenvolvimento estar sempre acompanhada de uma intrigante inclinação de dizer seus limites (KONDER, 2006).

Estaríamos diante da linguagem como uma superestrutura das relações sociais (VOLOCHÍNOV, 2013), evidenciando as relações de poder exercidas por algumas vozes sobre outras, desempenhando a linguagem um importante papel na organização da vida social. Desse modo, quando o meme apresenta uma cena em que é preciso explicar à mãe e ao governo (vozes de autoridade) por que participar da hipotética “invasão da Área 51”, a situação social desse contexto precisa ser analisada, pois na cena, quem “explica” ocupa um lugar de subalternidade, dependendo da “autorização” de alguém que lhe é “superior”, instaurando uma relação de obediência. Nesse sentido,

A interação entre os participantes desse acontecimento dá forma à enunciação, faz com que soe de uma determinada maneira e não de outra: como pedido peremptório ou como súplica, fazendo valer os próprios direitos ou suplicando um favor, com um estilo simples ou altissonante, com segurança ou com timidez (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 149).

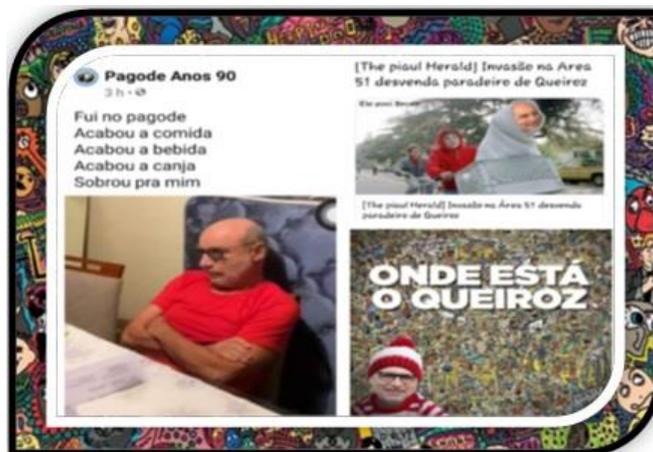
As circunstâncias pelas quais a enunciação ocorre possibilitam analisar mais concretamente as expressões e sensações ali reveladas. Conforme o teórico exprime, apenas quando tivermos estudado a relação entre o tipo de intercâmbio comunicativo e a forma da enunciação, é que a real situação social poderá ser compreendida. Contudo, a linguagem também representa uma tomada de consciência interior, seja ela de concordância ou discordância sobre algo, de conformismo ou indignação. Essa é a dimensão pensada a respeito do que os memes poderiam provocar enquanto enunciação, pois ao mesmo tempo em que a classe dominante (voz de autoridade) utiliza a língua para reforçar seu poder, é na ideologia do cotidiano e em suas ações minúsculas que outras respostas e resistências à hierarquia também acontecem. Tais reflexões podem ser transportadas para as relações entre pais e filhos, leis e sociedade, denominações religiosas e fiéis, empregadores e empregados, ricos e pobres, candidatos políticos e eleitores, policiais e civis, mulheres e homens (humanidades), raças e etnias, ensino-aprendizagem, professores e alunos etc.

E quais seriam as vozes enunciadas em memes? Possivelmente, “a situação é condição necessária para nossa sensação” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 150), seja ela de contentamento ou não. No tempo atual, midiaticizado, a memética prolifera pelo mundo apresentando a opinião dos sujeitos sociais, confirmando que “toda palavra é ideológica e toda utilização da língua está ligada à evolução ideológica” (BAKHTIN, 1992, p. 9). Ao valorizar a fala e a enunciação, Bakhtin não só certifica sua natureza social e não individual, como também afirma que a fala está indissoluvelmente ligada às condições da comunicação que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais.

De cunho criativo, o meme permite unir mídias, imagens, sons, podendo incorporar aos textos personagens, cenas de filmes, novelas, desenhos, acontecimentos sociais, pronunciamentos políticos, situações que viralizam na internet, promovendo outras leituras e interpretações. Os memes são produções suscetíveis à intervenção autora e criativa do praticante “para bricolar a lógica e a mensagem na produção de um novo sentido” (ALMEIDA; OLIVEIRA; SANTOS, 2019, p. 63). As ilustrações a seguir exemplificam os potenciais expressivos da memética que, manipulada por usuários das redes sociais, apresentam suas leituras, compreensões e reflexões sobre fatos sociais em evidência nas mídias e nas redes.

Buscando me aproximar do que diziam as jovens sobre os memes, quais perspectivas eram dadas sobre acontecimentos da vida real, inclusive políticas, observo os compartilhamentos realizados no *WhatsApp*. Entre diferentes postagens, falam sobre acontecimentos políticos que normalmente são compartilhados nas redes sociais. Vejamos:

Figura 9: Memes (uma questão política)



Fonte: Compilação da autora³⁸

³⁸ Montagem a partir das postagens na rede social *Twitter* - Revista Piauí Disponível em: <https://twitter.com/revistapiauí> e <https://twitter.com/@pagodeanos90>. Acesso em: 29 set.2020.

A imagem acima, ao lado direito, apresenta releituras do filme E.T., O Extraterrestre, de *Steven Spielberg*, alterada pela foto do ex-assessor parlamentar Fabrício Queiroz, procurado pela justiça em função de seu envolvimento com a corrupção. A mídia manifestou diversas reportagens relacionadas ao tema, derivando reações da sociedade, através de postagens de memes que emitiam a pergunta: “Onde está o Queiroz?”. A personagem Wally do artista Martin Hanford derivou releituras sobre o caso nas redes sociais unindo criatividade e criticidade.

Notei que as juventudes se apropriam de memes para pensar as questões políticas e corruptivas do cenário brasileiro, demonstrando conhecer os fatos sociais que marcam a história de seu tempo. Percebo um convite ao estudo dos memes enquanto prática cultural das/dos jovens como alternativa de dizer a palavra, sem que essa seja esgotada numa superficialidade de orações soltas, desvinculadas dos sentidos e produções por eles construídos no digital, que na verdade é a materialização do real.

Ao mesmo tempo que os memes sugestionavam a comunicação, foi possível perceber que fatos políticos se colocavam como uma categoria acessada pelas/os estudantes. São jovens em processo formativo lendo e expressando em memes conhecimentos e informações que compõem sua trajetória cotidiana dentrofora da escola. Conscientes sobre a necessidade de romper com a anestesia que promete “confundir a curiosidade, distorcer a percepção dos fatos, das coisas, dos acontecimentos (FREIRE, 1996, p. 132), as/os estudantes têm marcado seu espaço utilizando as redes sociais para se manterem informados sobre o cenário atual do Brasil, confirmando que o conhecimento não é produzido apenas na escola, mas também em outros espaços sociais, inclusive nas redes.

Os/as jovens participam de inúmeras redes sociais, entre elas, o *Twitter*, *Facebook*, *Instagram* e *Whatsapp*. Verifiquei que é habitual replicar postagens que consideram interessantes, nesse sentido, “é comum que um *tweet* feito no *Twitter* seja repostado no *Facebook* e massivamente compartilhado pelos usuários das plataformas, alcançando posteriormente conversas e grupos no *Whatsapp*” (CORRÊA; VENÂNCIO, 2017, p. 2).

A troca de memes entre as/os estudantes e as postagens em suas redes costumam ser frequentes. O acesso à informação instantânea, possibilitada pela internet, faz com que os processos de compartilhamento sejam rápidos e intensificados. Contudo, ao

passo que os memes viralizam causando grande repercussão nas redes, também podem se tornar obsoletos e reconfigurados, vindo à tona outros memes.

Quando Pâmella nos disse “seria muito legal que a escola trouxesse essa invasão da Área 51 pra uma sala interativa”, percebi que ela argumentava sobre a possibilidade do uso de memes materializar-se em educação na busca por repercussões nas práticas formativas de seu curso. De acordo com as normalistas, discutir memes na escola poderia desencadear a consciência crítica dos estudantes e uma fuga da previsibilidade dos currículos. Ao ouvi-los, comecei a compreender que contemplar a linguagem memética, de algum modo, poderia sugerir uma prática de subversão dos currículos e dos modos de ensinar tradicionalmente instituídos, sem que isso significasse uma afronta ou negativa aos saberes dos professores. Estariam as jovens clamando por “uma invasão memética” no campo educacional?

Durante nossas conversas, as normalistas demonstraram uma relação de respeito e valorização do trabalho docente. Contudo, realçaram a necessidade de professores perceberem seus alunos como sujeitos leitores e escritores, praticantes de outras línguas, especialmente das digitais. Estaríamos diante da pretensão de “formar professores leitores de escritos, escritores de leituras, nas linhas e entrelinhas de suas práticas” (FONTOURA, 2019, p. 308).

Volto a atenção para cada palavra dita, refletindo sobre a minha prática docente. Como foi importante vivenciar a experiência da conversa. Até aquele momento, eu não tinha uma vivência ou conhecimentos sobre memes. Ouvi-los me fez querer saber ainda mais. Afinal, a temática memes me conduzia para outros lugares e saberes com elas/eles aprendidos. Pude constatar que “os memes também podem ser usados em sala de aula para sintetizar a ideia de um conceito, um momento histórico ou experiência, desenvolver a criatividade e a colaboração e promover a autoria entre professores-alunos e alunos-alunos” (ALMEIDA; OLIVEIRA; SANTOS, 2019, p. 61).

E ao ampliar os diálogos e leituras descobri os memes como:

artefato cultural e textual do ambiente virtual, elementos que nas redes sociais transportam informações e carregam ideias, emoções, argumentos e pontos de vista, configurando-se de maneira diferenciada e se consolidando como gênero (LIMA; CASTRO, 2016, p.39).

Figura 10: Memes Convergindo Leituras com a Educação – Área 51



Fonte:Pinterest³⁹

Após ser afetada pelo que diziam as/os estudantes e pelas leituras sobre memes, fui tomada por um movimento reflexivo. Visitei algumas redes sociais e busquei me apropriar da linguagem memética por elas/eles apresentada. Fui à busca de um meme que dialogasse com o que estavam me dizendo. Descobri que a aplicabilidade dos memes costuma ser abrangente, configurando-se como “um fenômeno plural e multifacetado” (CORRÊA; VENÂNCIO, 2017, p. 4). Seu caráter parodiado fornece algumas pistas sobre o que está sendo enunciado.

Nesse sentido, a imagem acima apresenta a expressão do “aluno” fazendo referência a sua ida à escola, sem muito contentamento. Já a que “pressupõe” ir ao evento, demonstra entusiasmo e induz a algumas reflexões, entre elas, a importância do campo educacional dialogar e valorizar a linguagem dos estudantes, seus interesses, conhecimentos e práticas culturais. Muitas vezes, alunos/as podem sentir-se deslocados/as na sala de aula, estrangeiros/as nesse *espaçotempo*. Contudo, é importante frisar que o meme, ao retratar um semblante de “desânimo” em relação à escola, também pode contribuir para a naturalização de um discurso destoante das riquezas produzidas pelas/os praticantes escolares em seus cotidianos. Afinal, memes também costumam ser apropriados para difundir preconceitos (NOLASCO-SILVA; SOARES; LO BIANCO, 2019) e quando uma imagem vulgariza determinado discurso, seja para

³⁹ Repostagem na rede social <https://twitter.com/naomeestressa@nanda190518>, compartilhada de Pinterest. Disponível em: < https://br.pinterest.com/pin/843439836445267565/?nic_v2=1a2xgqdtP>. Acesso em: 02 out.2020.

rotular a escola como monótona ou entediante, ela se propõe a uma definição fechada a esse respeito.

Em relação ao “estrangeirismo”, Geraldi em seus estudos sobre linguagem utiliza três mitos fundadores de nossa civilização ocidental, de essência judaico-cristã. O autor pontua três representações para exemplificar o peso da tradição em que se exerce o juízo sobre a linguagem, a língua e os direitos linguísticos, sendo eles:

1) O texto bíblico de Gênesis (capítulo 11, versículos de 1 a 9): Conta a história da construção da Torre de Babel, indicando ser esse um tempo remoto, “onde todo mundo se servia de uma mesma língua e das mesmas palavras”. Ao construir uma cidade, dividida pela imensa torre, Deus condena a obra e resolve confundir a linguagem dos homens para que não se entendam mais.

2) Se Babel inicia as diferentes línguas, inicia juntamente o conceito de estrangeiro. Outro episódio bíblico (Juízes, capítulo 12, versículos 5 e 6) conta que quarenta e dois mil homens de Efraim pereceram, por não conseguirem pronunciar a palavra “shibólet” corretamente. Caso falassem “sibólet”, por exemplo, eram aniquilados, sentenciados à morte. O modo de falar denunciava se pertenciam ou não ao mesmo povo. Agora, é a diferença que identifica, uma pronúncia dita “erroneamente”, comprova o não pertencimento ao grupo e sua eliminação.

3) No mito de Pentecostes (Atos dos Apóstolos 2, 3 - 5), uma espécie de língua de fogo aparece, todos cheios do Espírito Santo começam a falar em outras línguas e a compreenderem o que está sendo dito. *‘Não são porventura, galileus todos estes que falam? Como então todos nós os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua materna?’* Nesse episódio, “escapam à diferença apenas aqueles enviados em pregação: unidade de pensamento e concepção na diversidade linguística ultrapassada pela intervenção do Espírito” (GERALDI, 2010, p. 192).

Através dessas exemplificações o autor esclarece que:

A comunidade cristã se faz una em várias línguas, mas por breve tempo: a língua do império também se torna a língua de Deus e as celebrações rituais católicas somente foram conhecer as línguas vulgares muito recentemente. O tempo dos ritos em latim (que parece retornar agora sob Bento XVI) já não era para construir a unidade, mas para sobrepor à diversidade apenas uma língua – aquela do poder – para nela e com ela exercer o poder (GERALDI, 2010, p. 192).

Os três episódios bíblicos, analisados por Geraldi, estabelecem três mitos fundantes dos fazeres linguísticos hegemônicos, gerando a subalternidade e tornando marginal e marginalizado tudo o que lhes escapa. Conforme ressalta, Babel estreia num

mesmo gesto, o mito da unidade perdida e o mito da diferença como castigo divino. Desse modo, “conviver com a diferença passa a ser uma condenação, não um enriquecimento das formas de experiência e compreensão do mundo e da vida” (GERALDI, 2010, p. 192).

Trouxe a análise do autor para reflexão, considerando o quanto tais leituras ajudam a compreender os processos linguísticos e identitários dos povos, as raízes de uma hegemonia insistente em colonizar, aculturar, diferenciar e excluir. Os mitos ilustram o quanto a língua é restritiva a partir do domínio de alguns, das relações de poder sobre o outro, nas quais as diferentes concepções de mundo passam a ser silenciadas em função de uma única voz que, incapaz de apagar a diversidade linguística, as traduz sob um discurso majoritário, de autoridade e prevalência.

Penso na educação enquanto contramão do viés determinista sobre a linguagem, não refutando o uso “culto” da língua, mas valorizando as outras existentes. As ambiências sociais dizem muito sobre os modos de expressar e comunicar, contudo a escola, espaço em que diversos sujeitos e culturas passam grande parte de sua vida, não deve se restringir apenas à normatização da língua. É justamente em educação que podemos *aprenderensinar* outros modos de dizer, escrever, pronunciar e enunciar. Falo sobre uma liberdade de expressão que precisa ser experienciada na dimensão da alteridade. Mesmo incapacitada de viver a experiência do outro, reconhecendo que minhas sensações não são as mesmas desse outro, posso abrir-me à relação de troca e interação com ele/ela, pois assim ambos aprendemos e ensinamos em todo tempo.

Os memes estão postos e dispostos nas redes, nas ambiências virtuais e físicas, uma dimensão ubíqua relativamente nova que, tomada pelas tecnologias digitais, confunde-nos sobre o que significa ser/estar presente/presença. Vimos a “invasão à Área 51” chegar às redondezas de um império protegido, motivado pelas postagens nas redes, memes difundindo-se e multiplicando ideias, leituras e vozes mundo.

De acordo com Corrêa e Venâncio (2017), entendidos como imagens humorísticas, os memes expressam sentimentos humanos representando as relações sociais neles existentes. As mídias digitais e os memes nem sempre se encontram como pauta de destaque ou mesmo de discussão em educação, pelo menos antes da Covid-19⁴⁰. Em outros contextos, os memes acabam sendo enxergados “apenas como brincadeiras ácidas e maldosas, cujo objetivo é desestabilizar ou ofender alguém”

⁴⁰ Faço essa afirmativa devido à viralização de memes nas redes sociais a respeito da educação na pandemia, inclusive no campo pesquisado. No discorrer da tese esses dados são evidenciados.

(OLIVEIRA, 2021, p. 297). Conforme explica o autor, tal compreensão deve-se em parte à falta de estudos que se dediquem ao universo polissêmico dos memes. Percebo o quanto as usabilidades e apropriações meméticas, no campo pesquisado, podem contribuir para um alargamento do olhar a esse respeito. Nesse sentido, as produções dos memes em contextos comunicacionais com as jovens sugerem um *pensar-fazer* que une estudar teorias sobre o tema e criar outras teorias a partir das práticas construídas com as normalistas.

4. PROPOSIÇÕES METODOLÓGICAS: A PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS - CONVERSAS E PRÁTICAS NA CIBERCULTURA

Qualquer objeto do saber (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido como coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico.

M. Bakhtin

Investigar as tecnologias desenvolvidas pelas normalistas em seu cotidiano no Curso Normal, encontrando os memes como objeto de estudo, desencadeou uma reflexão pautada no círculo de Bakhtin, justamente porque a linguagem é um produto da atividade humana social e criativa (VOLOCHÍNOV, 1981), originária da organização econômica e política da sociedade, o que faz com que os sujeitos da pesquisa enunciem nos memes que produzem formas de pensar sobre os acontecimentos que os atravessam socialmente e de responder a eles.

Faço parte do campo que pesquiso, tanto por ter me formado professora no Curso Normal, quanto por continuar atuando nele como docente. Sendo assim, meu processo identitário me permite um olhar compreensivo para as normalistas, conferindo legitimidade às suas vozes, pois como nos diz Bakhtin:

Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar etc. Nesse diálogo, o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 2011, p. 348).

O autor e seu círculo versam sobre a natureza dialógica da linguagem, fazendo ressoar na contemporaneidade os ecos de uma compreensão filosófica fundamental à atualidade. Hoje, no contexto do capitalismo, embora as enunciações ainda indiquem relações de subalternidades e disparidades sociais, a linguagem permanece afiada e afinada, híbrida, atravessada por outros modos de enunciar, como ocorre nos memes.

Há quem acredite nos *memes* como banalidades do dia a dia, trivialidades sem importância a compor uma gigantesca lixeira virtual. Argumentamos, ao contrário disto, que *memes* constituem e fabulam os cotidianos, inventando

formas outras de produzir comunicação (NOLASCO-SILVA; SOARES; LO BIANCO, 2019, p. 116).

Indo ao encontro do que afirmam os autores, entendo a prática dos memes como “artes de fazer” (Certeau, 2014), como resistências frente aos desafios cotidianos vivenciados pelas normalistas. Expressar-se em memes é resistir, é reagir através da linguagem amplificada no meio digital, é comunicar e expandir vozes, é transgredir. Ao apelar para a intertextualidade irônica e parodiada da memética, as normalistas estão enunciando sua palavra carnavalizada, respondendo ao padrão dominante da vida social (LACAPRA, 2010), às tormentas, problemas e realidades enfrentados no percurso de sua formação.

Conforme Santos e Santos (2012), a cultura contemporânea, associada às tecnologias digitais, estabelece uma nova relação entre a técnica e a vida social. De acordo com as autoras, o ciberespaço é “um potencializador de infinitas ações interativas, um novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de reconfiguração e de autorias” (SANTOS; SANTOS, 2012, p. 162). Na pesquisa, a presença das tecnologias digitais em rede ocasiona mudanças significativas, entre elas, a colaboração, a liberação da palavra e a interatividade surgem como aspectos marcantes. Em outras palavras, “as redes manifestam uma forma de estar junto, de conectar-se e formar laços” (COGO; BRIGNO, 2010, p. 6).

Com Bakhtin, compreendi que viver é participar do diálogo constantemente, refletindo, problematizando, respondendo, pensando e enunciando. Até mesmo o silêncio configura um diálogo comigo e com o outro, minhas/nossas reações diante do dito pressupõem as tensões sentidas a partir de determinada experiência. E foi no contato com o outro que decidi construir a tese, conversando com as jovens, assumindo o ciberespaço como orientador da perspectiva metodológica, unindo registros por meio do grupo de *WhatsApp* (criado na pesquisa para a troca de memes), dos diálogos, reflexões e enunciações que em dado momento chegaram à dimensão das *lives* (através do *Google Meet*). No estudo, as *lives* viabilizaram relações de lealdade por parte dos praticantes (VALERIM; SOUZA, 2020) tornando-se, os jovens, protagonistas desse acontecimento.

Ressalto a escolha das conversas como caminho teórico-metodológico, valorizando, inclusive, os potenciais da cibercultura que através de seus veículos de sociabilidade permitiram a continuidade dos papos para além do espaço físico, especialmente no contexto pandêmico que atravessou o estudo proposto, como já

mencionado. Sobre o fenômeno das *lives*, elas provocam a sensação de experiência compartilhada, um sentido de coletividade criado em um contexto de isolamento físico (LUPINACCI, 2020). Conforme Neves *et al.* (2021, p. 5), as *lives*, caracterizadas pela transmissão em tempo real, propiciam experiências formativas dos sujeitos e “a constituição compartilhada do conhecimento”. Elas podem ser realizadas através de diferentes plataformas como *Youtube, Instagram, Facebook, Zoom, Google Meet*, entre outros. Antes, as transmissões ao vivo ocorriam por meio da televisão e, com a evolução das redes sociais, as *lives* foram popularizadas, tendo como característica importante a possibilidade de interação,⁴¹ especialmente no cenário pandêmico.

Desse modo, as *lives* ganham sentido formativo de importância no contexto atual, na medida em que se transformam em momentos propícios para a reflexão e a discussão de conhecimentos e práticas que fortaleçam uma práxis mais crítica e consciente, pois permitem compreender melhor não apenas o estado pandêmico e os cuidados requeridos para combater a propagação do vírus, mas também a indissociabilidade desse contexto com a educação, reinventando modelos formativos e incorporando novos processos educacionais viáveis e pertinentes (NEVES *et al.*, 2021, p. 4).

Nessa direção, as conversas *online* no ciberespaço traduzem-se como ambiente de trocas, escutas, registros e ampliação das vozes. Na cibercultura, através das interações mediadas pelas tecnologias digitais em rede, é possível tecer descobertas, avançar, recuar, ler, ouvir e aprender com os outros, assim como viver a experiência do silêncio, da escuta e da falação, percebendo em cada ato o que afeta, o que toca, ameaça e ocorre (BONDÍA, 2002).

Conviver com um grupo de jovens dispostos a conversar sobre memes e a ecoar suas vozes para o curso em que se formam me permitiu ir a campo sem a camisa de força de colher dados, mas para produzi-los junto com os sujeitos, num processo dialógico de tradução das diferenças, que possibilite a mim e a eles nos afetarmos e nos transformarmos (OSWALD, 2020). Desse modo, o estudo foi proposto como acontecimento, “que se faz e refaz no acaso” (Cordeiro, 2009, p. 65), por essa pergunta feita pelo jovem João e que me colocou em pé de igualdade com os pesquisados: “O que vocês acham da gente montar um grupo de pesquisa sobre memes na escola”? Meu ato responsivo começou naquele encontro irrepetível, hoje materializado na escrita desta tese.

⁴¹ Durante o vídeo, os participantes (espectadores) podem enviar mensagens e as/os apresentadoras podem ler os comentários e responder/dialogar com. Prevalece a ideia da transmissão ao vivo, sendo possível o armazenamento do conteúdo online nas plataformas para visualização posterior do internauta.

Ao participar com as jovens do grupo “Memes Normalistas”, no aplicativo *WhatsApp*, já considerava “as potencialidades metodológicas que emergem com a conversação mediada pelo digital em rede” (RUANI; COUTO JÚNIOR; AMARO, 2020, p. 208). Assim como os autores, compreendo a relevância da cibercultura como sugestiva do procedimento metodológico para a pesquisa de campo sem que isso desmerecesse o potencial das interações face a face.

Com as jovens e algumas professoras, experienciei as “conversas ubíquas” (SANTOS; CARVALHO; MADDALENA, 2017), mediadas por artefatos digitais conectados em rede, ocorridas em *espaçostempos* diferentes. As autoras explicitam que através das conversas é possível entender como o docente-pesquisador e os participantes vão produzindo sentidos, organizando suas relações diárias e se posicionando através do universo em que habitam. Nessa tessitura, íamos dialogando e pensando os memes em educação, compreendendo que as tecnologias digitais possibilitam acessar a cibercultura e encontrar nela informações, conteúdos e materiais que normalmente não se encontram disponíveis na escola, tamanha é a problemática de infraestrutura e o sucateamento de recursos existente (OLIVEIRA, 2019a).

Reconhecer que as relações sociais também acontecem mediadas pelos dispositivos tecnológicos, através das trocas de mensagens de texto, áudios, fotos e vídeos (COUTO; SOUZA, 2017) é um passo importante nos processos de pesquisa, especialmente na área de educação, onde os estudantes já vivenciam a dimensão digital com muita propriedade. Nessa perspectiva, pesquisar é correr riscos, contar com imprevistos e com os possíveis esforços e custos de uma viagem. Pesquisar “é mergulhar num oceano, emergir, afundar, naufragar, para também deixar surgir, emergir, sair dele renovado, transformado” (MEIRELES, 2013, p. 271).

Assim realizei um percurso investigativo, sentindo o vento, permitindo navegar nas e em redes, com mais dúvidas do que certezas, compreendendo que “a experiência é o que nos passa, o que acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (BONDÍA, 2002, p. 22). Viver essa dimensão da experiência proposta pelo autor, especialmente na pesquisa, exige, como ele propõe, parar para pensar, olhar e ouvir sem pressa, parar para sentir, demorando-se nos detalhes, desprendendo-se da pressa que o próprio tempo das tecnologias da informação e comunicação nos impõe. Pesquisar implica abrir-se à possibilidade da experiência, consciente de que ela não está na velocidade em que as informações acontecem, mas no cultivo da arte do encontro, na

prática delicada de ouvir o outro, olhar, silenciar e pacientemente desvendar o que nos acontece.

4.1 A cibercultura entre potências, ambivalências e o contexto pandêmico

Há toda uma dimensão estética ou artística na concepção de máquinas ou de programas, aquela que suscita o envolvimento emocional, estimula o desejo de explorar novos territórios existenciais e cognitivos, conecta o computador a movimentos culturais, revoltas, sonhos.

Pierry Lévy

Pensar a cibercultura implica compreender que o tempo atual é atravessado por possibilidades outras de convivência, interação e cocriação. Um tempo demarcado pelo crescimento da internet, das relações tecidas via redes digitais que transformam os modos pelos quais acessamos informações, consumimos produtos, ideias, saberes, fazeres, sabores e dissabores. Falo de um tempo vivo, no qual a palavra ganha força, amplo alcance e repercussão. Não se trata mais de divulgar um pensamento ou conversar no “miudinho”, afinal, dialogar nas/em redes digitais é compartilhar com o mundo o nosso pensamento, a força da palavra e da contrapalavra.

Em seu livro, “As Tecnologias da Inteligência”, Lévy (2010) dialoga sobre a técnica compreendendo-a como um agente de transformação da sociedade. De acordo com o autor, outros modos de pensar e de conviver têm sido elaborados pelo mundo das telecomunicações. Nesse sentido, “as relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante dos dispositivos informacionais” (LÉVY, 2010, p. 7). Estaríamos diante dos processos mediados da escrita, leitura, visão, audição criação e *ensinoaprendizagem*. Hoje, prova disso, são as convivências via tecnologias digitais em rede, permeadas pelos aplicativos conectados à internet como *WhatsApp, Facebook, Instagram, Twitter, Youtube, Google Meet*, entre outros artefatos culturais digitais. Nesse contexto, as possibilidades de interação, acesso à informação, alteração dos textos e proliferação da palavra são inúmeras e com grande capacidade de alcance. Em outros termos,

o ciberespaço é todo e qualquer espaço informacional multidimensional que, dependente da interação do usuário, permite a este o acesso, a manipulação, a transformação e o intercâmbio de seus fluxos codificados de informação (SANTAELLA, 2004, p. 45).

Nessa tessitura, começo a pensar no conjunto de usos criativos que os usuários da cibercultura podem estabelecer quando conectados às redes, e o quanto essas experiências podem promover outras relações em educação. Criações e usabilidades que reconfiguram as práticas de *aprenderensinar* em redes, estabelecendo conexões com outras pessoas e lugares de modo hipertextual e interativo (SOARES; SANTOS, 2012). Estaríamos diante da possibilidade de reinterpretar e construir novas produções de sentidos na cibercultura. Para Lévy (2010, p. 59), “ao se prolongarem reciprocamente, criação e uso contribuem alternadamente para fazer ramificar o hipertexto sociotécnico”.

Em 2020, com a pandemia de Coronavírus, os fenômenos da cibercultura foram potencializados (FEIJOLE DE OLIVEIRA; SANTOS; FARIAS, 2021). Diante da necessidade de reorganização nos modos de convivência, em que o afastamento físico preponderou, a interação humana foi acentuada entre telas, via tecnologias digitais em rede. A vida encontrava-se ameaçada por um vírus invisível, e entre inúmeras mazelas já sofridas pela população, existir no panorama pandêmico tornou-se o maior dos desafios, uma prova de resistência. Nesse cenário, os fenômenos da cibercultura prevaleceram e as relações sociais, agora mais do que nunca, eram mediadas pelo “uso das tecnologias, da internet e das suas diferentes redes de comunicação” (OLIVEIRA; ABREU; OLIVEIRA, 2020, p. 325).

Escrever sobre cibercultura é poder dizer a minha palavra, é anunciar que seus fenômenos são potentes, antes mesmo da pandemia. Também é concordar que sua concepção estética é marcada por ambivalências, uma obra de arte caracterizada pelas valorações e sentidos que os sujeitos sociais vão produzindo a seu respeito. Conforme Lévy (2010, p. 57), “mesmo sem ser pirata ou *hacker*, é possível que alguém se deixe seduzir pelos dispositivos de informática”. Difícil seria discordar de seus apontamentos, afinal, foram as engenhosas artes da informática que propiciaram uma interconexão com os sujeitos sociais, especialmente com os participantes da pesquisa.

De acordo com Lemos (2021, p. 43), a cultura digital surge na apropriação social da informática na segunda metade dos anos 1970, tornando-se o invento da internet um marco importante na história da comunicação, “uma rede mundial descentralizada que ampliou de forma inédita a democratização do conhecimento e a liberdade de circulação da informação”. Indubitavelmente, o nascer de uma rede digital é produto inovador, reflexo da ação de idealistas que defendiam a liberdade, a inovação e a criatividade, como descreve o autor. Esses são os pontos que realço nos estudos que envolvem a

cibercultura, sem com isso, invisibilizar os riscos de um capitalismo global de dados e a plataforma digital da sociedade (LEMOS, 2021).

Quando um sistema arquiteta sua visão colonizadora sobre determinado produto, apoderando-se de formas de estetização da vida, “o único modo de dominar esse sistema cultural fechado é pela subversão” (NETO, 2020, p. 116). E se tratando de cibercultura, entendendo ser esse um lócus de ambiguidades, aprender a falar a sua língua também é reconhecer que, ao nos apropriar de seus códigos, os arquétipos da maldade, da financeirização e objetificação do humano que ali coexistem podem ser combatidos.

Reflijo aqui sobre os três grandes domínios da cultura humana: a ciência, a vida e a arte (BAKHTIN, 2011). Ao discutir esses domínios, o autor pensa a especificidade do fazer estético que se caracteriza “em contraste com o fazer científico e com a realidade prática vivida” (BRAIT, 2009, p. 99). Ou seja, nenhum domínio cultural se define em si, está sempre em fronteiras “com outros domínios e nas suas interdeterminações no interior da totalidade da cultura”, complementa a autora.

Nessa tessitura, afinada ao pensamento bakhtiniano a respeito da estética (ou estetização da vida) e no diálogo sobre a cibercultura, não resvalo para uma compreensão de estética reduzida apenas à essência abstrata de beleza, nem para o estético reduzido apenas aos processos puramente mentais (na criação de uma obra ou produto) ou mesmo o estético reduzido à forma do material. Afinal, “o estético, sem perder sua especificidade está enraizado na história e na cultura, tira daí seus sentidos e valores e absorve em si a história e a cultura, transpondo-as para um outro plano axiológico” (BRAIT, 2009, p. 101). Nesse caminho discursivo, penso nas diferentes valorações que podem ser dadas à cibercultura e aos seus fenômenos.

A tecnologia é social não porque é usada ou afeta o humano, mas porque o constitui. Ela é uma solução particular de associações mobilizadas, assim como a “cultura”, a “economia”, “o direito”, “a ciência”. Todos esses “domínios” são formatos emergentes de uma localidade envolvida em processos globais para solucionar determinado tipo de dilema. Tecnologia é social por mobilizar arranjos particulares de produção do coletivo (LEMOS, 2021, p. 21).

O fato de a tecnologia constituir o humano não deve significar uma rendição impensada à máquina e ao seu modo automatizado de existir. A nossa individualidade provida de sabedoria é o que pode diferenciar substancialmente a nossa existência na sociedade da tecnologia da informação. A sabedoria é a produção de conhecimento substantivo, é “produzir formas de adaptabilidade da vida às diversidades, não ficar

refém de nenhum dado, de nenhuma informação ou conhecimento muito particular” (LE MOS, 2021, p. 31). Nessa direção, os diálogos, as vivências e experiências formativas com estudantes e professores precisam caminhar, pois ambivalentes e múltiplas são as significações e os projetos que envolvem a cibercultura (VILARIM, 2009).

Lemos (2021) alerta que coexistir com as tecnologias digitais não significa, necessariamente, estar protegido do empobrecimento cognitivo ou do retrocesso político, pois viver a cibercultura também é concorrer com a sedução mercadológica e seus estímulos, é sofrer os assédios do fetiche da globalização e ter a sensação de liberdade para o consumo livre e para o empreendedorismo individual na rede. No ciberespaço, também povoam as bolhas.

Figura 11: Bolhas



Fonte: Arquivo de pesquisa⁴²

As bolhas do ciberespaço se relacionam aos filtros⁴³ nas mídias sociais destinados em personalizar os diferentes conteúdos da internet (SILVA; CARVALHO, 2022). De acordo com os estudiosos, esses filtros correspondem às preferências dos usuários, sendo essas bolhas resultados da exposição apenas do que é interessante ao indivíduo. Através desses filtros, os internautas acabam aprisionados à sua visão de mundo, limitados a acessarem conteúdos, músicas, produtos e pessoas que correspondem ao seu individualismo. Nessa perspectiva:

⁴² Produzido em: <https://www.gerarmemes.com.br/meme/1600282-vamos-furar-a-bolha->

⁴³ Todos os dados apresentados pelas redes, seja no Facebook ou na pesquisa do Google, sofrem interferência de seus algoritmos para que apresentem apenas aquilo que supostamente interessa ao internauta, aquilo que a tecnologia acredita ser de extremo valor para o que o usuário busca ou quer ver.

Grande parte das ferramentas de mídia social hoje está baseada em algoritmos que buscam construir relevância para o que é publicado através da participação da própria rede. Ferramentas como o Facebook realizam uma espécie de curadoria do conteúdo, através de algoritmos que decidem o que vai ou não ser mostrado para a rede (RECUERO; ZAGO; SOARES, 2017, p. 6).

A curadoria do conteúdo de interesse do usuário ocorre através da captação de suas últimas pesquisas realizadas. Através da definição de informações, postagens e possíveis assuntos afinados ao que o usuário pensa, os algoritmos geram uma enganosa sensação de conhecimento, pois outras versões ou opiniões a respeito do tema tratado são filtradas, limitando as interações e relações de convivência. Nesse caminho, a bolha fechada é um problema, pois,

O eu é doação do outro [...]. É a relação de alteridade [...]. E essa relação se dá enquanto encontro de palavras, e o encontro é a ponte que une, liga, energiza, o outro e o eu [...]. O problema é a bolha fechada, indiferente, pensando dar conta de si sozinho, somente achando que se basta, julgando que não precisa dos outros. É contra esse individualismo que lutamos. Esse é o ponto central de nossas palavras em luta (MIOTELLO, 2020, p. 396 - 397).

Em diálogo com o autor e com os sujeitos da pesquisa, caminhei em busca do rompimento das bolhas, em direção à palavra outra, na tentativa de descobrir os desvios que as normalistas realizavam em sua cotidianidade. Conforme Certeau (2014, p. 170), “caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e a procura de um próprio”. Com o teórico, aprendi a conhecer as engenhosidades cotidianas dos praticantes culturais que possivelmente representam seus modos de furar a bolha. Se existem a fabricação dos filtros bolha, também há os sentidos produzidos pelas bolhas cotidianas.

E com os sentidos circulantes e em luta nesse grupo social vamos ao embate com outros sentidos, produzidos e gestados em outras bolhas, outros grupos sociais, e as palavras, ubíquas que são, vão possibilitando essa luta pelos sentidos, e organizando essa nossa sociedade [...] Meu lugar único, minha bolha, só tem existência na relação com o lugar único do outro (MIOTELLO, 2020, p. 395 - 396).

E diante de tantos sentidos produzidos socialmente, inclusive nas redes sociais, viver *dentrofora* das bolhas exige identificar as palavras que enganam nosso olhar, nosso pensamento, fazendo-nos preferir as palavras que defendem e expressam os interesses alheios/próprios (MIOTELLO, 2020). De acordo com o autor, o alheio tem força e outros interesses opostos ao bem comum. E o excesso do outro acaba por dominar e colonizar minha consciência e, conseqüentemente, meu discurso. Nesse

sentido, é preciso ter cuidado com a individualidade, muito característica não apenas dos ideários neoliberais, mas também dos políticos partidários que dialogam com a lógica da dominação. Nesse caminho, “a individualidade é um veneno mortal, uma armadilha inescapável” (MIOTELLO, 2020, p. 395 - 396). É o que apresenta o meme a seguir:

Figura 12: O vírus que precisa ser combatido



Fonte: Caiu na rede: O vírus do Ipiranga (diariodocentrodomundo.com.br)

“O meme representa o que ele é: um vírus”, enunciação que ouvi de estudantes e docentes que dialogavam em favor da vida, através de sua postura “dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve” (FREIRE, 1996, p. 86). O “Vírus do Ipiranga”, acessado nas redes e compartilhado nas conversas *online*⁴⁴, simbolizava uma insatisfação coletiva com o então presidente, eleito em 2018.

O meme dialoga com o período pandêmico em que alunas/os das classes populares foram desassistidas/os, em que a vacina contra a COVID-19 tardou a chegar, encontrando-se a classe trabalhadora ainda mais vulnerável, vítima da falta de humanidade do governante. Estudantes e professores manifestavam suas angústias e tormentas num tempo difícil, doloroso e inimaginável, no qual a única garantia era a incerteza mediante o desconhecido (RIBEIRO; SKLIAR, 2020). Ali a cibercultura se colocava como canal de diálogo, confirmando uma rebeldia necessária “que jamais deixou de provar que o ser humano é maior do que os mecanicismos que o minimizam” (FREIRE, 1996, p. 115).

Como reflete Pereira (2015, p. 1), “a velocidade com que as tecnologias se apresentam parece exceder a capacidade de compreensões mais amplas acerca de seus efeitos sobre o indivíduo e a sociedade”. Aqui, mais uma vez, coaduno com a

⁴⁴ O meme foi compartilhado por uma estudante, participante da pesquisa, em conversa no *Google Meet*.

possibilidade de metaforizar a ordem dominante, fazendo-a funcionar em outro registro, através de procedimentos de consumo que conservem “a sua diferença no próprio espaço organizado pelo ocupante” (CERTEAU, 2014, p. 89). Essa é uma perspectiva possível, realizada quando outras ideologias também ocupam a cibercultura, através de coletivos que expressam movimentos de resistência contra uma hegemonia instaurada, seja por meio de grupos que defendem os direitos à cidadania, à mídia livre, ao jornalismo independente, à sustentabilidade, à ecologia, à economia solidária e aos movimentos participativos e ativistas/ciberativistas.

Quando as jovens compartilham os memes em suas redes sociais, para fazer críticas às problemáticas educacionais, à falta de conexão, ao agravamento da desigualdade social, ao descaso político no contexto pandêmico (como no caso do meme que denuncia o vírus do Ipiranga), elas e eles estão expressando as mazelas sofridas, seus gritos meméticos sobre a invisibilidade da vida. Estão, ainda, usufruindo dos fenômenos da cibercultura, distante da perspectiva instrumental das tecnologias, limitada em seguir roteiros externos como guias curriculares, bases nacionais e orientações advindas de secretarias. Reflito se não estariam as normalistas experienciando as dimensões éticas, estéticas e filosóficas do que significa estar na rede (PRETTO, 2022).

Lemos e Lévy (2010), entusiastas da cibercultura, defendem os ambientes virtuais como espaços de emissão da mensagem livre, do compartilhamento da informação e da cooperação entre as pessoas conectadas à internet. Para os pesquisadores, a cibercultura desenhava maiores oportunidades de participação dos indivíduos no debate público e no ativismo político.

Figura 13: É só uma gripezinha?

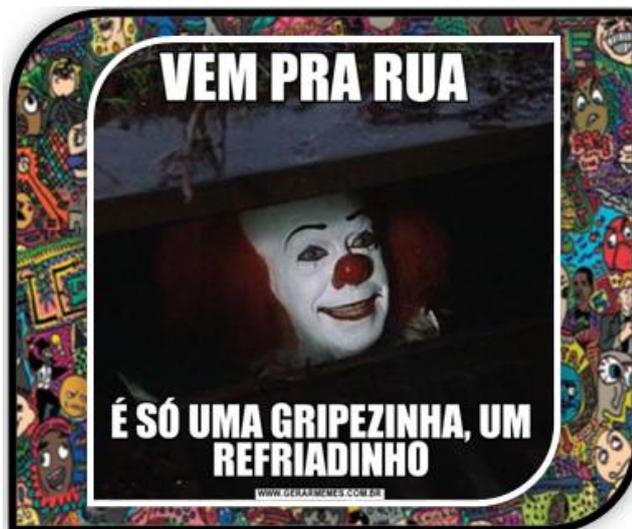


Fonte: <https://abrir.link/IG5os>

“Gente, vocês estão acompanhando isso?” Palavras da jovem Anna Júlia, no grupo de *WhatsApp*, ao se indignar com o pronunciamento do então presidente no contexto pandêmico que, desde o início da pandemia, minimizou a ameaça representada pelo vírus da Covid. Ele chegou a verbalizar que se tratava apenas de “uma gripezinha”, e que não se preocupava em contrair o vírus, devido ao seu “histórico de atleta”. Os pronunciamentos que objetificavam a humanidade não paravam e, diante do alto índice de mortes no país, decorrente do coronavírus, afirmou: “E daí? Sou Messias, mas não faço milagres”. Essa é a realidade pandêmica feita de opostos (BERNARDI, 2009).

“Olha, não tá fácil não, muito triste tudo isso”, responde Isabella. “O cara faz piada com a morte das pessoas, ignora”. Destacou João. “Eu tô triste e angustiada, não dá gente”, afirma Thayssa. “Tá muito difícil, zombar da vida ao invés de olhar pro povo”, “tô sem chão”, respondeu Thaynara. No decorrer das interações, outro meme sobre o tema é compartilhado. Observei a usabilidade memética como uma extensão do olhar, refratando outros sentidos, veja:

Figura 14: Você acha que é só uma gripezinha?



Fonte: <https://www.gerarmemes.com.br/>

O meme compartilhado no *WhatsApp* pela jovem Rayssa enuncia a palavra com outra tonalidade, não a de zombar com a vida da população, mas de satirizar a relação de medo e de perigo que a sociedade corria ao acreditar que a pandemia se resumia “a uma gripezinha”. É a enunciação da palavra que “nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento (BEZERRA, 2016, p. 59). O meme, imitando a personagem do filme de terror “It”, que

assassinava crianças, entrou em diálogo com o discurso do presidente, popularmente denominado de “Bozo”, devido aos incessantes pronunciamentos e comportamentos reprováveis que apresentava. A expressão “palhaço ou palhaçada” a ele referida tinha um tom de ironia, era pejorativa diante das suas ações individualistas e anti-humanitárias, especialmente no quadro pandêmico. Nota-se no meme que “a produção cultural humana se elabora a partir de múltiplas participações, pelo dialogismo quase infinito da linguagem” (BERNARDI, 2009, p. 75).

Através do meme, avisto a carnavalização repensada por Bakhtin “considerada como uma visão de mundo que reestrutura os próprios meios de representação da realidade” (BERNARDI, 2009, p. 92). No tempo atual, é na cibercultura que esse processo também acontece, mediado pelos efeitos sedutores, psicodélicos, de tantas bricolagens e formas de anunciar a palavra, emitir os sons, as imagens e os gêneros do discurso.

A visão de mundo carnavalesca, com sua força vital, com todas as suas categorias, com seu riso alegre e desmistificador, com ações simbólicas de coroação e destronamento, com sua ambivalência e riqueza de imagens, encontrou Rabelais e sua obra condições ideais para a concretização do fenômeno da carnavalização (BERNARDI, 2009, p. 92).

Na cibercultura, leio os memes compartilhados pelas normalistas como uma espécie de língua atravessando as fronteiras do tempo, sofrendo um processo de morte e de renovação simultâneas. Outros modos de comunicar e de zombar que unem a espontaneidade carnavalesca, gerando diferentes gêneros do discurso.

4.1.2 A cibercultura e o cenário da festa algorítmica na pandemia

A cibercultura é o cenário da festa, a festa dos números, da dataficação, dos memes do bem e do mal, da desordem informativa, da informação transformada em conhecimento, da *fake news* e *deep fakes*, da sua desmistificação, das bolhas, da política do ódio e do amor, enfim, das contradições. Esse cenário também é movido por forças perturbadoras, ideologias unívocas, discursos dogmáticos e monologização de dizeres em defesa da concepção de mundo do mercado.

Realizo essas reflexões, movida pela constatação de um notável progresso tecnológico marcado pela vigilância algorítmica. Falo sobre o domínio da economia digital representado pelos “Big Five” (*Google, Amazon, Facebook, Apple e Microsoft*). Lemos (2021) discute essa pauta, lembrando que a sociedade da informação surge

fundamentada em um processo de coleta de dados para governar a vida pública. E para pensar a esse respeito, não é necessário muito esforço, basta observar o nosso cotidiano envolto do digital, na palma de nossas mãos; o que realizamos no *smartphone* conectado à internet, por exemplo, transforma-se em dados que, ao serem captados e examinados, transformam-se em *inputs*.

O uso das redes sociais nada mais é do que a captação de dados e oferta de informações baseadas nas suas ações recentes. O que você faz no trabalho, no lazer ou na escola é colhido em forma de dados. [...] temos agora, não só um processo automatizado de coleta de grande quantidade de informação – que se chama Big Data –, como também muita inteligência embarcada em algoritmos, que faz com que esse sistema possa induzir ações e indicar padrões escondidos, revelados justamente por essa quantidade gigantesca de dados (LEMOS, 2021, p. 28).

Outro autor que discute a esse respeito é Pretto (2018). O pesquisador se refere ao GAFAM – *Google, Amazon, Facebook, Apple e Microsoft* (os “Big Five”, citados por Lemos anteriormente), entre outros grupos que dominam o mercado digital, atingindo de modo significativo a vida da humanidade. Pretto ressalta que a lógica dos algoritmos habita a navegação dos usuários, coletando seus dados, perfis e informações, induzindo a uma sensação de liberdade nas redes.

Em seus escritos, o autor supracitado defende o fortalecimento do uso das tecnologias digitais em rede por parte de estudantes, professores e sociedades científicas na luta pela comunicação ativista, no enfrentamento dos “grandes conglomerados multinacionais que dominam o mercado publicitário, a infraestrutura tecnológica e os meios de produção simbólica planetária” (PRETTO, 2018, p. 276). Vejo o cenário da festa, marcado pela existência de perspectivas mercadológicas e mortificadoras e, também, por modos revolucionários e ativistas de existir.

Diante das diferentes forças que operam na cibercultura, é importante lembrar que a presença das grandes empresas e plataformas digitais “ao longo dos tempos recentes, vêm buscando de forma insistente, estarem presentes nos sistemas de educação tanto privado quanto público” (PRETTO, 2020 p. 11). Na pandemia, essa evidência foi comprovada após o pronunciamento da Organização Mundial da Saúde (OMS⁴⁵) que, ao relatar um quadro preocupante de evolução e risco de contágio do coronavírus, anunciou medidas de isolamento social. Sobre o termo “isolamento social, assim como Henrique (2020), considero mais coerente utilizar a expressão isolamento físico, devido

⁴⁵ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-03/organizacao-mundial-da-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em: 07 jun. 2020.

às possibilidades de conexão mediadas pelas tecnologias digitais em rede, que contribuem para a comunicação entre os sujeitos sociais. Contudo, é preciso ressaltar o isolamento social em que se mantiveram os que não possuíam acesso ao digital, aos quais foi sonogado o direito de interagir nas/pelas telas. Essa é uma entre tantas outras contradições existentes no tempo da cibercultura.

De modo geral, a sociedade precisou criar outros modos de convivência e atuação. Nessa direção, a Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC), mediante o Decreto nº 47006/2020⁴⁶, que dispunha sobre medidas de prevenção ao contágio do vírus, após suspensão das aulas presenciais em 2020, inicialmente por um período de 15 dias e, posteriormente, prorrogada por todo o ano letivo de 2020 e 2021, decidiu pela adoção do ensino remoto emergencial (ERE). Sobre essa nova forma de ensino,

o termo “remoto” significa distante no espaço e se refere a um distanciamento geográfico. O ensino é considerado remoto porque os professores e alunos estão impedidos por decreto de frequentarem instituições educacionais para evitar a disseminação do vírus. É emergencial porque do dia para noite o planejamento pedagógico para o ano letivo de 2020 teve que ser engavetado (BEHAR, 2020, p. 1).

A SEEDUC⁴⁷ optou pelo uso da plataforma de ensino virtual, o *Google Classroom*, com o qual estabeleceu contrato, mantido durante os anos de 2020 e 2021. Foi um período de muitas adaptações, inseguranças e incertezas para toda comunidade escolar, pois uma “educação a distância” massiva começava a demarcar seus impactos. Entre entrevistas televisivas⁴⁸ e informes nas redes sociais do então secretário de educação de Estado na época, Pedro Fernandes⁴⁹, posteriormente exonerado, havia anúncios sobre o estudo remoto na quarentena, promessas sobre gratuidade da internet e uso de dados, jamais efetivadas no primeiro ano pandêmico.

No momento em que todos os setores da sociedade sofreram alterações importantes, gerando um consumo maior das tecnologias como canais de comunicação, trabalho, interação e convivência, a falta desses recursos tecnológicos foi apresentada no meme a seguir.

⁴⁶ Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=390689>. Acesso: em 07 jun. 2020.

⁴⁷ Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro.

⁴⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/30/alunos-da-rede-estadual-podem-acessar-plataforma-on-line-com-conteudo-de-aulas-a-partir-desta-segunda-feira.ghtml>. Acesso em 07 jun.2020.

⁴⁹ Pedro Fernandes foi exonerado após anúncio de sua prisão, devido ao envolvimento em esquema criminoso envolvendo desvio de verba dos cofres públicos, destinada às pessoas de baixa renda pertencentes a programas assistenciais. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/09/30/pedro-fernandes-deixa-prisao-domiciliar.ghtml>. Acesso em: 30 set. 2020.

Figura 15: Onde está o investimento em tecnologia?



Fonte: <https://twitter.com/ProfessorLuizC2>

Enquanto a ideologia oficial pensa e insere a tecnologia como uma ordem dominante, verifica-se um conflito com a ideologia do cotidiano devido à falta dessa tecnologia estruturada para que a escola pudesse realizar o chamado ensino remoto emergencial. Falta, aliás, com a qual a escola já se deparava, com computadores e máquinas ultrapassadas que não possibilitavam um trabalho de qualidade devido às suas configurações limitadas, e que com a pandemia foi agravada. É nessas condições, e até mesmo em condições piores, que professoras/es e estudantes foram chamados a exercer seu papel docente e discente.

Sistemas educacionais, escolas, professores, famílias e alunos tiveram que se adaptar rapidamente às aulas remotas. A utilização da tecnologia digital se tornou imprescindível para a situação e as desigualdades, presentes em nosso país, revelaram grandes desafios para a continuidade das atividades escolares de forma remota (COSTA; NASCIMENTO, 2020, p. 1).

É importante afirmar que no contexto pandêmico em que o consumo das plataformas digitais ganhou mais destaque, um cenário preocupante se instaurou, pois apesar de alguns estudantes possuírem facilidade no manuseio das tecnologias, suas usabilidades, necessariamente, não condiziam com a proposta de uma educação massiva, meramente conteudista e desgastante. Já mencionei a importância de valorizar as experiências de vida das normalistas, mas isso não significa que suas práticas culturais perpassadas pelo digital devam ser instrumentalizadas pela educação, especialmente a distância. A própria aprovação que esses/as jovens fazem dos memes, surgidos neste estudo, não sugere uma pesquisa voltada para a mecanização do trabalho docente.

Inúmeras são as inquietações que ainda me atravessam a respeito da educação na pandemia, entre elas, destaco a ausência de política de inclusão digital realmente efetiva, pois,

ignorar a situação econômica de uma grande parcela da população, só expande ainda mais os processos de exclusão. Muitos vivem à margem, violentados por um sistema político cada vez mais opressor que ignora a necessidade de conexão para todos (OLIVEIRA; ABREU; OLIVEIRA, 2020, p. 346 - 347).

Diante das reflexões aqui realizadas sobre a cibercultura, percebo uma notável transformação epistemológica nos modos de pensar e de agir da humanidade e, por isso, enalteço a importância do diálogo com estudantes e professores a esse respeito *dentrofora* das escolas. Viver experiências ciberculturais com o Curso Normal, *aprendendoensinando* sobre memes na pandemia, significou oportunizar possibilidades de suscitar reflexões importantes, especialmente quando, na contemporaneidade, a vida humana é afetada pela “disseminação de uma cultura digital sinérgica entre homens e máquinas” (VILARIM, 2009, p. 3).

Nos relatos das/os estudantes, suas vozes também apontavam para a falta de compreensão sobre suas realidades, refletindo inclusive em problemáticas metodológicas. Repentinamente, as tecnologias que professores utilizavam com dificuldade na sala de aula, comumente mediados pela contribuição das/dos alunos, tornaram-se, na pandemia, objetos de sua “especialização”. Práticas educacionais necessariamente dependentes de recursos tecnológicos *online* refletiam/refletem em intensa e exaustiva carga de trabalho.

Figura 16: Que tecnologia é essa professora, professor?



Fonte: - Grupo Memes Normalistas

Como pesquisadora e professora surpreendida por esse tsunami, penso nas tensões e conflitos que a pandemia legou às relações sociais, aviltadas, no caso da educação, pela violência que a obrigatoriedade do ensino remoto impôs a professoras/es que, muitas vezes, desconhecendo a opressão das normas e ideologias oficiais, incorporaram-nas na relação com seus alunos. Tais tensões e conflitos são expressos nos memes 15 e 16: enquanto no meme de número 15 um professor mostra seu descontentamento com o auxílio tecnológico da SEEDUC que só lhe permitiria adquirir um artefato tecnológico “dinossáurico”, no meme de número 16 o Grupo “Memes Normalistas” (constituído por sujeitos da pesquisa), fazem troça da prática docente, comparando o professor de 2019, que solicita ajuda dos alunos para lidar com a tecnologia com o professor de 2020, assumindo-se “pau-mandado” da mesma secretaria.

É a memética ecoando sentidos antioficiais, que colocam em xeque o ditado “manda quem pode, obedece quem tem juízo”. Ao passo que as políticas vigentes orientavam/orientam os professores para assumirem práticas de “educação a distância”, as/os estudantes expressavam em memes seu pensamento sobre essas práticas.

Ao recorrer às/aos normalistas para compreender o sentido que imprimiam aos memes, descobri que através dessa linguagem estavam mostrando sua insubmissão ao poder do “alto clero”, enunciando sua crítica a ele. Em nossas conversas, os sujeitos sinalizaram que encaram os memes não apenas como entretenimento, mas como modos “mais leves” de responder aos problemas do dia a dia, na escola e fora dela, que na pandemia se agravaram ainda mais:

Figura 17: Sobre estudar na pandemia



Fonte: *Instagram Vida de Normalista*⁵⁰

⁵⁰ A imagem foi produzida no *Instagram Vida de Normalista* e compartilhada no *WhatsApp* pela aluna Kamilly.

Na cibercultura, a interatividade é compreendida como “a possibilidade de o praticante falar, ouvir, argumentar, criticar, ou seja, estar conscientemente disponível para mais comunicação” (SANTOS; SANTOS, 2012, p. 163). Nas redes, a palavra circula, emerge na relação entre os sujeitos e com o mundo, que também é transformado pelo modo como as jovens falam, escrevem e se posicionam responsivamente perante a vida. Por isso, é importante conhecer “como se integra a tecnologia nos grupos e contextos educativos reais; como os recursos tecnológicos são interpretados e adaptados pelos usuários” (SANCHO; HERNÁNDES, 2006, p. 166). Para descobrir a esse respeito, o caminho que segui foi apenas o do diálogo com as jovens, o que permitiu encontrar no discurso as suas mútuas relações dialógicas (BEZERRA, 2016).

É aquela famosa frase “tem que rir pra não chorar”, às vezes um meme pode deixar um determinado assunto mais leve. Exemplo disso são esses memes sobre EaD sabe, a situação toda é desesperadora, mas os memes são uma maneira mais leve de lidar c isso (Gabriela, 2º Ano CN).

Figura 18: Sobre o Ensino Remoto Emergencial⁵¹



Fonte: *Instagram* Vida de Normalista

Na proposição do encontro com as jovens normalistas, expandi leituras e compreensões, arrisquei-me numa travessia que transformou os modos como percebia a cibercultura, seus fenômenos e a vida. Sigo, agora, continuando a apresentar as vozes participantes do Curso Normal, descobrindo o que elas pensam e dizem sobre memes na cibercultura. Na sequência da escrita, relato a primeira experiência memética com as

⁵¹ O meme foi compartilhado no *WhatsApp* pela aluna Gabriela.

jovens a partir de um tema surgido na sala de aula, anterior à pandemia. Nesse subcapítulo, rememoro a primeira experiência com memes no Curso Normal, na tentativa de conhecer as jovens, aprender sobre memes e deixar fluir a pesquisa a partir do que elas e eles trouxeram como possibilidade pedagógica.

Introduzir diálogos com as jovens numa perspectiva prática, no campo escolar, desencadeou a possibilidade de escrever essa história com o Curso Normal consciente de que “prontos ou não, já estamos vivendo numa cultura da convergência” (JENKINS, 2008, p. 43). E nessa trajetória, a escola deve repensar suas ações de acordo com o cenário atual das sociedades, relacionando os conteúdos e as abordagens ao contexto local em que está inserida. Razão pela qual a urgência de focar a prática docente com as culturas digitais (MELO, 2019, p. 277).

4.2 As primeiras conversas sobre memes no zap: o assassinato dos jovens de Paraisópolis entra em cena

Não há separação entre aspectos sérios e aspectos risíveis; o riso não pode ser substituído pelo sério porque tem seu modo específico de olhar o mundo. Ele exprime, assim como o sério e muitas vezes melhor do que ele, a verdade do mundo.

Marília Amorim

As experiências discursivas com os sujeitos foram iniciadas desde o início do doutorado e, com as jovens, buscava me aproximar da linguagem memética e estabelecer algumas relações com o riso carnavalesco pensado por Bakhtin (2010).

Na proposição do riso ambivalente, existe a possibilidade de um novo mundo, de caráter não oficial, um mundo de contrários, em que as hierarquias sociais são subvertidas. Esse mundo às avessas, nas festas populares da Idade Média, era marcado pelo princípio cômico do riso popular, que “imprimia às festas um forte tom de liberdade, para criticar, vituperar, parodiar ou projetar um futuro melhor” (SCHIFFLER, 2017, p. 83). Atualmente, os memes carregam esse riso, movimentando a história e parodiando os acontecimentos sociais. Talvez, hoje, a memética seja um dos cardápios do grande banquete⁵² que é a cibercultura para celebrar “a abertura e o inacabamento do

⁵² Em Rabelais, o banquete era a abundância de alimentos, onde todos se reuniam para conversar à mesa de modo alegre e debochado, lugar de festejo, onde as conversas e reflexões mais ousadas ocorriam.

corpo enquanto triunfo da renovação” (AMORIM, 2004, p. 170). Meme também pode ser a palavra que canta, grita e eclode discursos nos ambientes virtuais em resposta aos acontecimentos da vida.

A cibercultura, enquanto banquete⁵³, difunde a liberação da palavra sábia, verdadeira, alegre e também debochada dos memes. Enunciações que, mediadas pelo riso e sinceridade, “liberam a palavra do medo e lhe permitem ir mais longe do que de hábito” (AMORIM, 2004, p. 170) porque proliferam nas redes, multiplicam-se, viralizam. E sobre esse riso memético comecei a aprender, a experimentar e a mergulhar com as jovens.

Nas conversas *online*, tratávamos sobre fatos sociais cotidianos. Dentre eles, discutimos a respeito dos constantes anúncios nas mídias sociais relacionados à violência sofrida por jovens de camadas populares, especialmente jovens negros. Concordamos com Freire quando diz que:

toda comunicação é comunicação de algo, feita de certa maneira em favor ou na defesa, sutil ou explícita, de algum ideal contra algo e contra alguém, nem sempre claramente referido. Daí também o papel apurado que joga a ideologia na comunicação, ocultando verdades, mas também a própria ideologização no processo comunicativo (FREIRE, 1996, p. 139).

Uma das notícias veiculadas na TV e nas mídias sociais, por nós discutidas, referiu-se aos nove jovens mortos durante uma ação da Polícia Militar no dia 01 de dezembro de 2019 em um baile funk na comunidade de Paraisópolis, zona sul de São Paulo, jovens entre 14 e 23 anos. Começamos a discutir sobre trocas de memes que levantassem reflexões a esse respeito, conforme apresento a seguir.

Na conversa, pergunto que meme as jovens utilizariam para opinar sobre o assassinato dos 09 jovens em Paraisópolis. Anna Júlia compartilha a seguinte imagem:

“Enquanto come e bebe, o homem engole o mundo em vez de ser engolido por ele” (AMORIM, 2004, p. 71).

⁵³ Faço uma analogia entendendo a cibercultura como espaço que oferta inúmeros cardápios: redes sociais, memes, vídeos, fotos, conexões, hipertexto, possibilidade de interação e de convívio através das tecnologias digitais em rede etc. Na cibercultura, a mesa está posta no digital. É o cenário da festa. Na pandemia, em função do afastamento físico, os sujeitos sociais também combinavam eventos, cafés, conversas, risos e comemorações de suas casas, mediadas pelas telas.

Figura19: A questão



Fonte: Grupo Memes Normalistas (acervo da autora⁵⁴)

Na sequência, Pâmella diz:

Oi, Ana, tudo bom! Então, não lançaram nenhum meme sobre esse assunto pq ele é muito recente e muito polêmico.

Gabriela complementa:

Eu também não vi, procurei lá no *Twitter*.

Pâmella ressalta:

E os memes são uma coisa divertida e para as pessoas rirem, esse assunto não é um assunto que se pode fazer piada.

Pela fala de Pâmella, os memes caberiam apenas para colocar em xeque questões das quais se pode fazer piada. O grupo começou a interagir apresentando suas compreensões a respeito, problematizando o caráter cômico dos memes frente a situações de ignomínia. Aqui reflito sobre a natureza do grotesco, que “é a expressão da plenitude contraditória e dual da vida, que contém a negação e a destruição (morte do antigo) consideradas como uma fase indispensável, inseparável da afirmação, do nascimento de algo novo e melhor” (BAKHTIN, 2010, p. 54).

A imagem de número 19, apresentada por Anna, faz relações com o racismo, em que a nomenclatura “jovem” é dada aos sujeitos de pele “branca”, e aqueles associados

⁵⁴ A estudante retirou a imagem compartilhada no grupo memes normalistas na página: <https://www.vice.com/pt/article/yw4bax/por-que-o-racismo-se-naturalizou-nas-manchetes-midiaticas-brasileiras>

à classe dos negros a denominação é outra, a de traficantes. O meme compartilhado pela normalista faz uma representação da realidade social, negros subjugados, vítimas de racismo e de constantes práticas de violência.

Além do estilo enquanto categoria, Bakhtin também aborda outras, entre elas destaco a interação, pois a palavra é dialógica por natureza comportando nossas avaliações e “a interação é um evento dinâmico onde o que está em jogo são posições axiológicas, confrontos de valores sociais” (GEGE, 2013, p. 63). Nesse sentido, a interação é diálogo permanente, o que surge como resultado do “confronto que constitui a natureza da linguagem”. A normalista Pâmella questiona os memes enquanto “piada”, ressaltando a dificuldade de pensá-los na abordagem de um tema tão delicado, envolvendo a morte de jovens.

Na Idade Média, o realismo grotesco e os exageros eram positivos. Nas festas populares, os bufões e bobos eram as personagens da cultura cômica, e o carnaval, a própria vida (Bakhtin, 2010). Conforme o autor, “o carnaval é a segunda vida do povo, baseada no princípio do riso. É a sua vida festiva” (BAKHTIN, 2010, p. 7). E sobre os memes deste tempo, possivelmente são carnavalização, mas os resquícios da tendência moralizadora muitas vezes nos confundem e impedem de perceber a profundidade de seu conteúdo e os efeitos reflexivos a que se propõe.

Em resposta ao questionamento da colega, Gabriela expressa:

Figura 20: Continuando o debate



Fonte: Grupo Memes Normalistas (acervo da autora)

No diálogo, a normalista chama a atenção para o uso do meme enquanto expressão de olhares e opiniões sobre a realidade que superam uma entonação de sátira sobre assuntos tão sérios. O que Gabriela parece dizer é que o humor, enquanto

característica da memética, também pode evidenciar críticas importantes sem fazer piada do tema. Ao nos encontrarmos presencialmente, conversamos sobre o assunto, observando que, apesar dos memes possuírem tom crítico-humorístico, Pâmella receava um desrespeito às vítimas de Paraisópolis.

Naquele momento, as/os participantes refletiram sobre o assunto, inclusive sinalizando que existem muitos memes sem sentido e aleatórios, apenas para fazer rir, zombar ou brincar com alguém, sem qualquer apelo analítico. Contudo, pensar os memes no contexto de Paraisópolis poderia, de algum modo, fazer pensar sobre acontecimentos que não fogem à realidade cotidiana de nossa sociedade injusta e desigual.

Retomo o grotesco pensado por Bakhtin (2010) como uma construção que nos tira do lugar, nos desmonta e remonta. Nesse sentido, o meme enquanto grotesco deste tempo promove um riso profanador que subverte a seriedade da ideologia dominante (PONZIO, 2021). Esse riso tem outra dimensão, não a de desrespeitar a morte dos jovens, mas de responder à palavra de ordem (oficial) que violenta cotidianamente a sua existência.

Nesse caminho, João Pedro e Anna Júlia falavam sobre a existência de uma *Deep Web*⁵⁵ dos memes, que segundo as/os jovens referia-se ao uso de memes como prática de violência e ofensa adotada por alguns sujeitos sociais. Apesar das/dos estudantes discordarem de tal prática, não ignoravam a realidade, enfatizando a importância de uma apropriação da memética na contramão desse propósito. Estaríamos, então, em sintonia com o riso carnavalesco que é de todos, patrimônio do povo, riso ambivalente, alegre e simultaneamente burlador que “nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente” (BAKHTIN, 2010, p. 10).

Ainda em discussão sobre a definição de meme, Gabriela compartilhou uma charge relacionada ao caso de Paraisópolis e perguntou: “Isso se encaixa como meme?”

⁵⁵ A *Deep Web* é uma área da internet que fica oculta, escondida, impossível de ser acessada através de navegadores comuns. É usada para compartilhar conteúdos ilegais, seja venda de drogas, armas, entre outras práticas de violência. Os memes nessa perspectiva seriam para representar a violência ou usos inapropriados.

Figura 21: E o que são memes?



Fonte: Grupo Memes Normalistas (acervo da autora⁵⁶)

A imagem enviada pela Gabriela apresentava o governador do Estado de São Paulo, João Dória, prestando continência ao policial, diante dos corpos dos jovens assassinados. Ao leitor, críticas sobre o acontecimento eram retratadas, trazendo à tona a reflexão feita pela estudante que pensava o meme nessa dimensão.

O conceito de charge está relacionado à caricatura e mais precisamente ao significado do termo carga, cujo sinônimo representa a ideia de exagero, um traçar distorcido do artista (chargista) para retratar alguém (ROMERO, 2014). Apesar de possuir um apelo humorístico e crítico, está mais atrelado à caricatura, podendo fazer uso da linguagem verbal, por meio de texto, ou apenas não verbal, através do desenho.

Em relação ao meme, esse se apresenta como um gênero multissemiótico, unindo textos com muitos elementos, como imagens, sons, desenhos, ícones, agregando fundamentalmente a prática da imitação. Está relacionado ao fenômeno da viralização de uma informação, seja por meio de uma música, um vídeo, frase, ideia, acontecimento, cena de novela, filme etc., compartilhado pelos usuários da internet, conquistando muita popularidade. Nessa esfera, os memes são estruturas vivas que se replicam em processos constantes de mutação (DAWKINS, 2007). Diferente da charge que é assinada por um artista, a autoria do meme é coletiva, partilhada.

A imagem 21 (apesar de referir-se a uma charge) foi compartilhada no sentido de indagar o que o governo tem feito sobre os recorrentes casos de violência às classes populares, especialmente aos que moram em comunidades, subjugados como bandidos

⁵⁶ A imagem compartilhada no *WhatsApp* por Gabriela foi criada por Carlos Latuff e retirada da página do *Twitter* Brasil de Fato, disponível em: <https://twitter.com/brasildefato/status/1201566771565793281?lang=fr>

ou traficantes. Quais têm sido as ações governamentais frente ao cenário instaurado? Questionaram as/os estudantes. A charge ganharia a dimensão de meme, caso sofresse alguma alteração estética na imagem, seja através de uma nova legenda, figuras, animação ou inserção de outras mudanças realizadas pelo usuário.

Refletir com as/os alunos sobre o que diferencia meme de charge e aprender sobre suas características e diferenças mobilizou uma relação de trocas que aponta que a detenção do conhecimento não é própria apenas do professor. Quando os docentes se abrem ao conhecimento em diálogo com os discentes, possibilidades de *aprenderensinar* são potencializadas em educação. Estaríamos diante da experiência de professores e alunos, em comunhão, buscarem saber mais (FREIRE, 1987).

Na continuidade da conversa sobre o caso Paraisópolis, imagens continuaram sendo compartilhadas em diálogo com a temática e para além dela. Entre as ideologias oficiais, marcadas pelas ações do governo e daqueles que ocupam o papel de autoridade, os memes começaram a ser trazidos pelas normalistas, representando a ideologia do cotidiano, por intermédio da qual a arte de comunicar através das imagens manifesta reações críticas que apelam ao cômico como expressão de sentidos. A jovem Isabella envia outro meme para fazer relações com o tema discutido.

Figura 22: Associações com o Regime Militar



Fonte: Grupo Memes Normalistas (acervo da autora⁵⁷)

O caso “Paraisópolis” não possuía memes nas redes, mas charges. O olhar sensível de Pâmella nos fez pensar na configuração memética voltada ao

⁵⁷ A normalista retirou o meme do *Instagram* História no Paint, disponível em: <https://www.Instagram.com/p/B3e3WB1HdjK/>

entretenimento, usualmente apropriada pelos sujeitos sociais. Possivelmente, a carga do tema era muito pesada para elaboração de um meme tão específico, tamanha dor, sofrimento e violência do caso. Nessa perspectiva, a temática desencadeou reflexões e usos de outras imagens meméticas que conversavam a respeito do assunto. A associação que a jovem Isabella faz sobre o regime militar, através da figura de uma mulher com a vassoura para “bater no marido” (figura 22), representa a violência adotada pelos policiais em relação aos jovens assassinados, manifestando que a postura do “regime militar” não estagnou em um tempo histórico, marcando o contexto atual.

Na continuidade da conversa, a jovem Kamilly denunciava a desigualdade social, compartilhando a imagem da comunidade de Paraisópolis, localizada na zona Sul de São Paulo. De um lado, a riqueza; de outro, a extrema pobreza. “Esse é o retrato da desigualdade, gente”, afirmou a estudante.

Figura 23: Desigualdade Social



Fonte: Grupo Memes Normalistas (acervo da autora⁵⁸)

O aluno João Pedro, através de um processo reflexivo, explicita o caráter crítico do meme através da replicação de uma cena do filme “Coringa”. O normalista compartilha a imagem demonstrando que ela agrega humor, sátira e ironia. Ao utilizar a personagem e o próprio cinema, faz uma analogia com o meme e o tema discutido, demonstrando que a linguagem memética, assim como a cinematográfica, são apropriadas para discutir temas cotidianos envolvendo o cômico e o trágico.

⁵⁸ Fonte da imagem compartilhada pela estudante no *WhatsApp*: encurtador.com.br/ajluX

Figura 24: Ficção ou realidade?



Fonte: Grupo Memes Normalistas (acervo da autora⁵⁹)

Nota-se na figura 24 a relação que João Pedro estabeleceu entre o filme *Coringa* e o assassinato dos jovens de Paraisópolis. Resumindo, o enredo do filme, que se passa em Gotham, no começo da década de 80, conta a história de Arthur Fleck, um homem pobre com problemas mentais, frequentemente marginalizado, maltratado e negligenciado pelo sistema e pela sociedade. Por esses motivos, Fleck se transforma num assassino sob a pele do Coringa. Sua história chega à mídia e detona um movimento popular sem precedentes contra a elite de Gotham City. João Pedro retira o Coringa do contexto do filme e o identifica com o “jovem negro e periférico e o contrapõe ao sistema”. Penso aqui no vínculo que o normalista estabeleceu entre a arte e a vida e lembro Bakhtin quando diz que “arte e vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo singular em mim, na unidade da minha responsabilidade” (BAKHTIN, 2011, p. XXXIV).

No livro “A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais”, Bakhtin aponta que é possível compreender o carnaval nas fronteiras entre a arte e a vida, sendo a vida apresentada com os elementos da representação. Nessa perspectiva, o riso carnavalesco (lembro o riso do Coringa ao final do filme) é um patrimônio do povo, um riso de todos. Por outro lado, o riso também é ambivalente, ao passo que é alegre e festivo, também é burlador e sarcástico. Esse riso

⁵⁹ João Pedro criou o meme utilizando o site: <https://imgflip.com/memegenerator/179949504/Joaquin-Phoenix-Joker-Car>.

nega e ao mesmo tempo afirma, despreza e, concomitantemente, faz renascer (BAKHTIN, 2010). O meme compartilhado pelo jovem João Pedro permite captar uma “imitação” da vida real, reproduzindo na imagem “a expressão da sensação popular do mundo, da cultura popular” (BAKHTIN, 2010, p. 5).

Recuero (2009) discute a variação memética justificada pela capacidade de mutação do meme. De acordo com a autora, uma história nunca é contada exatamente do mesmo modo, podendo sofrer mudanças no decorrer do tempo. Caracterizada pela prática de releituras, os memes carregam as interpretações dos sujeitos sociais confirmando suas impressões sobre um fato, uma cena ou acontecimento em evidência. Nesse sentido, alguns memes costumam chamar mais atenção do que outros,

permanecendo mais e sendo mais copiados, enquanto outros não são lembrados. A retenção ocorre pela permanência do meme no caldo cultural. É comparável à hereditariedade, que faz com que um novo meme tenha, portanto, muito pouco de originalidade, mas seja produto de variação e recombinação de ideias antigas que permanecem presentes nas ideias presentes (RECUERO, 2009, p. 124).

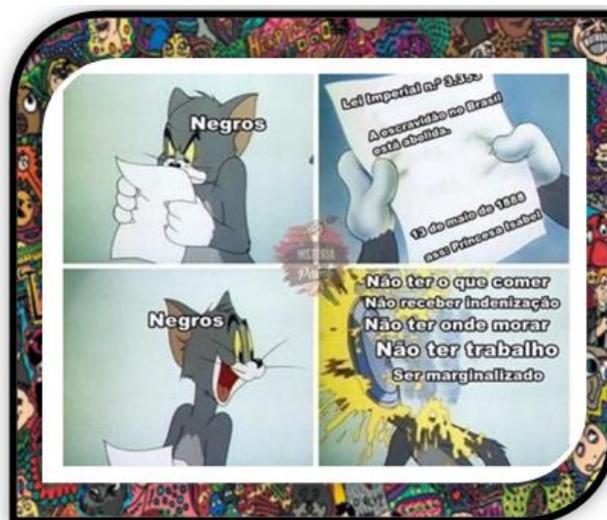
Ao carregar um estilo irônico, o meme representa sabedoria e, “rejeitar a ironia é optar deliberadamente pela tolice, limitar-se a si mesmo, estreitar o horizonte” (TODOROV, 2011, p. XXI). Pensar na prática cultural memética enquanto ideologia do cotidiano nos ajuda a perceber o olhar crítico das/dos estudantes e suas formas de manifestação através da cibercultura. Cabe lembrar o conceito bakhtiniano de paródia: uma intertextualidade com a finalidade de produzir efeito cômico, ao mesmo tempo em que se apresenta como carnavalesca, também é ambivalente e bivocal. Estaríamos diante da voz do parodiado e do parodiante, num misto que envolve zombar da voz séria e, ao mesmo tempo, sustentar uma alegria com a outra voz (GEGE, 2013).

Diante das discussões a respeito do caso Paraisópolis, as nuances surgidas através das falas dão pistas sobre uma usabilidade memética que não faz troça dos sujeitos, mas torna o fardo do que eles vivem mais aparente. Começo a pensar na densidade ideológica do que é enunciado, no gênero do discurso ali presente e assim me aproximo da compreensão memética das/dos jovens. Se memes “riem” zombando com a voz séria, eles jogam com as realidades não necessariamente para fugir delas, mas para enfrentá-las com um toque de humor essencialmente reflexivo.

As jovens me convidam a perceber a força do diálogo na proliferação de ideias, e que um fato específico pode desencadear leituras outras, problematizações e assuntos importantes à formação docente, discente e humana. Foram as conversas com elas/eles

que me mostraram o papel enunciativo da linguagem e o quanto ela forma, reforma e transforma.

Figura 25: Liberdade dos negros?



Fonte: Grupo Memes Normalistas – Acervo da autora⁶⁰

Ao compartilhar o meme acima, Isabella diz,

Na época da escravidão eles eram inferiores e isso não mudou nos dias atuais, hoje em dia os negros são considerados como alvos e sempre que acontece alguma coisa o Estado sempre vai nos mais inferiores.

As vozes das/dos estudantes representadas nos memes buscavam mencionar a Lei Áurea que, apesar de “promulgar” a libertação dos escravos no ano de 1888 deixou, ao longo dos anos, rastros de uma liberdade questionável frente às situações de preconceito, vulnerabilidade e descaso dirigido aos negros. Começamos a pensar no que aprendemos nas aulas de História, ao longo da vida escolar, e a questionar os ensinamentos eurocêntricos e brancocêntricos a que fomos e ainda somos submetidos. Através desses memes, construímos um movimento responsivo sobre os/as professores/as que desejamos ser frente à necessidade de rompimento com a visão de mundo centrada em valores europeus, tão colonizadores e racistas.

Arroyo (2015) defende que o direito à educação não pode estar dissociado à luta contra a criminalização moral dos adolescentes e jovens populares. Nessa sintonia, o autor questiona sobre quem outorga esse direito, chamando a atenção para “as leis, as

⁶⁰ A imagem compartilhada pela normalista Isabella no grupo de *WhatsApp* foi retirada do *Instagram* História do Paint. Disponível em: <https://www.Instagram.com/p/B3e3WB1HdjK/>

diretrizes, as políticas e programas de governo das elites” (ARROYO, 2015, p. 17). Assim como Arroyo, reconheço que as possibilidades e limites do direito à educação carregam uma marca histórica atrelada à condição de poder/saber dos grupos sociais e raciais, sendo destinado aos pobres e pretos uma relação de dominação-subalternização.

Nessa perspectiva, no movimento dialógico construído com as jovens, em nossos encontros, percebemos que os memes estariam expressando modos de ver e sentir a vida em sociedade, colocando-a em xeque, especialmente a partir de fatos cotidianos que se repetem com constância, refletindo e refratando as mazelas sociais, inquietações e tormentas sofridas pela população (ideologia do cotidiano), mas promovidas pela ideologia oficial insistente em propagar ondas sonoras de dominação, controle e prevalência.

Observei que a proliferação e continuação de determinado meme são condicionadas à identificação que os sujeitos encontram com a temática. Mesmo estando atrelada à reprodução massiva, a memética consegue dar evidência para o que está sendo discutido na sociedade, inclusive em educação. Quando vi as/os estudantes construir relações a partir de um tema discutido no grupo (o caso dos jovens de Paraisópolis) e da dimensão que o fato social ganhou, articulando-se às situações históricas pensadas pelas normalistas, percebi que a linguagem dos memes pode provocar experiências de aprendizagem férteis, inclusive elencando muitos temas de debate.

Figura 26: O meme de Paraisópolis



Fonte: encurtador.com.br/aCHL9 - Grupo Memes Normalistas⁶¹

⁶¹ A imagem foi compartilhada no *WhatsApp* pela normalista Pamella. “Gente, achei um meme sobre o assunto. Tem muito a ver”.

Os memes em diálogo com o caso de Paraisópolis carregavam representações que refletiam a temática. Ali, comecei a compreender o que são memes e quais suas possibilidades, inclusive para a educação. O tom criativo da própria linguagem permite que os estudantes acessem e elaborem seus memes para expressar suas vozes sobre conteúdos nem sempre presentes nas disciplinas.

Questionar de que modo os memes poderiam ser contemplados em educação me trouxe algumas dúvidas, pois a proposição da tese não é criar um “modelo de educação”, mas me certificar e divulgar que, ao ouvir e dialogar com as/os estudantes, posso encontrar pistas que me conduzam à valorização do que pensam, vivem e enunciam. Viver a arte do encontro com o outro sugere uma transformação mútua, movimento esse polifônico entre pares, porque atuo na docência com a compreensão de que meus alunos/as hoje serão meus/minhas companheiros/as de profissão.

Se os memes estão na sala de aula trazidos pelos/as próprios estudantes, penso na necessidade de rompimento com uma visão reducionista que os perceba apenas como instrumento de ensino. É fundamental entendê-los como enunciação, pois as vozes dos alunos dizem sobre seus lugares, pensamentos e enfrentamentos. Conhecer o que expressam as jovens pode ser o ponto de partida para a produção de outras práticas pedagógicas e currículos, mais engajados e preocupados com sua formação cidadã e humana.

Os memes mencionados nesse subcapítulo me convidaram a pensar criticamente sobre o retrato social, tal como interpretado pelas normalistas quando buscaram, a partir de uma primeira experiência discursiva, enunciar sobre a banalização da violência que incide de modo cruel na subalternização dos jovens pobres, em especial quando são negros. As discussões sobre o racismo foram preponderantes, movidas pelo debate a respeito do caso ocorrido em Paraisópolis – SP, representativo do que vem ocorrendo, constantemente, em muitos estados brasileiros e no mundo, com as recorrentes situações de violência e segregação direcionadas a esse contingente juvenil.

A questão que me tocou no encontro com os sujeitos foi a riqueza dos seus modos de ser e de se dizer, que podem desencadear processos formativos potentes, sugerindo à educação possibilidades de uma formação de professores de nível médio plena e não unicamente técnica. Nessa perspectiva, é fundamental pensar a educação não como prática de reprodução social, mas como prática ético-política de transformação da sociedade (SEVERINO, 2000).

4.3 No zap, os memes em diálogo com o Curso Normal



Grupo Memes Normalistas

O que expressam, em memes, as estudantes? Quais fatos sociais atravessam a vida das normalistas e o que enunciam a esse respeito? De que forma os memes refletem não apenas na formação dessas jovens, mas também na minha após ter sido afetada pelo campo? E o que dizem as estudantes, em memes, sobre o Curso Normal?

Ao ingressar no campo, mesmo sem muitas certezas do que ali seria encontrado, dispus-me a aguçar uma escuta atenta e consciente, considerando o que Volochínov trata no texto “Discurso na vida e discurso na arte”, referindo-se à palavra relacionada à vida, à realidade, que compõe a interação entre um falante e um interlocutor. Stella (2005) lembra que o tom de quem fala é compreendido e socialmente compartilhado pelo interlocutor, acrescentando que “o falante, ao dar a vida à palavra com sua entoação, dialoga diretamente com os valores da sociedade, expressando seu ponto de vista em relação a esses valores” (STELLA, 2005, p. 178).

Em diálogo com as jovens, foi sendo possível compreender que a experiência das conversas e dos encontros com o Curso Normal colocava-se como oportunidade para revelar as produções de sentidos dessas normalistas. Vozes que marcam não apenas a importância da presença do Curso Normal para esses sujeitos, como também o momento histórico de sucateamento das políticas educacionais. Conheci de alguns/algumas jovens, sujeitos desta pesquisa e pertencentes às classes populares, que o Curso Normal, além de ser a formação inicial de professores, é também o ingresso mais rápido no mercado de trabalho.

Figura 27: Ter uma profissão⁶²

Fonte: https://www.Instagram.com/vidadenormalista_/

Reafirmando a força do encontro dialógico com a palavra do outro, em que “a palavra dita, expressa, enunciada, constitui-se como produto ideológico, resultado de um processo de interação na realidade viva” (STELLA, 2005, p. 178), reconheço que a escuta aos jovens é também o movimento dialógico com eles/elas. Uma ponte que me atravessa, me transforma e alarga o meu pensamento, mas que também transforma e alarga o pensamento desses/dessas jovens. Saímos modificados a cada encontro.

Figura 28: Expectativa e realidade⁶³

Fonte: https://www.Instagram.com/vidadenormalista_/

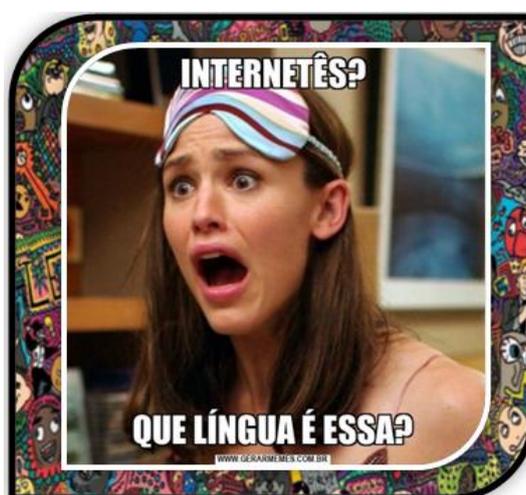
⁶² Compartilhado pela jovem Isabella no *WhatsApp*.

⁶³ A desvalorização de professores expressa em memes. Convém registrar que professores da rede municipal de São Gonçalo têm sofrido processos de desvalorização profissional, com alterações nos planos de cargos e salários, em diálogo com critérios de meritocracia. Além disso, a criação de outro cargo (sem formação pedagógica) chegou a ser instituído no município, a de “cuidador de aluno especial”, trazendo à tona práticas de retrocesso no campo educacional, na contramão do que defendem as políticas educacionais, especialmente sobre inclusão. O município direciona a vaga para “não professores”, colocando em xeque a real função da escola e seu compromisso com a educação crítico-cidadã. Avista-se a subalternização de cargos, salários e lógicas do mercado etc.

E quando a palavra surge no *WhatsApp*, não podemos deixá-la passar, pois, na internet, a comunicação tem uma dimensão ágil, característica das redes sociais (OLIVEIRA; SANTANA, 2018). No aplicativo de conversa, a jovem Isabella compartilhou um meme sobre a chegada ao Curso Normal atrelada à expectativa do primeiro emprego. Um momento delicado na vida das/dos recém-formados. Assim como ela, muitos jovens acessam a formação com esse propósito, mas se deparam com a dificuldade de empregabilidade.

Impregnada dos meus modos institucionais de ensinar e de aprender e curiosa em saber o que pensavam as/os colegas sobre o tema, pedi que falassem mais a respeito. Em seguida, a jovem Nathália compartilhou o meme de número 28, expressando a sua preocupação com o futuro profissional, tamanha desvalorização docente em nosso país. “Olha aí nosso futuro ☹”, afirmou a normalista. Na sequência, as/os colegas respondiam: “é isso”, “assim msm”, “o meme diz tudo”, “é vdd”, “Tá aí, professora”. Outros enunciavam, através de figurinhas, *emoticons*⁶⁴ e *emojis*⁶⁵, carinhas com semblantes tristes, preocupados, chorosos e chateados. Apesar de desejar papos mais longos, começo a compreender que os modos de dizer das/dos jovens se diferenciam muito do meu e, “em vez de impedir/disciplinar o uso do internetês na internet (e fora dela), posso investigar por que e como esse modo de se expressar por escrito funciona” (ROJO; MOURA, 2012, p. 27).

Figura 29: De repente, eu aprendo



Fonte: Criado pela autora⁶⁶

⁶⁴ Um *emoticon* é um pictograma criado através dos sinais de pontuação, números e caracteres especiais/ Representação das emoções (expressão facial) pela junção de ícones ou de caracteres.

⁶⁵ O *emoji* é um ícone ilustrado, geralmente embutido nos teclados dos smartphones atuais. Pode ser considerado uma evolução dos emoticons.

⁶⁶ Criado na página virtual destinada à produção de memes: <https://www.gerarmemes.com.br/>. Precisei aprender a falar internetês (na internet). Normalmente minhas perguntas ou comentários eram

Na cibercultura, existem diversas formas de comunicação. Através da linguagem digital, outros modos de escrever, dizer e pronunciar as vozes acontecem. A língua é dinâmica e atualizada pelos grupos sociais, sendo o internetês “o termo que nomeia a linguagem utilizada no meio virtual, no qual as palavras foram reduzidas até formar uma expressão” (OLIVEIRA; SANTANA, 2018, p. 3). Além da abreviação⁶⁷ de palavras e recriação, características dos ambientes virtuais, o internetês também faz uso de pictogramas, *emoticons* etc. Nesse sentido, o meme, as carinhas e os *emojis* são texto e dão o tom da mensagem. As jovens mencionavam que nas redes sociais não há uma obrigatoriedade para a escrita de textos mais elaborados e que os memes funcionam nessa perspectiva.

Conforme Lévy (2010 p. 7), “escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturadas por uma informática cada vez mais avançada”. Tempo esse do hipertexto dinâmico, em constante movimento, de comunicação criativa. Estamos diante da linguagem potencial de uma época considerando que, apesar de muitos jovens se apropriarem dos modos similares de escrever e dizer (seja no *Facebook*, *Instagram*, *Youtube*, *WhatsApp* etc.), seus textos são únicos e singulares (BAKHTIN, 2011), porque dizem respeito à vida, desenvolvendo-se na fronteira de duas consciências (dois sujeitos).

E foi nessa perspectiva de encontro que os memes surgiram no campo como reflexo de um tempo tecnológico e digital, onde forças centrípetas sobre determinada visão de mundo dominante impera socialmente, afinal, a tecnologia da informação tornou-se ferramenta fundamental para a implantação dos processos de reestruturação econômica (CASTELLS, 2007). Mas não se trata de descartar “as forças centrífugas, configuradas pela tensão e abertura, revelando, ideologicamente, as relações sociais efetivas, relacionadas à vida” (GEGE, 2013, p. 48). Nessas forças centrífugas, concentrei minha atenção a fim de conhecer as “artes de fazer” (Certeau, 2014) das/dos jovens, traduzidas por suas inventividades cotidianas quando veem os memes como enunciação, superando compreensões superficiais que visualizam tal linguagem como futilidade, piada para rir ou unicamente entreter/distrair, sem que sua ambivalência seja captada e refletida em educação.

textos/áudios longos e nos espaços virtuais as “regras” de comunicação são diferentes. É outra relação com o *espaçotempo*, uma comunicação marcada pela temporalidade da escrita. Assim como a “norma culta” têm seus padrões, o internetês tem suas especificidades, criações e ressignificações

⁶⁷ Exemplos: “você = vc”, “mesmo = msm”, “verdade = vdd”, “ninguém = ngm” etc.

Em sintonia com o conceito de paródia pensado por Bakhtin (2010), percebi que essa intertextualidade nega o discurso de autoridade afirmando a relatividade das coisas, ou seja, enquanto carnavalesca, a paródia zomba com a voz séria, trazendo o riso como manifesto de alegria da vida, como um possível escape e, ao mesmo tempo, enfrentamento das tormentas que envolvem a vida humana. Entre divertimentos e distrações, existem desvios que precisam ser notados, como parece ficar claro pela memética produzida por professores/as e alunos/as que, muitas vezes, transcende a obviedade dos conteúdos disciplinares que tanto entedia os jovens.

O verdadeiro riso, ambivalente e universal, não recusa o sério, ele purifica-o e completa-o. Purifica-o do dogmatismo, do caráter unilateral, da esclerose, do fanatismo e do espírito categórico, dos elementos de medo ou intimidação, do didatismo, da ingenuidade e das ilusões, de uma nefasta fixação sobre um plano único, do esgotamento estúpido. O riso impede que o sério se fixe e se isole da integridade inacabada da existência cotidiana. Ele restabelece essa integridade ambivalente. Essas são as funções gerais do riso na evolução histórica da cultura e da literatura (BAKHTIN, 2010, p. 105).

Figura 30: Vida de normalista



Fonte: https://www.Instagram.com/vidadenormalista_/

“O meme diz muita coisa do nosso cotidiano e nem precisa fazer textão kkkk”, comentou João. O jovem se referia ao texto memético compartilhado pela colega Priscila que expunha a rotina exaustiva do Curso Normal. Ao ler o texto, é possível compreender que o exagero⁶⁸ da imagem torna-se caricatura, joga com a realidade e opera um processo de carnavalização sobre a vida de normalista.

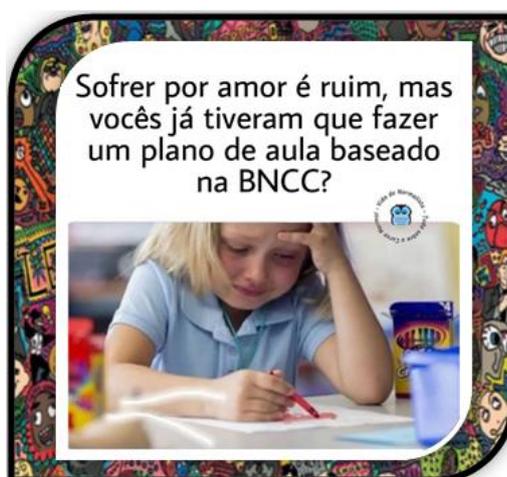
⁶⁸ François Rabelais escrevia romance fazendo uso de humor, sátira. O “exagero” no estilo próprio de escrever e representar a vida levava e ainda nos leva à reflexão. As personagens Gargântua e Pantagruel, por exemplo, eram gigantes beberrões (pai e filho). Rabelais usava do grotesco e do escatológico para satirizar a pompa dos poderosos. Suas imagens manifestavam o mundo infinito das formas, ritos e cultos cômicos, bufões e tolos, gigantes, anões e monstros, palhaços, de diferentes estilos e categorias, a

E as jovens, com seu modo de enxergar o mundo, a vida e os memes, continuaram refletindo, pensando e produzindo leituras sobre o seu *espaçotempo* indissociável da escola. Estar ali também significava discordar de alguns currículos, da quantidade excessiva de trabalhos e de textos ainda xerocados, de uma carga horária extensa e de um produtivismo predominante. Em sintonia com Ribeiro e Skliar (2020), possivelmente esse é um modelo de educação inútil em conformidade com o “assim das coisas”. Um formato de educação em que bases comuns e políticas curriculares caminham para a padronização de saberes, empenhada com uma agenda mercantil na qual o “turbocapitalismo tem ditado uma narrativa de mundo (que comporta modos de ser, estar e habitar específicos)” (RIBEIRO; SKLIAR, 2020, p. 16).

Os memes compartilhados pelas/pelos normalistas me mostraram, através das imagens, a importância de pensar sobre esse modelo educacional instituído e me ensinaram a criar outros currículos, “conectada com o que pulsa nas relações, nos cotidianos e nos processos de aprendizagem e formação: a vida” (RIBEIRO; SKLIAR, 2020, p. 16). Elas e eles transformaram o meu olhar, emocionaram-me e envolveram através de cada palavra enunciada.

Nós podemos expressar nossa opinião em memes. Isso é coisa séria, apesar de engraçado e divertido, eu uso memes para falar de assuntos sérios, sabe? Muitas vezes um tema que é mais difícil, até uma reclamação de algo na escola ou outra situação. Quando puxamos o assunto com os memes, a conversa fica mais suave, acho que torna o processo menos difícil. Ali pode ter uma reclamação, mas o meme ajuda a descontrair e abre espaço pro diálogo (Anna Júlia, CN).

Figura 31: Plano de aula e BNCC



Fonte: https://www.Instagram.com/vidadenormalista_/

Quanta astúcia, saídas inventadas através da palavra memética. A jovem Anna Júlia se apropria de memes para expandir diálogos, entrar na arena e “golpear” com o riso ambivalente. O meme “quebra o gelo”, descontraí, aproxima e mostra a realidade pelos olhos do outro. Esse é o rompimento necessário com as políticas curriculares presentes no escopo da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e na formação de professores, tendenciosamente marcada pelos parâmetros neoliberais. Tanto processos de responsabilização, quanto métodos de controle conservadores sobre o comportamento e sobre os valores dos estudantes vão sendo estipulados por meio da BNCC, de forma discreta, mas muito presente na Base.

A BNCC é atravessada por um estreitamento curricular que implica a sonogação de outros conhecimentos, impondo uma cultura escolar que determina, inclusive, o ritmo de ensino do professor (FREITAS, 2014). Na contramão da Base, e em diálogo com o meme compartilhado pela estudante, é importante afirmar que transformar a “organização curricular não é apenas modificar uma listagem de conteúdos, competências e habilidades, mas interferir em práticas discursivas educacionais e identificações docentes” (LOPES, 2019, p. 71). Por isso, ao construir currículos com as/os praticantes escolares,

apostamos na suspensão, na calma, na possibilidade de estar presente com gestos educativos potentes na construção de relações nas diferenças, na educação como conversação e comunidade: espaço-tempo de partilha e indagação de saberes, experiências, histórias, de expressar e expressar-se, de pensar com os outros, de sermos no coletivo (RIBEIRO; SKLIAR, 2020, p. 17).

Nessa tessitura com as jovens, entendi que é preciso suspender currículos e criar outros. Movimento esse que se dá em pares e que se constrói através da escuta sensível (BARBIER, 1992) que me aproxima do outro, acolhe-o, enxerga-o e compreende-o. Assim, os memes continuaram provocando o pensamento, entrando em pauta e compondo minha/nossa formação, afinal, “é melhor escrever sobre risos que sobre lágrimas” (PONZIO⁶⁹, 2021, p. 527).

Do mesmo modo que memes simbolizam piadas aparentemente divertidas, também representam uma ironia necessária para fazer pensar sobre as tormentas sociais, pensamento esse indispensável à formação de futuros professores/as que não se atenha à

⁶⁹ Tradução do Italiano: “*Meglio è di risa che di pianti scrivere*”. Inspirado em (François Rabelais, Gargantua et Pantraguél). Artigo disponível nas referências.

capacitação técnica, mas que alcance a formação humana com potencial libertário e emancipador. Esse é, parece-me, o potencial dos memes, alavancados neste estudo.

Nessa experiência memética com os/as jovens, busquei refletir sobre a potencialidade do termo “tecnologia”, vendo-o para além do que a própria ideologia oficial infere, na tentativa de conhecer os memes apresentados pelas normalistas enquanto “ideologia do cotidiano”, algo que, a partir do que o campo me trouxe, através da enunciação das vozes das/dos jovens, dialoga com os pressupostos bakhtinianos com os quais estreitei relações.

5. MEMES E O RISO NEGATIVO: ALGUMAS DISSONÂNCIAS

A primeira vez que ouvi a expressão “meme é coisa séria”, foi através do jovem João Pedro. Ao falar sobre suas práticas nas redes sociais, ele me dizia, “eu vejo meme como coisa séria porque as pessoas criam muitas narrativas e ali também posso expressar o meu pensamento”. No diálogo com outras normalistas, as colegas caminhavam nessa sintonia. João adorava memes, estudava, criava e compartilhava suas leituras com o grupo. Ao mencionar as diferentes narrativas em memes, explicava que havia discursos de ódio e de amor, do bem e do mal. Textos opressores, maliciosos, que defendiam um humor ácido, muito diverso da apropriação que fazia.

Se de um lado, há o riso subversivo e burlador, defendido pelas/pelos normalistas, de outro, há o riso negativo e cruel, que na escrita desse capítulo sintonizo ao discurso neoliberal. Para Bakhtin (2010, p. 57), “somente o riso, com efeito, pode ter acesso a certos aspectos extremamente importantes do mundo”. Nessa direção, o riso é um modo de expulsar “a consciência da seriedade mentirosa, do dogmatismo de todas as afetações que a obscurecem” (p. 120). Contudo, quando ideologias opressoras se apropriam do riso negativo, a história é outra. Enquanto as jovens, impregnadas do riso memético, buscam despertar a consciência crítica sobre a existência de dois mundos, (oficial e extraoficial), o mundo oficial, normativo e mercadológico, onde vivem os donos do poder (BERNARDI, 2009), também utiliza memes para oprimir.

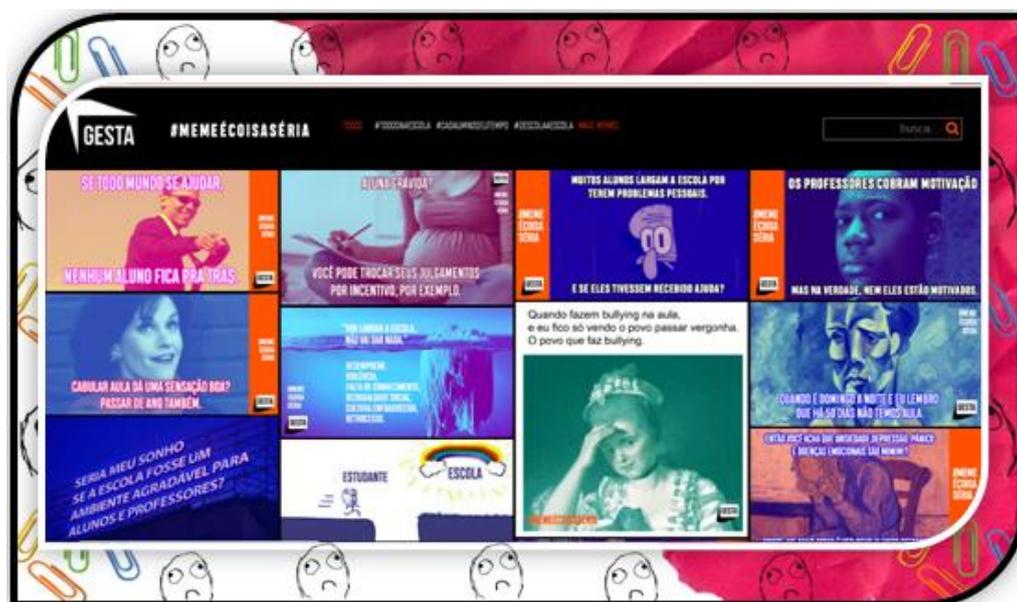
Em Rabelais, os oprimidos tinham o direito de “a partir de brincadeiras verbais e de ritos e espetáculos especiais, trazer à tona o avesso da vida. Nesses momentos, ria-se do opressor; tanto o poder da Igreja quanto o poder do Estado eram ridicularizados” (BERNARDI, 2009, p. 79). No tempo atual, essa também é a proposição memética das/dos jovens. Contudo, o “avesso da vida” resolveu proliferar sua palavra em memes, numa outra perspectiva, obviamente em defesa da opressão, da mercantilização e da política da maldade. Aqui o riso é noutra horizonte, o do “mundo da representação e da ideologia dominante” (PONZIO, 2021, p. 531). Falo sobre um riso negativo, que neste estudo intitulei de dissonâncias.

Em relação a essas dissonâncias, considero importante destacar que as políticas e reformas educacionais têm caminhado alinhadas com as propostas e intervenções do ramo empresarial, demarcando a privatização do que é público a partir de “serviços” privados. Nessa linha, durante a pesquisa sobre memes, encontrei a Galeria de Estudos e Avaliação de Políticas Públicas (GESTA), uma plataforma destinada a avaliar questões

públicas, especialmente relacionadas ao engajamento escolar. A iniciativa está ligada à Fundação Brava, uma organização interessada em implantar soluções voltadas para a gestão do setor público. Entre seus parceiros, há a *Alliance for Useful Evidence* (organização voltada para intervenção das políticas e práticas sociais, aconselhamento e treinamento), Insper (Instituto de Ensino e Pesquisa), *Tech and Soul* (empresa de publicidade), Instituto Ayrton Senna e Instituto Unibanco.

Sobre a Gesta, há um *link* denominado “#memeécoisaséria”, no qual a organização faz uso dessa prática cultural de linguagem para disponibilizar diversos memes com discursos dúbios, tendenciosos ao enfraquecimento e à culpabilização da escola pública e dos professores pelos inúmeros problemas existentes em educação. Estaríamos diante dos discursos propagados pelos reformadores empresariais (FREITAS, 2012). Há um esforço em apresentar a educação pública como frágil frente aos desafios característicos da atualidade. Vimos o opressor fazer uso da palavra (em memes) para ofuscar as bonitezas e resistências presentes na educação pública.

Figura 32: Site Gesta



Fonte: Captura de tela - <http://gesta.org.br/memes/engajamento-escolar/> Data: 19 de Nov.2022.

Entender o meme como enunciação significa reconhecê-lo como prática de linguagem utilizada por várias esferas sociais, incitando a ampla necessidade de discussão frente aos gêneros do discurso nele presentes, afinal, “o que marca um gênero é o projeto enunciativo, a posição de sujeito que diz” (SOBRAL, 2014, p. 17). Nesse caminho, os memes também são usados como recursos de propaganda e marketing,

encontrando-se no campo dos negócios e das negociatas. E as instituições empresariais têm se apoderado dessa prática cultural para espalhar seu humor satírico sobre a educação pública e os professores, um humor negativo, diverso do riso popular que, ambivalente, fala sobre a verdade, “abre os olhos” e dá esperança através do cômico da existência (BAKHTIN, 2010).

Figura 33: Discursos dúbios



Fonte: <http://gesta.org.br/memes/>

Conforme pontua o meme acima, a imagem do professor é denunciada como o “grevista” que pouco frequenta a escola e, quando leciona, seu processo é aligeirado e pouco eficiente, tornando-se os alunos vítimas do processo. Em nenhum momento a existência da greve surge como um tema a ser problematizado; a imagem induz ao leitor um julgamento tendencioso e precipitado, sem incitar reflexões a esse respeito.

Enquanto direito legítimo, a greve retrata o movimento de luta de trabalhadores por melhores condições de existência. Diante das mudanças na economia e dos reflexos da Revolução Industrial, vimos a sociedade percorrer outros rumos, sem com isso deixar de registrar a relação de exploradores e explorados, opressores e oprimidos. Não há como pensar a educação desvinculada de seu contexto social. Conhecer a educação em contexto é reconhecer o plano de fundo de capital nela presente. Os rumos da economia, da própria globalização e financeirização do capital, das tecnologias de produção e organização do trabalho se apropriam da educação com muitas finalidades, inclusive mercadológicas.

As reformas educacionais não me deixam mentir. No reino das competências e habilidades, imperam reformas que buscam modificar o modelo de cidadão e nação. Estamos diante de políticas de responsabilização, nas quais o enfoque é atender as demandas do setor empresarial e produtivo (FERRETI, 2018). Nessa tessitura,

denunciar e culpabilizar o professor pela má qualidade da educação é muito sugestivo. É o discurso utilizado como uma tecnologia de governança em função do projeto hegemônico capitalista (SHIROMA; EVANGELISTA, 2015).

A partir do exposto, considero que a tecnologia, enquanto uma hipermodalidade linguística e cultural, apresenta o uso de imagens e sons cada vez mais articulados no meio digital (VARGAS, 2013), signos que amplificam os modos de expressão e comunicação. Nesse caminho,

Todo sistema de signos (isto é, qualquer língua), por mais que sua convenção se apóie em uma coletividade estreita, em princípio sempre pode ser decodificado, isto é, traduzido para outros sistemas de signos (outras linguagens); conseqüentemente, existe uma lógica geral dos sistemas de signos, uma potencial linguagem das linguagens única (que, evidentemente, nunca pode ser uma linguagem única concreta, uma das linguagens) (BAKHTIN, 2011, p. 311).

Bakhtin, em seu tempo, distante do cenário digital da atualidade, discorria sobre a diversidade da língua como sistema de meios, realçava a materialização da palavra, do próprio texto e de sua reprodução realizada por cada sujeito de modo singular. Uma reprodução irrepetível, pois cada um ao se comunicar discursivamente imprime a sua intencionalidade, percepção e valor sobre o texto.

Quando o objetivo da linguagem se reduz apenas à transmissão e à formação do pensamento, sua “essência se resume à expressão do mundo individual do falante” (BAKHTIN, 2011, p. 270). Ignorar a função comunicativa da linguagem significa subestimar o seu uso, apropriando-se dela apenas para sobrepor o sentido de um pensamento enunciado, no qual o enunciador distancia-se de uma relação discursiva com os outros. De acordo com Bakhtin, apropriar-se da linguagem desprovida de comunicação é o mesmo que conceituar o outro como ouvinte, aquele que deve compreender passivamente o falante.

Figura 34: Isso é sério?



Fonte: <http://gesta.org.br/memes/>

O grito demonstrado no meme é de uma denúncia maliciosa à escola pública, como se ela não realizasse seu papel formativo e não desempenhasse sua função social. A narrativa memética culpabiliza as instituições públicas e seus professores por um suposto fracasso da escola, tentando proclamá-la sob uma única voz, a de cunho negativo. No entanto, o impacto desses memes entre as/os jovens das classes populares, estudantes da escola pública, reafirma que em cada discurso que é dito sempre haverá novas aberturas e outras vozes ecoarão, trazendo novos dizeres e revelando que “a vida se revela no seu processo ambivalente, interiormente contraditório. Não há nada perfeito nem completo, é a quintessência da incompletude” (BAKHTIN, 2010, p. 23).

Estudos de Benjamin que abordam, assim como Bakhtin, uma perspectiva libertária da palavra (2012), sinalizam que:

Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo (Walter Benjamin, 2012, p. 245).

Assim como Benjamin (2012), percebo que todo mecanismo usado para divulgar a cultura, de alguma forma, acaba sendo corrompido pelo mercado e se tornando também um mecanismo da barbárie. Escovar a história a contrapelo é buscar compreender outros usos, além daqueles que já nos parecem definidos pelo mercado. Benjamin (2012) propõe em *Experiência e Pobreza* pensar outras formas de estar no mundo, e assim construir um sentido positivo de barbárie, entendendo como “bárbaro” aquele que abre novos caminhos com pouco e que isso só é possível por meio da experiência com a enunciação de novas vozes.

A proposta de Benjamin (2012) dialoga com os estudos Bakhtinianos de pensar uma perspectiva libertária no encontro com a opressão, mostrando que ninguém domina ninguém e que a vida em sociedade é um lugar polifônico, onde muitas vozes ecoam e se completam, “entendendo que o verdadeiro grotesco não é de maneira alguma estático: esforça-se, aliás, por exprimir nas suas imagens o devir, o crescimento, o inacabamento perpétuo da existência” (BAKHTIN, 2010, p. 44 - 45). E na busca por dizer os seus próprios discursos, as jovens vão criando suas “artes de fazer” (CERTEAU, 2014).

Figura 35: A força da contrapalavra



Fonte: Arquivo da pesquisa⁷⁰

A jovem Anna Júlia, “escovando a História a contrapelo”, constrói o meme apresentado na figura 35, trazendo a sua contrapalavra, pois percebe que é comum ver práticas de ataque à escola pública porque, para ela, esse é o interesse dos grandes empresários. Segundo a normalista (que já estudou em escola particular), esse tipo de afirmativa é utilizado como propaganda para atrair alunos para as escolas privadas sob a alegação de que:

a escola pública não tem estrutura, não tem conteúdo, não tem professores dedicados [...], que só tem alunos ruins e criando essa imagem vai favorecer o outro lado. Dificilmente essas pessoas que estão ocupando os cargos importantes no governo ou pensando a educação pública tiveram experiência com essa escola e não dão uma imagem boa do lugar [...]. A gente vê muito da elite, essas minorias falando de um jeito bem nojento das instituições públicas e a tentativa deles é continuar no topo, [nós somos melhores, nós somos superiores] na tentativa de nos fazer acreditar que isso é “verdade”. Mas quando você tem a experiência de estar em contato com a escola pública é uma coisa muito diferente do que eles tentam ditar pra você. A escola pública expandiu o meu olhar e me permitiu ver além dos muros da escola. Não ter a experiência do que se vive na escola pública significaria desconhecer seu real significado. Percebo que a escola pública é desfavorecida pelas elites porque não querem que o pobre tenha voz. Não dar credibilidade à escola pública é perpetuar práticas de controle e de preservação dos valores hegemônicos (Anna Júlia, Curso Normal).

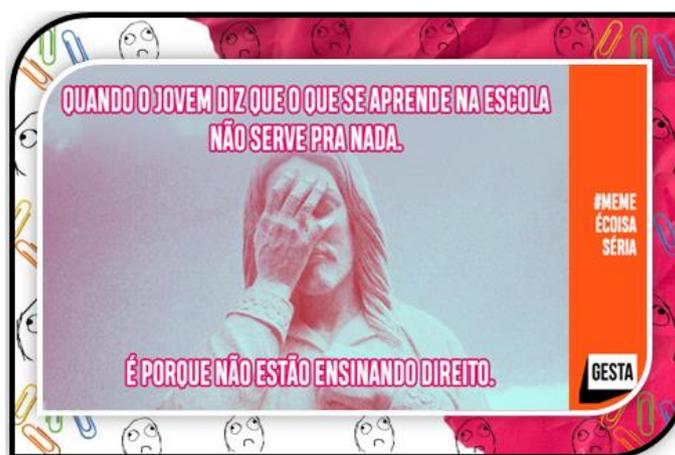
As palavras da jovem e as de tantas estudantes em interlocução com os estudos bakhtinianos me permitem compreender a arquitetônica do lugar da liberdade do ato. “A contemporaneidade tenta nos engolir e ditar suas vozes. Ditar os temas, as ideologias, os gêneros, as éticas e estéticas [...]. Porém, podemos responder e construir a

⁷⁰ Criado pela jovem Anna Júlia em resposta ao meme da Gesta.

contemporaneidade de uma outra maneira” (GEGE, 2010, p. 21). E assim, entre atos e resistências, vamos nos constituindo como sujeitos e ocupando nosso lugar no mundo.

O que as normalistas expressam em memes é algo muito próprio e talvez não seja possível uma tradução fidedigna a esse respeito, pois com Bakhtin tenho aprendido que a palavra, enquanto arena dialógica, encontra-se no âmbito do sentido e do vivido e não há como traduzir a densidade do que é sentido pelo outro, isso porque falamos sobre algo imensurável. De um lado, as jovens expressam em memes suas ideologias cotidianas, utilizando o riso ambivalente como escapes e saídas, mas de outro, a ideologia oficial utiliza a memética como planejamento estratégico para corroer, enfraquecer, enganar e satirizar, negativamente, a escola pública e seus professores.

Figura 36: A palavra neoliberal



Fonte: <http://gesta.org.br/memes/>

Pronunciar e disparar a palavra em memes, na perspectiva da imagem acima, é confirmar o olhar dissimétrico das políticas oficiais e das próprias tecnologias que, ao constituir uma visão abstrata e teórica sobre o outro, desconsidera o âmbito do empírico sobre o qual “estamos sempre em posições distintas e singulares” (AMORIM, 2004, p. 289). No horizonte das/dos jovens, enunciar a palavra em memes é viver a arte como prática de resistência, é tática do oprimido, é reagir às armadilhas do opressor que, quando se aproveita da memética, o faz apenas para cimentar suas ideologias e prioridades, fazendo uso da linguagem como estratégia para ludibriar o outro e minimizar o espírito da arte; uma arte que não é esnobe nem estática, mas subversiva e revolucionária, uma arte que movimenta o pensamento e produz sua contrapalavra.

Ciente das distintas e dissonantes usabilidades meméticas, descubro que a palavra também possui outros elementos constitutivos, os da inautenticidade, “do

verbalismo e do blábláblá”, que enquanto oca, nada podemos esperar dela (FREIRE, 1987, p. 44). Essa palavra dita em memes pelo opressor faz denúncias esvaziadas de verdade, comprometida apenas com a aspereza e com a falta de amor ao próximo. É a palavra que, alienante e egoísta, impossibilita o diálogo e que sem propósito para além de si mesma, permanece no âmbito da informação direcionada a alguém, mas não da comunicação com o outro. O meme, a seguir, compartilhado pelo jovem Lucas, caminha na contramão desse sentido.

Figura 37: A tecnologia



Fonte: Arquivo de Pesquisa⁷¹

Lévy (2010) anuncia o desenvolvimento técnico, destacando a necessidade de atenção e responsabilidade do coletivo humano. Ao discutir sobre uma suposta oposição entre o homem e a máquina, já afirmava que existem “máquinas de morte e de assujeitamento, máquinas de exploração, máquinas loucas lançadas por humanos contra humanos, construídas e mantidas por homens e triturando outros homens” (LÉVY, 2010, p. 193), mas a máquina cotidiana útil também vigora, e abrir os olhos nessa direção é balizar uma tecnicidade particular, é desenvolver “a arte de utilizar” (CERTEAU, 2014, p. 89) e possivelmente de dar golpes. Foi o que o jovem Lucas mostrou no meme acima sugerindo um *pensarfazer* sobre a tecnologia que compunha nossas conversas.

Notei as tecnologias digitais em rede, apropriadas pelas normalistas, desempenhar a função da arte, como aquela que nos torna conscientes das consequências psíquicas e sociais (MCLUHAN, 2007). A tecnologia na perspectiva da

⁷¹ Meme compartilhado pelo jovem Lucas no *WhatsApp*. Criado em: <https://makeameme.org/>

arte é aquela que se coloca como antiambiente, ou seja, é fundamental desenvolver a percepção e interpretação sobre o próprio ambiente em que está inserida. Estaríamos falando de uma arte não como um bem de consumo esnobe ou irreflexivo, mas como possibilidade de entender, conhecer e refletir sobre os meios e seus efeitos, socialmente.

O meme e o riso negativo enunciado pela lógica neoliberal, através da Galeria de Estudos e Avaliação de Políticas Públicas (GESTA), destoam completamente do riso ambivalente e regenerador. O riso das/dos jovens é “um riso pleno, positivo, que não se restringe a transgredir uma ordem para trazer outra, mas que afirma o movimento eterno” (AMORIM, 2004, p. 170). O que os memes normalistas defendem são imagens carnavalescas “contra a ordem e a favor de uma cultura do riso libertador” (PONZIO, 2021, p. 529).

5.1 Dialogando sobre a ideologia oficial e a ideologia do cotidiano

Somente aquilo que adquiriu um valor social poderá entrar no mundo da ideologia,
tomar forma e nele' consolidar-se.

Valentin Volochínov

No discorrer desta escrita, venho chamando a atenção para o conceito de ideologia, buscando entender o que Bakhtin destaca como ideologia oficial e ideologia do cotidiano. Entre políticas e poéticas, os memes surgem na tensão, entre processos de estabilidades e instabilidades que respondem ao privilégio estrutural, que se desorganiza nas cotidianidades, insistentes em dizer a sua palavra e lutar com as relações de domínio. Se de um lado uma ideologia oficial infere a sua palavra, de outro, a ideologia do cotidiano também responde com a sua palavra.

Conforme Miotello (2005), Bakhtin rompe com uma análise que pensa a ideologia como subjetiva/interiorizada, como uma ideia fixa, presa na consciência, pois se assim fosse, ela degeneraria e morreria pela falta de interação. Do mesmo modo, problematiza uma leitura idealista/psicologizada, até porque a ideologia, nessa perspectiva, como algo pronto que apenas se desenvolve no interior individual, no âmbito do defronte e não do confronto, não teria a dimensão de acontecimento vivo e dialógico. Nessa tessitura, sobre ideologia, Bakhtin e seu círculo:

vai construir o conceito no movimento, sempre se dando entre a estabilidade e a instabilidade, e não pela estabilização que vem pela aceitação da primazia do sistema e da estrutura; vai construir o conceito na concretude do acontecimento, e não na perspectiva idealista (MIOTELLO, 2005, p. 168).

Realço o olhar atento à ideologia oficial e à ideologia cotidiana, afinando meus estudos com a concepção bakhtiniana. Apesar de partir do marxismo para pensar a ideologia, Miotello (2005) explica que Bakhtin supera a ideia de predomínio de uma “falsa consciência”, que oculta à realidade social e inibe a percepção das desigualdades através de estratégias de domínio do poder político. De acordo com o autor, o mundo não se mantém intacto e controlado por uma única classe, existem outras forças revolucionárias, as das classes populares que movimentam a vida. Na contrapartida desse conceito imperativo e único da ideologia oficial, deparamo-nos com a ideologia do cotidiano como um processo reativo, que tomando consciência do que desejam as forças dominantes, também possui e sabe realçar suas ideias sobre o mundo. Vejamos:

A ideologia oficial é entendida como relativamente dominante, procurando implantar uma concepção única de produção de mundo. A ideologia do cotidiano é considerada como a que brota e é constituída nos encontros casuais e fortuitos, no lugar do nascedouro dos sistemas de referência, na proximidade social com as condições de produção e reprodução da vida (MIOTELLO, 2005, p. 169).

Conforme explica o autor, para Marx e Engels a ideologia nasce no momento em que há uma divisão social do trabalho, o manual e o intelectual. Contudo, ao passo que nos deparamos com ideologias antagônicas, as dos grupos específicos que querem ordenar o mundo e das classes que questionam essas ações, Bakhtin e seu círculo pensam na relação dialética que se dá entre ambos na prática real. Se de um lado encontra-se a ideologia oficial com sua estrutura e conteúdo estável, de outro, também há a ideologia do cotidiano, “como acontecimento, relativamente instável; e ambas formando o contexto ideológico completo e único, em relação recíproca, sem perder de vista o processo global de produção e reprodução social” (MIOTELLO, 2005, p. 169).

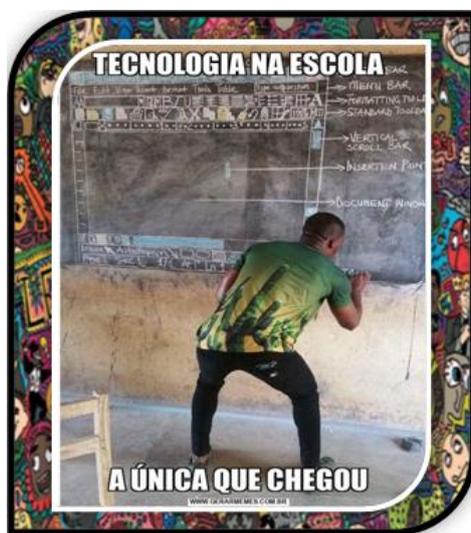
Pensando no contexto das tecnologias digitais em rede, por exemplo, podemos perceber que de um lado nos deparamos com discursos⁷² do tipo: “adaptar-se aos padrões de usos de recursos tecnológicos faz-se imprescindível ao exercício profissional” (SEEDUC, 2013, p. 4); de outro, essas mesmas tecnologias sendo

⁷² Os discursos estão presentes em políticas educacionais como o do Currículo Mínimo do Curso Normal, ao tratar da disciplina de Integração das Mídias e Novas Tecnologias e na BNCC. As tecnologias sinalizadas nas políticas como ferramentas de trabalho faltam nas escolas e residências, tornando os processos de aprenderensinar mais agravados com o cenário de pandemia, numa sociedade em que a desigualdade social impera.

utilizadas para expressar: “currículos afirmarem que é preciso trabalhar as tecnologias na escola, mas trabalhar num local em que não me é oferecido nenhum aparato tecnológico ou equipamentos?” Esse foi o desabafo de uma professora da escola em conversa sobre a educação pública e a ênfase no uso de tecnologias, mesmo anterior ao cenário de pandemia.

As ideologias se encontram em conflito, pois enquanto as reformas curriculares enunciam seus *slogans* refletindo a importância de “utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares)” (BNCC, 2017, p. 9), a ideologia do cotidiano responde: “chega a ser contraditório você usar tecnologia na escola e não dispor do mínimo para poder trabalhar”. Essa foi a resposta de uma professora ao se sentir assediada pelos discursos oficiais, inclusive no cenário pandêmico pelo qual educar passou a ocorrer em telas. Estaríamos diante de uma “ética”, dita pela própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC), abastecida de um “falar bonito sobre as razões ontológicas, epistemológicas e políticas da Teoria” (FREIRE, 1996, p. 48), que distante da concretude torna-se falsa. É uma contradição entre o que se diz e às realidades encontradas, configurando um testemunho inautêntico e ineficaz, conforme explica o autor.

Figura 38: Tecnologia na escola?



Fonte: Arquivo de pesquisa⁷³

⁷³ A imagem original refere-se à postagem de um professor de Gana dando aula de computação para crianças sem a existência de recursos digitais na escola. Um cenário representativo dos colégios públicos de nosso país. O próprio campo de pesquisa, apesar de possuir uma disciplina do Curso Normal denominada Integração das Mídias e Tecnologias, não possuía sala de informática ou conexão para as/os estudantes realizarem atividades nos celulares. O *post* do professor viralizou nas redes. A reportagem encontra-se disponível em: encurtador.com.br/bftM8. O meme em diálogo com a pesquisa foi criado em <https://www.gerarmemes.com.br/>.

Compreendo que professores também “resistem” às tecnologias quando essas aparecem nas políticas educacionais com inclinação mercadológica, delegando aos docentes a função de implementar programas curriculares, “mais do que desenvolver ou apropriar-se criticamente de currículos que satisfaçam objetivos pedagógicos específicos” (GIROUX, 1997, p. 158). Sobre esse aspecto, é fundamental que ao invés das políticas oficiais (tecnologias de governo) rotulem professoras/es como os que nada sabem, “pensamos que é preciso que saibamos o que os professores sabem, antes de propormos qualquer outra formação” (ALVES, 2010, p. 1196) ou criação de programas e instrumentos curriculares.

Na dimensão da ideologia oficial e da ideologia do cotidiano, é possível observar discursos que defendem ideias distintas; a primeira mais preocupada em afirmar as tecnologias numa relação causal, e a segunda, numa relação dialética. Miotello (2005, p. 169) fundamenta o conceito de ideologia no círculo de Bakhtin, compreendendo-a “não apenas como expressão de uma ideia, mas como expressão de uma tomada de posição determinada”. Nesse sentido, é inadmissível uma naturalização dos fatos, sem discutir a estrutura social, pois afirmar a importância da tecnologia na e para a sociedade atual, implica avaliar quem tem acesso a ela. Caso contrário, o discurso oficial do capitalismo se direciona para a educação nas políticas e programas, sem que se considere a problemática da desigualdade.

Figura 39: O currículo mercadológico



Fonte: <http://gesta.org.br/memes/>

No cenário do capitalismo, a ideologia oficial joga com uma identidade hegemônica do mercado, como sugere o meme acima, insistente em defender programas curriculares como garantia da qualidade da educação. As supostas matérias eletivas são resultado de parcerias entre o público-privado, em que a venda de materiais didáticos, de tecnologias e de programas de avaliação encontram-se cada vez mais presentes nas escolas públicas como anúncio de qualidade da educação. Há uma difusão de ideias e influências do universo empresarial nas políticas educacionais, propositadas na BNCC e nos frutos de seu discurso, inclusive “através de entidades não governamentais, fundações ou consultorias privadas e por acadêmicos, em geral de fora do campo do currículo” (HYPÓLITO, 2019, p. 188).

No campo das “disputas” ideológicas, a ideologia do cotidiano subverte com suas artes, e as jovens assumem sua tomada de posição, diversa daquela difundida por uma ideologia oficial. *Pensarfazer* um currículo outro com as normalistas e os memes significou reinterpretar as políticas oficiais e criar a nossa tradução. Assim, “os praticantes do cotidiano criam modos de fazer e transitar que não se deixam capturar pelas tentativas de silenciamento e homogeneização impostas pelas políticas atuais de educação” (PIONTKOVSKY; GOMES, 2017, p. 118). Enquanto campo de tensão, de acordos e de disputas, a textualização curricular está submetida à interpretação e ao imprevisível, “nunca é uma interpretação completa (pura diferença), sem referência ao texto, nunca é suposto caos do qual qualquer um entende o que bem quiser” (LOPES, 2019, p. 61). Compreendo que as interpretações estão sempre associadas às dinâmicas contingentes, dentro dos limites contextuais, pois existem traduções curriculares que demarcam a interpretação, assim como relações de poder que estipulam os possíveis sentidos.

Nesse caminho, é possível perceber que existe uma interação entre uma linguagem exterior (a de uma estrutura social dominante) e uma linguagem interior (a da ideologia do cotidiano). Ressaltar a ideologia do cotidiano presente na escola significa realçar que “a linguagem interior reaviva, nutre com seus jogos” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 155) como resposta à linguagem exterior. Desse modo, percebo que “a superestrutura não existe a não ser em jogo e em relação constante com a infraestrutura” (MIOTELO, 2005, p. 171), jogo esse entremeadado pelos signos presentes nas relações sociais, que se revestem de sentidos próprios, em prol dos interesses de cada grupo, conforme explica o autor.

Envolvida por esses pressupostos, volto a ressaltar o potencial da cibercultura sem com isso ignorar os interesses mercadológicos e ferramentais do opressor. Como já dito neste estudo, o universo digital também é marcado pela ideologia do mercado e pela defesa de seus interesses. Nas redes sociais, ecoam memes representativos de vozes fascistas, movimentos de discriminação, preconceito, ódio, *fake news*, discursos dúbios de organizações, entre outras falácias que destoam das produções de sentidos que as jovens envolvidas nesta pesquisa dão à memética. Em Certeau (2014), aprendi a conhecer as engenhosidades cotidianas dos praticantes culturais, sendo possível observar as práticas de usuários “produzindo sempre diferença em uma combinação singular de artes de fazer a partir do repertório dominante” (NOLASCO-SILVA; SOARES; LO BIANCO, 2019, p. 115).

Figura 40: Reforma curricular?



Fonte: Arquivo de pesquisa⁷⁴

Através das práticas meméticas vivenciadas no campo, percebi que o riso ambivalente poderia ser relacionado com a tática em Certeau (2014). O autor diferencia estratégias de táticas, conceituando a estratégia como uma espécie de cálculo ou manipulação das relações de forças que caminham em função de um querer e poder isolados, podendo ser representados por uma empresa, um exército, uma cidade ou uma instituição científica. Explica ainda que, assim como na administração de empresas, a racionalização estratégica é o lugar do poder e do querer próprios, um modo cartesiano de “circunscrever um próprio num mundo enfeitado pelos poderes invisíveis do Outro.

⁷⁴ Compartilhado pela jovem Thayssa no *WhatsApp*. Criado em: <https://www.gerarmemes.com.br/>.

Gesto da modernidade científica, política ou militar” (CERTEAU, 2014, p. 93). Esse próprio encontra-se no âmbito da vantagem, de um domínio, do poder panóptico sobre o qual se tem uma visibilidade do todo e, com isso, pode-se realizar uma leitura antecipada de um espaço e logo controlá-lo, dominá-lo.

Em relação à tática, Certeau a entende como uma ação medida que é estabelecida pela ausência de um próprio. Nesse sentido, não tem condição de uma visão global como no caso da estratégia, não há uma condição externa que lhe forneça a condição de autonomia. Vejamos:

A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, a distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo” (CERTEAU, 2014, p. 94).

A tática opera golpe por golpe fazendo uso das ocasiões, dependendo delas para criar situações favoráveis, ampliar benefícios e providenciar saídas. A tática encontra-se no âmbito do não lugar, da mobilidade, é astúcia, precisa estar à espreita do poder proprietário para reagir, criando suas artes, teimosias e escapes. Diferente da estratégia oriunda de um lugar específico, de uma condição de poder, da relação de domínio, controle e vigilância global, a tática é uma saída, é saber fazer uso das próprias armas do poder hegemônico e transformá-las em armadilhas de resistência e de subversão.

Apostar na ideologia do cotidiano é compreender que a humanidade não se faz no silêncio, mas na palavra, no trabalho e na ação-reflexão (FREIRE, 1987). Essa é a alavanca que nos impulsiona ao movimento dialógico, em que as diversas vozes precisam ser respeitadas, conhecidas e divulgadas. Se dialogar é o encontro dos homens e das mulheres, mediatizados pelo mundo, conforme explica o autor, a memética enquanto prática cultural de nosso tempo deve ser problematizada.

Freire (1996) chamava a atenção para as tecnologias de sua época, enfatizando a necessidade de pensar a esse respeito com critério, não as ignorando nem as enaltecendo de forma irreflexiva. No tempo atual, nada mais necessário do que pensar a esse respeito, especialmente quando se averigua a tecnologia como discurso onipresente, ora para reger uma sociedade, ora para discriminar, resistir, oprimir, impor currículos e reformas, subverter ou mesmo memificar a vida.

Não pude desconsiderar a existência das dissonâncias que reverberaram no estudo, nem me subtrair de colocá-las em pauta, apesar das ressonâncias terem sido o motivo de minha curiosidade epistemológica, ativada pelo prisma das juventudes.

Jovens que me apresentaram os memes como modos de dizer e que auspiciosamente o fazem como enunciação da palavra, ressaltando sua perspectiva crítica.

Quando expressamos a nossa palavra, rompemos com a prática da dominação, incomodamos, tensionamos os discursos, deixamos de ser posse e reagimos com nossa inquietação, criatividade e artes de dizer. Esse é o tom que o presente estudo pretendeu defender, descobrindo nos memes as produções de sentidos das estudantes, percebendo-os como táticas que vigiam “para captar no voo possibilidades de ganho (CERTEAU, 2014, p. 46). Essas práticas cotidianas têm reagido às vozes e às ordens oficiais, traduzindo-se na pesquisa como políticas de presença, reação, ato responsivo, poesia.

É na prática da vigilância, que as estudantes jogam com os acontecimentos e se aproveitam da ocasião para responder às tormentas sociais, apropriando-se das tecnologias digitais em rede e dos memes para se comunicar, contestando aos discursos opressores, de caráter monológico, sobre o qual impera um único modo de falar, apenas um ponto de vista ou verdade definitiva que suprime a alteridade (AMORIM, 2004). Apelar aos memes que recorrem ao riso e à ironia, para responder ao tom de superioridade do outro sobre mim, é romper com uma voz autoritária, insistente em totalizar e dar acabamento ao que, na verdade, é inacabado. Isso é ressonância.

Pesquisar com as jovens me fez compreender que somos seres inacabados, vivos, em constante construção, preenchidos por muitos enunciados com várias tonalidades dialógicas. Afinal, nossas ideologias nascem e se formam “no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento” (BAKHTIN, 2011, p. 298). Hoje, temos as redes sociais para compartilhar o nosso pensamento e divulgar a nossa palavra, criações e textos.

O meio digital permite a rápida veiculação desses textos e possibilita, ainda mais, sua plasticidade. Significa dizer que os *memes*, além de serem compartilhados através de redes várias, podem ser criados, modificados, recategorizados, proporcionando suas diferentes construções em estrutura e em conteúdo. Sob tal perspectiva, nesses textos, ocorre na maioria das vezes a multimodalidade, uma vez que a internet permite o acesso (e a reconstrução) a textos de semioses variadas (LIMA; CASTRO, 2016, p.40).

Assim, os textos vão transitando no ciberespaço e provocando reflexões, convidando os sujeitos sociais a pensarem juntos e a enunciarem memeticamente a sua voz.

Figura 41: Meme reflexos do neoliberalismo



Fonte: Arquivo de pesquisa⁷⁵

5.2 A pesquisa em fluxo, de repente a COVID-19: Quais são as palavras ditas?

Na palavra do falante há sempre um elemento de apelo ao ouvinte, uma diretriz voltada para a sua resposta.

Paulo Bezerra

Inspirada nos estudos bakhtinianos, concordo que a palavra é sempre um encontro com outras palavras, ela pode indicar tanto as mudanças quanto as permanências nas sociedades (LIMA, 2018). Assim, toda palavra enunciada é um discurso vivo em constante diálogo com o mundo prático, “os enunciados encontram ressonâncias em outros enunciados, e ambos são relativos a uma existência prática e dinâmica do mundo concreto” (LIMA, 2018, p. 6).

No início de 2020, continuaria vivendo a experiência memética no campo escolar com as jovens, retomando as discussões iniciadas em 2019. Buscava sentir como a pesquisa aconteceria no campo e quais seriam os caminhos de um percurso apenas iniciado. Estávamos animadas, planejando convidar professoras e outras normalistas para o projeto, lendo textos sobre memes e agendando mais conversas. As estudantes estavam dispostas, empolgadas/os com a possibilidade de termos em pauta um tema de estudo de seu interesse, reflexo da sala de aula como acontecimento

⁷⁵ Compartilhado pela jovem Talita no *WhatsApp*.

(GERALDI, 2010). Desejosa pela vivência e continuidade da pesquisa, caminhava tateando, conhecendo, sentindo e vibrando com as jovens.

Contudo, no início do caminho, deparamo-nos com a pandemia da COVID-19, que acarretou o fechamento da escola. Incerta ainda dos rumos que tomaria a pesquisa, consegui junto aos jovens manter o diálogo no *WhatsApp*. Foi um período muito difícil, nossas conversas foram prejudicadas pelos reflexos do isolamento, responsável pelo desânimo das estudantes, já que a sociabilidade é uma marca da experiência juvenil, o que levou a memética, feita da algazarra das vozes normalistas, a viver um período de compartilhamentos discretos, menos vibrantes.

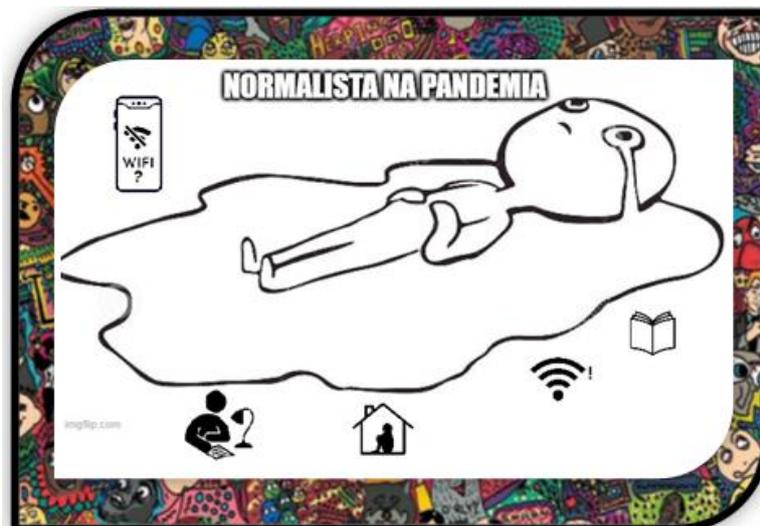
Inicialmente, o que aparentava um recesso escolar, apenas antecipado por medidas preventivas, atingiu uma proporção que colapsou a vida das normalistas e, portanto, da própria pesquisa. Foi importante, nesse momento, refletir sobre o silêncio bakhtiniano compreendido como “um silêncio de vozes caladas” (AMORIM, 2002, p. 13). Conforme explica a autora, o dialogismo do texto só se produz à medida que as ordens ordinárias da copresença e da interação param de falar, ou seja, há uma interação dialógica mediada pela tensão interior à palavra de alguém. Ouvir essa palavra interior ou mesmo fazê-la falar exige “calar todo bate-papo, todo diálogo exterior” (p. 14).

O silêncio momentâneo também me atormentou, mas ao mesmo tempo me fez pensar no lugar que cada normalista ocupava naquele momento, assediada por tantas tecnologias e modos de aprender, nem sempre acessíveis ou acessados, tamanha a ausência do Estado na reorganização da escola no período pandêmico. Esse silêncio era uma resposta à palavra outra, às vozes oficiais que determinavam como se daria a educação naquele momento, mas que não provinham meios para as/os que se encontravam em situação de vulnerabilidade pudessem realmente acessá-la. O silêncio era resposta ao descaso sofrido pelas jovens, era tormenta, tristeza, medo e angústia⁷⁶.

O silêncio pode ser intitulado de reino das palavras e dos sentidos, terreno fértil onde toda palavra se alimenta e o ser busca, a partir da subjetividade, as possibilidades necessárias para a comunicação. Ele pode ser a face neutra onde as palavras ainda só significam pelo conceito dicionarizado, por isso estão imersas na obscuridade de sentidos. Nesse local, o silêncio é elemento que, quando transformado em linguagem, forja, de diversas maneiras, as identidades dos sujeitos que, ao serem constituídas incessantemente, silenciam discursos já existentes e fazem nascer outros mais. O silêncio ressoa através da própria existência, pois falar do silêncio é falar do próprio ser (FERREIRA; SANTOS, 2019, p.75).

⁷⁶ Os sentimentos e angústias das/dos jovens não poderiam ser traduzidos nessa escrita. O período pandêmico foi avassalador.

Figura 42: Normalistas na pandemia



Fonte: Arquivo de pesquisa⁷⁷

Pretto, Bonilla e Sena (2020) ajudaram-me a pensar sobre esse silêncio, quando refletem sobre a precarização da educação pública, quando práticas de educação a distância, repentinamente, caminham como solução para a dificuldade de ensino presencial. Efeitos do ensino remoto emergencial, que trouxe à tona um retrato social de muitas disparidades. Ali percebi que, apesar da juventude fazer parte da mesma sociedade e frequentar a mesma escola, o que prevalecia nesse momento era a desigualdade de acesso à educação. “É no enunciado e na sua posição singularizante com relação aos outros enunciados, que a memória da palavra pode ser ouvida” (AMORIM, 2004, p. 134).

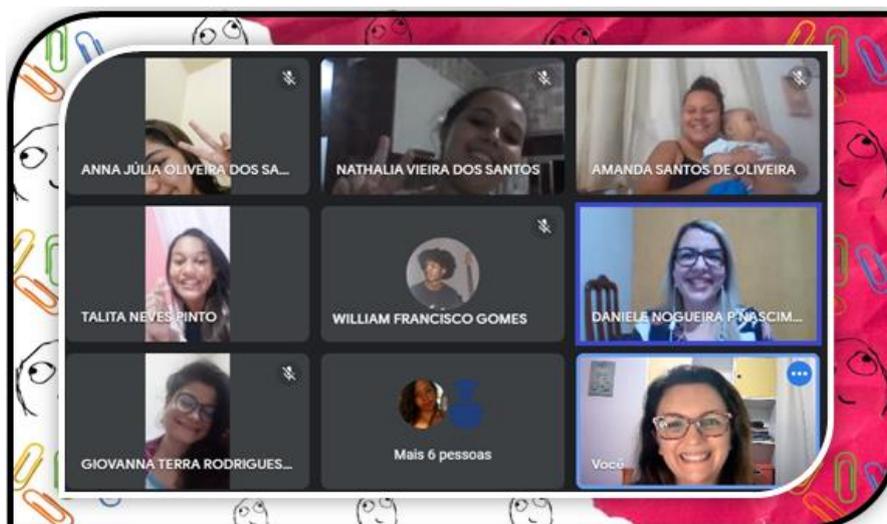
Como alternativa ao silêncio que falava alto, optei por estabelecer com os sujeitos uma relação de alteridade, compartilhando com eles compreensão e solidariedade. Nesse momento, já em Maio de 2020, entre aproximações e aconchegos no zap, as/os alunos tiveram a ideia de convidar sua professora de Inglês para compor o grupo e conhecer a proposta dos memes. Daniele chegou dando ânimo aos sujeitos e a mim. Ao conhecer a intenção da conversa sobre memes, ciente da proposta de pesquisa iniciada, cedeu momentos de suas aulas para dialogarmos e enfrentarmos juntos os desafios deste tempo.

A partir de sua escuta amorosa e responsiva, o grupo de seis jovens foi alargado pela participação de colegas que se sentiram seduzidos a entrarem no Grupo “Memes

⁷⁷ Meme compartilhado no grupo de *WhatsApp* pela jovem Joana.

Normalistas”. Foram, então, realizados alguns encontros *online*, através do *Google Meet*, para trocar afagos e também falar sobre memes, chegando o grupo de *WhatsApp* a ser composto por 25 normalistas. O fundamental naquele momento era construir uma rede de apoio, tornando-se o aplicativo de conversas um caminho de acolhimento também em memes.

Figura 43: Uma conversa sobre memes com a professora Daniele



Fonte: Arquivo de pesquisa

Nessas conversas, desejávamos minimizar as lágrimas e resgatar o riso das normalistas, pensar junto, desabafar e oportunizar vivências menos mecanizadas, como aquelas apenas preocupadas com o cumprimento de currículos. Senti que estávamos produzindo um currículo outro com as jovens, exaltando a importância de sorrir. E sobre esse riso,

é um riso aberto, intersubjetivo, liberatório e libertador, e o papel que a alteridade nele desempenha torna o riso impossível de ser definido em uma significação e em uma designação precisas denotando, ao invés disso, uma ineliminável ambiguidade e polissemia de um signo muito particular determinado não apenas por sua resistência, mas também como uma das formas mais eficazes de resistência ao monologismo dominante (PONZIO, 2021, p. 527).

Foram as normalistas que me apresentaram esse riso através dos memes, então não poderia mortificar o seu desejo de continuar conversando a esse respeito, agora numa outra configuração, mediada por telas. No campo físico da escola, essa história começou, e por meio das tecnologias digitais em rede, ela pôde continuar. E se um monologismo dominante (ideologia oficial) rezava sobre um ensino remoto

emergencial, destinado a cumprir os conteúdos programáticos, nosso clamor era pela vida, aulas que caminhassem em outra direção, repletas de conteúdos urgentes, sendo o primeiro deles a importância da existência humana.

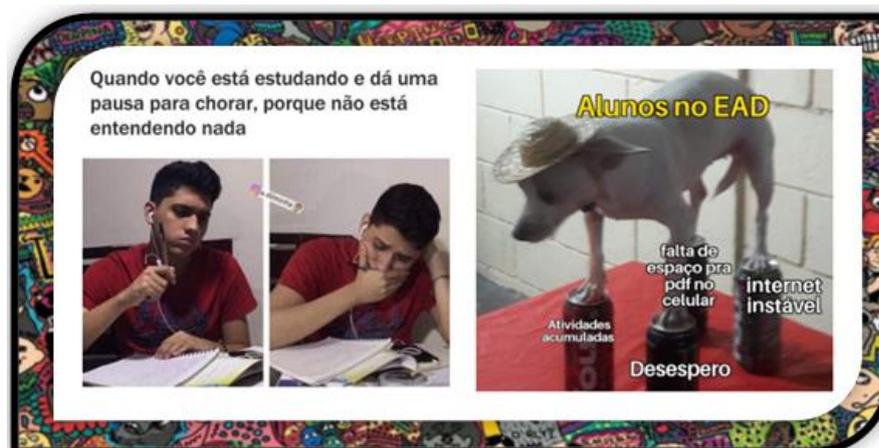
Enfim, muitos, intermináveis poderiam ser os exemplos para desvelar e denunciar um mundo enfermo no qual a pressa pela produção, o afã pelo lucro e a preocupação desmesurada com a economia parecem reger o ritmo dos abraços, das conversas, dos olhares, da educação: a necessidade de sempre haver produções e produtos palpáveis como condição para a existência de uma aula, a supervalorização dos conteúdos como lista a ser cumprida, a compartimentalização e a aceleração dos tempos escolares... (RIBEIRO; SKLIAR, 2020, p. 16).

Na busca por uma educação humanizadora, o que acelerou em mim/nós foram os batimentos cardíacos ao sentir a emoção dos encontros *online*, meios pelos quais conseguimos resistir. Essa foi nossa resposta à narrativa de mundo do “turbocapitalismo com seus modos específicos de ser, estar e habitar” (RIBEIRO; SKLIAR, 2020, p. 16). Desse mundo, com as jovens “usurpei” a cibercultura, pois se ela é estratégia neotecnicista, também é espaço habitado por outros modos de fazer, diversos do imposto pelo mercado ou pelo Estado.

Nessa infovia, atravessada pela pandemia, ouvir as vozes das/dos jovens permitiu aberturas para perceber o que não se encontrava no currículo oficial, mas estava no currículo do cotidiano, construído no diálogo com o outro. Ali, a linguagem se expandiu e o que acontecia na vida das/dos estudantes, suas realidades eram manifestadas em memes. Percebi, então, que os memes atuam como espaço para alteridade e para construir um movimento responsivo com o outro, ou seja, traduz-se como uma solidarização frente ao que está sendo vivido no individual, mas que se percebe também ser vivido pelo coletivo.

Nas conversas, mediadas por compartilhamentos de memes que expressavam seus sentimentos, as estudantes deixaram fluir seu desgosto com o formato das aulas, que enchiam seus celulares de um sem-fim de tarefas, exercícios e conteúdos relativos às diversas matérias que cursavam. Vejamos,

Figura 44: É assim que nos sentimos com essa “EaD”



Fonte: Compilação da autora⁷⁸

Good evening! Como vocês estão? (Daniele, Inglês)

Como diria Shawn Mendes: *please someone help me*. Assim! (Anna Júlia, 2020)

Hoje e quase todos os dias fico pensando quando vai acabar isso. (Kamilly, 2020)

Algumas normalistas vão interagindo, e Anna Júlia responde utilizando um trecho da canção de Shawn Peter Raul Mendes, um cantor canadense. A tradução do trecho significa: “por favor, alguém me ajude”. A sequência de respostas se dá na mesma sintonia. Juntas, vamos papeando, ouvindo e acolhendo. Na continuidade do papo, a jovem Maria Clara dispara o seguinte meme:

Figura 45: Toneladas de PDF



Fonte: Acervo da autora⁷⁹

⁷⁸ As imagens foram compartilhadas no *WhatsApp* pelas normalistas: Nathalia, Thayssa, Kamilly e Talita. Fonte: https://www.Instagram.com/vidadenormalista_/

⁷⁹ Compartilhado pela aluna Maria - Grupo Memes Normalistas (*WhatsApp*)

A imagem memética divulgada por Maria nos fornece algumas pistas de como as normalistas estavam se sentindo. Uma das maiores angústias apontadas pelas jovens era a problemática da conexão, a falta de recursos tecnológicos e o atolamento de tarefas exigidas pelas/os educadores. Os memes compartilhados sobre a educação, na pandemia, suscitaram a importância de perceber o atual cenário como momento de transformar o vivido em perguntas, de aprender a aprender e não aprender o já sabido ou definido (GERALDI, 2010). Seria esse o tempo de romper com os conteúdos que saem de currículos planejados, sem vínculos com a experiência dos jovens e com os modos tecnológicos globalizados de produção?

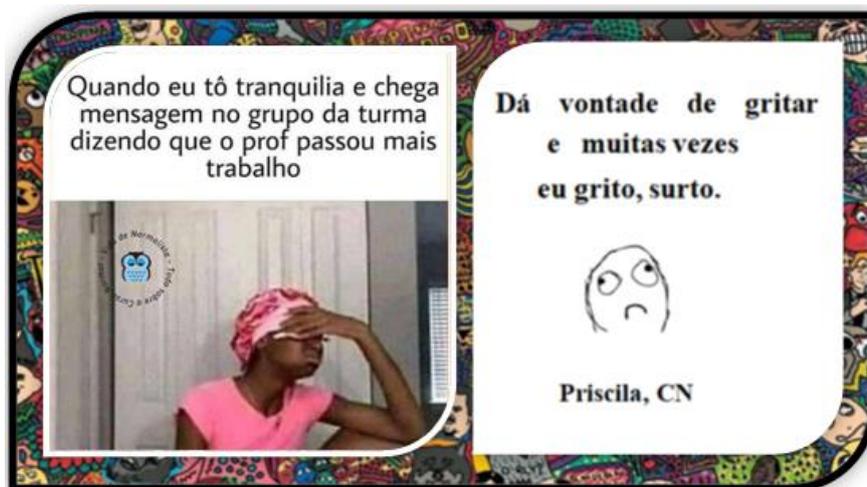
As estudantes falavam sobre a vida de normalistas em diálogo com o tempo precedente à própria pandemia, criticando a pesada rotina do cotidiano escolar, demonstrando o quanto aguardavam por um ano letivo em que pudessem vivenciar os estágios com aprofundamento, participar dos eventos na escola e sentir a rotina do Curso Normal e as disciplinas pedagógicas numa dimensão física e não totalmente virtual. Conversamos sobre a transposição dos conteúdos para o ambiente *online*, seus efeitos nas vidas docentes e discentes e o definir de um Curso.

Me sinto deixada de lado por parte do governo, sinto que a escola não dá tanta assistência, me sinto desanimada pra fazer algumas tarefas.... Sabe, o desânimo bate sempre, mas eu penso se eu não fizer por mim quem vai fazer? Se o governo tá cagando e andando pra gente... Basicamente é isso (Joana, CN).

Como não ser afetada pelas palavras anunciadas por Joana e pelas/os outras normalistas? Percebi que a jovem entrou no diálogo por inteiro, participando dele não apenas “com seus pensamentos, mas também com seu destino, com toda a sua individualidade” (BAKHTIN, 2011, p. 349). Joana sentia-se socialmente objetificada pelo governo e pela escola, e sua tomada de consciência expandia a minha visão a respeito do seu lugar único no mundo. Nesse caminho, senti a necessidade de proposições que nos ajudassem a manter nosso processo formativo vivo. Era preciso ir à caça de alternativas que mantivessem as jovens animadas, respeitadas e acolhidas por meio das tecnologias digitais em rede.

As tormentas manifestadas em memes demonstravam que as normalistas enfrentavam muitos desafios, especialmente no que se refere a aprender no modo remoto, pois um currículo tão extenso conflitava como as possibilidades de aprender. O ano de 2020 mostrou-se perturbador, vejamos:

Figura 46: Educação remota pra que te quero?



Fonte: *Instagram.com/vida_de_normalista*⁸⁰

O quantitativo enorme de vídeos, imagens, áudios, arquivos de texto, entre tantos outros submetidos na plataforma digital para atender às demandas conteudistas das inúmeras disciplinas do Curso Normal tornavam-se recorrentes. Muitas/os alunas/os demonstraram sentir-se desmotivadas/os, entristecidas/os e cansadas/os com a oferta da educação remota. O comentário de Priscila demonstra o que ela e inúmeras/os colegas confirmavam no grupo de *WhatsApp*. De um lado, o discurso da educação remota implementada (sem opção de escolha) e o das professoras/es exigindo a realização das tarefas e, de outro, a palavra dos sujeitos expressando como se sentiam nesse contexto. Nessa perspectiva:

Compreender um enunciado alheio significa orientar-se em relação a ele, encontrar para ele um lugar devido no contexto correspondente. Em cada palavra de um enunciado compreendido, acrescentamos como que uma camada de nossas palavras responsivas (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2018, p. 232).

Penso, ainda, no que diz os autores ao mencionarem que a fala sempre esteve associada às estruturas sociais, o que permite compreender que, enquanto arena, a palavra confronta os valores sociais contraditórios. Observo as relações de poder das ideologias oficiais e os desabafos das ideologias do cotidiano, quando a juventude busca resistir às dificuldades, utilizando memes para rir e questionar a situação enfrentada. Conforme Priscila compartilha no *WhatsApp*, os memes ajudam a proporcionar “alegria

⁸⁰ Disponível em: https://www.Instagram.com/vida_de_normalista/. Acesso em: 10 out.2020.

nesses dias difíceis”. Assim, as jovens se expressam em memes tornando perceptível que

o tema do enunciado é definido não apenas pelas formas linguísticas que o constituem - palavras, formas morfológicas e sintáticas, sons, entonação -, mas também pelos aspectos extraverbiais da situação. Sem esses aspectos situacionais, o enunciado torna-se incompreensível, assim como aconteceria se ele estivesse desprovido de suas palavras mais importantes. O tema do enunciado é tão concreto quanto o momento histórico ao qual ele pertence. O *enunciado só possui um tema ao ser considerado um fenômeno histórico em toda a sua plenitude concreta*. É isso que constitui o tema do enunciado (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2018, p. 228).

Nesse sentido, em relação ao meme, compreender o seu significado exige observá-lo a partir de um contexto. É preciso entender que uma palavra primeira originou a enunciação de palavras outras. O tema do enunciado também é definido pelos aspectos extraverbiais da situação. Ou seja, “cada elemento semântico isolável do enunciado, assim como o enunciado em sua totalidade, é traduzido por nós para outro contexto ativo e responsivo. Toda compreensão é dialógica” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2018, p. 232). Nessa perspectiva, os memes compartilhados pelas jovens expressam uma insatisfação ao enunciado primeiro, sugerindo pensar a memética como compreensão do já dito e, conseqüentemente, responder à palavra outra.

5.2.1 O ensino remoto entre desafios metodológicos e resistências

Ao observar o que expressavam as normalistas, em memes, no que diz respeito às/aos professoras/es, percebi que a metodologia de ensino no modelo remoto emergencial era o calcanhar de Aquiles na vida de muitas/os delas/deles. Num passe de mágica, docentes precisaram adaptar-se ao ensino em ambientes digitais, mesmo sem formação específica na área. Os resultados não demoraram a chegar, todas/os foram invadidas/os pelo receio da evasão escolar e do distanciamento das/os alunas/os: entre insistências e resistências, era preciso acessar a plataforma, preparar atividades e “abastecer” as/os estudantes com tarefas.

Os grupos de *WhatsApp* ganharam mais vida na escola, pois entre recomendações, orientações e trocas de ideias, a manutenção de um ensino remoto emergencial era exigida. Na busca por táticas comprometidas com a qualidade do ensino e com o interesse dos alunos, professoras/es de inúmeras disciplinas integraram trabalhos e projetos, e as/os que possuíam experiência com as tecnologias digitais e com

a educação em ambientes virtuais se solidarizavam com aqueles/as que pouco ou nada sabiam a esse respeito.

Figura 47: Vida de professor na pandemia



Fonte: Acervo da Autora⁸¹

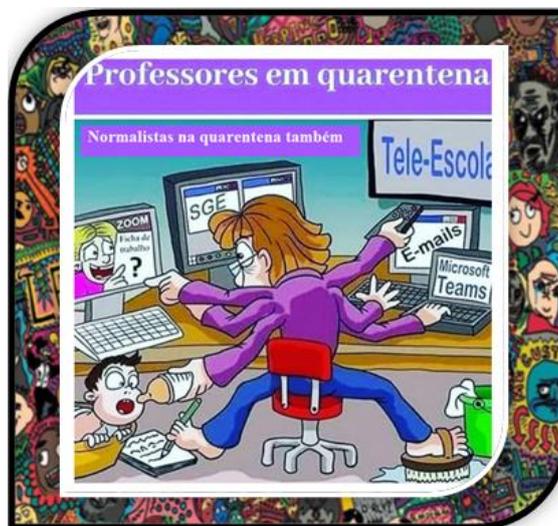
Apesar das inúmeras dificuldades que a quarentena impôs às/aos docentes, normalistas e à pesquisa, foi possível caminhar, graças às vozes participantes. Em meio a tantas turbulências, as conversas *online* abriram novas possibilidades ao estudo. As trocas de memes foram intensificadas pelas estudantes que compartilhavam reflexões a respeito da educação na pandemia, das disparidades educacionais agravadas pelo contexto atual e o quanto as desigualdades sociais incomodam as juventudes normalistas. Conforme Cordeiro (2009), olhar e escutar possibilita notar a vida e, quando nos dispomos a ouvir, temos sempre algo a aprender.

Por meio das tecnologias digitais em rede, foi possível manter uma interconexão com os sujeitos da pesquisa, levando-me a colocar em dúvida os modos de educar tecnológicos globalizados de produção (GERALDI, 2010), ampliados na pandemia da COVID-19. Esses tendem a ampliar sua vigilância e controle sobre a educação pública, colocando em prática sua forma autoritária de fazer política, que reforça cada vez mais a desconstrução do Estado e o fortalecimento dos mercados (COUTO, 2020). Os/as professores/as tornam-se vítimas das negociatas construídas sob o pano de fundo do capital, acessando plataformas virtuais supostamente adequadas à educação, batalhando

⁸¹ Compartilhado pela professora Daniele no *WhatsApp*. O meme faz uma sátira ao papel docente no contexto pandêmico. Professores passavam muito tempo preparando suas aulas, executando-as via redes digitais, dedicando-se com exclusividade ao trabalho remoto.

para produzir materiais mais convincentes com a arte de educar gratuita, generosa e exaustivamente, como mostra o meme abaixo.

Figura 48: Professores na quarentena



Fonte: Grupo Memes Normalistas (acervo da autora⁸²)

O meme acima conduz à consciência de que a ideologia do poder muitas vezes torna a realidade opaca e “também nos torna *míopes*, para não ver claramente a realidade” (CERTEAU, 1997, p. 10). Daí a importância do estudo desenvolvido que me tira a miopia que a rotina estafante da docência impõe a quem a ela se dedica cotidianamente. Ao olhar mais atentamente para o Curso Normal com o acabamento que me é dado pelos olhares dos sujeitos, tenho podido considerar que o potencial das tecnologias implica reconhecer a ideologia neoliberal subjacente a ele, mas também perceber as astúcias advindas das táticas dos usuários, “as maneiras de pensar as práticas cotidianas dos consumidores” (CERTEAU, 2014, p. 97).

A imagem denunciava a sobrecarga de trabalho das/dos professoras/es e estudantes, o quanto a pandemia refletia em suas/nossas vidas. A figura da mulher representada ressoa a realidade vivida tanto pelas docentes quanto pelas discentes. Concordo com Santos (2020) quando ressalta o quanto a quarentena, ocasionada pela COVID-19, é perigosa e prejudicial às mulheres, que tiveram sua rotina intensificada devido às inúmeras atribuições dentro e fora das famílias. A docência e discência no âmbito virtual reverberavam no cotidiano daquelas que eram professoras e das que se preparavam para se formar na profissão. Vejamos:

⁸² Compartilhado no *WhatsApp* (Memes Normalistas)

Nessa pandemia a gente ficou um pouco assim né como mostra a imagem, dar conta de mil coisas da casa, dos filhos, e das atividades do trabalho, tendo que dar as aulas, tendo que dar conta dos compromissos né, tudo assim ao mesmo tempo e ouvindo um discurso de que a gente não estava fazendo nada, como se não estivéssemos trabalhando (Alessandra, professora da Educação Básica).

É extremamente exaustivo! O ensino remoto veio para me mostrar que consigo me dividir em mil e uma coisas. A vida de normalista é algo maravilhoso, porém é necessário um jogo de cintura. O famoso rebolar conforme a música (Amanda, aluna do CN).

Entre trabalho e estudo, abrindo mão do próprio cuidado de si para o cuidado com os outros, é possível notar a turbulência que a educação remota na pandemia ocasionou às vidas escolares. Trabalhar ou estudar em casa não era uma escolha ou decisão das/dos professoras/es e estudantes, mas uma ação orientada pela Organização Mundial da Saúde frente à ameaça que a COVID-19 representava/representa à vida. E mesmo diante dessa evidência, nos deparamos com discursos violentos de representantes governamentais, como o propagado pelo deputado Federal Ricardo Barros⁸³ que criticou a classe de professores, afirmando publicamente que os docentes não queriam trabalhar, abrindo então uma votação para transformar a educação em serviço essencial, em prol da reabertura das escolas na pandemia. Sucessivas exposições nas redes sociais, muitas alimentadas inclusive por instituições de ensino privadas, manifestavam ofensas aos professores e pautas de reabertura das escolas. A partir das narrativas propagadas, uma responsividade é manifestada na tonalidade de cada expressão fazendo lembrar que:

O enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado. Porque a nossa própria ideia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento (BAKHTIN, 2011, p. 298).

A partir do exposto, intenciono dizer que, apesar da existência de enunciados monológicos, outros se fazem presentes em memes e para além deles podendo expressar opiniões similares e também diferentes. Vi pontos de vista parecidos sobre o quanto a vida de professora e de aluna foram sobrecarregadas na pandemia, mas também

⁸³ O deputado é líder do governo na câmara dos deputados, mas seu movimento entra na contramão da relevância e realidade dos docentes em nosso país. Ao ofender professores e diretores, sua defesa não é pela vida e muito menos pela educação. Veja a reportagem disponível em: <http://sismmac.org.br/noticias/2/informe-se/9323/ofensa-de-ricardo-barros-escancara-descaso-com-a-vida-e-com-a-educacao> . Acesso em: 10 jun. 2021.

verifiquei representantes governamentais pronunciando enunciados opostos. Isso apenas confirma que:

Uma visão de mundo, uma corrente, um ponto de vista, uma opinião sempre têm uma expressão verbalizada. Tudo isso é discurso do outro (em forma pessoal ou impessoal), e este não pode deixar de refletir-se no enunciado. O enunciado está voltado não só para o seu objeto, mas também para os discursos do outro sobre ele. No entanto, até a mais leve alusão ao enunciado do outro imprime no discurso uma reviravolta dialógica, que nenhum tema centrado meramente no objeto pode imprimir (BAKHTIN, 2011, p. 300).

Enquanto determinado enunciado é destinado às/aos professoras/es para ofendê-los, inclusive na tentativa de materializar uma imagem negativa a seu respeito, as jovens recorrem aos memes para dizer o seu ponto de vista discordante, expressando como encontravam-se professoras/es e normalistas na quarentena.

Retomo Certeau (2014) para lembrar que a tática é a arte do fraco e as estratégias são ações dos que ocupam um lugar de poder. Provenientes desse lugar de força, discursos totalizantes vão sendo propagados. Nessa perspectiva, “as estratégias apontam para a resistência que o estabelecimento de um lugar oferece ao gasto do tempo; as táticas apontam para uma hábil utilização do tempo” (CERTEAU, 2014, p. 96). Num constante jogo de forças, percebi que os modos de falar em memes indicam as maneiras de fazer das juventudes, um tipo tático e astuto de responder e de consumir as tecnologias. Afinal, elas, as tecnologias, estão sendo pensadas para além do que prevê a lógica do capital.

Figura 49: Professores no ensino remoto



Fonte: Arquivo de pesquisa⁸⁴

⁸⁴ Compartilhado pela normalista Evelyn na conversa *online*. Fonte original: <https://br.pinterest.com/pin/343681015318966189/>

A imagem que reflete a real situação de professoras/es e normalistas revela o processo de potencialização de uma pauta que é coletiva e não se esgota na ilustração, mas suscita através dela a relevância de não apenas pensar, mas responder com a contrapalavra. Os desafios impressos no meme sugerem apresentar apenas algumas das problemáticas enfrentadas pelos docentes no contexto da educação remota emergencial. Cabendo, ainda, destacar que os discursos sobre a imagem não se renderam ao papel romantizado do professor, enquanto herói, mas de sua resistência no enfrentamento da realidade⁸⁵. Lembro Bakhtin; Volochinov (1981), quando esclarecem que uma enunciação com seus elementos significativos se transfere do nosso pensamento para outro contexto, o ativo e responsivo. Ou seja, acessar a fala de um representante do governo e responder a ela com a imagem acima compartilhada significa viver a compreensão em forma de diálogo. Falamos sobre um processo de compreensão que “está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma *contrapalavra*” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1981, p. 99).

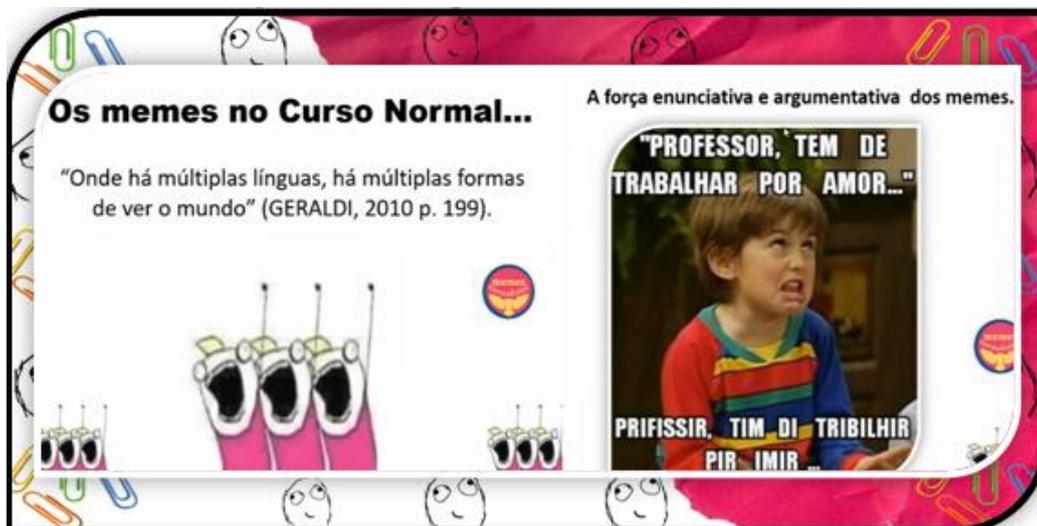
Ciente de que a contemporaneidade é marcada por um cenário de fascínio pela internet e que muitas crianças, jovens e adultos apresentam-se seduzidos pelas redes sociais, busquei ampliar meu olhar para o que a juventude envolvida na pesquisa tem realizado no ciberespaço. Pude constatar que os artefatos digitais podem ser usados na proporção inversa da ideologia da fase interativa do capitalismo. Nesse sentido, entrevejo a potência dos memes como “práticas formativas capazes de criar modos de narrar o mundo” (NOLASCO-SILVA; SOARES, 2019, p. 116).

Em outros termos, os memes “fornecem disparadores reflexivos importantes que elucidam os acontecimentos sociais cotidianos” (MADDALENA; COUTO JUNIOR; TEIXEIRA, 2020, p. 1522). As jovens normalistas trouxeram essa percepção à pesquisa, o que me instigou a dar continuidade às conversas *online*, tendo em vista os obstáculos que a pandemia impôs às conversas presenciais, aprofundando, ao mesmo tempo, a bibliografia concernente à potencialidade das tecnologias digitais em rede, como mediadoras de processos educacionais que promovam maior horizontalidade nas

⁸⁵Além da residência de docentes tornarem-se a sala de aula, as iniciativas políticas, como o auxílio tecnológico, ofertada pelo governo do Estado aos professores, demorou a chegar. O acesso à internet foi outra problemática. O cuidado com a denominação do professor como herói refere-se ao discurso que desvirtua da responsabilidade governamental em realizar seu papel social, ao invés de referir-se aos docentes como àqueles que não trabalharam na pandemia. Para não confundir o leitor, a interpretação do meme precisa ocorrer no contexto em que foi partilhado e discutido.

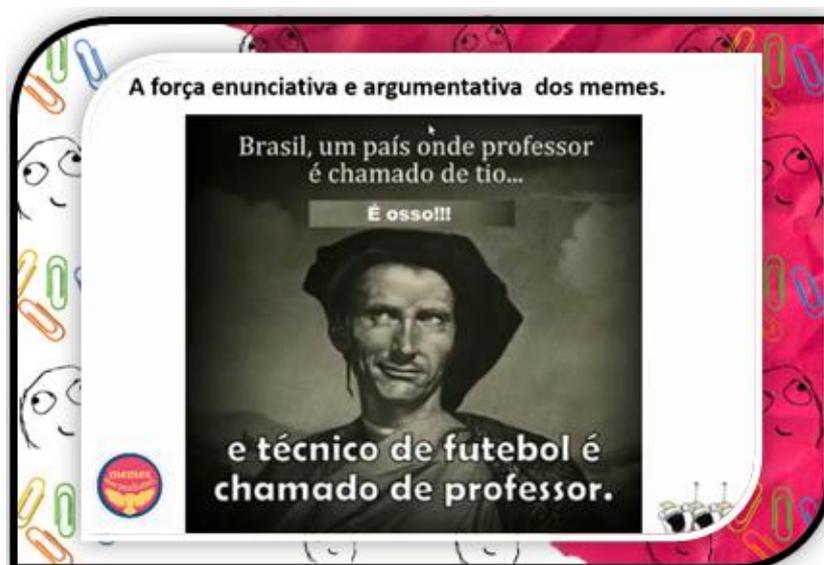
relações professores-alunos e, portanto, uma educação que ocorra nos moldes de uma prática libertadora e não opressora, como quer Paulo Freire (1987).

Figura 50: Conversa *online* sobre memes



Fonte: Arquivo de Pesquisa⁸⁶

Figura 51: Desvalorização docente



Fonte: Arquivo de Pesquisa⁸⁷

Os memes continuaram apresentando textos que despertavam a reflexão de normalistas e professoras. De acordo com Freire (1997, p. 9), ensinar é uma tarefa

⁸⁶ Conversa *online* no *Google Meet* realizada na pesquisa.

⁸⁷ Conversa *online* no *Google Meet* realizada na pesquisa.

profissional que requer amorosidade, criatividade e competência científica. Essa última implica a capacidade docente de lutar pela liberdade e de romper com “a estreiteza científica”. Através das imagens 50 e 51, foi possível discutir as contribuições de Paulo Freire contidas no livro “Professora sim, tia não”.

Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa *militância*, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser *tia* é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é *tia* por profissão. Se pode ser *tio* ou *tia* geograficamente ou afetivamente distante dos sobrinhos, mas não se pode ser autenticamente *professora*, mesmo num trabalho a longa distância, “longe” dos alunos (FREIRE, 1997, p. 9)

Nessa direção, entre memes e livros foi possível conversar sobre a luta contra a tendência à desvalorização profissional representada pelo “hábito cristalizado, de transformar a professora num parente postigo” (Freire, 1997, p. 9). Trabalhar por amor e “romantizar” as relações entre professores e alunos, desvia a importância da valorização profissional. Essa foi uma das práticas de resistência na pandemia e de rompimento com a educação bancária (FREIRE, 1987). Ao fazer uso das conversas *online*, encontrávamos nas telas, para compartilhar nossos saberes, as jovens, conhecedoras de memes e a professora somando com outros textos.

Nesse sentido, convém destacar os estudos de Santos (2014a) que sinalizam as potencialidades oriundas da cultura digital em rede. Reconheço a relevância de suas pesquisas sobre cibercultura e educação e o quanto elas são fundamentais para pensarmos as relações comunicacionais que se dão nos ambientes *online*. Conforme explica, um ambiente ou interface condiciona as relações de educação *online*, mas não as determina. Inspirei-me nesse conceito para pensar a relação comunicacional construída com os participantes da pesquisa, concordando que tudo depende “do movimento comunicacional e pedagógico dos sujeitos envolvidos para a garantia da interatividade e da cocriação” (SANTOS, 2014a, p. 70).

A autora discute a importância das tecnologias digitais para os processos de pesquisa, de ensino e de aprendizagem e o quanto as diferentes linguagens midiáticas utilizadas pelos praticantes culturais enriquecem as possibilidades comunicacionais. Ainda pontua que no ciberespaço há diversas culturas e ali se tecem “o confronto de ideias, o diálogo de saberes plurais, a criação, recriação cocriação e a diferença” (SANTOS, 2014b, p. 54). Seriam os ambientes virtuais espaços nos quais os sujeitos também se constroem e reconstroem na relação com os outros e com o mundo, apropriando-se de diversas linguagens, comunicando-se e interagindo. Nesse horizonte,

aprendemos mais e melhor quando temos a provocação do “outro” com sua inteligência, sua experiência; sabemos que temos interfaces que garantirão a nossa comunicação com nossa fala livre e plural. É desse lugar que conceituamos educação *online* para além de EAD tradicional (SANTOS, 2014a, p. 70).

Ao compreender esse “lugar” apresentado pela autora, percebi o quanto meu olhar de pesquisadora se alargou no processo da pesquisa. Foi na perspectiva dialógica, mediada pelas tecnologias digitais em rede que minha relação com as jovens participantes se deu. Afinal, “não há trabalho de campo que não vise ao encontro com um *outro*, que não busque um interlocutor. Também não há escrita de pesquisa que não se coloque o problema do lugar da palavra do *outro* no texto” (AMORIM, 2004, p. 16). Enquanto um fenômeno da cibercultura, o meme surgiu em meu caminho como enunciação, barulho, ato responsivo, instância criadora, polifonia.

Como sugerem Madalena, Couto Junior e Teixeira (2020), é importante discutir as “imagens-dizeres expressos nos memes produzidos no contexto da pandemia e pensar em suas implicações para os processos formativos cotidianos em tempos de cibercultura” (p. 1521). E na interlocução com os conceitos bakhtinianos de alteridade, dialogia e exotopia, tratei de lidar com as imagens-dizeres das normalistas, especialmente em um momento tão delicado de nossa história, na perspectiva da responsividade. Por isso, é fundamental ir ao encontro da palavra, ciente de que

a palavra viva, indissociável do convívio dialógico, por sua própria natureza quer ser ouvida e respondida. Por sua natureza dialógica, ela pressupõe também a última instância dialógica. Receber a palavra, ser ouvido. É inadmissível a solução *à revelia*. Minha palavra permanece no diálogo contínuo, no qual ela será ouvida, respondida e reapreciada (BAKHTIN, 2011, p. 356).

Foi em cada conversa mediada pelas tecnologias digitais (*WhatsApp* e *Meet*) que a pesquisa se manteve viva, que a palavra das normalistas reverberou e os memes permaneceram compartilhados. A leitura instrumental da memética ganhou outra dimensão, a do diálogo e da criticidade. As estudantes escolheram falar! Não foi um trabalho ou atividade pontuada, mas um engajamento juvenil para discutir um tema importante, os memes em educação. Foi assim que João Pedro, Anna Júlia, Isabella, Kamilly, Gabriella, Pamella, Thayssa, Talita, Andréia, Priscila, Amanda, Lucas, William, Melissa, Thayana, Thainara, Nathalia, Mitsy, Maria Clara, Maria Eduarda,

Gabrielle, Flávia, Evelyn, Daiane e Joana me apresentaram⁸⁸ os memes, paparam *online* e modificaram o meu olhar sobre sua prática cultural.

No ano de 2020, o grupo organizou uma *live* para fazer chegar aos outros estudantes, professores e escolas o seu olhar sobre memes e a educação na pandemia. Em 2021, no 3º Ano de formação, ainda no contexto da pandemia, continuamos compartilhando memes e trocando ideias. Ao descobrir a memética com as jovens, desenvolvi um olhar investigativo que me fez perceber o quanto essa prática cultural está presente em nosso cotidiano. O que as normalistas expressam em memes me fez pensar em caminhos que pudessem manter em pauta os seus modos de falar, na tentativa de promover uma educação que nasce com a experiência e, através dela, expande-se para outros lugares e horizontes.

⁸⁸ João Pedro, Anna Júlia, Isabella, Kamilly, Gabriella e Pamela foram as/os jovens que começaram esse percurso comigo. Nossas conversas foram iniciadas com o grupo em novembro de 2019 e ampliado em Maio de 2020. O engajamento desses normalistas contagiou mais estudantes contribuindo, significativamente, para a continuidade da pesquisa.

6. “TÔ SÓ IMAGINANDO A GENTE NUMA *LIVE* FALANDO SOBRE MEMES”

Sempre fiz graça das situações pra tentar fugir um pouco de algumas realidades que acho que não vale a pena você só se estressar, deixar se abater. Os memes ajudam nisso, nos expressar diante das dificuldades. Tô só imaginando a gente numa live falando de memes. Isso vai ser dá hora. Parece um sonho.

João Pedro, Curso Normal

Na continuação do trabalho de campo, o compartilhamento de memes a respeito da educação, na pandemia, foi intensificado porque a experiência do ensino remoto era uma angústia que afetava a todos. No discorrer das trocas de memes e conversas mediadas pelo *WhatsApp*, as normalistas compartilhavam anseios, preocupações e desabafos, o que acabou suscitando entre elas/eles o interesse em realizar uma *live* sobre o tema. A epígrafe situa o olhar entusiasmado e atento de João Pedro a respeito da memética. Ouvi-lo dizer que viver essa experiência “parece um sonho” me fez perceber o quanto é fundamental dialogar com as/os estudantes, conhecê-los e valorizá-los, acrescentando às minhas práticas educacionais o que por eles/elas me é sugerido.

Observei que esse riso característico dos memes apresentado pelo jovem João Pedro é luta, é carnavalização. Nesse sentido, remeto-me à cultura carnavalesca de Rabelais, lembrando a diferenciação que Bakhtin (2010) faz entre o riso festivo popular e o riso puramente satírico:

O autor satírico que apenas emprega o humor negativo, coloca-se fora do objeto aludido e opõe-se a ele; isso destrói a integridade do aspecto cômico do mundo, e então o risível (negativo) torna-se um fenômeno particular. Ao contrário, o riso popular ambivalente expressa uma opinião sobre um mundo em plena evolução no qual estão incluídos os que riem (BAKHTIN, 2010, p. 11).

Nessa perspectiva, o riso na festa popular da Idade Média, assim como o riso memético do tempo atual, representa o renascimento e a renovação das/dos jovens diante de uma situação que os mortifica. O riso festivo representa uma concepção de mundo que se dirige contra toda superioridade (BAKHTIN, 2010).

No que concerne ao estudo proposto, Meireles (2013) diz que a pesquisa não possui um destino único e certo para se alcançar; envolve movimento, assim como o barco que, ainda que parado, espera por um novo movimento e permanece navegando.

Pesquisar os modos contemporâneos pelos quais as normalistas enunciam a palavra configura-se, assim, como um desafio para amplificar as vozes que vivem no contexto cibercultural. Nesse navegar, o barco levou-me para o universo da produção de *lives*.

Sobre a *live*, ela sequer foi imaginada pela pesquisadora e pelas/os participantes da pesquisa antes da pandemia. Contudo, o desejo de realizar uma conversa ao vivo e de interagir com professores e colegas surgiu entre as estudantes, tamanha saudade dos encontros físicos no espaço escolar. As jovens queriam falar sobre o que sentiam, desejavam compartilhar seus sentimentos sobre o Curso Normal e sobre a vida de normalistas, atormentada pelo contexto pandêmico. Pensando na proposta inicial de discutir sobre memes na escola, os sujeitos convidaram algumas professoras para compor a conversa e com elas trocar enunciações. Entusiasmadas/os, desejavam divulgar a experiência dos memes compreendidos como artes de dizer-se. Para isso, elaboraram convites, organizaram o planejamento da *live*, selecionando os memes a serem objetos de reflexão, pensando as falas, resolvendo quem faria a mediação do *chat* e divulgando o evento.

Enquanto pesquisadora que tateava no campo da pesquisa *online*, posso dizer que fui presentada pela disponibilidade das jovens em continuar conversando sobre memes, agora numa dimensão que se expande à escola. Com as *lives*, conseguimos driblar as armadilhas da angústia causada pela disseminação contagiante do coronavírus e, fundamentalmente, pelo distanciamento físico. O que diferiu a *live* das conversas no *WhatsApp* foi a possibilidade de interação das/dos participantes da pesquisa com outros professores e estudantes de diferentes unidades escolares em tempo real.

O ao vivo nas redes entrou em cena e a prática da *live*, especialmente na pandemia, ganhou visibilidade. Essa é a cultura da conectividade (LUPINACCI, 2020, p. 1). Conforme explica, “nas chamadas *lives*, músicos, políticos, influenciadores e pessoas comuns fazem transmissões com variados níveis de improviso e flutuantes esforços de produção, frequentemente a partir do espaço íntimo de seus ambientes domésticos”. No campo, a experiência da *live* foi afetiva, um modo de envolver-se e entregar-se ao acontecimento. O “ao vivo é descrito pelas plataformas como a melhor solução para conectar pessoas e deixá-las fazer parte daquilo que importa para elas pessoalmente, instantaneamente, e independente de distâncias geográficas” (LUPINACCI, 2020, p. 7).

Vai ser muito bom abrir nossa discussão sobre memes para outras pessoas do Pandiá. Cara, imagina mais professores, mais estudantes nos ouvindo numa *live* pra falar do nosso projeto (Kamilly, CN).

Tipo assim, isso pode contagiar muita gente que tá passando pela mesma situação na pandemia. E os memes vão chamar a atenção porque meme é uma coisa que geral costuma gostar (Pamella, CN).

Vamos organizar tudo, escolher os memes pra falar da vida de normalista, falar o que a gente pensa sobre memes e como isso alivia um pouco nossa rotina nada fácil (Gabriella, CN).

A gente vai levar pra mais pessoas o que a gente pensa. Vou fazer contato com as professoras que acho que vão topa participar. Vou fazer um roteiro, temos que separar quem vai falar, quem vai ficar no chat e ajudar durante a *live* (Anna Júlia, CN).

Gente! Vamos postar no *Instagram*, divulgar no nosso grupo do zap, no *Facebook* e nos outros grupos que a gente participa. Posso escolher os memes principais e vamos trocando (Isabella, CN).

Sentimos os batimentos cardíacos voltarem a acelerar, mantendo a escola viva. Ao mesmo tempo que não negligenciamos a existência da COVID-19, encarando a necessidade de isolamento físico, impulsionamo-nos a fazer a educação acontecer nos canais virtuais. Uns fortalecendo os outros, pensando e construindo nossas práticas ensinantes e aprendentes com criatividade, preenchendo nosso inacabamento através da relação nós/outros. Esse acabamento “não tem sentido de aprisionamento, ao contrário, é um ato generoso de quem *dá de si*. Dar de sua posição, dar aquilo que somente sua posição permite ver e entender” (BRAIT, 2018, p. 97).

Conversar sobre memes numa *live* me levou a redimensionar meu primeiro encontro com as jovens em 2019, quando a memética era um papo que talvez se esgotasse ali, caso não nos dispuséssemos a viver essa experiência polifônica. A polifonia se define pela convivência e pela interação, pela multiplicidade de vozes e consciências independentes, vozes que não são objeto do discurso do autor e sim sujeitos de seus próprios discursos (BEZERRA, 2005). Na *live*, os sujeitos puderam ir além do diálogo entre eles sobre os memes, estendendo a conversa sobre o tema às/aos professoras/es, exotopicamente, como diz Miotello (2012).

Construir sentidos exige pedaços materiais do mundo, materialidades sócio-históricas e pontos de vista. Nossa ação no mundo, portanto, faz com que cada um de nós se exprima a si mesmo, crie texto. [...] Humanos estarão em interação. E colocarão nessa atividade seu ponto de vista, seu projeto de dizer, sua ideologia (MIOTELLO, 2012 p. 154 - 155).

Vivemos a experiência do texto enquanto realidade do pensamento e das vivências (das/dos estudantes, das professoras, dos que acompanharam a *live* e da pesquisadora). “Onde não há texto não há objeto de pesquisa e de pensamento” (BAKHTIN, 2011, p. 307). Foi na atividade criativa e criadora, entre o Outro e o Eu (MIOTELLO, 2012), que visões de mundo se encontraram no universo da *live*. “Todo texto tem um sujeito, um autor (o falante, ou quem escreve)” (BAKHTIN, 2011, p. 308). No encontro entre textos e consciências, vimos à amplitude que a temática meme estava ganhando. Jovens eufóricas/os, alegres e entusiasmadas/os com a *live*, que preferimos denominar de Conversa, pois essa já era a dinâmica de nossos encontros na escola e no *WhatsApp*, agora ainda mais viva.

Abaixo apresento o *flyer* construído pela normalista Anna Júlia que cuidou de cada etapa da conversa com dedicação. O material de divulgação foi compartilhado nas redes sociais das estudantes e professoras/es, inclusive entre docentes de outras instituições escolares que trabalhavam com a modalidade Normal. Os memes, enquanto tema de conversa, chegaram a outros espaços ou esses espaços foram ao nosso encontro, de algum modo, atraídos pela temática.

A dimensão da *live*, enquanto acontecimento, representa a possibilidade de enunciação das jovens, da troca de palavras com professores e da expressão sensível sobre como viam os memes para além do que o senso comum talvez pudesse propagar. Abria-se ali a possibilidade de dizer no e para o Curso Normal, campo da pesquisa, para outras escolas e, principalmente, para os jovens sujeitos da pesquisa, e outros jovens, que os memes representavam modos de dizer auspiciosos. Vejamos o *fôlder*:

Figura 52: Fôlder da *live*



Fonte: Arquivo de pesquisa

Contamos com a participação de seis professoras, sendo duas delas convidadas externas, que não compunham o quadro docente do Pandiá Calógeras que abriga o Curso Normal. Tivemos a participação da mãe de Anna Júlia, formada em História e interessada em se aproximar da pesquisa da qual sua filha fazia parte. Foi uma experiência linda.

A *live* surgiu na pesquisa constituindo-se como ato responsável, acontecimento. Diferente de uma ação que pode ser impensada ou até mesmo mecânica, “o ato é responsável e assinado: o sujeito que pensa um pensamento assume que assim pensa face ao outro, o que quer dizer que ele responde por isso [...] o ato é um gesto ético no qual o sujeito se revela e se arrisca inteiro” (AMORIM, 2009, p. 22). Foi perceptível o encantamento dos/as estudantes em compartilhar suas leituras no e sobre o mundo. Constatou-se uma disposição dos sujeitos para dizer a sua palavra e ouvir as palavras outras no discorrer da *live*. Enquanto ordem do acontecimento, “o sentido é o que se produz num gesto único e irrepitível” (AMORIM, 2009, p. 30).

Figura 53: *Live* sobre memes



Fonte: Arquivo de Pesquisa⁸⁹

Escutar a palavra do outro é o caminho que conduz ao universo de possibilidades para o meu/nosso crescimento enquanto humanidade. As visões de mundo das jovens encontram-se na arte da memética, abrindo uma expressiva diversidade de interpretações sobre esse tema. Como diz Serpa (2010),

⁸⁹ Conversa online no Google Meet realizada na pesquisa.

Sendo plural, nosso enunciado sempre se orienta a partir do que já foi dito, ou seja, é uma resposta a tudo que já foi dito, seja para apoiar ou rebater; sempre espera uma resposta, falamos sempre para alguém; que é internamente dialogizado, é heterogêneo e se constitui de múltiplas vozes, assimilamos infinitos enunciados alheios. Quanto mais aumentam nossos grupos de interlocução mais estas vozes se multiplicam dentro de nós, e mais complexa fica nossa interlocução com o mundo (p. 46).

Foi assim que a *live* acabou originando outras descobertas, desencadeando nas próprias estudantes o desejo de permanecer emitindo suas vozes. Um encontro *online* aberto nas redes permitiu ouvir professoras, colegas e participantes de outras unidades escolares. Estavam ali docentes e alunas dialogando, pensando, refletindo e refratando seus pensamentos. Quando o jovem João Pedro começa a falar sobre memes, explicita que:

Meme, ele é uma espécie de linguagem, ele é uma ferramenta, que ele pode ser utilizado pra coisas boas e produtivas, mas ele também pode ser usado pra coisas ruins como disseminação de ódio, disseminação de informações falsas, é... todas essas coisas. Eu vou falar um pouco sobre o meme no contexto de crítica social (João Pedro Lopes, aluno do CN)

O normalista explica que o interessante do meme é ler a imagem e perceber a linguagem cômica por ela sugerida. Ele compartilha, na tela, alguns memes anteriormente trocados em nosso grupo de *WhatsApp*, intencionando elucidar seu olhar a respeito. Na conversa introdutória, João ressaltou que os memes são utilizados como “modos de nos expressar sobre o mundo e de nos posicionar criticamente a respeito de várias situações sociais”. É assim que João Pedro se apropria dos memes em seu cotidiano. O estudante sinaliza algumas páginas de memes nas redes sociais, inclusive o *Instagram* “Vida de Normalista” que retratava de forma cômica, mas ao mesmo tempo séria, a realidade de seu Curso. De modo espontâneo e emocionado, João demonstrou a alegria de poder falar sobre um tema pelo qual sempre foi apaixonado: “Eu ainda não estou acreditando que tô numa *live* com mais de setenta pessoas pra falar de memes. Obrigado, professora Ana Paula, por nos ouvir, obrigado a todos que estão aqui hoje”.

João Pedro chamava a atenção das/dos presentes sobre o tema da conversa que envolvia memes, o Curso Normal e enfrentamentos escolares no contexto pandêmico. Sua voz era representativa de muitas outras vozes, chamando a atenção para o quanto os memes manifestavam as situações cotidianas vivenciadas pelas normalistas.

Durante sua fala sobre a usabilidade da memética como crítica social, João Pedro apresentou o meme criado a partir do desenho *Scooby – Doo*, para fazer articulações sobre o que pensava a esse respeito. É inegável que a palavra dita flui do

mundo (Freire, 2011); falo sobre um mundo vivido, mas que também pode ser transformado pelo modo que os/as jovens não só escrevem, mas reescrevem, tomando como ponto de partida sua prática consciente. O autor nos inspira a uma prática de pesquisa que observe e valorize as potências presentes no campo, a linguagem das/dos que ali se encontram, suas palavras. Vejamos o meme:

Figura 54: O desafio do jovem



Fonte: Grupo Memes Normalistas (acervo da autora)

Ao apresentar a ilustração, João Pedro ressalta a importância das/os jovens se manifestarem criticamente a respeito de situações sociais sobre as quais discordam. Ele expõe o meme convidando os presentes a perceberem a situação das/dos alunos de escola pública, especialmente daqueles/as que vivem em periferias e redondezas, sentindo na pele as problemáticas cotidianas. O estudante acrescentou:

Quando um assunto é tratado por jovens muitas pessoas não dão credibilidade ao que a gente fala ou ao que a gente faz (João Pedro, 17 anos).

No entanto, percebo que as/os jovens possuem mais autonomia “frente às instituições do denominado “mundo adulto” para construir seus acervos e identidades culturais” (CARRANO, DAMASCENO, TAFKGI, 2013, p. 2). De acordo com os autores, resalto que ser jovem também é ser sujeito das transformações não apenas individuais, mas também coletivas que englobam o desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação. Nessa perspectiva, no “mundo” dos mais velhos, expressar-se através de memes pode ser julgado como algo fútil. João explica seu olhar valorativo

sobre a memética para além do que as/os outros possam imaginar. Por isso a importância da *live*.

No *chat*, as normalistas comentam:

Tudo o que a gente vive tem um meme pra falar. Eu uso o meme até para falar o que eu não tenho coragem de dizer ou simplesmente para pegar mais leve quando a minha opinião vai pegar muito pesado (Gabrielle, 17 anos).

Os memes estão entrando na rotina escolar. A internet sempre foi uma coisa mal visada pelos professores porque a gente tá sempre conectado. E hoje a internet virou a nossa sala de aula (Nathalia, 18 anos).

Eu uso meme pra postar besteira, pra rir, posto memes que me identifico pra mandar indiretas, pra falar da minha vida (Crislayne, 17 anos).

Os memes com esse cômico ajudam na aprendizagem. Eu gosto de tecnologias e elas ajudam muito nisso. As pessoas mais velhas nem sempre veem como a gente vê (Pamella, 17 anos).

Mesmo num contexto marcado pela globalização, em que o digital é onipresente, as jovens selecionam “as diferenças com as quais querem ser reconhecidos socialmente” (MARTINS, CARRANO, 2011, p. 44). A memética apresentada pelos sujeitos que participam do presente estudo corrobora para o que os autores afirmam em relação às identidades culturais diversas. Tal evidência foi comprovada na pesquisa, quando eles demonstravam suas diferenças nos modos de se apropriar, interpretar e criar os memes.

Reconheço nas conversas compartilhadas com as jovens a existência de um processo de autoconsciência e a autoavaliação, em que não é possível conhecer diretamente a visão do outro, mesmo em sua presença, pois “o outro é sempre o outro-para-mim” (PETRILLI, 2020, p. 68). Assim como a autora, compreendo que o diálogo iniciado por João Pedro significa que “o eu é dialógico na palavra do outro” e, mesmo esse outro desvalorizando seus modos de se expressar, o normalista ressalta a importância de olhar outras perspectivas, ainda desconhecidas, sobre o que pensa e diz a respeito dos memes. Desse modo, quando alguns professores ignoram o que pensam ou fazem as jovens na internet, conforme acrescentou Nathalia no *chat*, esses docentes deixam de valorizar o que atualmente tornou-se a sala de aula. Em relação aos memes, as jovens clarificam a importância de compreendê-los como alternativas potentes de subversão e resistência (COUTO JUNIOR; POCAHY; CARVALHO, 2019), isso porque seu caráter de riso ambivalente faz rir, mas por outro lado, levanta a crítica.

Retomando o meme do *Scooby – Doo*, João Pedro desabafa:

É muito difícil estudar na pandemia, tem sido desafiador. Na escola pública têm alunos que vivem em muitas comunidades carentes, sem acesso à internet. É muita situação precária. Será que os governantes e os grupos sociais que não vivem essa realidade estão preocupados com a educação dos jovens menos favorecidos economicamente?

Levantando essa questão, o jovem mostra que, não obstante reconheça esse problema, não deixa de incentivar seus colegas de curso a não desistirem dos estudos, já que o magistério para ele é um caminho privilegiado para promover a transformação.

Figura55: Perdido no ensino remoto



Fonte: Arquivo de pesquisa

Cara, pra mim não foi fácil. Eu tive vontade de jogar tudo pro alto. Quem não teve? Só quem é da classe popular sabe o que a gente passa. Mas não podemos desanimar. Não desiste, galera! A gente tá na formação de professores e encontra forças porque sabe que é através do conhecimento que podemos fazer a diferença. Por isso estamos aqui conversando com vocês sobre os memes. É possível!

Continuando a conversa, a normalista Anna Júlia expõe sua compreensão a respeito dos memes:

A gente tá aqui pra dizer pra vocês que meme não é só piada sem sentido. A gente usa meme pra falar da vida real, a gente expressa as situações da vida de normalista, inclusive as constrangedoras e difíceis (Anna Júlia, 18 anos).

Os memes compartilhados na tela também representam os modos como os jovens se sentem no decorrer sobre o Curso. Muitas das imagens compartilhadas

encontram-se no *Instagram* e *Facebook* sob o título “Vida de Normalista”⁹⁰, seguido pelas/os estudantes. Anna Júlia nos convida a perceber a palavra expressa na imagem:

Figura 56: Vida de Normalista



Fonte: https://www.Instagram.com/vida_de_normalista/

Ao expor a palavra (em meme), Anna Júlia menciona um “achismo” em relação à vida de normalista que, segundo ela, é socialmente incompreendida. Explica que a página do *Instagram* de onde foi retirada a imagem expressa inúmeras verdades sobre o que se vive no Curso Normal, desde a rotina estressante, a carga horária extensa, inclusive sobre os inúmeros estágios que precisam realizar. No *chat*, outras colegas se manifestam:

É muito trabalho, parece até que a gente já tá na faculdade kkkk (Melissa, 17 anos).

É muita luta mesmo. Quando a gente for pra faculdade vai chegar preparada kkkk. (Nicolly, 17 anos).

Ao dialogar com as/os presentes sobre a ilustração, Anna Júlia observa a fisionomia da personagem no meme como representativa de sua sensação:

Olhem esse meme, isso me representa. É assim que eu me sinto. A vida de normalista não é nada fácil. Muitos não têm a menor noção de como é a nossa realidade e ainda acham que estamos aqui só cortando papel e EVA. A gente tem muitas matérias, trabalhos, seminários. O Curso é bem puxado.

⁹⁰ Página do *Instagram* disponível em: https://www.Instagram.com/vida_de_normalista/
 Página do *Facebook* disponível em: <https://www.Facebook.com/vidadenormalistasz/>

Em relação ao Curso, além das disciplinas de base geral, existem as específicas, denominadas de disciplinas pedagógicas, o que torna a formação de nível médio em três anos⁹¹ um desafio difícil de enfrentar. A jovem acrescenta:

A gente tem tanta coisa na nossa cabeça, olha aí a gente expressando em memes. Dizer que normalista não faz nada chega a ser ofensivo. A gente mostra que a gente fica exatamente desse jeito, com essa cara porque nós sabemos o que nós passamos, o sufoco, as crises em sala, de sair gritando: meu Deus eu não aguento mais (Anna Júlia, 18 anos).

A jovem explica que fazer o Curso Normal no modelo presencial exige tempo e dedicação, algo que no modo remoto foi agravado pela dificuldade que é adequar o estudo com a rotina familiar. Estudar em casa e realizar o quantitativo de trabalhos exigidos na plataforma causava tensão e desespero. A estudante acrescenta:

Estar aqui hoje pra conversar com as professoras e com todos vocês trazendo os memes é uma forma da gente dizer o que pensa, mas também pra fazer rir. Meme é coisa séria porque também fala verdades. A gente não quer criticar a prática dos professores no sentido negativo, mas convidar à reflexão. Tá difícil pra todo mundo, por isso é importante mostrar o nosso lado.

Figura 57: Como fico no ensino remoto?



Fonte: Grupo Memes Normalistas⁹²

A *live* se colocava como um caminho possível para observar a questão do discurso dialógico. Percebi o quanto essa relação de fala e de compreensão ao que o

⁹¹ A Matriz Curricular do Curso Normal em Nível Médio consta na Resolução SEEDUC n.º 5.330 de 10 de setembro de 2015. Possui 33 disciplinas e soma a carga horária de 5.200 horas. Disponível em: <http://www.rj.gov.br/web/seeduc> Acesso em: 05 fev.2020.

⁹² Fonte da imagem: https://www.Instagram.com/direito_depress/

outro diz compõe a concepção bakhtiniana de diálogo. Bezerra (2016) utiliza o termo “compreendedor” para explicar que esse é par obrigatório da relação falante-ouvinte. Conforme explica, Bakhtin marca sua diferença em relação a linguística tradicional, na qual o ouvinte se limitava apenas a ouvir, incompreendido como um falante. Desse modo:

A compreensão não repete nem dubla o falante, ela cria a sua própria concepção, seu próprio conteúdo; cada falante e cada compreendedor permanece em seu próprio mundo; a palavra faculta apenas o direcionamento, o vértice do cone. Por outro lado, falante e compreendedor jamais permanecem cada um em seu próprio mundo; ao contrário, encontram-se num novo, num terceiro mundo, no mundo dos contatos; dirigem-se um ao outro, entram em ativas relações dialógicas (BEZERRA, 2016, p. 113).

A concepção de relação dialógica aqui tratada ampliou o meu olhar sobre as inúmeras possibilidades formativas que se alargam em educação, quando alunas/os e professoras/es se abrem à experiência desse diálogo vivo. É no diálogo com outro que volto a mim e reconheço a importância desse outro para me ajudar a acessar o que sozinha jamais conseguiria. Ouvir é participar ativamente do diálogo e, quando discentes e docentes compartilham suas palavras repletas de historicidades, marcam outro modo de existir, de ver e de pensar o outro, a educação e os memes, por que não?

6.1 Na *live*, alguns lampejos: o que pensam professores sobre memes?

A palavra é já habitada pela palavra do outro, pela intenção do outro, pelo sentido de outros. *A palavra é sempre semi-alheia*, como diz Bakhtin, é sempre aberta a outras palavras, a palavra fala sempre de outras palavras e com outras palavras.

Petrilli, 2020

Na conversa, outras perspectivas iam surgindo e a palavra era anunciada. Agora, as professoras falariam a respeito dos memes, através de enunciações, replicando o que haviam ouvido dos estudantes, réplicas que, portanto, reverberavam não apenas de dentro para fora, mas também do exterior para o interior. A percepção dos jovens sobre a memética movia o pensamento das professoras participantes. Conforme explica Petrilli (2020), o diálogo não se reduz à troca formal de um revezamento de falas entre interlocutores, porque a palavra nasce na relação entre corpos perpassados por diferentes vozes que interferem umas nas outras.

Ao partilhar suas compreensões, a professora Juliana, atuante nas áreas de Geografia e Sociologia, considerou o olhar dos alunos interessante e pertinente, contudo, trouxe outra nuance sobre a prática de memes. A docente ressaltou seu uso como instrumento de alienação, chamando a atenção dos presentes para a existência desse viés, acrescentando que:

O meme pode ser usado de forma crítica, como apontamento de problemas sociais, mas pelo que tenho percebido [...] eu vejo muito o meme veiculado como instrumento de alienação. Não quero criticar o uso do meme, mas a sua popularização na internet, como uma forma de comunicação em massa, muitas vezes, digamos assim, a ausência de um letramento digital, sua visão crítica dos recursos digitais torna a utilização do meme uma forma muito alienante. Outro aspecto que eu queria ressaltar [...] é uma memificação da vida, de problemas sociais que são muito sérios e às vezes a gente banaliza, se aliena em relação a ele (Professora Juliana, Curso Normal).

A docente trouxe exemplos sobre o uso de memes na perspectiva da alienação, compartilhando algumas imagens na tela, para que as/os participantes pudessem compreender sua fala. Ao conversar sobre a ludicidade do meme, enquanto informação estética objetiva, relatou que tal linguagem atinge diferentes públicos, inclusive o infanto-juvenil, chamando a atenção para os efeitos que as imagens podem causar na vida social dos sujeitos. Sua fala me lembrou das implicações que envolvem o papel dos memes “como forma de representação ideológica das vozes de personagens do mundo real” (SOUZA, 2013, p. 127). Vejamos a imagem:

Figura 58: O meme enquanto fotografia enganosa



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/320177854758216651/>

Através da ilustração, a professora Juliana sinalizou o uso do meme como modo superficial de propagar ideias e conceitos, chamando a atenção para a existência de uma

apropriação que precisa ser refletida, discorrendo inclusive sobre a importância de um letramento digital. Não ignoramos a relevância desse letramento, considerando a necessidade de conhecimentos e habilidades mentais, frente ao uso das tecnologias digitais da informação e comunicação (LUIZ DA SILVA, 2018, p. 10). De acordo com Rojo (2007, p. 63), “os atos de ler e escrever são ainda mais fundamentais na interação virtual que em nossas interações cotidianas, no mundo atual. E isso torna relevante e urgente o estudo e a discussão dos letramentos digitais”.

Nesse sentido, ser letrado digitalmente implica não apenas fazer uma leitura do texto verbal escrito, mas colocá-lo em relação com vários signos de diferentes modalidades de linguagem que o impregnam (ROJO, 2007). O desafio que se coloca na formação de alunos, para o letramento crítico, é o de tornar válidas as experiências que os alunos trazem de seu cotidiano para o ambiente escolar. Se elas/eles estão praticando leituras e escritas em ambientes digitais interativos é fundamental legitimar essas experiências em educação. Em tempos ciberculturais, de fato importa pensar os memes numa perspectiva letrada e consciente, necessária ao conhecimento da condição em que as novas práticas de leitura da imagem estão sendo constituídas.

Retomando o processo eleitoral de 2018, a docente Juliana analisou o meme, compartilhando sua leitura a respeito dos processos alienantes nele propagados, apontando como diferentes esferas sociais utilizam essa prática para divulgar discursos e ideologias. O então candidato à presidência apelava ao conceito de herói (o Capitão América), divulgando uma ideia deturpada de si através de uma imagem lúdica.

A professora ressaltou que o meme enunciava um “valor de verdade” a respeito do presidente eleito, ludibriando a população, inclusive as/os mais jovens e as crianças. Estaríamos diante do opressor se apropriando da prática cultural dos memes, acessados pela grande massa, como manobra para difundir uma imagem aparentemente ingênua, mas essencialmente enganosa. Um processo reflexivo é despontado pela professora, que anunciava a necessidade de analisar a imagem com mais aprofundamento, ressaltando a importância de se perceber o que o meme queria dizer em diálogo com a realidade representada pela personagem ali presente.

A densidade ideológica da imagem é carregada de signos em defesa de uma visão militar, a mesma que advoga em favor das armas de fogo, do coronelismo, das práticas de tortura e da coisificação do homem. A prova disso pode ser lembrada na votação do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, quando Jair Bolsonaro, ainda deputado, exaltou um torturador da ditadura militar, o coronel Carlos Alberto Brilhante

Ustra e posteriormente, em 2019, quando já eleito presidente da república, denominou o torturador de “herói nacional⁹³”.

Lembramo-nos, ainda, do discurso do então presidente que soube utilizar as redes sociais para disseminar ideais ultraconservadores, *fake news* e inverdades sobre Paulo Freire e seu legado educacional. Sua palavra sempre foi de ataque, recusa e negação ao patrono da educação brasileira, propagada por um posicionamento de extrema direita, insistente em combater e difamar o educador brasileiro, demonstrando claramente o desejo de expurgar⁹⁴ sua ideologia educacional.

Cabe lembrar Bakhtin para quem a mentira é a “forma contemporânea mais atual do mal” (BAKHTIN, 2020, p. 49). Pois a mentira está presente na imagem retratada no meme, nas cores verde, amarelo, azul e branco “americanizadas”, que disfarçam o fascismo de Bolsonaro, assemelhando-o ao herói Capitão América. Bakhtin observa: “A mentira nas formas da seriedade (unidas ao medo, à ameaça, à violência). Ainda não há as formas da força (autoridade, poder) sem o ingrediente necessário da mentira” (BAKHTIN, 2020, p. 49). É na imagem memética, aparentemente lúdica e divertida, que os discursos oficiais também se propagam. Não é possível negar as possibilidades discursivas ambivalentes presentes nos memes, mostradas pelos estudantes, mas, por outro lado, não cabe ignorar a faceta, arditamente calculada, de muitos memes.

De acordo com o dicionário *online* (Dicio), “herói é aquele que é condecorado por suas ações corajosas, pelo caráter magnânimo e comportamentos altruístas. É aquele que se distingue por seu valor ou por ações extraordinárias, por feitos brilhantes”. Ficção ou realidade? Nada mais opressor do que projetar um herói naquele que caminha na contramão da ética, do respeito, da valorização da ciência e defesa da vida, especialmente no contexto da pandemia da Covid-19.

Herói não defende práticas de intolerância, não reproduz homofobia e machismo, não ignora a existência de um vírus, denominando-o de “gripezinha”. Heróis protegem o meio ambiente, a Amazônia e os índios; respeitam as/os trabalhadores, professores, pesquisadores, enfermeiros, médicos, estudantes e toda a humanidade.

⁹³ A expressão “um herói nacional”, direcionada ao Coronel Ustra, foi dita publicamente pelo então presidente Jair Bolsonaro em agosto de 2019, sendo noticiado pelas inúmeras mídias. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/08/08/bolsonaro-chama-coronel-ustra-de-heroi-nacional.ghtml>. Acesso em: 05 jun. 2021.

⁹⁴ Em sua proposta de governo, quando ainda candidato à presidência do Brasil, Jair Bolsonaro declara na página 46, o interesse em mudar o método da gestão educacional sob um discurso de modernização de conteúdos educacionais, incluindo a alfabetização, na qual propõe que isso precisa ser feito “expurgando a ideologia de Paulo Freire”. https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/BR/2022802018/280000614517/proposta_1534284632231.pdf. Acesso em 18 jan. 2021.

Heróis enxergam o povo e os povos, suas culturas e costumes, lutam em defesa da vida e não praticam xenofobia. Não há como negar que “a sectarização é sempre castradora, pelo fanatismo de que se nutre [...] é mítica, por isto alienante” (FREIRE, 1987, p. 16). O autor nos convida a uma prática de leitura desprovida de intolerância, mas preenchida de uma radicalização necessária. Ser radical para Freire significa adotar um movimento de ir e vir à raiz das coisas (CAVALCANTE; MATTOS, 2015). É fundamental ler na perspectiva dessa radicalização, que diferentemente da sectarização, “é sempre criadora, pela criticidade que a alimenta” (FREIRE, 1987, p. 16) e por ser crítica é libertadora.

Quando a professora Juliana, na conversa, apresenta sua perspectiva sobre os memes, realça a necessidade de lê-los nessa percepção crítica. Parece ser o que fazem as normalistas quando se apropriam dos memes como uma prática libertadora, engajada na transformação da realidade concreta (FREIRE, 1987).

A experiência da *live*, que colocou em diálogo estudantes e professoras, trouxe-me um certo alívio quanto ao receio que eu tinha de “pedagogizar” a memética, ao tomá-la como objeto de estudo, o que seria incoerente com meu objetivo de me deter sobre os memes produzidos pelas normalistas, inclusive no contexto da pandemia, analisando se, e como, eles poderiam contribuir para a formação de futuros professores implicados não apenas com a transmissão mecânica do que aprenderam na formação inicial, mas capazes de relacionar seu percurso no magistério com o acontecimento singular que é a vida cotidiana. O alívio veio da compreensão de que os memes e seus dizeres transcendem a perspectiva da instrumentalização, porque neles está implícita a palavra não prevista no currículo, palavra que instiga, alheia à permanência do sempre igual, palavra-acontecimento, como, em outros termos, sugere Alves (2012).

[...] os currículos são assunto de *espaçotempos* escolares e fora deles não existe, e considero, ainda que aos currículos oficiais é impossível que incorporem os modos caóticos de tessitura dos conhecimentos e significações cotidianas, pois não conseguirão nunca ‘determiná-los’, pois o caos é indeterminável e aparece sempre no aleatório singular do acontecimento (p. 165).

A autora chama atenção para uma compreensão necessária sobre o que acontece em redes educativas fora das escolas, que ela entende como “o outro dos currículos”, cuja visibilidade requer diálogos diversos, “ora são as mídias que nos exigem criação de ações curriculares novas; ora os movimentos sociais aparecem e exigem a incorporação de novos conteúdos e novas ideias, e assim por diante...” (ALVES, 2012, p. 166).

Na *live*, observamos as tensões e os desdobramentos que a conversa sobre memes ganhava, pois ao passo que as/os estudantes ampliavam o olhar sobre a prática cultural dos memes, enquanto perspectiva crítica, a professora Juliana, mesmo não ignorando a relevância do que diziam, inclusive afirmando “nunca pensei o meme dessa forma”, sinalizava a existência de uma memificação da vida, compartilhando na tela outros memes que defendiam práticas de racismo, ofensas políticas e ideologias deturpadas, tratamentos pejorativos, discursos de enfraquecimento da educação pública e atos graves de violência, como se vê abaixo:

Figura 59: A memificação da vida



Fonte: encurtador.com.br/fyCLW

Nesse meme infame, nota-se a banalização da vida e da morte, a prática violenta da opressão que, interrompendo de forma drástica a vida da vereadora Marielle Franco⁹⁵ e todas as suas causas sociais, extingue as possibilidades de sua existência, de suas pautas políticas e do seu direito à vida.

Em continuação à conversa, a professora Alessandra contribui para a compreensão da potência dos memes, dizendo:

Vi vários memes aí que eu não conhecia, fiquei até impactada né com o meme da Marielle, triste! A gente fica triste de ver certas barbáries que nos são colocadas e pra alguns geram riso, né? Mas quando a gente trás isso pra potência do debate, pra conversa, pra questionar né, então vira espaço de potência, vira espaço de produção de sentidos, vira espaço de resignificação. Então eu acho que o meme, ele causa o riso? Causa, mas ele causa essa resignificação do olhar, ele refrata esses múltiplos sentidos e esses múltiplos

⁹⁵ A vereadora Marielle Franco foi assassinada no Rio de Janeiro e até hoje não se sabe quem foi o mandante do crime. Ela é mulher, negra, mãe, filha, irmã, esposa e cria da favela da Maré, conforme apresenta o site <https://www.institutomariellefranco.org/>. Acesso em: 06 jun. 2021.

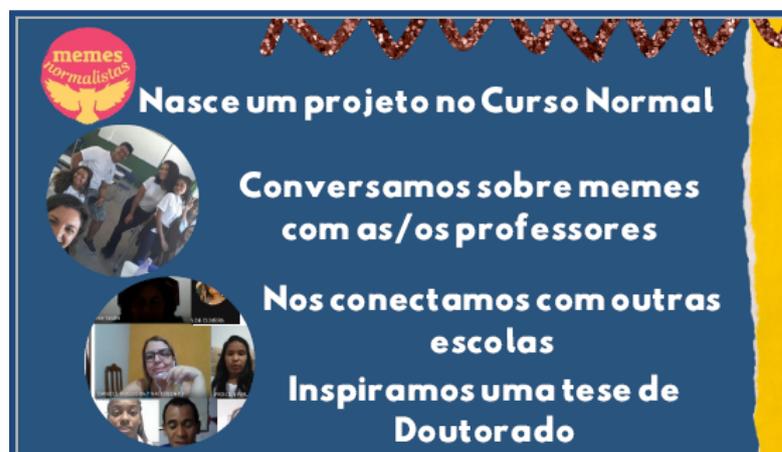
olhares que a gente pode ter dessa linguagem que não tá acabada né?
(Alessandra, professora da Educação Básica)

É possível encontrar Bakhtin na fala da professora, que mostra que nosso acabamento não se esgota na imagem disposta, mas no redimensionamento de nosso olhar, quando o outro nos acrescenta outros horizontes. Foi no diálogo com as jovens sobre os outros modos de se apropriar dos memes que a professora Alessandra manifestou reconhecer a potência da memética que a levou a reagir à barbárie da imagem-dizer, no diálogo com estudantes e a Professora Juliana. Potência essa que não findava na prática da barbárie, mas na compreensão que desenvolvíamos a respeito dos memes, quando esses estavam sendo levados para o debate entre estudantes e professores. E as enunciações prosseguem com a Professora Marilene:

Meme é uma forma de comunicação rápida, breve e muito criativa [...] É um texto que ganhou muita popularidade devido até a nossa nova forma de comunicação que é uma comunicação muito rápida. Os jovens valorizam muito essa comunicação rápida. E aí eu pego carona na fala da professora Alessandra que ela chama a atenção para a necessidade de refletir sobre o texto que a gente lê né. E o meme é um texto. E essa reflexão dela é importante pra gente avaliar aquilo que a gente está recebendo, seja pelo *WhatsApp*, pela internet, *Facebook*, etc. nas diferentes mídias que a gente costuma frequentar (Professora Marilene, Disciplinas Pedagógicas).

Ressalto algo importante: o que se fala na *live* transcende o meu controle e o dos demais participantes. Nesse sentido, a *live* ocorre ao sabor do acontecimento. Não deveria ser assim na sala de aula? Contrariamente, na maioria das vezes, os currículos tendem a impor à sala de aula uma centralidade que não permite que a não oficialidade da vida cotidiana venha à tona: as histórias de vida, as experiências culturais dos estudantes, seus saberes e não saberes, suas subjetividades.

Figura 60: Normalistas na live



Fonte: Arquivo de pesquisa - tratamento da imagem produzido pela jovem Anna Júlia

6.2 “Professora, nossa *live* lacrou, vamos fazer outra”

Não deixe de lutar politicamente, por seus direitos e pelo respeito à dignidade de sua tarefa, assim como pelo zelo devido ao espaço pedagógico em que atua com seus alunos.

Paulo Freire

Quais palavras dizer após a realização da *live*? É muito difícil “traduzir” essa experiência. Ao final, nos bastidores, após encerrarmos a transmissão, as normalistas vibraram com o acontecimento. No *Meet*, compartilharam sua emoção:

Professora veio muita gente. Eu ainda não to acreditando. Veio gente de outras escolas, até do RJ (Pamella, CN).

Vocês viram o pessoal participando, interagindo no chat? (Kamilly, CN)

Cara, meu coração tá acelerado. Foi emocionante, olha aonde a gente chegou (João Pedro).

Um monte de gente se identificando com os memes. Que maneiro as professoras participarem (Gabriela, CN).

Professora, nossa *live* lacrou, vamos fazer outra. Olha ano que vem é nosso último ano, temos que fazer mais uma *live* (Isabella, CN).

Estou emocionada, de verdade. Olha a proporção que tomou. Vamos fazer outra com certeza (Anna Júlia).

Conforme Freire (1987), refletir sobre a palavra respondendo-a em ação é ativismo, do contrário, palavras ditas sem abertura para reflexão é o mesmo que negar a possibilidade do diálogo. Compreender o outro como objeto de discurso e não como possuidor de diferentes discursos é uma prática violenta de silenciamento, de controle e de coisificação. Ciente desse ativismo, experienciei com as jovens a liberdade de anunciar a palavra. A *live* nos aproximou ainda mais, suscitando o desejo de outros encontros⁹⁶.

Ao continuarmos nossas experiências meméticas, discutimos sobre alguns temas relevantes, entre eles, a proliferação de *Fake News* nas redes sociais. Nesse caminho,

⁹⁶ Relembrando ao leitor, iniciei no campo em 2019 e prossegui com as normalistas nos anos de 2020 e 2021 na modalidade remota. No decorrer da pesquisa, continuamos com a troca de memes no *WhatsApp* e com os encontros no *Meet*.

em 2021, decidimos realizar uma *live* em comemoração ao centenário de Paulo Freire, trazendo os memes para o diálogo. Desejávamos responder às notícias falsas sobre o autor, as ditas *Fake News*.

As normalistas se aproximaram de estudos sobre o autor, produziram memes e se engajaram na realização de um projeto vivo, fazendo uso da memética em conexão com um tema de sua formação. Mais uma vez, percebia a construção de um currículo em diálogo com a vida.

Figura 61: Paulo Freire, memes e *fake news*



Fonte: <https://www.Instagram.com/memesnormalistas/>

Ser livre para pronunciar os nossos mundos é sinônimo de desobediência e de subversão. Esse é o olhar daqueles que querem permanecer no poder, impondo apenas a sua palavra. Entre currículos programados, reformas educacionais, discursos ofensivos aos professores, à escola pública e até mesmo a Paulo Freire⁹⁷, é preciso navegar contra a maré da ideologia oficial.

Durante o estudo, tive dúvidas sobre o uso de memes numa perspectiva pedagógica. Essa era a sugestão inicial trazida pelas normalistas. Juntas, pensávamos sobre temas para debate, refletindo coletivamente, sem receio de correr riscos e de vivenciar uma relação que Freire (1996) denominaria dialógica.

⁹⁷ Inúmeros são os ataques e *Fake News* direcionados a Paulo Freire, circundantes nas redes sociais, inclusive através de memes. O governo deste período demonstrou publicamente sua oposição ao legado de Paulo Freire, ofendendo de modo inescrupuloso sua imagem e deturpando sua filosofia educacional.

Talvez, meu receio de “pedagogizar” o uso de memes fosse justificado pela insistência de programas e currículos oficiais adentrarem nas escolas como receitas de ensinar. Kramer e Oswald (2001), em pesquisa sobre a leitura e escrita de futuros professores, em três escolas de Curso Normal, já discutiam a importância de superar uma formação que priorizava a técnica de ensinar em detrimento da importância de aprender a ler e a escrever com criticidade.

a leitura tem uma enorme contribuição a dar ao processo de educação dos professores como pessoas que pensam o mundo criticamente e se repensam, e a escrita favorece a sua constituição como sujeitos que reveem a sua própria história, individual e coletiva, e podem dar a essa história novos sentidos (KRAMER; OSWALD, 2001, p. 17).

Em interlocução com as autoras, esse tem sido o tom da pesquisa, despretensiosa de ensinar técnicas de ensino, muitas vezes esvaziadas de sentido. Isso já era uma proposição das pesquisadoras, na década de 90, quando sugeriam:

- Criar rodas, círculos, grupos de leitura e de produção escrita, espaços reais de ler e escrever, dos quais possam participar professores e alunos, crianças, jovens e adultos, onde seja possível ler e escrever longe das obrigações curriculares, sem nota, sem fichas. Lembrar que não adianta criar esses espaços por decreto.
- Repensar as relações que são estabelecidas nas escolas com os jovens, em especial a ênfase dada pelas escolas de formação ao ensino do ensino e à repetição de tarefas, ao invés da produção de leitura e escrita reais, com significado (KRAMER; OSWALD, 2001, p. 18 - 19).

Ora, parece que é isso que temos conseguido realizar no estudo desenvolvido, na rede e em rede, tendo por coautores as/os jovens sujeitos da pesquisa e, como interlocutoras valiosas, as professoras que participaram das conversas *online*. E foi a incansável insistência na busca por um letramento crítico e cultural, que a *live* sobre Paulo Freire e *Fake news* surgiu no Curso Normal. Afinal, é importante

estimular o desenvolvimento de novas habilidades de leitura e de escrita, de novos letramentos, de forma crítica, em espaços democráticos de interação verbal. As esferas públicas digitais proporcionam um processo comunicativo mais ágil e multifacetado que contam com a participação de sujeitos críticos e reflexivos capazes de transformar informações em conhecimento. Assim, ressaltamos a importância de tratar das esferas digitais na escola, compreendendo as novas textualidades provenientes desses novos espaços (ALVES; ANECLETO; SACRAMENTO, 2019, p. 71).

Nessa tessitura, em diálogo com o campo, as normalistas colocaram-se como produtoras de memes, compartilhando suas leituras e conhecimentos nas redes.

Decidiram criar o *Instagram* “Memes Normalistas”, mobilizadas pela possibilidade de compartilhar a sua realidade, de engajar o estudo sobre memes e o próprio Curso Normal.

Figura 62: *Instagram* Memes Normalistas



Fonte: <https://www.Instagram.com/memesnormalistas/>

Estive no campo da pesquisa “conectada com o que pulsa nas relações, nos cotidianos e nos processos de aprendizagem e formação: a vida” (RIBEIRO; SKLIAR, 2020, p. 16). E nessa sintonia, apresento as experiências finais com as jovens que transformaram a minha vida de professora,

Figura 63: A *live* acontecendo

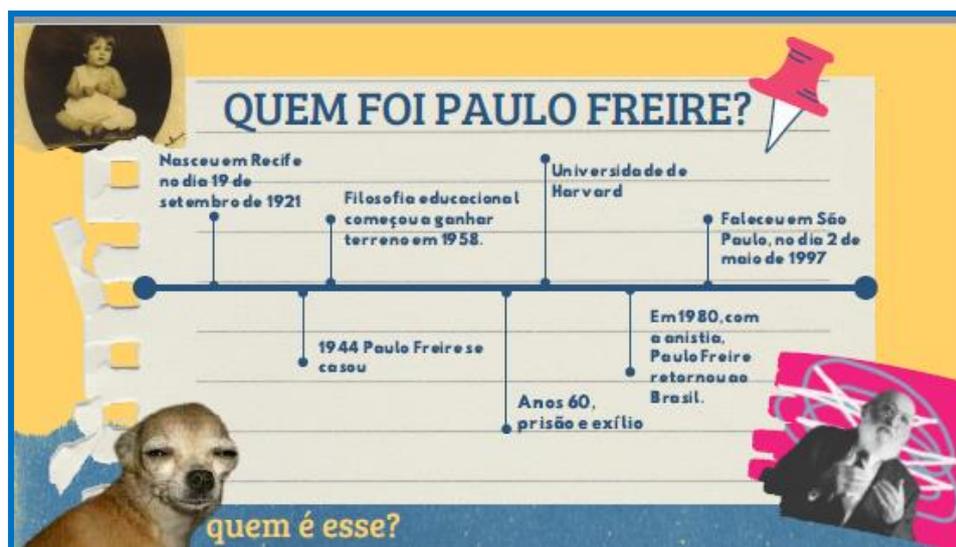


Fonte: Arquivo da pesquisa

Realizar uma *live* com as jovens a respeito de Paulo Freire significou experienciar uma relação verdadeiramente dialógica. Para o autor, a relação dialógica acontece quando professoras/es e alunas/os convivem numa perspectiva de horizontalidade, sem que a voz docente se posicione como a única capaz de deter a verdade e a razão. De acordo com Freire, o conceito de diálogo envolve interação respeitosa, onde a/o educanda/o também é aquela/e que se expressa. Desse modo, o diálogo “não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes” (FREIRE, 1987, p. 51).

Diálogo é criação, é possibilidade de transformar o mundo. Foi o que as normalistas demonstraram ao longo do estudo. Entre pesquisas sobre memes, Paulo Freire e *Fake News*, a *live* transformou-se numa aula inesquecível.

Figura 64: Linha do tempo sobre Paulo Freire



Fonte: Arquivo da pesquisa - tratamento da imagem produzido pela jovem Anna Júlia

Na formação de professores, ler Paulo Freire é aprender a ler e a interpretar o mundo. E no campo de pesquisa, sensibilizada pelas ressonâncias juvenis e sua forma criativa de expressar o pensamento, caminhei junto às estudantes na busca permanente do saber (FREIRE, 2021). Assim, normalistas apresentaram a história do autor, compartilhando suas leituras e aprendizagens.

A gente vive um momento muito difícil na história de nosso país. Como fazemos o Curso Normal e temos uma pesquisa sobre memes na escola, achamos importante conversar sobre esse tema. Paulo Freire é uma referência para a educação, aprendemos com a professora Ana Paula que vive Paulo

Freire na prática. E isso não é *fake news*. Prova disso é estarmos aqui hoje numa live pra conversarmos sobre esse tema. A gente queria falar de memes e ela nos ouviu. E a gente tá muito feliz porque mais professores estão aqui hoje (João Pedro, Curso Normal).

Paulo Freire trouxe muitas contribuições para a educação. No CN a gente leu livros, fez pesquisas nas aulas de EJA com a professora Marilene, escreveu textos com a professora Louise de Português e criou memes com as professoras Daniele de Inglês e Ana Paula. Como é que pode gente? Têm pessoas que não sabem nada de Paulo Freire e mesmo assim espalham *Fake news* sobre ele? (Amanda, Curso Normal)

A gente tá aqui estudando pra desmentir essas narrativas nos memes porque não concordamos com esse uso negativo dos memes (Mitsy, Curso Normal).

Na continuidade da conversa, as normalistas apresentaram o conceito de *fake news* e convidavam os participantes à reflexão.

Figura 65: O que é *fake news*?



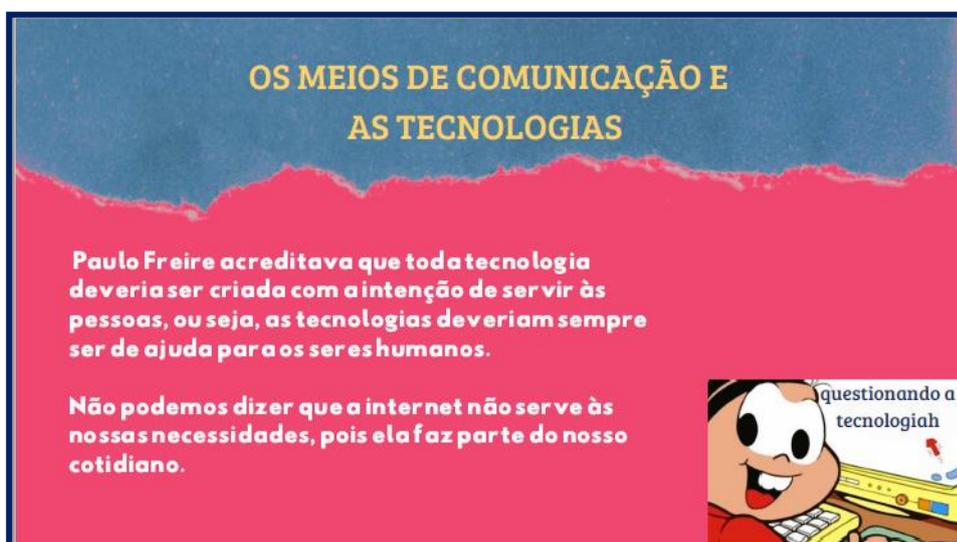
Fonte: Arquivo de pesquisa – tratamento da imagem produzido pela jovem Anna Júlia

Sobre o tema, em diálogo com Paulo Freire, as estudantes puderam compartilhar suas reflexões, ressaltando a importância de as tecnologias corresponderem aos interesses humanos e não à sua desesperança e exploração (FREIRE, 1996). Para o autor, os avanços tecnológicos não deveriam caminhar em favor do mercado e do lucro⁹⁸, lógica essa egoísta e imoral de quem as cria para práticas de opressão, mais interessada em enriquecer tomando como ponto de partida a morte em vida.

⁹⁸ Freire (1996), em seu tempo, criticava a globalização e a relação de exploração da classe trabalhadora. Denunciava os avanços tecnológicos, criados como possibilidade de substituição da mão de obra e não de melhoria nas condições de trabalho dos homens e mulheres. Também discutia o papel da televisão e as

Freire (1996) discutia a mídia televisiva e as mensagens nela transmitidas, despertando o cuidado com os processos de alienação e do repouso do pensamento. Ressaltava a importância de enfrentar as armadilhas ideológicas das mensagens na mídia, através de programas, comerciais e narrativas referentes aos acontecimentos, alertando que “nossa mente ou nossa curiosidade teria de funcionar epistemologicamente todo o tempo” (FREIRE, 1996, p. 140). Não se tratava de condenar a televisão, mas de alertar que ao mesmo tempo em que ela não esmaga a humanidade, também não salva.

Figura 66: Os meios de comunicação



Fonte: Arquivo de pesquisa – tratamento da imagem produzido pela jovem Anna Júlia

No tempo da internet, em que a proliferação das imagens nas redes sociais é imensa e a dimensão de *fake news* foi ampliada, refletir a esse respeito é urgente. Contudo, é importante realçar que

não se trata de culpabilizar as redes sociais da internet pela produção e pelo compartilhamento de *fake news*, mas questionar os motivos pelos quais essas notícias são produzidas e quais estratégias podemos adotar, daqui em diante, para colaborar com a ressignificação de certas visões de mundo que acreditam veementemente que tudo que reluz é ouro (TEIXEIRA; COUTO JUNIOR; BRITO, 2021, p. 98).

Os autores refletem que questionar a veracidade das informações disseminadas nas redes não é uma prática habitual dos internautas e que investigar *fake news* é sempre

mensagens na mídia, por meio de jornais, noticiários e comerciais, cuja proposta também era de alienação ou repouso do pensamento.

desafiador, cabendo, inclusive, averiguar o contexto em que o meme foi produzido. Conforme sinalizam, existem informações aparentemente verdadeiras, mas “não podemos esquecer do ditado popular que diz que “nem tudo que reluz é ouro”. Nesse contexto das *fake news*, estamos todas/os sujeitas/os a “cair no conto do vigário” (TEIXEIRA; COUTO JUNIOR; BRITO, 2021, p. 84).

Figura 67: Criticando *post*



Fonte: Arquivo de pesquisa - tratamento da imagem produzido pela jovem Anna Júlia

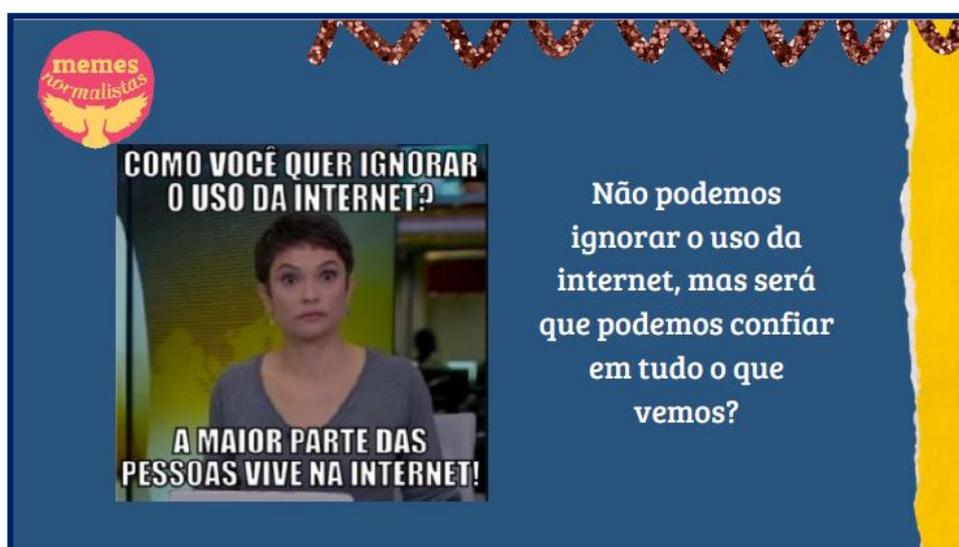
De acordo com Freire (1996, p. 30), “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”, se há um desafio nessa proposta, é o de corporizar suas palavras. Respeitar a cultura de estudantes implica trazê-la para o diálogo, valorizá-la e inseri-la nos currículos como possibilidade de aprendizagem e transformação do mundo⁹⁹. A imagem acima sugere um *pensar fazer* a respeito da internet, englobando, especialmente, uma leitura crítica sobre o assunto. Na *live*, essa era a tomada de posição das normalistas quando enfatizavam que utilizar a internet implica conhecer as realidades individuais dos estudantes, suas apropriações, possibilidades ou não de acesso e conscientização sobre o que fazem nas redes.

Através do meme, as normalistas redimensionavam a conversa na tentativa de pontuar que, em relação à internet, “o problema que se coloca não é o da leitura da palavra, mas o de uma leitura mais rigorosa do mundo, que sempre precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2011, p. 19). Esse foi um diálogo importante que não se reduzia apenas ao uso da internet, mas a descoberta das implicações políticas e ideológicas que

⁹⁹ Penso na possibilidade de transformação dos seus lugares, realidades particulares.

Ihe são concernentes. Conforme o autor, para desvelarmos algo, é necessário sermos curiosos, inquietos e questionadores, pois é a curiosidade “que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos” (FREIRE, 1996, p. 32). Falamos aqui sobre um “*quefazer*” na/com a internet, os memes e as *fake news*.

Figura 68: O uso da internet



Fonte: Arquivo de pesquisa - tratamento da imagem produzido pela jovem Anna Júlia

No diálogo sobre o reconhecimento das culturas dos jovens, as normalistas enfatizavam a importância de professores dialogarem com seus alunos, valorizando seus acessos à internet. O meme sugestionou um pensar a respeito das possibilidades educacionais, permeadas pelas tecnologias digitais em rede, que repentinamente compuseram a pauta pedagógica das escolas, devido à pandemia.

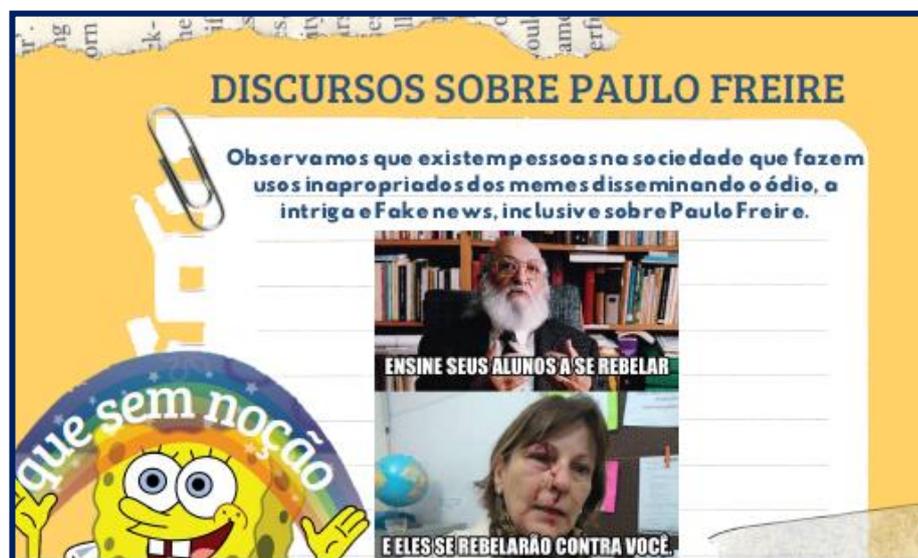
Ao mesmo tempo que discutiam o uso da internet, também questionavam a problemática de falta de conectividade, já que, em nosso país, os conectados em grande maioria são os que se encontram nas camadas mais altas da sociedade (PRETTO; ASSIS, 2008). Ao refletirem sobre os conteúdos disponíveis na internet, ressaltavam a importância do papel docente na orientação de seus alunos quanto aos conteúdos disponíveis na internet, nem sempre confiáveis. Assim, as discussões prosseguiram numa interconexão entre a cultura digital e a educação, suscitando outros pensares e fazeres na cibercultura. Ficava evidente a necessidade de uso da internet, “acompanhado de um forte repensar dos valores, práticas e modos de ser, pensar e agir” (PRETTO; ASSIS, 2008) de estudantes, professores e toda sociedade.

O meme criado pelas jovens indica a possibilidade de questionar, retomando o que Freire (1996, p. 86) denominaria de curiosidade, àquela que sugere a capacidade de desenvolver “a reflexão crítica sobre a própria pergunta”, em lugar da passividade diante dos fatos.

6.3 E na *live* vamos desconstruindo alguns discursos “sem noção”

E para não cair “no conto do vigário”, a respeito das narrativas meméticas sobre Paulo Freire, na *live*, as normalistas continuaram as reflexões, situando os participantes sobre o uso negativo¹⁰⁰ dos memes direcionado ao autor.

Figura 69: Que sem noção



Fonte: Arquivo de pesquisa - tratamento da imagem produzido pela jovem Anna Júlia

Que sem noção né gente. Nós estamos vivendo um momento político muito difícil. Existe um discurso de ódio sobre Paulo Freire que acaba confundindo as pessoas. Nós estamos na formação de professores e não podemos ficar quietas. Precisamos denunciar essa prática negativa. Nós estudamos Paulo Freire na fonte, lemos seus livros e não aprovamos essas mentiras em memes. Esse discurso sobre o aluno se rebelar contra o professor, através de violência não condiz com o que Paulo Freire nos ensinou. Quando ele falava em “se rebelar” era responder de modo crítico às relações de opressão do próprio neoliberalismo. Era anunciar nossa voz e não ofender ou agredir professores como mostra o meme (Priscila, Curso Normal).

E quando vocês verem esses memes sem noção nas redes sociais, não compartilhem. Vocês podem responder com a verdade. Por isso estamos aqui hoje. É sobre isso e “não tá tudo bem”. Porque não dá pra gente aceitar esse tipo de coisa. A gente tá falando de Paulo Freire, o patrono da educação. Ele nunca incentivou violência. Ele fala de uma educação amorosa. Como vocês

¹⁰⁰ O que denomino no estudo de Dissonâncias.

sabem, existem movimentos políticos contrários a Paulo Freire e eles começam a espalhar *fake news* (Talita, Curso Normal).

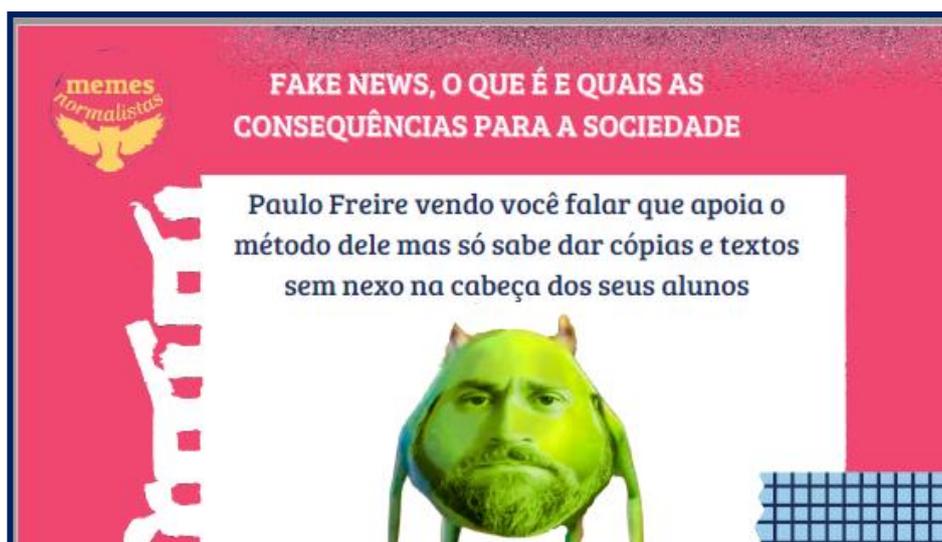
Vivemos um tempo muito difícil. Estamos vendo isso na pandemia. Se o próprio governo demorou com a vacina, inclusive espalhando notícias falsas. Inventar essas mentiras de Paulo Freire para eles é muito simples. Ninguém quer aluno pensante. Esse governo quer gente que não estuda e que não pensa. Assim fica mais fácil de manipular, mas a gente não é fantoche e não cai em *fake news* (Maria Eduarda, Curso Normal).

Diante das potentes narrativas enunciadas pelas normalistas, percebo a *live* como um cenário preenchido pelas artes de fazer das normalistas. Envolvidas pelos escritos de Paulo Freire e em conexão com os memes, as jovens se apropriam das redes na perspectiva da produção e não apenas do consumo. Em outras palavras:

Produzir informação e conhecimento passa a ser, portanto, a condição para transformar a atual ordem social. Produzir de forma descentralizada e de maneira não-formatada ou preconcebida. Produzir e ocupar os espaços, todos os espaços, através das redes. Nesse contexto, a apropriação da cultura digital passa a ser fundamental, uma vez que ela já indica intrinsecamente um processo crescente de reorganização das relações sociais mediadas pelas tecnologias digitais, afetando em maior ou menor escala todos os aspectos da ação humana (PRETTO; ASSIS, 2008, p. 78).

Assim, as normalistas continuaram ocupando os espaços virtuais, produzindo textos, suscitando mais perguntas e disseminando ideias. Recorro ao meme a seguir, compartilhado pela jovem Amanda, desejosa por discutir as questões metodológicas no Curso Normal.

Figura 70: Método Paulo Freire



Fonte: Arquivo de pesquisa - tratamento da imagem produzido pela jovem Anna Júlia

Vocês têm professores que dizem seguir o método Paulo Freire, mas na verdade enchem os alunos de textos? Olha se tiver aqui algum professor que só transmite conhecimento e não luta contra a educação bancária, então isso

também é *fake news* (risos). Não podemos dizer que seguimos Paulo Freire e na prática fazemos o oposto disso (Amanda, Curso Normal).

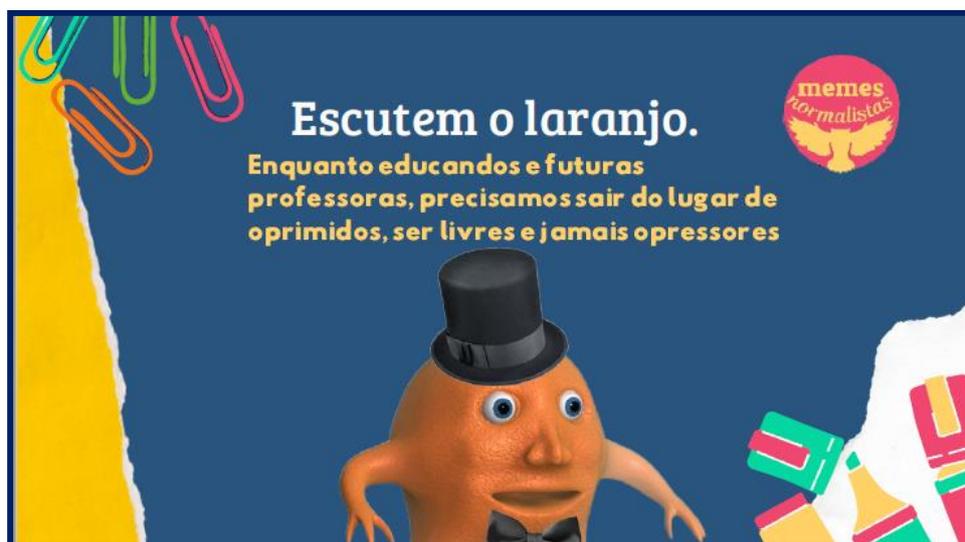
No período em que a educação tradicional estava sendo questionada, a metodologia seguida era a tradicional. Será que isso mudou? E nós vamos mudar essa situação? (Andréia, Curso Normal).

A gente precisa lutar contra uma educação opressora. Paulo Freire nos ensina isso. Não podemos aceitar situações de opressão. E muito menos oprimir os nossos alunos (Gabrielle, Curso Normal).

Foram tantas palavras ditas, memes disparando reflexões tão relevantes. Na *live*, as normalistas construíram uma aula, renovaram minha esperança e demonstraram que é possível romper com a educação bancária que tanto criticavam. Ouvi-las expandiu horizontes, suscitando experiências formativas inacabadas, porque continuaram reverberando em nós. Escutar foi o caminho por mim escolhido desde o início da pesquisa, isso porque aprendi que além de desejar conhecer o que pensavam sobre memes e a vida de normalista, também precisava aprender a transformar o meu discurso de professora. Afinal, ensinar exige saber escutar. Não conheço um caminho mais democrático para *pensar/fazer* a educação e a pesquisa do que esse.

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele. O que jamais faz quem aprende a falar com é falar *impositivamente*. Até quando, necessariamente, falar contra posições ou concepções do outro, fala com ele como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto de seu discurso (FREIRE, 1996, p. 113).

Figura 71: Escutem o laranja



Fonte: Arquivo de pesquisa - tratamento da imagem produzido pela jovem Anna Júlia

Entre memes, a enunciação da palavra de forma leve, descontraída, mas pertinente. Esse foi o tom do diálogo que jovens normalistas utilizaram para *pensarfazer* o Curso Normal. Rebelar-se contra *fake news*, extremismos políticos, pedagógicos, metodológicos e tantas outras práticas de opressão. Vi jovens em evidência, dizendo a sua palavra, produzindo memes e compartilhando saberes que não podiam ser encontrados nos currículos oficiais. Ali, encontravam-se estudantes unindo leituras, usabilidades e coragem para construir uma educação movida por “experiências e narrações vitais (RIBEIRO; SKLIAR, 2020, p. 18).

Figura 72: Oficina de memes



Fonte: Arquivo de pesquisa¹⁰¹ - tratamento da imagem produzido pela jovem Anna Júlia

Em resposta às *fake news* sobre Paulo Freire, encontradas nas redes sociais, as normalistas criaram uma oficina¹⁰² de memes, partilhando riso e ironia como modo de superar a seriedade do mundo cotidiano e seu rompimento com as barreiras sociais (LEITE, 2011). Um modo de interagir com os participantes da *live*, no ciberespaço, onde um “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores se desenvolve” (LÉVY, 1999, p. 17).

Produzir memes durante a *live* se colocava como possibilidade de compartilhar saberes e de anunciar a contrapalavra criativamente. Entre *fake news* e palavras de ódio, direcionadas a Paulo Freire, as respostas das normalistas ocorriam em outra tonalidade.

¹⁰¹A imagem criada na oficina foi compartilhada em: <https://www.Instagram.com/memesnormalistas/>

¹⁰² As criações dos memes eram realizadas em: <https://www.gerarmemes.com.br/criar-meme>.

Não junto minha voz à dos que, falando em paz, pedem aos oprimidos, aos esfarrapados do mundo, a sua resignação. Minha voz tem outra semântica, tem outra música. Falo da resistência, da indignação, da “justa ira” dos traídos e dos enganados. Do seu direito e do seu dever de rebelar-se contra as transgressões éticas de que são vítimas cada vez mais sofridas (FREIRE, 1997, p. 101).

Figura 73: Oficina de memes compartilhado no *Instagram*



Fonte: Arquivo de pesquisa

Figura 74: Resposta à *Fake news*



Fonte: Arquivo de pesquisa - tratamento da imagem produzido pela jovem Anna Júlia

Os memes acima foram criados em resposta às imagens espalhadas nas redes, referentes às manifestações de 2015, quando discursos autoritários, “do ódio, da intolerância e do despreço à democracia se espalhavam em Brasília” (CAVALCANTE;

MATTOS, 2015, p. 30). O texto da faixa dizia: “Chega de Doutrinação Marxista, Basta de Paulo Freire”. Reflexo da ideologia reacionária¹⁰³.

Haveria na obra de Paulo Freire alguma mensagem capaz de autorizar tamanha indignação e reprovação? Doutrinador é aquele que prega, instrui, incute em alguém uma crença, um ponto de vista ou um princípio sectário, ou seja, realiza uma transferência de conteúdos, de si para o objeto de sua doutrinação (CAVALCANTE; MATTOS, 2015, p. 30).

Freire rejeita qualquer prática de doutrinação, ele defende a educação como prática da liberdade. Notícias falsas como essa são resultado de grupos políticos conservadores, interessados em pronunciar seus discursos monologizantes, cegos pelas vendas que tapam seus olhos e pela mesquinhez que os compõe. *Fake news* é reflexo de sua ideologia antidemocrática, oposta aos preceitos de Paulo Freire, que ressalta “que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 47). Pensamento muito distante do método doutrinador contido na *fake news*.

Na continuidade das reflexões aqui realizadas, Ribeiro e Skliar (2020) me convidam a compreender as experiências tecidas neste estudo como “gestos políticos”, que “são minúsculos, mínimos, tecidos no aqui e agora, entre nós; são fruto de relação, convite à escuta e autolibertação de si mesmo: afirmação de modos singulares de existência no mundo; vozes, corpos, vibrações, presenças” (RIBEIRO; SKLIAR, 2020, p. 20). Esses “gestos políticos” são a ideologia do cotidiano (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1981) e sua forma particular de responder às políticas normatizantes, são as astúcias de Certeau (2014) e o riso ambivalente de Rabelais (BAKHTIN, 2010). São frutos da sala de aula como acontecimento (GERALDI, 2010) e prova viva de uma pedagogia da autonomia (FREIRE, 1996).

Essas são apenas algumas das conexões produzidas na escrita da tese. E diante da necessidade de pausar a escrita desse subcapítulo, recorro ao meme a seguir, compartilhado pelas jovens normalistas, que originou tantos outros; meme que, diante de características tão rústicas em processo de criação e recriação, comprova o devir da pesquisa, sua plasticidade, arte de fazer-se, desfazer-se e transformar-se com as normalistas.

¹⁰³ Em Brasília, faixa protesta contra Paulo Freire. Manifestação de 2015 contra o governo e a corrupção na Esplanada dos Ministérios - Ultraconservadores e desconhecedores dos pressupostos de Paulo Freire. Proliferadores de *fake news*, contrários à vacina da COVID-19 e defensores da política do ódio.

Figura 75: Vamos conversar sobre memes?



Fonte: Arquivo de pesquisa - tratamento da imagem produzido pela jovem Anna Júlia

Memes que apesar de tantas apropriações diferentes, chegaram até mim, a partir do olhar particular do jovem João Pedro, que através de sua visão de mundo, repleta de sentidos admiráveis, contagiou o Curso Normal. Na tessitura do meme caracterizado “pela variação ou recombinação de uma ideia original que é apropriada e passa por transformações constantes” (OLIVEIRA, 2021, p. 295), as normalistas deram o tom do estudo. Elas ampliaram discussões, organizaram a festa, foram anfitriãs, produziram memes, compartilharam outros, criaram fôlderes, apresentações¹⁰⁴, oficinas no *Google Meet* e se divertiram.

Apesar de polissêmicas, as apropriações meméticas no campo eram ressonância, canção aos ouvidos, melodia, polifonia e carnavalização. As imagens meméticas e seu caráter carnavalesco traduzem-se como antítese: nascimento-morte, mocidade-velhice, alto-baixo, trágico-cômico, afirmação-negação (BAKHTIN, 2010). Enfim, os memes são a construção discursiva da festa, produzem “pedagogias e situações de aprendizagem” (OLIVEIRA, 2021, p. 294).

Nestas páginas finais, registro o riso que desejo imprimir, riso emocionado, riso que me faz chorar de emoção, riso expressivo, riso que não se desfaz, riso que me obriga a pausar essas linhas, mas que continuará em outros lugares, *espaçostempos* que a vida me permitir ocupar.

“Professora, nossa *live* lacrou, vamos fazer outra.” Quantas vocês quiserem!

¹⁰⁴ A jovem Anna Júlia deu o acabamento aos memes, às apresentações, fôlderes, *slides* e imagens compartilhadas na *live*. É uma artista nas produções imagéticas no *Instagram* e nas mídias sociais.

ALGUMAS PALAVRAS FINAIS

A atividade docente de que a discente não se separa é uma experiência alegre por natureza.

Paulo Freire

Minha alegria hoje é selada pela possibilidade de devolver à sociedade os registros de uma pesquisa realizada com jovens normalistas que transformaram minha vida de professora. Entre sorrisos e lágrimas, redijo essas páginas finais na tentativa de fornecer ao leitor algumas pistas sobre as artes de fazer no Curso Normal, que resiste num tempo atravessado por tantas transformações sociais.

Entre políticas, poéticas e tecnologias, experienciei um campo rico, preenchido por jovens que desejaram reescrever a história do Curso Normal em diálogo com a vida. Cheguei aos memes através das palavras enunciadas por um grupo de normalistas que me dispus a ouvir, sensivelmente disposta a descobrir o que queriam dizer. Foi no caminho das incertezas, dúvidas e indagações que me aproximei do desconhecido, daquilo que para mim ainda era novidade. Não dominava a linguagem dos memes, mas me arrisquei nesse processo de descoberta, pois, como diz Manoel de Barros (2002, p. 79), “a maior riqueza do homem é a sua incompletude”.

Dialogar na pesquisa em Ciências Humanas, numa perspectiva bakhtiniana, é compreender a complexidade do que reflete e refrata no outro e em mim, é reconhecer o ato como movimento do pensamento, ou seja, é compreender que o conhecimento pleno é aquele que, além de verdadeiro, é válido porque é justo “em relação ao contexto do sujeito que pensa, à posição a partir da qual ele pensa” (AMORIM, 2009, p. 22). Sendo assim, reconhecer que a voz dos sujeitos confere a elas/eles a posição de coautoras/es da pesquisa, remete a pensá-las/los, alteritariamente, como legitimamente Outros, legitimidade que, não raras vezes, lhes é negada na escola e fora dela, inclusive em muitos Cursos Normais.

Os memes estão em pauta sendo refletidos por estudantes, em diálogo com professores, estão sendo utilizados pelos reformadores empresariais, como estratégia de marketing político e ideológico, representando signos. Os memes também são as táticas dos praticantes escolares (normalistas), que diferente do que as políticas oficiais afirmam ou inferem, refutam. Sócrates, em seu tempo, fazia uso dos diálogos para

favorecer a troca de conhecimentos, valendo-se inclusive da ironia, que no sentido original da palavra grega representa um questionamento em forma de refutação.

Perceber os usos que as juventudes normalistas fazem de memes, na atualidade, pode sugerir uma conotação socrática, inclusive para a educação que, ao invés de instrumentalizar uma tecnologia como única resposta ao cenário atual, questiona, problematiza e amplia o debate para o âmbito da pesquisa, caminho único para a criação de novas tecnologias epistemologicamente curiosas. Viver a cibercultura é conviver no reino das ambivalências, é reconhecer que o registro da dataficação é real, perigoso e sedutor, e justamente por isso, essa pauta nas escolas se faz urgente. Contudo, outros modos de consumir e operar as redes digitais abrilhantam a festa tecnológica, teatralizando, burlando e jogando com o poder dos “Big Five” (LEMOS, 2021).

Na qualidade de arte, com suas especificidades, notei que o meme “assombra o ‘mundo dos objetos’, sabe inquietar a vida cotidiana porque altera, rompe a monotonia” (PONZIO, 2022, p. 63). Conforme o autor, o texto pictórico não restitui os corpos e paisagens, tornando-se a pintura, rendição da identidade, sua paródia. No campo, os memes sugeriam essa dimensão, quando vi jovens retratando realidades e retratando-se “na rendição do outro, na rendição ao outro”. A pesquisa, como acontecimento, provém dessa proeza, descobrir e descobrir-se alteritariamente, sem objetificar o outro, sem pô-lo ou supô-lo, mas na interação com ele, alargar o pensamento e entender o que ali emergiu, aconteceu.

Alves (2012) falando sobre as redes educativas, defende que aprendemos e ensinamos em complexas e multifacetadas redes. A autora nos convida a conversar com os currículos presentes nos *espaçostempos* da vida cotidiana. Não se trata dos currículos oficiais organizados pelas escolas, mas daqueles que se encontram no âmbito do imprevisível, do que é vivido e marcado pelas táticas dos *praticantespensantes*. Pois são essas táticas que estão presentes quando as normalistas criam memes, ou recriam os que encontram na internet, que rompem com usabilidades opressoras, insistentes em reproduzir práticas tiranas e esvaziadas de humanidades como as sinalizadas neste estudo. O riso e a ironia presentes nesses memes não são o do descaso e da negação do outro, mas parecem expressar a ambivalência do riso grotesco, cuja comicidade tem a potência do movimento renovador (BAKHTIN, 2010).

O que encontrei nessa trajetória de professora/pesquisadora contradiz a crítica ao modelo curricular da Escola Normal, hoje Curso de Formação para o Magistério, assentado prioritariamente no “saber-fazer”, em detrimento da formação intelectual

humanista que Paulo Freire (1987) traduz pela oposição educação bancária *versus* educação libertadora. Aqui, jovens iniciam seu processo formativo para a docência, aspiram à universidade e chegam até ela; alguns, assim que concluem o curso, outros ainda sofrendo as demoras de um tempo marcado pelas desigualdades sociais que os obrigam a ingressar no mercado de trabalho para o seu sustento.

Foi possível constatar que as políticas educacionais e as reformas curriculares que orientam o Curso Normal apontam para uma formação técnica e profissionalizante de nível médio e faz uso dessa formação mínima para manter os planos de cargos e salários defasados ou mesmo insuficientes. Por outro lado, notei que é na cotidianidade do Curso Normal que uma sensibilidade para a docência é despertada, e que professoras e professores vão criando suas artes de fazer para que jovens normalistas não deixem de esperar à universidade.

E o que dizer sobre as tecnologias digitais em rede? Foram elas que propiciaram a continuidade da pesquisa em diálogo constante com os praticantes escolares. Tecnologias que me atravessam desde a infância, antes analógicas e atualmente digitais. Tecnologias que me desestabilizam quando não quero ir à festa cibercultural, muitas vezes afetada por um processo de dataficação que repousa meu pensamento, perturba-me e que me faz silenciar para refratar outros sentidos. Tecnologias digitais em rede que me conectam ao outro, permitem a enunciação de minha palavra, à escuta de outras e que abrem portas para descobrir o mundo e transformá-lo com autoria.

Foi nas conversas com os sujeitos, no *WhatsApp* e nas *lives*, que elas e eles não se abstiveram de relacionar os conteúdos curriculares às suas visões de mundo, aos acontecimentos sociais, políticos e econômicos atuais, às angústias decorrentes das exigências do “ensino remoto emergencial” provenientes das instâncias superiores ligadas ao campo educacional, enfim, às lutas capazes de qualificar o Curso Normal em seu compromisso de formar futuros professores com competência para ir além da frágil meta de “ensinar a ensinar”. Parece que é assim, por intermédio da memética, que os sujeitos reagem à “dimensão instrumental e técnica da formação para o magistério insuficiente para promover letramento científico e cultural de caráter mais amplo” (KRAMER; OSWALD, 2001, p. 4).

E se ainda for possível expressar o significado da pesquisa, penso no que Freire, em seu tempo, já mencionava sobre a importância de dizer a palavra, de criar, recriar e transformar o mundo. Lembro como se fosse ontem, nas rodas de conversa ainda presenciais, quando o jovem João Pedro, ao contar um fragmento de sua história e, ao

confidenciar porque estava no Curso Normal, dizia: “professora, posso não transformar o mundo, mas posso transformar o meu mundo”. Afetadas por sua fala, outras enunciações deram acabamento à palavra do jovem. Em diálogo com essas enunciações, caminhei na busca por descobrir como os memes poderiam ajudar às/aos normalistas em sua vontade de transformar seu mundo.

No receio de uma didatização, lutei contra o esvaziamento da potencialidade de crítica concernente aos memes produzidos no campo. Experienciei com as jovens a pesquisa como acontecimento (GERALDI, 2010). E ao reconhecer meu inacabamento, ressalto a importância do professor como prático reflexivo (ZEICHNER, 1993), daquele que, enquanto estudioso, reflete sobre a sua própria experiência, que aprende com os outros, com as leituras e que, de certo modo, é apaixonado pelo que faz. Eu diria que um professor reflexivo é aquele que pesquisa sua prática, revisita suas ações, sente, avança, recua se necessário, e reage. Esse movimento de uma professora reflexiva atravessou esse tudo, visto o quanto os memes trazidos pelos estudantes afetaram minha prática docente.

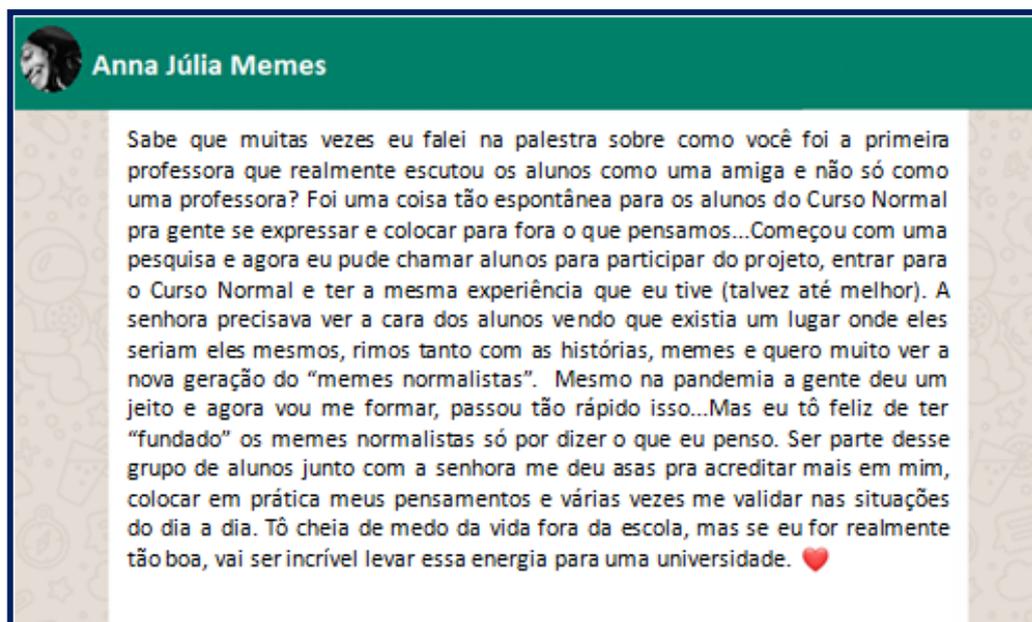
Com/entre memes, foi possível resistir ao cenário pandêmico, sobreviver. Um tempo de muito sofrimento, perdas, medos, descasos políticos e imprevisibilidades. Período em que a barbárie deixou a vida ao acaso, “a educação como mercadoria; o pobre como culpável; o aluno que não aprende como culpado pela não aprendizagem; o professor como vilão da educação (RIBEIRO; SKLIAR, 2020, p. 14 - 15). Essa foi a palavra de ordem dirigida à classe popular “e nesse gesto o outro já está posto” (AMORIM, 2002, p. 12). Os memes, compartilhados pelas jovens no campo, eclodiram a esse respeito. Nesse sentido, a construção da tese, em diálogo com a vida de normalista, comprovou que “independente de quais sejam os objetivos de uma pesquisa, só o texto pode ser o ponto de partida” (BAKHTIN, 2011, p. 308).

Envolvida com a pesquisa e com o que as jovens me trouxeram, não consigo deixar de contemplar os memes em minhas práticas educacionais *dentrofora* do Curso Normal. Rompi a bolha e, enquanto uma professora que não apenas vê, mas enxerga seus alunos e a potência do que dizem e fazem, percebi que pesquisar o cotidiano é mergulhar e emergir, envolver-se sem medo e distanciar-se cada vez mais de modos positivistas ou cartesianos de produzir ciência, afinal, lido com sujeitos e não objetos de pesquisa. Lido com e entre humanos imensuráveis, incalculáveis, cujas traduções de suas palavras buscaram ser fiéis, mas jamais perfeitas, tamanha grandiosidade do outro aos meus olhos.

Entretanto, já colocando um ponto final nessas palavras que se pretendiam breves, alguma coisa acontece no meu coração quando me lembro, com Cordeiro (2009), que a pesquisa é acontecimento, irrupção, transgressão, algo que se faz e refaz ao acaso.

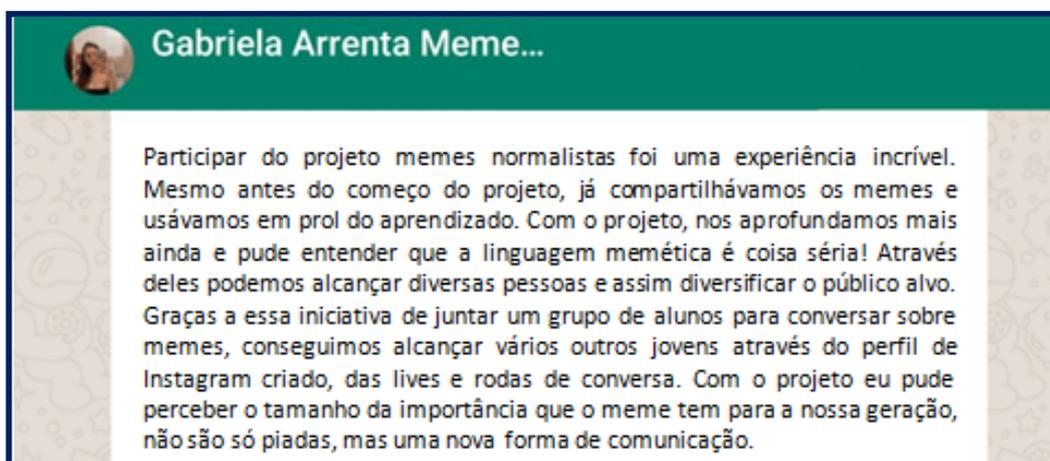
Enfim, não posso sair deste texto sem expressar a angústia que sinto, quando não consigo passar para o papel a relação de alteridade que ocorreu vivamente no campo entre mim e meus Outros. Fui afetada pelo campo e ele por mim, como mostram as mensagens de Anna Julia, Gabriela, Kamilly, Isabela e João Pedro printadas abaixo.

Figura 76: *Print do zap 1*



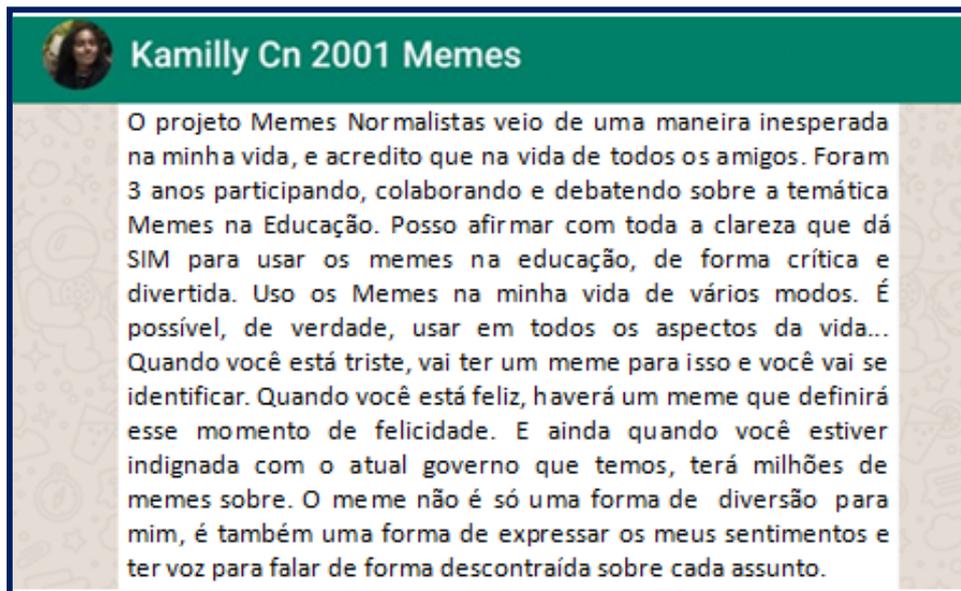
Fonte: Arquivo de pesquisa

Figura 77: *Print do zap 2*



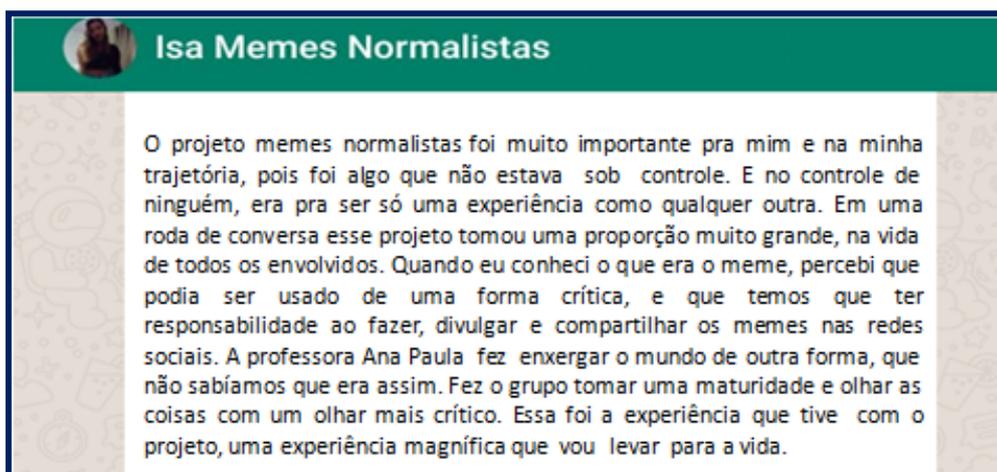
Fonte: Arquivo de Pesquisa

Figura 78: Print do zap 3



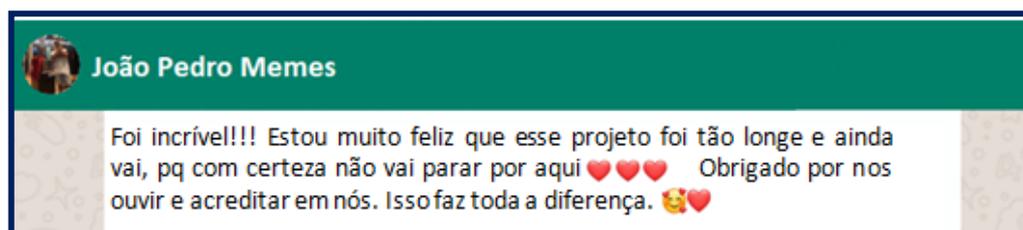
Fonte: Arquivo de Pesquisa

Figura 79: Print do zap 4



Fonte: Arquivo de Pesquisa

Figura 80: Print do zap 5



Fonte: Arquivo de Pesquisa

Falo aqui sobre uma polifonia que se encontra na ordem do discurso, do acontecimento, vozes que “se fazem ouvir, num dado momento, num dado lugar, dando origem a uma multiplicidade de sentidos” (AMORIM, 2002, p. 12). Foi nas conversas que pude descobrir os memes no Curso Normal como recorte da pesquisa, consciente do que afirma a autora, quando ressalta que o modo pelo qual o texto é escrito pode representar mais vozes ou fazer esquecer a dimensão de alteridade do seu dizer. Coube a mim uma escrita que anunciasse de forma mais fidedigna possível o que as vozes presentes no campo trouxeram como acontecimento e que, humildemente, entrego como tese.

Pauso essa escrita, curiosa, inquieta, memética e feliz por devolver à sociedade o registro de um trabalho que aconteceu no diálogo com o Outro, normalistas que me abraçaram, selando essa história que hoje entrego com compromisso, ética e responsabilidade. Impregnada pelo Curso Normal e ele por mim, decifro a tese como acontecimento, astúcia, política, poética, enunciação.

Figura 81: Encontro irrepetível



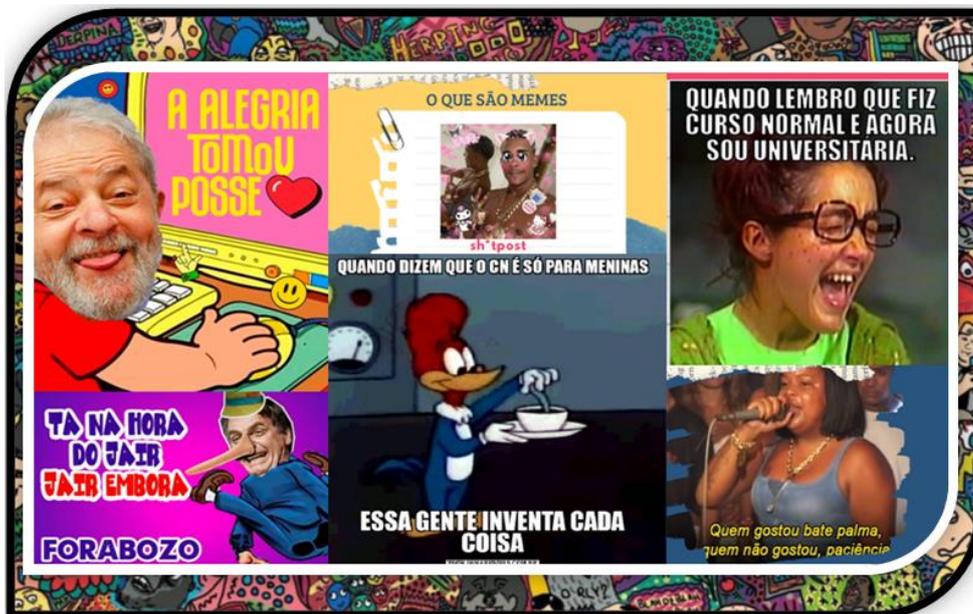
Fonte: Arquivo de pesquisa

Figura 82: Ingressando na Universidade



Fonte: Arquivo de pesquisa - tratamento da imagem produzido pela autora

Figura 83: Meme é enunciação



Fonte: Arquivo de pesquisa - tratamento da imagem produzido pela autora

REFERÊNCIAS:

- ABREU, Alessandra da Costa. **Youtube e narrativas de jovens leitores: artes para escapar das imposições dos cânones escolares.** 229 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2021.
- ALMEIDA, Wallace Carriço; OLIVEIRA, Rosemary dos Santos; SANTOS, Edméa. A Discursividade dos Memes – Mimetizando-se nas Redes Educativas. **Periferia**, v.11, n.2, p.57-89, maio/ago.2019.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado:** Nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- ALVES, Isnalda Berger de Figueiredo; ANECLETO, Úrsula Cunha; SACRAMENTO, Ivana Carla Oliveira. Memes de internet, ação discursiva e letramento crítico na esfera pública digital. **Revista ComSertões**, Juazeiro-BA, v.7, n.I, julho-dezembro de 2019.
- ALVES, Nilda. Sobre Movimentos das Pesquisas Nos/Dos/Com os Cotidianos. **TEIAS:** Rio de Janeiro, ano 4, nº 7-8, jan/dez 2003.
- _____.A compreensão de Políticas nas Pesquisas com os Cotidianos: Para Além dos Processos de Regulação. **Educ. Soc.**, *Campinas*, v. 31, n.113, p.1195-1212, out/dez 2010. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/08.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2020.
- _____.**Currículos em ‘espaçotempos’ não escolares isso existe?** – redes educativas como o outro em currículo. In: SANTOS, Lucíola Licínio de Castro Paixão; FAVACHO, André Márcio Picanço. *Políticas e práticas curriculares: desafios contemporâneos*. Curitiba. PR: CRV, 2012.
- AMORIM, Marília. Para uma filosofia do ato: ”válido e inserido no contexto” in: BRAIT, Beth (org.) **Bakhtin Dialogismo e Polifonia:** São Paulo, Contexto, 2009.
- _____.**Vozes e Silêncio no Texto de Pesquisa em Ciências Humanas.** Cadernos de Pesquisa, n.116, p.7-19, julho/2002.
- _____.Cronotopo e Exotopia. In. BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave.** 2ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- _____. **O pesquisador e seu outro:** Bakhtin nas ciências humanas.São Paulo: Musa Editora, 2004.
- ANFOPE. Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação. **Documento final XIII Encontro Nacional. Políticas de Formação e Valorização dos Profissionais da Educação:** Conjuntura Nacional Avanços e Retrocessos. Goiânia, 7 de dezembro de 2016.
- _____. Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação. **Nota Anfope BNCC.**14 set.2018.Disponível em: <<https://www.anfope.org.br>>. Acesso em:28 ago.2021.
- ANPED. Associação Nacional de Pós-Graduação em Pesquisa e Educação. **Manifesto GT 08 e ANPED Parecer CNE para BNC Formação-Continuada** jun.2020.

Disponível em: <<https://www.anped.org.br/news/manifesto-gt-08-e-anped-parecer-cne-para-bnc-formacao-continuada>>. Acesso em: 28 ago.2021.

ARELARO, Lisete R.G. Ousar Resistir em Tempos Contraditórios: A Disputa de Projetos Educacionais. Texto apresentado na mesa redonda “Projetos de Educação em confronto no contexto da crise estrutural do capitalismo e seus impactos na educação nacional”, ocorrida no dia 02 de dezembro de 2014, como parte de atividades da **XII Jornada do Histedbr** e X Seminário de dezembro.

ARROYO, Miguel G. O Direito à Educação e a Nova Segregação Social e Racial – Tempos insatisfatórios? **Educação em Revista**. Belo Horizonte. v.31.n.03.p.15-47.Julho-Setembro 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edur/v31n3/1982-6621-edur-31-03-00015.pdf>. Acesso em 02 jan.2021.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**/ Mikhail Mikhailovitch Bakhtin; prefácio à edição francesa Tzevetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6ª Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

_____; **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____; **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**/ Valentin Volóchinov; tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo - São Paulo: Editora 34, 2018. 2 Edição.376 p. ISBN 978-85-7326-661-0

_____.**A cultura popular da Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais/Mikhail Bakhtin**; tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

_____.**Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

_____. **O homem ao espelho**. Apontamentos dos anos 1940.São Carlos: Pedro &João Editores, 2020.110 p.Tradução de Cecília Maculan Adum; Marisol Barenco de Mello; Maria Letícia Miranda.

BARBIER, R. A escuta sensível em educação. **Revista da Anped**, Caxambu, n. 5, set. 1992.

BARRETO, Raquel Goulart. Entre a Base Nacional Comum Curricular e a Avaliação: A Substituição Tecnológica no Ensino Fundamental. **Educ. Soc.**, Campinas, v.37, nº.136, p.775-791, jul.-set.,2016.

BARROS, Manoel. **Retrato do artista quando coisa**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BAUDELAIRE, Charles. **As Flores do mal**. Edição bilíngue. Tradução de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985: p. 361.

BEHAR, P. **O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância**, Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>. Acesso em 08 fev. 2022.

BENJAMIN, W. **Origem do drama barroco alemão**. Trad. Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BERNARDI, Rosse Marye. Rabelais e a sensação carnavalesca do mundo. In. BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009.

BEZERRA, Paulo in BRAIT, Beth (org.) **Bakhtin Conceitos-Chave**: São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Os gêneros do discurso**/Mikhail Bakhtin. São Paulo: Editora 34, 2016.1ª edição. 176 p.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, jan./abr. 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>> Acesso em: 02 out. 2020.

BORGES, Maria Creuza de Araújo. A visão de educação superior do Banco Mundial: recomendações para a formulação de políticas educativas na América Latina. **RBPAAE**, Porto Alegre, v.26, n.2, p.367-375, Mai./Ago.2010.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAGANÇA. Inês Ferreira de Souza; ARAÚJO, Mairce da Silva (Orgs). **Experiências na Formação de Professores Memórias, Trajetórias e Práticas do Instituto de Educação Clélia Nanci**. Rio de Janeiro: Lamparina – Faperj, 2014.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; MOREIRA, Laélia Carmelita Portela. Formação e Profissionalização Docente no Brasil: Instituições, Práticas educativas e História. **Rev. Eletrônica Pesquiseduca**, Santos, v.05, n.09, p.43-62, jan.-jul.,2013.

BRAIT, Beth. **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2018.

BRASIL, **Parecer CNE/CEB nº 01/1999**, de 29/01/1999.

_____. **Decreto nº 8.530, de 2 de janeiro de 1946. Lei Orgânica do Ensino Normal**.

_____. **Decreto nº 3.276**, de 6 de dezembro de 1999. Dispõe sobre a formação em nível superior de professores para atuar na educação básica, e dá outras providências.

_____. **Decreto nº 3.554**, de 7 de agosto de 2000. Dá nova redação ao § do art.3º do Decreto nº 3.276, de 6 de dezembro de 1999, que dispõe sobre a formação em nível superior de professores para atuar na educação básica, e dá outras providências.

_____. **Decreto nº 8.752, de 9 de maio de 2016**. Dispõe sobre a Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica.

_____. **Lei S/N de 15 de outubro de 1827**. Manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM..-15-10-1827.htm. Acesso em: 25 de ago.2021.

_____. **Lei 4.024**, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

_____. **Lei 5692**, de 11 de agosto de 1971. Fixa as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências.

_____. **Lei 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

_____. **Lei nº 12.796**, de 4 de abril de 2013. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências.

_____. **Lei 11.494**, de 20 de junho de 2007. Regulamenta o fundo de manutenção e desenvolvimento da educação básica e de valorização dos profissionais da educação – FUNDEB.

_____. **Lei 13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências.

_____. **Lei 13.415**, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral.

_____. **Parecer CNE/CEB nº 1**, de 29 de janeiro de 1999. Apresenta o relatório a respeito das Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de Professores na Modalidade Normal em Nível Médio.

_____. **Resolução CEB/CNE nº 2**, de 19 de abril de 1999. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Docentes da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em nível médio, na modalidade Normal.

_____. **Resolução nº 4**, de 17 de dezembro de 2018. Institui a Base Nacional Comum Curricular na etapa do Ensino Médio (BNCC-EM), como etapa final da educação básica.

_____. **Resolução CNE/ CP nº 1**, de 27 de outubro de 2020. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação continuada de professores da educação básica.

CALIXTO, Douglas de Oliveira. Memes na internet: entrelaçamentos entre a “zoeira” de estudantes e a apropriação do gênero discursivo na escola. **Periferia**, v.11, n.2, p. 131-152, maio/ago.2019.

CANCLINI, Néstor García. Consumidores e cidadãos conflitos multiculturais da globalização. Editora UFRJ. Rio de Janeiro, 1997.

CANDAU, Vera Maria. **Rumo a uma Nova Didática**. Petrópolis: Vozes. 1999.

CANDAUI, Vera Maria Ferrão; KOFF, Adélia Maria Nehme Simão e. A didática hoje: reinventando caminhos. *Educação & Realidade*. Vol.40 nº2. Porto Alegre. Abr./Jun. 2015 Epub Apr 03, 2015.

CARRANO, Paulo; DAMASCENO, Patrícia Abreu; TAFACKI, Cristina. “A escola tem tudo o que precisamos. O Facebook tem tudo o que gostamos”: estudo de caso sobre as redes sociais de internet numa escola pública de Ensino Médio. **Seminário Internacional As Redes Educativas e as Tecnologias: transformações e subversões na atualidade**, 7, 2013.[comunicação].Rio de Janeiro: UERJ, 2013.

CARVALHO, Elma Júlia Gonçalves de. Educar em tempos de incertezas. **Revista Espaço Acadêmico**. Nº 109, Jun.2010. ISSN 1519-6186. p.36-43.

CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. 10 ed. In: _____. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2007. v. 1.

CAVALCANTE, Paulo; MATTOS, Yllan de. Quem é o doutrinador? **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Ano10.nº.120. Set.2015.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**/Michel de Certeau; Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22 ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

COGO, Denise; BRIGNOL, Liliane Dutra. **Redes Sociais e os estudos de recepção da internet**. In: **ENCONTRO DA COMPÓS**, 19, 2010, Rio de Janeiro. PUC, 2010. Disponível em:< http://compos.com.puc-rio.br/media/gt12_denise_cogo.pdf>. Acesso em: 08 set. 2022.

CORDEIRO, Denise. **Juventude nas sombras: escola, trabalho e moradia em territórios de precariedade**. Rio de Janeiro: Lamparina, Faperj, 2009.

CORRÊA, Mariana Solis; VENANCIO, Rafael Duarte. **Memes na internet: ethos, identidade e comunicação**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Volta Redonda, RJ. 22 a 24 jun.2017**. Disponível em: https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2017/lista_area_IJ05.htm. Acesso em: 30 set. 2020.

COSTA, A; NASCIMENTO, A. **Os Desafios do Ensino Remoto em Tempos de Pandemia no Brasil**. In: **Conedu. VII Congresso Nacional de Educação**, Maceió, AL.15 a 17 out.2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/>. Acesso em: 05 jan.2022.

COSTA, Gabriela. Como os memes representam a população negra. **Museu de Memes**.20 nov.2021. Disponível em: <https://museudememes.com.br/como-os-memes-representam-a-populacao-negra>. Acesso em:18 nov.2022.

COUTO, Edvaldo; SOUZA, Joana Dourado França de. *WhatsApp* com função stories: ensinar e aprender na magia do instante. In: PORTO, C., OLIVEIRA, K. E and CHAGAS, A., (orgs.). **WhatsApp e Educação entre mensagens, imagens e sons [online]**. Salvador: Ilhéus: EDUFBA; EDITUS, 2017. ISBN: 978-85-22-2020-4. p.146-162.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; POCAHY, Fernando; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de. Ensinar-aprender com os memes: quando as estratégias de subversão e resistência viralizam na internet. **Periferia**, v.11, n.2, p. 17-38, maio/ago.2019.

COUTO, Mia. *Poesia é boa aliada na era da pandemia*, avalia Mia Couto. Entrevista concedida a José Carlos Vieira **Jornal Braziliense**. Brasília, 22 abr.2020. Disponível em: < encurtador.com.br/oQTV8 > Acesso em: 08 jul. 2020

DAMASCENO, Patrícia Abreu. TAFACKI, Cristina. “**A escola tem tudo o que precisamos. O Facebook tem tudo o que gostamos**”: estudo de caso sobre as redes sociais de internet numa escola pública de Ensino Médio. Rio de Janeiro – UFRJ, 2013.

DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, set.-dez. 2003, p. 40-52. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>>. Acesso em 05 jul. 2019.

DOWBOR, Ladislav. **Educação, Tecnologia e Desenvolvimento**. In: BRUNO, Lúcia. (Org.).

DUBET, François. Mutações Cruzadas: a cidadania e a escola. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 47, p. 289-322, maio/ago. 2011.

ENNE, Ana Lúcia. Posfácio. In: OLIVEIRA, Bruno Pacheco de. **Mídia índio (s) comunidades indígenas e novas tecnologias de comunicação**. Rio de Janeiro: Contra Capa; LACED, 2014.

INSTAGRAM VIDA DE NORMALISTA. Vida de normalista. Disponível em: https://www.Instagram.com/vida_de_normalista_/. Acesso em 19 nov.2022.

FACEBOOK VIDA DE NORMALISTA. Vida de normalista. Disponível em: <https://m.Facebook.com/vidadenormalistasz/?ref=bookmarks>. Acesso em 19 nov.2022.

FEIJOLE DE OLIVEIRA, A. C. A.; SANTOS, C. M.; FARIAS, L. A. de. Os Fenômenos da Cibercultura e os Impactos da Pandemia na Educação. **Simpósio Internacional de Educação e Comunicação - SIMEDUC**, [S. l.], n. 10, 2021. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/simeduc/article/view/14851>. Acesso em: 05 fev. 2022.

FERNANDES, Flávia da Conceição Ramos. **Políticas curriculares para o Curso Normal na rede estadual do Rio de Janeiro**: o currículo mínimo e suas implicações para a formação docente. 2018. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; SOARES, Maria da Conceição Silva; ALVES, Nilda. *Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação* [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018, 109 p. ISBN 978- 85-7511-517-6.

FERREIRA, Yvonélio Nery; SANTOS, Daiana Nascimento. Do Diálogo ao Silêncio: Uma Leitura de “Dois Homens”, de Luiz Vilela. **Rev. Let.**, São Paulo, v.59, n.1, p.65-81, jan./jun. 2019.

FERRETI, Celso. ‘A BNCC e a Reforma do Ensino Médio conduzem a um empobrecimento da formação’. Depoimento [06 de abril, 2018]. Rio de Janeiro: **EPSJV/Fiocruz**. Entrevista concedida a André Antunes. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br> Acesso em: 09 abr. 2021.

FILÉ, Valter In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; RANGEL, Iguatemi; CARVALHO, Janete Magalhães; NUNES, Kézia Rodrigues (orgs.). *Diferentes perspectivas de currículo na atualidade*. 1 ed. Petrópolis, RJ: De Petrus:NUPEC/UFES,2015.

FIORIN, José Luiz In: BRAIT, Beth. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005. P.218-234.

_____. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**.2ª ed. São Paulo: Contexto, 2018.

FONTOURA, Helena do Amaral. Meu nome é professor/a: sobre aprender a docência e identidades. **R.Educ.Pública**. Cuiabá v.28, n.68 p.207-310 mai/ago.2019. Disponível: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/8391>. Acesso em: 16 mar.2020.

FOUCAULT, M. 2012. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Professora sim, tia não**. Olho d'água. São Paulo, 1997.

_____. **Extensão ou Comunicação?** 24 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREITAS, Luiz Carlos. Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério à destruição do sistema público de educação. **Educ. Soc.** Campinas, v.33, n.119, p.379-404, abr.-jun. 2012.

_____.Os Reformadores Empresariais da Educação e a Disputa pelo Controle do Processo Pedagógico na Escola. **Educação Sociedade**. Campinas, v.35, nº.129, p.1085-114, out/dez.,2014.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em W. Benjamin**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999. 115 p.

GEGE, Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. **Palavras e Contra-palavras: Glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin**.São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

_____.**Conversando sobre os trabalhos de Bakhtin**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.128p.

GERALDI, João Wanderley. **A Aula como Acontecimento**: São Carlos: Pedro & João Editores, 2010 – p. 189-199.

_____. Palavras escritas, indícios de palavras ditas. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 3, Número Especial, p. 09-25, 2003. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/243>. Acesso em: 03 jun.2020.

_____. A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética. In: FREITAS, Maria Teresa; JOBIM E SOUZA, Solange; KRAMER, Sônia (orgs.). **Ciências Humanas e Pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin**. 2 ed. São Paulo, Cortez, 2007 p.39-56.

GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais**. Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GOULART, Cecília. Enunciar é argumentar: analisando um episódio de uma aula de História com base em Bakhtin. **Pro-Posições**, v.18, n.3 (54) – set./dez.2007.

GRANADO, Eduardo. Como ter a tecnologia como aliada evita procrastinação. Disponível em: <http://azacontabilidade.com.br/>. Acesso em: 12 mar.2021.

HENRIQUE, Trazíbulo. COVID-19 e a internet (ou estou em isolamento social físico). **Interfaces Científicas – Humanas e Sociais**, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 173-176, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2KMPtG5>>. Acesso em: 18 jan. 2021.

HYPÓLITO, Alvaro. BNCC, Agenda Global e Formação Docente. Revista Retratos da Escola/Escola de Formação da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (**Esforce**) – v.13, n. 25, pp 187-201, jan/mai. 2019. – Brasília: CNTE, 2007.

INSTAGRAM VIDA DE NORMALISTA. Vida de normalista. Disponível em: https://www.Instagram.com/vida_de_normalista_/. Acesso em 19 nov.2022.

JENKINS, Henri. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

JOBIM E SOUZA, Solange. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Claudio, Júlia Ferreira; revisão científica Maria da Conceição Passeggi, Marie-Christine Josso. 2ª ed. rev. e ampl. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.341 p. – Coleção Pesquisa (auto)biográfica & Educação. Série Clássicos das Histórias de Vida.

KONDER, Leandro. In: Chronos: **Publicação Cultural da UNIRIO/Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – V.1,N.1**, 2006, Rio de Janeiro, UNIRIO. ISSN 1809-4015.

KRAMER, Sonia; OSWALD, Maria Luiza. **Currículo e saberes docentes: o que aprendemos pesquisando leitura e escrita em três escolas de formação de professores**. Educar, Curitiba, n.17, p.15-37. 2001. Editora UFPR.

LACAPRA, Dominick. Bakhtin, o marxismo e o carnavalesco In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor (orgs). **Mikhail Bakhtin: Linguagem, Cultura e Mídia**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. P.149-184.

LEITE, Francisco Benedito. Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento no Contexto de François Rabelais Como Obra de Maturidade Mikhail M. Bakhtin. **Revista Magistro** - ISSN: 2178-7956. RJ. Vol. 2 n.1, 2011.

LEMONS, André. Os sentidos da tecnologia: cibercultura e ciberdemocracia In: LEMOS, André; LEVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia**. São Paulo: Paulus, 2010. P.21-31.

_____. **A tecnologia é um vírus: pandemia e cultura digital.** Porto Alegre: Sulina, 2021.

LEÓN, Oscar Dávila. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, M^a Virgínia de (org.). *Juventude e adolescência no Brasil*: referências conceituais. São Paulo: **Ação Educativa**, 2005, p. 9-18. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2019.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*: o futuro do pensamento na era da informática. 2010: Editora 34. 2^a ed.

_____. **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, Débora Borges; MOREIRA, Laélia Carmelita Portela. In: BRAGANÇA, Inês F.S; ARAÚJO, Mairce da S. (Orgs.) **Experiências na Formação de Professores: Memórias, Trajetórias e Práticas do Instituto de Educação Clélia Nanci.** Rio de Janeiro: Lamparina – Faperj, 2014.

LIMA, Fabio Souza. **As Normalistas do Rio de Janeiro – O Ensino Normal Público Carioca (1920-1970)**: das tensões políticas na criação de instituições à produção das diferentes identidades de suas alunas. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, 2017.

LIMA, G.; CASTRO, L. *Meme digital: artefato da (ciber)cultura.* **Con(textos) Linguísticos**, v.10, n.16, p. p.38-51, 2016.

LIMA, Milton Pereira. **Noções básicas de conceitos em Bakhtin.** In: **III ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO PROPIT UNIFESSPA 3.**, 2018, Marabá-Pará.

LONZA, Furio. **História do Uniforme Escolar no Brasil.** Impar Produções. MEC/Rhodia, 2005.

LOPES, Alice. Itinerários Formativos na BNCC do Ensino Médio: identificações docentes e projetos de vida juvenis. **Revista Retratos da Escola/Escola de Formação da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (Esforce)** – v. 13, n. 25, pp 59-75, jan/mai. 2019. – Brasília: CNTE, 2007.

LUIZ DA SILVA, Dilcinho. Letramento Digital e Aprendizagens Significativas na Educação Básica. **CIET: EnPED**, São Carlos, maio 2018. ISSN 2316-8722. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/472>. Acesso em: 10 jun.2021.

LUPINACCI, Ludmila. “Da minha sala pra sua”: teorizando o fenômeno das *lives* em mídias sociais. **Galáxia** (São Paulo, *online*), ISSN:1982-2553. Publicação contínua. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-2553202149052>. N° 46, 2021, pp. 1-17.

MACEDO, Roberto; PRETTO, Nelson; SANTOS, Edméa. **Formação de Professores, educação online e democratização do acesso às redes.** UFBA. Bahia. 21 mai. 2020. (1h 31min.56 s.) son., color. Disponível em: <<https://www.Youtube.com/watch?v=UD0KrPkHBiY&feature=youtu.be>> Acesso em: 19 jun.2020.

MADDALENA, Tania Lucía; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; TEIXEIRA, Marcelle Medeiros. O que dizem os memes da educação na pandemia? Dilemas e possibilidades

formativas. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v.05, n.16, p.1518-1534, Edição Especial, 2020.

MAIA, Marta Nidia Varella Gomes. **Datas Comemorativas – Uma Construção Ideológica que Persiste na Educação Infantil**. In: **38 Reunião Nacional da ANPED** – 01 a 05 de outubro de 2017 – UFMA – São Luiz/MA. Disponível em: http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho_38anped_2017_GT07_25.pdf. Acesso em 15 nov.2022.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; LLUCH, Gemma. **Proyecto: Lectura, escritura y desarrollo en la sociedade de la información**. CERLALC: Bogotá, 2011.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. **Educação, Santa Maria**, v.36, n.1, p.43-56, jan./abr.2011.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007. Tradução de Décio Pignatere.

MEIRELES, Gabriela Silveira. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. Resenha. **Educação em foco**, Juiz de Fora, v. 18, n. 2, p. 271-279, jul. / out. 2013. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2014/06/5.pdf>>. Acesso em: 27 set.2020.

MELO, Daniele Santana. Memes e a Educação de Jovens e Adultos. **Periferia**. v. 11, n. 2, p. 268-290, maio/ago. 2019.

MIOTELLO, Valdemir In: BRAIT, Beth. **Bakhtin Conceitos-Chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2005. P.167-176. Educ. Soc., Campinas, v. 42, e240176, 2021.

_____. In: **Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe/UFSCar. Resistências. Palavras e contrapalavras**. Cadernos de Estudos XII. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. P. 9-11.

_____. In: **Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe/UFSCar. Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. P.151-168.

MUSEU DE MEMES. **Um museu de memes**. 2022. Disponível em: <https://museudememes.com.br/>. Acesso em: 19 nov.2022.

NETO, Gilberto Clementino de Oliveira. O poder e a ambivalência da festa: um problema da soberania na literatura latino-americana. **Revista Landa** v.9,n.1, 2020.

NEVES, Vanusa Nascimento Sabino; MACHADO, Charliton José dos Santos; FIALHO, Lia Machado Fiuza; SABINO, Raquel do Nascimento. Utilização de Lives como Ferramenta de Educação em Saúde Durante a Pandemia pela Covid-19. **Educação & Sociedade** 2021, Volume 42.

NOVELLI, Vinicius. Área 51: Fanáticos por ETs se reúnem para “invasão” da base nos EUA. **Veja**, São Paulo. 20 set. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/area-51-fanaticos-por-ets-preparam-invasao-da-base-secreta-dos-eua/>. Acesso em: 16 nov.2019.

NÓVOA, António. Os professores e as Histórias da sua vida. In: NÓVOA, António. **Vidas de Professores**. 1. ed. Portugal: Porto Editora. 1992a.

NUNES, Clarice. Prefácio. In: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ARAÚJO, Mairce da Silva (Orgs). **Experiências na Formação de Professores Memórias, Trajetórias e Práticas do Instituto de Educação Clélia Nanci**. Rio de Janeiro: Lamparina – Faperj, 2014.P.8-13.

OLIVEIRA, Adriele da Silva Freitas; ABREU, Alessandra da Costa; OLIVEIRA, Ana Paula da Silva Conceição. Do discurso à prática desejada: algumas contribuições para pensar a educação no contexto pandêmico. In: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (GEGe). **Resistências Palavras e Contrapalavras**. São Carlos. Pedro e João Editora, 2020.p.323-350.

OLIVEIRA, Ana Paula da Silva Conceição. **Tecnologias de Reação no Tempo da Cibercultura: Astúcias dos Normalistas em Relação às Mídias na Escola**. In: **VII Seminário Vozes da Educação – Resistências, políticas e poéticas na vida e na educação: Regina Leite Garcia, presente!**[recurso eletrônico] (7: 2019: São Gonçalo, RJ) TAVARES, Maria Tereza Goudart, ARAUJO, Mairce da Silva, OLIVEIRA, Daniel de org. – 1 ed. – São Gonçalo, RJ: UERJ, Faculdade de Formação de Professores, 2019a. 2000 p.:pdf. ISBN 978-85-5654-019-5.

_____. **O Curso Normal entre Mídias e Novas Tecnologias: Um Olhar Atento sobre as Políticas em Texto**. In: **VII Seminário Vozes da Educação – Resistências, políticas e poéticas na vida e na educação: Regina Leite Garcia, presente!**[recurso eletrônico] (7: 2019: São Gonçalo, RJ) / TAVARES, Maria Tereza Goudart, ARAUJO, Mairce da Silva, OLIVEIRA, Daniel de org. – 1 ed. – São Gonçalo, RJ: UERJ, Faculdade de Formação de Professores, 2019b. 2000 p.:pdf. ISBN 978-85-5654-019-5.

_____. **Práticas Formativas no contexto da cibercultura: desafios e possibilidades em uma disciplina do Curso Normal**. 2017. 170f. Dissertação (Mestrado em Educação: Processos Formativos e Desigualdades Sociais). Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2017.

OLIVEIRA, Eva Aparecida. A técnica, a thecné e a tecnologia. **Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí-UFG**. V. II – n.5, Jul/dez 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/20417>>. Acesso em: 26 jun. 2020.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. Desenvolvimento profissional dos professores. In: FORMOSINHO, J. (Coord.). **Formação de professores: aprendizagem profissional e ação docente**. Portugal: Porto Editora, 2009. p. 221-284.

OLIVEIRA, Izabel Cristina Barbosa; SANTANA, Ângela Barbosa. O internetês e as novas configurações da escrita na Língua Portuguesa. **Anais V CONEDU**. Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/48122>. Acesso em 15 nov.2022.

OLIVEIRA, Kaio Eduardo de Jesus. Pedagogias Meméticas em Tempos de Pandemia. **ReDoc – Revista Docência e Cibercultura**. Rio de Janeiro v.5 n.1 jan/abr. 2021. ISSN 2594-9004.

OSWALD, Maria Luiza. Jovens em suas múltiplas redes educativas: subvertendo as relações entre conhecimento e poder – FASE II. **Projeto de Pesquisa, UERJ/FAPERJ**, 2020.

_____. **A relação do jovem com a imagem: um desafio ao campo de investigação sobre leitura.** In: **30 Reunião Nacional da ANPEd** – 07 a 10 outubro, 2007. Caxambu/MG. Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT10-2826--Int.pdf>. Acesso em 15 nov.2022.

PEREIRA, Vinicius Andrade. **Como antecipar os efeitos de uma tecnologia?** Um modelo exploratório inspirado na nova ciência de McLuhan e aplicado ao Facebook. In: **ENCONTRO DA COMPÓS**, 24, 2015. BRASÍLIA. DF 2015. Disponível em: www.compos.org.br/biblioteca/compos2015-590c443f-d780232f07b7_2750.pdf. Acesso em 20 nov. 2021.

PETRILLI, Susan. In: BAKHTIN, Mikhail. **O Homem ao Espelho. Apontamentos dos anos 1940.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2020. 110p. Tradução de MELLO, Marisol Barenco de; MIRANDA, Maria Letícia.

PINEAU, Gaston. . As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 329-343, maio/ago. 2006

PIONTKOVSKY, Danielle; GOMES, Maria Regina Lopes. Micropolíticas, Currículos e Formações nas Invenções das Escolas. **Teias** v.18, n. 51, pp 117-132, out/dez. 2017: Micropolítica, democracia e educação.

PONZIO, Augusto. Introdução: a concepção bakhtiniana de ato. In: BAKHTIN, Mikhail. **Para uma Filosofia do Ato Responsável.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2010. P. 9-39.

PONZIO, Luciano. “É melhor escrever sobre risos que sobre lágrimas...” No signo do riso como significante inferencial de regeneração do mundo. *Letras de hoje* Porto Alegre, v. 56, n. 3, p. 527-541, set.-dez. 2021 | e-41847.

_____. **Visões do Texto.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 281p.

PRADO, G. do V.T.; PROENÇA, Heloisa Helena Dias Martins. Práticas de formação profissional na escola: desafios na atuação da coordenadora pedagógica em parceria com os professores Educação Unisinos, vol. 22, núm. 2, 2018, Abril-Junho, pp. 175-184

PRETTO, Nelson De Luca; BONILLA, Maria Helena Silveira; SENA, Ivânia Paula (Orgs). **Educação em tempos de pandemia:** reflexões sobre as implicações do isolamento físico imposto pela COVID-19. Salvador: Edição do autor, 2020.

_____; ASSIS, Alessandra. Cultural digital e educação: redes já! In: PRETTO, Nelson De Luca; SILVEIRA, Sérgio Amadeu (Orgs.). **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder.** Salvador: EDUFBA, 2008, p. 75-83. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/22qtc/pdf/pretto-9788523208899.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2022.

_____. Entrevista: Professor Nelson Pretto. Universidade Federal da Bahia – UFBA. **Educ. Foco.** Juiz de Fora, v.23, n.1, p.270-278, Jan/abr 2018.

_____. Entrevista: professor Nelson Pretto fala sobre os desafios da escola na era da internet. **Fundação Telefônica Vivo**. São Paulo. 05 jul. 2022. Disponível em: <https://fundacaotelefonicavivo.org.br/noticias/entrevista-professor-nelson-pretto-fala-sobre-os-desafios-da-escola-na-era-da-internet/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009. 191p.

_____. ZAGO, Gabriela; SOARES, Felipe Bonow. **Mídia Social e Filtros-Bolha nas conversações Políticas no Twitter**. In: **XXVI Encontro Anual da Compós**, Faculdade Cásper Libero, São Paulo-SP, 06 a 09 jun. de 2017.

RIBEIRO, T.; SANCHES SAMPAIO, C.; DE SOUZA, R. Investigar Narrativamente a Formação Docente: No Encontro com o Outro, Experiências... **Roteiro**, [S. l.], v. 41, n. 1, p. 135–154, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9271>. Acesso em: 15 nov. 2022.

RIBEIRO, Tiago; SKLIAR, Carlos. Escolas, pandemia e conversação: notas sobre uma educação inútil. **Série-Estudos**, Campo Grande, MS, v.25, n.55, p.13-30, set./dez.2020.

RIO DE JANEIRO (Estado) Secretaria de Estado de Educação – **SEEDUC**. *Educação: Planejamento Escolar*. Texto com orientações sobre o Currículo Mínimo. 2013. Disponível em: <<https://cutt.ly/uo8onQw>>. Acesso em: 08 jul. 2020.

ROBERT, Matty. Evento sobre a área 51. Sobre a invasão da Área 51. **BBC Brasil**. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-49667295>. Acesso em 10 dez. 2019.

ROJO, Roxane. Letramentos Digitais – A Leitura como Réplica Ativa. *Trab.Ling.Aplic.*, Campinas, **SciELO Brasil**, 46 (1): 63-78, Jan./Jun.2007.

_____.; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROMERO, Marcelo. Charge: história e conceito. **CES Revista, Juiz de Fora**, v.28, n.1 p.17-27, jan./dez. 2014 – ISSN 1983-1625. Disponível em: https://seer.cesjf.br/index.php/cesRevista/article/view/26/pdf_1. Acesso em 01 mar.2021.

RUANI, Ruann Moutinho; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; AMARO, Ivan. A Conversa *Online* como Procedimento Metodológico na Pesquisa com Masculinidades Dissidentes na Cibercultura: Notas Teórico-Metodológicas. **Interfaces Científicas**. Aracajú. V.8, n.2, p. 205-218, mar.2020.

SANCHO, Juana María; HERNÁNDEZ, Fernando. (Orgs.) **Tecnologias para transformar a educação**. São Paulo: Artmed, 2006.

SANTAELLA, Lúcia. O livro como prótese reflexiva. **MATRIZES**. v. 13, n. 3, p. 21-35, 26 dez. 2019. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/159527>> Acesso em: 27 set.2020.

_____. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, v.10, n. 22, p.23-32, 2003.

_____. Desafios da ubiquidade para a educação. **Revista Ensino Superior**. São Paulo 04 de Abr. de 2013. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/desafios-da-ubiquidade-para-a-educacao> > Acesso em: 12 mar. 2021.

_____. Os espaços líquidos da cibernídia. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. n.05. Abr. 2005. XIV Compós. Niterói, RJ. Disponível em: <www.compos.com.br/e-compos>. Acesso em: 12 mar. 2021.

_____. O paradigma do sensível na comunicação. **Rev. Comun. Midiática** (online), Bauru/Sp, V.11, N.1, p. 17-28, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/30184886/O_paradigma_do_sens%C3%ADvel_na_comunica%C3%A7%C3%A3o> Acesso em: 12 nov. 2022.

_____. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes. O princípio dialógico da linguagem e a identidade alteritária do sujeito. **Interfaces**. Vol. 9 n. 4 out/nov/dez 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**: Edições Almedina, S.A. Coimbra, 2020.

SANTOS, Edméa. Pesquisando com a mobilidade ubíqua em redes sociais da internet: um caso com o Twitter. **Revista COM CIÊNCIA**. N.139, *online*, jun.2012. Disponível em: <https://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=74&id=932> Acesso em 06 ago. de 2022.

_____. **Pesquisa-Formação na Cibercultura**. 1ª Edição. Santo Tirso - Portugal, set. 2014a

_____. **Diário online: Dispositivo Multirreferencial de pesquisa formação na cibercultura**. 1ª edição, Santo Tirso, 2014b: Portugal. Whitebooks.

_____. Articulação de saberes na EAD *online*: Por uma rede interdisciplinar e interativa de conhecimentos em ambientes virtuais de aprendizagem. In: SILVA, Marco (Org.). **Educação online**: teorias, práticas, legislação, formação corporativa. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2012, p. 219-232.

SANTOS, Edméa; Carvalho, Felipe. Teorizações iniciais: Práticas Educativas e Tecnologias Digitais em Rede. **Redoc: Revista Docência e Cibercultura**. Rio de Janeiro, v.5, n.1, Jan/Abr 2021. ISSN 2594-9004.

SANTOS, Rosemary dos; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte; MADDALENA, Tânia Lúcia. Conversas ubíquas via *WhatsApp*: ambiências formativas multirreferenciais. In: PORTO, C., OLIVEIRA, K. E and CHAGAS, A., (orgs.). **WhatsApp e Educação entre mensagens, imagens e sons** [online]. Salvador: Ilhéus: EDUFBA; EDITUS, 2017. ISBN: 978-85-22-2020-4. p.187-207.

SANTOS, Rosemary Santos; SANTOS, Edméa Oliveira. Cibercultura, Redes Educativas e Práticas Cotidianas. **Revista Eletrônica Pesquiseduca** – p. v.04, n. 07, jan.-jul.2012.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação** v.14.n. 40, p.143-155, jan/abr.2009.

SCHIFFLER, Michele Freire. Sobre Bakhtin, quilombos e a cultura popular. **Bakhtiniana**, São Paulo, 12 (3): 76-95, Set./Dez. 2017

SCHNAIDERMAN, Boris. Bakhtin 40 Graus (Uma Experiência Brasileira). In: BRAIT, Beth. **Bakhtin Dialogismo e Construção do Sentido**. Campinas, SP: Editora da Unicamp,2005. P.13-21.

SEEDUC. **Quadro de Horários**. 2021.Disponível em:
<<http://consultaqh.educacao.rj.gov.br/ConsultaQHIGestao.aspx>>. Acesso em 03 ago.2021.

SERPA, Andréa. *Conversas: Caminhos da Pesquisa com o Cotidiano*. **A página da educação** edição n.189, série II - 2010. Disponível em:< <https://bit.ly/2AJBmjG>> Acesso em: 08 jul. 2020.

_____.Pesquisa com o Cotidiano: Caminhos da Formação da *Professorapesquisadora*. **Instrumento**: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 15, n. 2, jul./dez. 2013. Disponível em:
<https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18865>. Acesso em: 05 jan. 2020.

SEVERINO, Antonio José. Educação, Trabalho e Cidadania a educação brasileira e o desafio da formação humana no atual cenário histórico. São Paulo. **Perspectiva**, v.14, n.2, São Paulo Abr-Jun. 2000. Disponível em:<https://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9790.pdf>. Acesso em 26 jan.2021.

SHIROMA, Eneida; EVANGELISTA, Olinda. Formação humana ou produção de resultados? Trabalho docente na encruzilhada. *Revista Contemporânea de Educação*, vol. 10, n. 20, julho/dezembro de 2015.

SILVA, Marco. *Sala de Aula Interativa: educação, comunicação, mídia clássica*.7 edição. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

SILVA, Leonardo Nolasco; SOARES, Maria da Conceição; LO BIANCO, Vittorio. Os memes e o golpe. **Periferia**, v.11, n.2, p.111-130, mai/ago. 2019.

SILVA, Luiza Haas; CARVALHO, Luciana Menezes. **Filtros de Conteúdo nas Mídias Sociais Digitais: Como Usuários do Facebook Podem Revelar Pistas Sobre os Algoritmos e a Desinformação**. In: **XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Balneário Camboriú – SC -16 a 18 Jun. de 2022**.

SIMÕES, José Alberto. Explorando terrenos digitais: metodologias de investigação qualitativa *online* e *offline* em práticas culturais e de participação juvenis. In: FERREIRA, V. S. (org.). **Pesquisar jovens. Caminhos e desafios metodológicos**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2017, p. 111-134.

SOARES, Conceição; SANTOS, Edméa. Artefatos tecnoculturais nos processos pedagógicos: usos e implicações para os currículos. In: ALVES, Nilda; LIBÂNEO, José Carlos. **Temas de Pedagogia: diálogos entre didática e currículo**. São Paulo: Editora Cortez, 2012. p.308-330.

- SOBRAL, Adail. Entrevista: As Faces de Jano Bifronte no Diálogo entre Tramas e Tensões. **Revista Escrita**, Gávea – RJ, 2014. N. 19 EE. ISSN 1679-6888.
- SOUZA, Carlos Fabiano de. Memes: formações discursivas que ecoam no ciberespaço. **Vértices**, Campos dos Goytacazes/RJ, v.15, n.1,p.127-148, jan./abr./2013.
- SOUZA, Solange Jobim; ALBUQUERQUE, Elaine Deccache Porto. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. **Bakhtiniana**, São Paulo, 7 (2): 109-122, Jul./Dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/bak/v7n2/08.pdf>. Acesso em:25 jun.2020.
- STELLA, Paulo Rogério. Palavra. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin Conceitos-Chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2005. P.177-190.
- TAMBARA, Elomar, (1998). Profissionalização, escola normal e feminilização: magistério sul-rio-grandense de instrução pública no século XIX. **História da Educação**, Pelotas, v. 2, nº 3, p. 35-57
- TAMBERLINI, Angela Rabello Maciel de Barros. **A Reformulação do Ensino Médio: Projetos em Disputa – Formação Humana ou “Competências e Habilidades”**. In: **V CONEDU. Congresso Nacional de Educação**. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA2_ID3242_11092018202001.pdf. Acesso em 25 jan.2021.
- TANURI, M. L.História da Formação de Professores. **Revista Brasileira de Educação**. n.14, p. 61-193, mai/jun/jul/ago.2000.
- TEIXEIRA, Marcelle Medeiros; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; BRITO, Leandro Teofilo. Nem Tudo que Reluz é Ouro: Discutindo Memes e *Fake News* em Tempos de Pandemia. **Comunicologia** v. 14, n. 1 – Jan./Jun. 2021 | ISSN 1981-2132.
- TODOROV, Tzvetan. In: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal/** Mikhail Mikhailovitch Bakhtin; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6ª Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- VALERIM, Patrícia; SOUZA, Rodrigo Silva Caxias. Live Streaming em tempos pandêmicos: práticas informacionais da Ciência da Informação. AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento. **Revista Eletrônica.Universidade Federal do Paraná**. v.9, n.2, 2020. ISSN: 2237-826X
- VARGAS, Francielle Alves. Tecnologias enquanto linguagem: desafios e perspectivas das novas linguagens em sala de aula. **Anais do SILEL**. Volume 3, nº 1.Uberlândia: EDUFU, 2013.
- VARGAS, Milton. **Por uma filosofia da técnica**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1994.
- VILARIM, Gilvan de Oliveira. **Cibercultura, Capitalismo e Cloud Computing**. In: **ENECULT – Quinto Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. 27 a 29 de maio de 2009. Faculdade de Comunicação /UFBa, Salvador-Bahia.
- VOLOCHÍNOV, V. N. **Estrutura do enunciado**. Tradução de Ana Vaz, para fins didáticos. 1930, com base na tradução francesa de Tzvetan Todorov (“La structure de l’énoncé, 1930). In: TODOROV, T. Mikhail Bakhtine: le principe dialogique. Paris: Seuil, 2005 [1930], p. 287-316.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. **A Construção da Enunciação e Outros Ensaios**. Tradução de João Wanderley Geraldi. Editora São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

_____. WILLIAMS, Raymond, (org.) (1992). *História de la comunicación; de la imprenta a nuestro días*. Barcelona: Bosch, v. 2.

ZEICHNER, Kenneth M. **A formação reflexiva de professores: ideias e práticas**. Educa Professores, 1993.